

MIGUEL ÂNGELO MONTAGNER

A consagração das vanguardas:
memória e biografia coletivas das práticas científicas na
Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp

CAMPINAS

2007

MIGUEL ÂNGELO MONTAGNER

**A consagração das vanguardas:
memória e biografia coletivas das práticas científicas na
Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp**

*Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Estadual
de Campinas, para obtenção do título de Doutor em Saúde
Coletiva, área de concentração em Saúde Coletiva.*

Orientador: Prof. Dr. Everardo Duarte Nunes

CAMPINAS

2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

M76c Montagner, Miguel Ângelo
A consagração das vanguardas: memória e biografia coletivas das práticas científicas na Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP / Miguel Ângelo Montagner . Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Everardo Duarte Nunes
Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

1. Bourdieu, Pierre, 1930-2002. 2. Halbwachs, Maurice, 1877-1945. 3. Habitus. 4. Memória. 5. Docentes de Medicina. 6. Médicos. 7. Biografia. 8. Pesquisadores. 9. Memória coletiva. I. Nunes, Everardo Duarte. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Título e
**memory and biography of the scientific ones in the College of Medical
Sciences of the UNICAMP**

Keywords: • Bourdieu, Pierre, 1930-2002
• Halbwachs, Maurice, 1877-1945
• Habitus
• Memory
• Faculty, Medical
• Physicians
• Biography
• Research Personnel
• Collective Memory

Área de concentração : Saúde Coletiva

Titulação: Doutorado em Saúde Coletiva

Banca examinadora: Prof Dr Everardo Duarte Nunes

Profa. Dra. Maria Andréa Loyola

Profa. Dra. Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa

Profa. Dra. Mara Helena de Andréa Gomes

Prof Dr José Antonio Gontijo

Data da defesa: 12-02-2007

Banca Examinadora da Tese de Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Everardo Duarte Nunes

MEMBROS:

1- Prof. Dr. Everardo Duarte Nunes

2- Profa. Dra. Mara Helena de Andréa Gomes

3- Profa. Dra. Maria Cecília de Sousa Minayo

4- Profa. Dra. Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa

5- Prof. Dr. José Antonio Rocha Gontijo

Curso de pós-graduação em Saúde Coletiva, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 12/02/2007

Dedico este trabalho

À Inez, eterna companheira de todos os momentos, pela dedicação, carinho, amor e compreensão,

A meu filho, pelo amor absoluto e incondicionado que me dedica e por aceitar minhas ausências involuntárias,

A meu pai, pelo amor absoluto que me devotou mesmo antes de me conhecer, pelo amor com que sempre regou minha vida e pela paciência das grandes almas,

Minha mãe que, finalmente, vê cumprir-se a sua profecia do filho doutor,

E aos inesquecíveis substitutos, misto de irmãos mais velhos e pais, pelo carinho gratuito e não menos profundo, de todas as vidas e de todos os tempos.

E, sobretudo e sempre,

A Deus, por suas razões indecifráveis e caminhos inefáveis.

AGRADECIMENTOS

À Mara Andréa Gomes, pela sim e empatia com que acolheu nossos sonhos à Solange L'Abbate, pela cumplicidade carinhosa.

A Everardo Nunes, pela orientação firme e preciosa no desenrolar deste trabalho e Ecilda, pelo carinho e atenção na convivência nesses anos de formação.

À Leoci, pela amizade e sabedoria prática dos meandros burocráticos.

Agradeço a Me Marie Jaisson e Mr. Eric Brian, pela possibilidade de estágio na França, a acolhida, guarida e atenção nas discussões sempre instigantes sobre a sociologia francesa e pelo aperfeiçoamento de meu *habitus*.

A Mr. Louis Pinto, pela generosidade e paciência nos seminários e discussões teóricas sobre a sociologia de Pierre Bourdieu.

Aos pesquisadores do IRESCO e da École Normale Supérieure, pelo intercâmbio generoso de conhecimentos.

À Marion Selz, engenheira de pesquisa do CNRS, pela discussão prévia e sugestões relativas à forma de realização do trabalho quantitativo e estatístico,

Eduardo Hoehne, pelo delineamento, acompanhamento e correções, durante a realização das minhas análises estatísticas,

À Elise Jordi, Nadine, Franck e a todos os nossos amigos da Maison d'Italie,

A Lucas Frazão, companheiro de luta, pela provisão dos meios de realizar meus objetivos, nos momentos mais necessários,

À Capes, pelo financiamento, sem o qual não teria sido possível nem o estágio no exterior nem a elaboração desta tese.

“O Senhor me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas.

Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra.

Antes de haver abismos, eu nasci, e antes ainda de haver fontes carregadas de águas.

Antes que os montes fossem firmados, antes de haver outeiros, eu nasci.

Ainda ele não tinha feito a terra, nem as amplidões, nem sequer o princípio do pó do mundo.

Quando ele preparava os céus, aí estava eu; quando traçava o horizonte sobre a face do abismo;

Quando firmava as nuvens de cima; quando estabelecia as fontes do abismo;

Quando fixava ao mar o seu limite, para que as águas não traspassassem os seus limites; quando compunha os fundamentos da terra;

Então, eu estava com ele e era seu arquiteto, dia após dia, eu era as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo;

Regozijando-me no seu mundo habitável e achando as minhas delícias com os filhos dos homens.”

Pv, 8: 22-31.

Goethe afirmou que, quando alguém se propõe, acredita e decide realizar algo, sobretudo quando este algo advém de seu sonho, o universo conspira para que isto se realize. No meu caso, tenho a certeza absoluta de que esse trabalho é o resultado de uma conspiração desse tipo.

	PÁG.
RESUMO	xxxí
ABSTRACT	xxxv
INTRODUÇÃO	39
<i>Estratégias de investigação</i>	44
Técnicas qualitativas.....	47
Técnicas quantitativas.....	54
<i>Objeto de pesquisa e amostra teórica</i>	61
<i>Esquema geral</i>	72
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	77
PIERRE BOURDIEU E A SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA	81
<i>Sociologia da Ciência: autores centrais</i>	82
PIERRE BOURDIEU E AS ANÁLISES CENTRADAS NO SUJEITO	107
<i>Biografia e história</i>	108
<i>Biografia e teoria sociológica</i>	113
<i>História de vida ou trajetórias</i>	119
<i>Biografia coletiva de uma persona coletiva: uma proposta</i>	129
PIERRE BOURDIEU E O HABITUS DOS INTELLECTUAIS DA SAÚDE ..	152
As vanguardas e as legitimidades específicas.....	155
Vanguardas.....	161
Um pequeno histórico das vanguardas.....	166

CAPÍTULO II - A VANGUARDA CIENTÍFICA EM NÚMEROS.....	185
<i>A Unicamp, a FCM e a pesquisa no Brasil.....</i>	187
<i>Períodos.....</i>	199
<i>O Projeto Qualidade ou leito de Procusto.....</i>	201
Projeto Qualidade na FCM.....	204
Projeto Qualidade no Departamento de Medicina Preventiva e Social.....	208
A DESCRIÇÃO QUANTITATIVA.....	209
<i>Plataforma Lattes.....</i>	210
<i>Dados globais do SIPEX.....</i>	228
CAPÍTULO III - BIOGRAFIA DE PERSONAS COLETIVAS.....	241
<i>Tradição e história: onde finda a memória coletiva começa a história.....</i>	243
<i>A vanguarda do grupo tradicional.....</i>	251
<i>A vanguarda da medicina experimental ou laboratorial.....</i>	284
<i>A vanguarda da Saúde Coletiva.....</i>	324
CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO.....	385
BIOGRAFIAS COLETIVAS, MEMÓRIAS E NÚMEROS.....	388
<i>Sobre origem social.....</i>	389
<i>Da formação dos grupos.....</i>	390
<i>Do recrutamento, seleção e iniciação em pesquisa.....</i>	390
<i>Da vocação.....</i>	391
<i>Sobre herdeiro e seu habitus.....</i>	393

<i>Da ciência e do método científico.....</i>	397
<i>Sobre redes e comunidades.....</i>	399
<i>Sobre o trabalho coletivo.....</i>	400
<i>Sobre o exterior.....</i>	403
<i>Dos congressos.....</i>	406
<i>Das publicações.....</i>	407
<i>Sobre a autonomia.....</i>	412
<i>Sobre prestígio.....</i>	415
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	416
CONSIDERAÇÕES PESSOAIS.....	419
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	423
APÊNDICES.....	439
Apêndice 1.....	441
Apêndice 2.....	443

	PÁG.
Tabela 1- Distribuição por departamento e por área de concentração dos professores da Pós-Graduação da FCM da Unicamp, 2005.....	66
Tabela 2- Distribuição dos professores da Pós-Graduação por área de concentração em valores absolutos e percentuais.....	70
Tabela 3- Porcentagem de alunos da Unicamp e USP em cada tipo de titulação.....	391

LISTA DE FIGURAS

		PÁG.
Figura 1-	Pato-Lebre de Jastrow.....	95
Figura 2-	A Temporalidade do Campo de Produção Artística.....	124
Figura 3-	La Trahison des Images, Rene Magritte.....	130
Figura 4-	Tomie Ohtake.....	135
Figura 5-	La Comedie Humaine ou Le Masque, 1857- 1859, Ernest Christophe.....	146
Figura 6-	A Persistência da Memória, 1931 - Salvador Dali.....	149
Figura 7-	A Desintegração da Persistência da Memória, 1952- 1954, Dali.....	150
Figura 8-	Le Penseur, Auguste Rodin, 1904.....	418

	PÁG.
Gráfico 1- Indicadores de desempenho acadêmico da Unicamp desde 1995.....	203
Gráfico 2- Distribuição por sexo do professores plenos no ano 2005.....	210
Gráfico 3- Distribuição por faixa etária dos professores plenos da FCM.....	211
Gráfico 4- Cursos de graduação dos professores plenos.....	212
Gráfico 5- Instituição de graduação dos professores.....	213
Gráfico 6- Ano de graduação na Unicamp dos professores plenos oriundos da instituição.....	214
Gráfico 7- Instituição de residência dos professores plenos da FCM.....	215
Gráfico 8- Proporção dos professores plenos com especialização..	216
Gráfico 9- Distribuição dos professores plenos – mestrado.....	217
Gráfico 10- Instituição de mestrado dos professores da FCM.....	218
Gráfico 11- Instituição de doutorado dos professores plenos da FCM.....	219
Gráfico 12- Freqüência de pós-doutorados por professor pleno.....	220
Gráfico 13- País de realização do pós-doutorado.....	221
Gráfico 14- Instituição de livre-docência do professores plenos.....	222
Gráfico 15- Distribuição por sexo do professores livres-docentes.....	222
Gráfico 16- Proporção de professores titulares.....	223

Gráfico 17-	Distribuição por sexo dos professores titulares.....	223
Gráfico 18-	Distribuição dos artigos publicados até 2005 por faixa etária dos professores.....	224
Gráfico 19-	Distribuição dos professores conforme faixa de publicação de artigos.....	225
Gráfico 20-	Taxas per capita dos índices de produção científica.....	226
Gráfico 21-	Indicadores de produção científica da FCM, de 1993 a 2006.....	231
Gráfico 22-	Indicadores de produção científica do DMPS entre 1993 e 2006.....	233
Gráfico 23-	Indicadores de produção científica de 1993 a 2006.....	235
Gráfico 24-	Indicadores de produção científica do depto de genética entre 1993 e 2006.....	237
Gráfico 25-	Índices de produção científica por professor e por departamento, de 1993 a 2006.....	238
Gráfico 26-	Publicações internacionais em colaboração.....	405
Gráfico 27-	Coletivização da pesquisa - trabalhos com mais de um autor.....	408

LISTA DE QUADROS

	PÁG.
Quadro 1- Evolução do número de publicações no ISI, por docente.....	195
Quadro 2- Publicação global de artigos da Unicamp e média nacional.....	197
Quadro 3- Montante de recursos concedidos pela FAPESP, por unidade de ensino.....	198
Quadro 4- Indicadores de desempenho acadêmico da Unicamp desde 1995.....	203
Quadro 5- Freqüência de indicadores da Faculdade de Ciências Médicas, de 1993 a 2006.....	230
Quadro 6- Depto de medicina preventiva e social - indicadores de produção científica de 1993 a 2006.....	232
Quadro 7- Depto de cirurgia - indicadores de produção científica de 1993 a 2006.....	234
Quadro 8- Depto de genética - indicadores de produção científica de 1993 a 2006.....	236

RESUMO



Essa tese alinha-se dentro da perspectiva da sociologia da ciência e busca compreender as práticas científicas dos pesquisadores de uma instituição da área médica, através de metodologias quantitativas e qualitativas. O nosso marco teórico foi o construtivismo genético de Pierre Bourdieu. Por meio deste autor, procuramos relacionar e delinear a formação dos *habitus* científicos dos professores de uma faculdade de medicina, analisando as memórias coletivas do período de institucionalização, desenvolvimento e consagração de seus grupos primários. Procuramos mostrar a relação destes *habitus* com o espaço social no qual os pesquisadores foram socializados, construíram suas trajetórias sociais e constituíram seus grupos primários.

Criamos, como estratégia teórica, um construto nomeado ‘biografia coletiva’ de uma *persona* ‘coletiva’, baseando-nos, para tanto, nos conceitos de trajetórias coletivas de Bourdieu, memória coletiva de Halbwachs, grupo primário de Ferrarotti e Cooley, *persona* de Mauss e *persona* coletiva de Boltanski.

No plano quantitativo, desenhamos e analisamos, em termos estatísticos, as principais características desses professores, por meio da quantificação da base de dados Plataforma Lattes, que contém os currículos de todos os Professores Plenos da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. No plano qualitativo, realizamos entrevistas focadas em profundidade com uma amostra dos professores e uma análise estrutural de suas respostas, com a intenção de compreender suas práticas e seus valores como cientistas, procurando entender as idealizações subjetivas a respeito de suas próprias trajetórias de vida, ou seja, as memórias coletivas de suas próprias práticas.

Comparando ambos os tipos de dados, sintetizamos as principais características dos pesquisadores da faculdade, dedicando, porém, especial atenção a três grupos primários. Procuramos elucidar como as vanguardas, representadas por esses grupos primários presentes na instituição, percebem-se e se definem como grupos sociais, as suas concepções do que é ciência e a maneira como transformam essas disposições, presentes em seus *habitus*, em atos concretos e cotidianos da prática científica.

Palavras-chave: Bourdieu, Halbwachs, *habitus*, memória coletiva, biografia coletiva, *persona* coletiva, vanguarda, grupo primário.

ABSTRACT



Consecration of Vanguard Groups: *collective memory and biography of scientific practices at the Medical Sciences School of the University of Campinas*

The present thesis follows a perspective of science sociology and seeks to understand the scientific practices of researchers from an institution of the medical field, using quantitative and qualitative methodologies. Our theoretical reference was the Pierre Bourdieu's genetic constructivism. Through this author, we aimed to correlate and delineate the construction of the scientific *habitus* of professors and the relation of these *habitus* with the social scope in which they inserted themselves, built their social trajectories and constituted their primary groups. Respecting the quantitative sphere, we outlined and analyzed the main statistical characteristics of these professors using the analysis of Lattes Platform Curricula of all full professors from the Medical Sciences School of the University of Campinas (Unicamp). In the qualitative sphere, we performed interviews focused on a sample of professors and the structural analysis of their answers, in order to understand their practices and values as scientists, as well as their subjective idealizations regarding their own personal trajectories, i.e. collective memories of their own practices.

Comparing both types of data, we synthesized the main characteristics of each group within a *collective biography of a collective persona*, seeking to elucidate how the vanguard groups represented by these primary groups existent in the institution conceive and define themselves as social groups, their conceptions of the meaning of science and the way in which these dispositions present in their *habitus* are transformed into concrete actions.

Keywords: Bourdieu, field, *habitus*, Halbwachs, collective memory, collective biography, collective persona, vanguard, primary group.

INTRODUÇÃO

Ao que, experiente, ele respondeu: 'Neste sítio convém deixar toda suspeita, bem como afastar toda tibieza. Pois chegamos, como já eu anunciara, ao lugar onde verás atormentada gente, cujo castigo é a perda da razão'.

Dante Alighieri. A Divina Comédia, Canto III.

Essa tese insere-se dentro de uma lógica intelectual ligada à minha trajetória dentro do campo acadêmico. Desde a graduação, interessa-me profundamente entender o funcionamento da ciência e das instituições acadêmicas como um todo. A minha afinidade por essa temática está ligada à origem social não privilegiada e às dificuldades inerentes à inserção no campo científico. Esse esforço de transpor obstáculos concretos – tanto econômicos quanto simbólicos e culturais – desaguou no interesse pela reflexão sobre a prática científica e as regras de acesso e inclusão nesse universo.

Nessa linha de raciocínio, a leitura de um autor como Pierre Bourdieu, embrenhado profundamente e de modo crítico nessa discussão, foi uma descoberta pessoal de impacto cuja influência direcionou toda minha graduação. Daí, transformei essa epifania em uma monografia de fim de curso, versando sobre a teoria de Bourdieu, cujo entendimento para mim era capital (Montagner, 2000). Esse esforço, seguramente incompleto, atraiu minha atenção para a possibilidade de assumir este autor como pedra angular de meus desenvolvimentos acadêmicos: como uma vez já sugerira Durkheim, é desejável ao jovem intelectual escolher um autor importante e de sua preferência para, em seguida, explorá-lo até os mínimos detalhes; nesse processo esse jovem acaba por compreender toda a geração de pensadores que dialogaram com esse intelectual dileto e os pensadores modernos que o tomaram como base teórica.

Assim lido, assim feito. Mesmo não sendo exatamente um jovem, segui esse conselho e passei a estudar sistematicamente o autor, aproveitando-me de minha habilidade de leitura em francês para ler também os textos no original e ainda não traduzidos.

Nessa época, tive contato com pesquisadores da área médica e através desses diálogos percebi a existência de uma vasta gama de possibilidades de estudo no que se convencionou chamar de sociologia da saúde, e no Brasil, a existência de um espaço nomeado Saúde Coletiva. Interessei-me pelo tema e construí um projeto de mestrado baseado na teoria global de Bourdieu, analisada dentro da perspectiva da área da saúde (Montagner, 2003), que foi submetido ao

Departamento de Medicina Preventiva e Social. Fui aprovado nos exames de seleção da Pós-Graduação e aceito na Faculdade de Ciências Médicas, dentro da linha de pesquisa *Estudos sócioculturais do processo saúde-doença e das práticas de saúde*, coordenada pelo Prof. Dr. Everardo Nunes.

Desse trabalho de mestrado nasceu um interesse em estender, para a instituição da qual faço parte, as questões cuja proposição para a sociologia da saúde tinha almejado bons resultados, objeto desta tese. Essas questões giraram em torno do papel do cientista e da ciência na construção do conhecimento dentro da sociedade e do campo científico, pois nunca pareceu tão urgente, como nesse início de século XXI, realizarmos um esforço de investigação sobre o papel da ciência dentro das sociedades contemporâneas.

De qualquer maneira que encaremos a questão, as discussões a respeito da junção do seu caráter tecnológico e de seu universo simbólico, mais a essência propriamente interna da ciência, tomou vulto de forma prodigiosa no finado século XX e parece especialmente sensível, no século XXI, ao tema do sentido e a ética dessa prática humana chamada científica.

No caso específico das ciências sociais, essas práticas científicas sofrem uma concorrência acirrada, como forma de explicação do espaço social, de inúmeras outras formas de pensamento social. Ao mesmo tempo, nunca foi tão evidente a queda em tentação de um número cada vez maior de cientistas sociais, naquilo que é colocado por Bourdieu como “profetismo”. A utilização da ciência como legitimação para discursos não científicos, mas com aspectos de cientificidade outorgados pelo peso do *status* social de quem fala e pela posição institucional e científica de onde se fala, tem tornado-se cada vez mais corriqueira.

A forma por excelência de combate a esse estado de coisas é a própria reflexividade das ciências sociais e da ciência em si. A sociologia da ciência tem origem nesse esforço de análise de si mesma, condição de base para qualquer esforço de pesquisa empírica ou teórica, sendo uma necessidade cada vez mais presente nas sociedades modernas.

A Sociologia da Ciência busca situar, claramente, os limites da objetividade do próprio fazer científico e afastar, dessarte, uma leitura ingênua e espontânea do mundo social, pois assume que ela mesma está vazada pela sua relação de íntima cumplicidade com o mundo que a cerca e com os valores que partilha com os grupos sociais que realizam a prática científica.

O pressuposto aqui assumido é de que a ciência realiza-se segundo valores das pessoas, grupos sociais ou sociedades como um todo, e que a melhor maneira de salvaguardá-la é esclarecer e explicitar objetivamente esses valores.

Nossa pergunta central, baseada na releitura feita por Pierre Bourdieu do mundo científico, é quais *habitus* imperam no universo dos intelectuais e cientistas da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e que práticas são geradas de acordo com estes *habitus*?

Desdobrando essa proposta central, podemos colocar como questões centrais desta tese compreender como se conforma e define um conjunto de trajetórias pessoais de forma a se consolidarem em um *habitus* coletivo específico, e como se projeta objetivamente, em um determinado espaço social, esse *habitus* científico, de forma a instaurar uma consagração pessoal e coletiva desses grupos primários de pesquisadores e, ao cabo, da instituição.

Qual a lógica de legitimação predominante de cada grupo primário? Seria ela congruente com o *status quo* social, ou no fundo e na forma, subversiva? Esses grupos primários poderiam ser considerados vanguardas portadoras de capacidades inovadoras e instituintes? Seriam eles os portadores da capacidade de “*hysteresis* coletivas”, definidas por meio de um projeto coletivo de mudança social, reconhecido no início internamente ao grupo e com um poder simbólico em compasso com as mudanças da sociedade? Como caracterizar cada uma dessas vanguardas?

Essa é a aposta neste trabalho, cujo objetivo é realizar a análise de grupos sociais específicos, inseridos dentro de uma mesma instituição em um momento histórico determinado. Por isso a escolha do nosso objeto e as intenções dessa pesquisa, que esperamos ter alcançado, ao menos parcialmente.

Para realizar tal empreitada, propus algumas estratégias de investigação que acredito terem sido eficazes na elucidação dessas linhas de interesse. Sobre elas discorreremos a seguir.

Estratégias de investigação

Nosso objetivo foi entender a prática social da pesquisa com base em sua relação com a ciência ou, talvez, com uma pluralidade delas, buscando delinear o que os intelectuais definem como ciência e qual o sentido social dessa definição: valorativa, neutra, política ou positivista, comparando diversas áreas de concentração das pesquisas. Assumindo que a ciência sempre foi uma atividade essencialmente prática, que supõe um *habitus* específico, chamado científico, centramos nosso foco na *práxis* da ciência, na maneira como os cientistas constroem sua identidade como pesquisadores e como conciliam essa atividade com a de docência, prestação de serviços e atividades administrativas. Baseamo-nos na idéia da construção social das pesquisas e da prática científica.

Do encontro dos indicadores qualitativos e quantitativos, espera-se obter resultados que balizem as conclusões referentes às questões centrais dessa pesquisa como um todo. Mas, especialmente, essa análise contribuirá para entendermos o “sentido coletivo” das ações dos pesquisadores dentro do campo científico, sentido dado pela construção de uma trajetória social comum aos integrantes da organização científica estudada, ligada aos grupos sociais de origem, às trajetórias pessoais, à socialização secundária a que foram submetidos e por fim, à criação ou não de um *habitus* científico comum de uma vanguarda científica em uma organização de pesquisa. Esse “sentido coletivo” foi atingido através da exploração da memória coletiva de cada um dos grupos estudados.

Como metodologia de trabalho, Bourdieu sempre utilizou uma aproximação diversificada de seus objetos. A construção de sua metodologia, a construção de seu objeto de estudo e de sua problemática realizaram-se usualmente sob o signo do qualitativo, no momento de interpretação do material trabalhado. Mas a finalização, manifestamente qualitativa, muitas vezes escondeu

um latente arsenal teórico quantitativo de grande profundidade e de largo emprego, sobretudo como forma de esboçar as invariáveis estruturais de um determinado campo.

Se suas análises qualitativas estavam focadas na explicação das ações características de indivíduos de um determinado grupo, nas diferentes formas que se revestiam as expressões dos *habitus* e no poder de diferenciação social (relacionais) desses estilos pessoais, por outro lado, seus esforços quantitativos sempre buscaram romper com uma “sociologia espontânea”, de “senso comum” e muitas vezes de “senso comum científico”, e por meio dessa primeira ruptura, poder realizar uma sociologia relacional e inovadora.

Dentro desse marco teórico, dados a natureza do objeto e os interesses de compreensão desse objeto, nós utilizamos tanto a metodologia quantitativa quanto a metodologia qualitativa, e nosso esforço girou sobre o eixo de junção desses métodos de análise de uma forma orgânica.

Os dados quantitativos tenderam a dar visibilidade à estrutura do campo em que se insere a própria instituição estudada e a mapear o *locus* de inserção do pesquisador. Em suma, sua posição relacional no campo científico. Ainda, apontar índices de consagração pessoal e grupal dos cientistas, como forma de diferenciação do capital científico.

Quanto à análise qualitativa, o interesse foi o de entender o sentido das práticas de pesquisa do ponto de vista do intelectual, esclarecendo a relação deste *ethos* com o ideal de ciência socialmente determinada por seu grupo ou pela instituição onde os pesquisadores trabalham, relação especialmente delineada pelas memórias individuais sobre a dialética entre *ethos* e espaço institucional.

Essa postura não é nova, pois Mannheim afirmava que no método quantitativo:

Esta redução de tudo a uma descritibilidade mensurável ou inventorial é significativa como uma tentativa séria de determinar o que seja inambiguamente averiguável e, ainda, de meditar o que acontece com o nosso mundo psíquico e

social, quando se o restringe a relações comensuráveis puramente exteriores (Mannheim, 1976).

Devíamos ainda complementá-lo pelo método qualitativo, pois:

Jamais será suficiente o esquema puramente mecanicista de abordagem, tendo de ser introduzido, em acréscimo, conceitos adequados para o entendimento de elementos significativos e incomensuráveis (Mannheim, 1976).

Lazarsfeld (apud Haguette, 1990) afirmava que existem três situações onde a qualidade, através da construção de índices apropriados, deve ser escolhida como método de pesquisa:

- Naquelas em que os dados qualitativos são mais relevantes que dados quantitativos relacionados a épocas passadas;
- Naquelas em que a qualidade é útil para captar dados psicológicos reprimidos (latentes) ou mal articulados – atitudes, motivos, pressupostos, quadros de referência, etc;
- Naquelas em que as observações qualitativas são usadas como indicadores do funcionamento complexo de estruturas e organizações complexas que são difíceis de submeter à observação direta.

Nosso objeto de estudo - os pesquisadores plenos das áreas de concentração da pós-graduação da FCM da Unicamp - preencheu claramente todos os itens, pois buscamos elucidar os pressupostos e quadros de referência relativos ao fazer científico, ou, dito alternativamente, da *práxis* científica. Ainda, o melhor caminho para atingir essa compreensão parecia-nos ser através dos índices de qualidade relativos à organização estudada, conforme apontou Lazarsfeld (apud Haguette, 1990).

Técnicas qualitativas

Estabelecido nosso marco teórico - a “praxiologia” de Pierre Bourdieu – com sua metodologia característica – que une tanto o método quantitativo quanto o qualitativo, cabe delinear nossas técnicas de investigação, começando pelas técnicas qualitativas.

Dentre as possíveis escolhas, dois tipos de técnicas foram privilegiadas: história de vida e a entrevista.

A primeira técnica escolhida foi a da história de vida. Devemos entender essa técnica como uma proposta interessante de lidar com o objeto escolhido e como uma técnica mais ampla que a entrevista em si. Segundo Haguette (1990), um grande defensor dessa técnica, Howard Becker, apontou alguns argumentos que suportam nossa escolha:

- a) É possível, a exemplo da Escola de Chicago, na qual surgiu essa técnica, a utilização de muitas fontes heterogêneas de informação e tipos diferentes de dados,
- b) Apesar do direcionamento e condução, por parte do pesquisador, da linha de pesquisa e dos temas enfocados, a perspectiva do agente social não se perde e é valorizada em conta no decorrer dos trabalhos,
- c) A história de vida não é nem uma autobiografia nem uma ficção de autoria do pesquisador.

Por fim, Becker ressalta que essa técnica é uma das poucas capazes de promover uma visão “processual”, de acontecimentos diacrônicos, desenvolvidos e só explicáveis no tempo, historicamente.

Podemos justificar essa opção *a contrario*, reproduzindo parte da crítica feita por Becker (apud Haguette, 1990), sobre a queda no esquecimento, nos EUA, dessa técnica:

- Os sociólogos preocupam-se mais com a teoria abstrata e menos com um relato detalhado e completo de organizações específicas e de comunidades,
- Eles procuram dados formulados em termos das categorias abstratas presentes em suas teorias e não daquelas presentes nas populações estudadas, caso onde seria importante a história de vida.

Dentro da proposta acima, mais que uma técnica, a história de vida representou uma maneira de obtermos dados relativos aos pesquisadores da FCM da Unicamp: pois sem essa condição básica, ficava impossível entendermos a origem e o desenvolvimento processual e histórico daquela organização. Nesse contexto, a perspectiva desses agentes sociais é fundamental.

Através dessa metodologia, esperamos ter atingido uma compreensão melhor do universo dessas pessoas, adotando como objetivos aqueles propostos por Minayo (2004, p.121):

- a) A descrição do caso individual;
- b) A compreensão das especificidades culturais mais profundas dos grupos;
- c) A comparabilidade de diversos casos.

Dentro então da técnica da história de vida fizemos uso da entrevista. Nessa modalidade, não nos restringimos a realizar uma entrevista fechada ou um questionário estruturado, que são a prática convencional de trabalho.

De acordo com Minayo (Minayo, 2004, p.121), “quando se trata de apreender sistemas de valores, de normas, de representações de determinado grupo social, ou quando se trata de compreender relações, o questionário revela-se insuficiente”.

Como buscávamos nessa pesquisa justamente esse tipo de dado, empregamos como fonte de informações duas técnicas complementares:

A primeira: entrevistas não-estruturadas, sobretudo as de características não diretivas, utilizando como modelo as entrevistas focadas – “focused interviews” - propostas por Merton (1956, p.3). Essas entrevistas procuraram recuperar as histórias de vida das pessoas pesquisadas, mas de maneira focada e centrada em torno dos temas ligados à ciência e à trajetória científica do pesquisado, de maneira a contrapô-las àquele material obtido através do currículo da Plataforma Lattes e de outras fontes documentais como os Memoriais dos Professores, SIPEX e outras.

Realizamos uma série de entrevistas não-estruturadas com cada um desses pesquisadores. Buscamos descortinar a trajetória de vida de cada um deles, aprofundando os elementos qualitativos de suas biografias e suas memórias a respeito de sua carreira dentro da instituição. Dessa forma, obtivemos a visão de ciência de cada um desses cientistas, o que para cada um deles significa a prática de pesquisa, ensino e produção de conhecimentos.

Esse tipo específico de inquérito pareceu-nos mais apropriado, pois reúne um grupo de características que exploramos durante a pesquisa, a saber:

- As pessoas entrevistadas estiveram envolvidas em uma situação particular.
- Os elementos, hipoteticamente relevantes, padrões, processos e a total estrutura da situação, foram analisados previamente pelo pesquisador.
- Foi desenvolvido um guia de entrevista baseado nessa análise prévia.

A entrevista foi centrada nas experiências subjetivas das pessoas envolvidas na situação previamente analisada, com o objetivo de entender as suas definições daquele processo histórico e de seu papel nesse processo.

Nessas entrevistas, as questões e o roteiro definitivos foram mais bem desenvolvidos durante a realização do projeto, levando-se em conta, como nos ensina a metodologia das “entrevistas focadas” de Merton, um conjunto de conhecimentos prévios sobre o tema que traçaram o *foco* do trabalho, a direção e o caminho imprimidos pelo entrevistador ao discurso do entrevistado. Esses dados prévios foram obtidos através dos Currículos da Plataforma Lattes do CNPq nos quais se explanam diretamente os dados oficiais de cada carreira acadêmica e seus cambiantes de posição estrutural no campo.

No **Apêndice 2**, consta um roteiro preliminar de entrevista focada, elencando algumas questões e temas iniciais. Digo preliminar, pois durante as entrevistas novas questões surgiram e foram incorporadas. Após a realização das entrevistas, foi realizada uma análise do material coletado.

Como forma de realizar essa proposta metodológica, nós acreditamos que uma técnica apurada de análise é a de Claude Dubar, que será explicitada, a seguir, quando tratamos dos aspectos mais diretamente relacionados à maneira de lidar com o material biográfico e as entrevistas colhidas nesta pesquisa.

Reconstrução de sentido das entrevistas biográficas

Depois de realizada uma extensa discussão quanto à proposta de histórias/ relatos de vidas ou biografias como material de análise e de obtenção de uma visão coletiva dos processos e práticas científicas dos entrevistados, fica faltando uma técnica adequada a essa empreitada.

Coerentemente com nossos objetivos, procuraremos realizar uma “reconstrução de sentido” dos conteúdos das entrevistas. Esta reconstrução é sugerida por um autor que propõe uma bela discussão sobre este tema, Claude Dubar (1997, p.15), que, após várias pesquisas, viu-se confrontado com o problema de estar frente a um rico material de entrevistas sem possuir uma técnica explícita de tratamento que não assumisse uma de duas posturas: seja de desconfiança *a priori* quanto aos discursos dos entrevistados, seja de impotência interpretativa *vis-à-vis* os discursos recolhidos.

A primeira postura geral de análise inclui toda uma gama de processos de tratamento de dados que podem ser incluídos no rótulo de “ilustrativa”. Ela utiliza geralmente uma lógica causal, onde a relação entre os dados recolhidos e as teorias está numa relação direta de causa e efeito, assim ela pode ser encarada como objetivista. Os dados recolhidos servem como uma “presunção de prova” e visam confirmar ou negar hipóteses construídas *ad hoc*. Essa postura engloba várias vertentes, que vão desde uma análise de conteúdo, análise temática, do discurso, até uma análise realizada através de programas computacionais de análise dos conteúdos. No caso da clássica análise de conteúdo, os temas são catalogados, classificados, quantificados, relacionados, agrupados em categorias mais gerais. A crítica é que esses dados subjetivos, ricos, que remetem à maneira como os entrevistados elaboram e interpretam suas trajetórias, perdem-se completamente, restando um conjunto de dados categorizados de forma a não contemplar a visão dos sujeitos. Para Dubar(1997, p.7) , as pessoas não produzem fatos a serem comparados, mas palavras, e “essas palavras exprimem aquilo que o sujeito vive ou viveu, seu ponto de vista sobre ‘o mundo’ que é ‘seu mundo’”. Ele considera “as pessoas que falam ao pesquisador como ‘sujeitos’ exprimindo, em um diálogo marcado pela confiança, sua experiência e suas convicções, seu ponto de vista e suas ‘definições das situações vividas’”(1997, p.7). O conceito de definição de situação é retomado por Dubar de W. Thomas, que o introduziu na chamada Escola de Chicago, no começo do século XX.

Esse tipo de análise “ilustrativa” faz um uso seletivo dos dados recolhidos: um primeiro tipo consiste em comentar trechos selecionados da entrevista, fazendo paráfrases e com o objetivo de argumentar sobre uma tipologia específica construída pelo pesquisador. Outro uso seria o de confirmar uma hipótese, uma conjectura, e o objetivo seria o de demonstrar uma relação teórica entre o discurso e o suposto pelo pesquisador.

O estatuto do discurso pode ser resumido em quatro pontos:

1. O discurso obtido na situação de entrevista não vale por si mesma, mas enquanto fonte de informação sobre hipóteses pré-construídas;
2. A linguagem constitui um elemento de dissimulação da verdade, de ilusão;
3. A entrevista pode ser um exercício de dissimulação se deixar de seguir a lógica do questionamento direto do entrevistado e esconder as verdadeiras motivações das condutas humanas;
4. A relação entre pesquisador e entrevistado é assimétrica pois o primeiro possui a teoria e os conceitos adequados, e o entrevistado uma visão de senso comum, lacunar e inadequada (Dubar, 1997, p.23).

A segunda postura, chamada de “restitutiva”, constitui o oposto exato à postura ilustrativa, pois exacerba o valor do discurso das pessoas e lhe reserva um lugar de destaque no resultado das pesquisas: a relação entre teoria e prática inverte-se, e o discurso das pessoas suplanta a importância das construções conceituais do pesquisador, pois é admitido como transparente e deve ser restituído integralmente aos leitores, ou ao menos, praticamente inalterado em sua constituição de origem.

Essa postura subjetivista ou compreensiva faz da palavra um meio diretamente inteligível de expressão das estratégias dos indivíduos, passando geralmente ao largo de uma análise teórica aprofundada pelo pesquisador, proibido de alterar o sentido dado ao discurso pelo entrevistado. Dubar aponta *A Miséria do Mundo* de Bourdieu como um caso exemplar dessa lógica restitutiva, com suas 900 páginas onde quase dois terços do material são de transcrições.

No nosso caso, optamos por seguir o caminho da postura “analítica” e de “reconstrução de sentido” de Dubar, que procura não se contentar em ilustrar teorias prévias através de citações, nem restituir retranscrições de entrevistas, deixando ao leitor a tarefa de analisá-las (Dubar, 1997, p.33).

A proposta do autor para a análise das entrevistas é baseada na elucidação e construção dos resultados a partir das relações entre os significados propostos pelos entrevistados e a sucessiva elaboração de um sentido latente, mais universal:

Entre as significações manifestas e o sentido latente interpõe-se um real trabalho de análise que é por um lado aquele do próprio sujeito (elaboração do sentido pelas e nas palavras significantes) e por outro lado aquele do pesquisador (deciframento do sentido a partir das conversas contidas na entrevista). Se uma verdadeira 'relação de confiança' permite um bom ajustamento desses dois 'trabalhos', a apropriação do sujeito do 'sentido subjetivo' de suas atividades tomadas de maneira dinâmica (dentro do tempo biográfico) deve ir ao par com a interpretação progressiva pelo pesquisador do 'sentido objetivado' (dentro da ordem do discurso), e então do ideal-tipo ao qual podemos legitimamente ligar a produção de sentido (Dubar, 1997, p.36).

O centro do interesse aqui é a passagem do conteúdo manifesto, que representa a demanda e o desejo do entrevistado ao conteúdo latente, que corresponde a uma interpretação e uma elucidação do sentido, feita pelo pesquisador, a partir do que colocou em pauta o entrevistado ou conjunto de entrevistados. Para Dubar, o sentido de uma entrevista está na sua ocorrência narrativa: o sentido obtido é uma variável que depende integralmente da maneira como o discurso é traduzido em palavras pelo entrevistado. A palavra então não é “nem transparente nem opaca, mas um veículo do sentido (Dubar, 1997, p.93)”.

Para nós foi necessário encontrar, dentro do marco teórico de Pierre Bourdieu, um artefato capaz de dar vazão ao conteúdo latente dos discursos dos entrevistados sem desconsiderar o conteúdo manifesto pelos mesmos, sobretudo valorizando a subjetividade, as impressões e as informações fornecidas pelos entrevistados como uma fonte de dados digna e fidedigna para a construção da história da própria instituição pesquisada.

Assim, no capítulo I dedicado à Fundamentação Teórica, no item no qual discuti a obra de Bourdieu e as suas análises centradas nos sujeitos sociais, aprofundei esta discussão e propus como artefato e método de análise do material das entrevistas a “biografia coletiva de *personas* coletivas”, uma construção que procura contemplar a “restituição” do material, a “ilustração” da teoria e principalmente a “reconstrução do sentido” das falas e dos discursos, através da análise da memória coletiva dos grupos estudados.

Cada grupo escolhido será tratado como um caso e também comparativamente com os outros dois grupos. A caracterização destes grupos e os fundamentos que permitiram essa divisão serão explicados no item no qual discuto a obra de Bourdieu e o espaço social dos professores, neste mesmo capítulo I. Ali traço as ambições teóricas de nossa escolha dos grupos, a lógica que define o seu caráter de vanguarda e as legitimidades específicas a cada um deles. A idéia foi lançar mão da comparação, que é a via real de análise nas ciências humanas. Como afirmava Durkheim na introdução d’*O Suicídio*:

Só explicamos ao comparar. Uma investigação científica não pode chegar a seu fim a não ser que ela trabalhe sobre fatos comparáveis e ela têm muito mais chances de êxito se puder assegurar-se de reunir todos os que podem ser comparados de forma útil (Durkheim, 1897).

Resumindo, as técnicas empregadas e a metodologia quantitativa e qualitativa serviram à construção de um sentido dentro do espaço social. Este sentido, ou sentidos, buscou-se integrá-los a um *habitus* científico comum aos pesquisadores da organização estudada e à própria história de constituição da instituição.

Técnicas quantitativas

A análise qualitativa nos mostrará o sentido dado pelos pesquisadores quanto a suas práticas, seus esforços, sua própria biografia. Mas, se o sentido atribuído pelo indivíduo não corresponde totalmente ao mundo social do qual faz

parte, devemos buscar um outro, objetivado a partir do espaço social no qual se inserem os agentes sociais. A interpretação dada pelo sujeito pode, e muitas vezes não corresponde, ao sentido social de suas ações e das ações de seu grupo, ou ainda ao significado daqueles atos sob o ponto de vista da própria organização em que está inserido.

Como escapar dessa armadilha da “ilusão biográfica” e da “subjetividade não reflexiva?” Uma possibilidade é a própria análise quantitativa, capaz de realizar uma ruptura que mostre o espaço social específico no qual se inserem o discurso e a prática dos intelectuais.

Bourdieu utiliza-se da quantificação e da análise estatística como elemento de ruptura com o senso comum, aí incluído o senso comum científico. Propusemos então nesse trabalho, ao mesmo tempo em que buscamos dados qualitativos, realizar uma análise quantitativa de documentos, principalmente aqueles classificados como “oficiais” e institucionais, como forma de objetivarmos indicadores da consagração científica.

Nesse caso, utilizamos os Currículos disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq, obrigatório para todos os pesquisadores e de acesso público, e também parcialmente os dados globais dos anuários de pesquisa do SIPEX da Unicamp.

A plataforma, ou mais exatamente o Currículo Lattes (Sistema CV - Lattes), é um dos componentes da Plataforma Lattes. A Plataforma é composta de quatro sistemas: o primeiro deles refere-se a um Sistema Eletrônico de Currículos, no qual se registra a vida pregressa e atual dos pesquisadores, como elemento fundamental para a análise de seu mérito e competência. Nesse sistema existem 200 mil currículos atualizados; o segundo sistema é o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, uma base de dados que registra todos os grupos de pesquisa em atividade no País. O terceiro sistema é o Diretório de Instituições, onde se encontram os registros das instituições inscritas no CNPq, com membros participantes dos grupos de pesquisa ou que ofereçam cursos de graduação ou pós-graduação. O quarto sistema chama-se Sistema

Gerencial de Fomento, utilizado como ferramenta para a gestão do CNPq e de suas atividades.¹

Esse currículo é moeda corrente quando o assunto é obter acesso aos dados formais dos pesquisadores para fins acadêmicos; ele é utilizado por estudantes, mestrandos, doutorandos, pesquisadores, professores, administradores e por todas as instituições encarregadas nesse domínio do ensino superior. Segundo o CNPq, suas informações são aplicadas internamente às instituições como Capes, Fapesp, CNPq e outras, com o fito de seleção de candidatos à bolsa, auxílios, fomentos, projetos de pesquisa, consultores, membros de comitês e de grupos de assessoria; além de subsidiar dados mais gerais sobre e para a pesquisa e a pós-graduação no Brasil. Para obter esse objetivo, o Currículo Lattes é obrigatório para todos os citados desde 2002.

Como forma de complementar os dados referentes aos currículos da Plataforma Lattes, analisamos parcialmente outra base de dados: o SIPEX – Sistema de Informação de Pesquisa e Extensão, como o próprio nome esclarece, é responsável pelo fornecimento de dados quantitativos para subsidiar a gestão da pesquisa e a extensão na Unicamp. Utilizamos os dados globais referentes a três departamentos da FCM, o de Medicina Preventiva e Social, o de Cirurgia e o de Genética. A intenção foi realizar uma análise comparativa da produção científica global ano a ano, através dos indicadores quantitativos dos diferentes tipos de atividade científica dos professores, como forma de elucidarmos as variações no tempo desses indicadores.

Uma outra fonte de dados foi a dos documentos constantes no Sistema de Arquivos da Unicamp, SIARQ, principalmente as “caixas” específicas relacionadas à história da Universidade e de seus personagens. Encontramos depoimentos de fundadores da Unicamp e da própria Faculdade de Ciências Médicas que nos auxiliaram na reconstrução da história da universidade e das vanguardas estudadas.

¹ Informações disponíveis em: http://lattes.cnpq.br/conheca/con_apres.htm. Acesso em: 11/09/2006.

Esses documentos, onde são descritas as atividades acadêmicas ou não acadêmicas dos professores, foram entendidos como uma descrição de atos concretos dentro do campo científico, atos considerados legítimos, simbolicamente legitimadores e efetivos pela comunidade científica. Esses atos concretos, representantes reais do acúmulo do capital científico no campo, foram analisados como o padrão oficial de avaliação dos grupos e dos professores, ainda que eles possam ser discutidos enquanto realmente representativos das atividades acadêmicas.

A escolha mais indicada como parâmetro de análise da produção científica parece ser o modelo da própria Capes. Madel Luz aponta que esse critério - apesar de merecer um estudo sobre sua possível mudança em razão de novas formas de difusão do conhecimento científico ligadas à utilização maciça dos meios eletrônicos – ainda é o grande modelo vigente desde o século XIX (Luz, 1997).

Também Viacava e Ramos (1997) apontam que “a base de dados da Capes tem sido uma importante fonte de informações entre os autores que se dedicam à avaliação de C&T no Brasil” e para isso citam vários autores que a utilizaram e assumiram esse critério como universal dentro da comunidade científica, ainda que o peso e a qualidade de cada indicador como um tradutor fiel das diversas áreas de conhecimento sejam discutidos por eles.

Os indicadores principais são:

1. Publicações completas/resumidas em periódicos nacionais ou internacionais;
2. Trabalhos completos/resumidos apresentados em eventos nacionais ou internacionais;
3. Publicações de capítulos de livros no Brasil;
4. Publicações de capítulos de livros no exterior;

5. Livros publicados/organizados ou edições no Brasil;
6. Livros publicados/organizados ou edições no exterior;
7. Participação em eventos no Brasil e exterior;

Seguimos os critérios validados na área científica, como os indicadores adotados pela Capes para avaliação da produção científica dos departamentos e os programas de Pós-Graduação. Esses índices representaram a maneira oficial e socialmente consolidada de medir a produção científica e, a partir disso, analisamos a adequação ou não de cada área a esses critérios.

Do ponto de vista dos números, obtidos nos currículos da Plataforma Lattes e dos indicadores globais do SIPEX, pudemos elucidar alguns aspectos relativos à produção científica dos professores, à maneira como empregam seu tempo 'produtivo' e quais as principais práticas a que se dedicam, sobretudo através dos números globais da instituição. Procuramos mostrar as diferenças entre os grupos de vanguarda quanto a esses índices, e em seguida, como forma ilustrativa, três departamentos da Faculdade, através dos mesmos indicadores.

Algumas considerações a esse respeito são necessárias. A primeira questão percebida refere-se às bases de dados disponíveis. Não há dúvidas de que a Plataforma Lattes é um modelo de base de dados sobre a ciência sem par no universo acadêmico mundial. Pelo fato de ser pública e de acesso universal, demonstra uma clareza e uma efetividade inigualável na disseminação das informações sobre os intelectuais ligados às universidades brasileiras. Representa uma fonte de acesso cada vez mais utilizada e passa a ser a fonte central de dados para as seleções de profissionais e também para a própria exposição dos trabalhos dos profissionais. Apesar de sua indiscutível importância, por informar os dados centrais para a avaliação acadêmica, como a produção científica e as publicações, faltaria uma complementação de seus dados de outras atividades relevantes para o trabalho científico, mas não contemplados em sua base de dados.

Um problema constatado é quanto ao preenchimento incorreto ou incompleto e a falta de padronização das categorias apontadas. Há alguns elementos que são universalmente compreendidos, como artigos publicados em revistas arbitradas e teses orientadas. Porém existem dificuldades: não há padronização, por exemplo, quanto ao preenchimento das informações sobre livros ou artigos. Como declararam vários professores entrevistados, o preenchimento desses dados muitas vezes é delegado às secretárias, estudantes ou estagiários, e alguns destes não dominam as codificações desses dados, gerando distorções nos totais. Mesmo quando realizado pelos próprios pesquisadores, há uma larga margem de dúvidas e de interrogações sobre como cadastrar e classificar a produção científica.

Um grande exemplo é a questão sobre o que seria um livro didático? Pois todos podem ser assim considerados em relação a seu objetivo final. O que caracteriza um livro como científico ou não? Mesmo para os que estão inseridos diretamente nas áreas, a classificação dos livros e dos artigos não é uma tarefa evidente. Faltam critérios e meios de realizar uma classificação mínima dos conteúdos dos livros, fato ainda mais grave se pensarmos as novas modalidades de divulgação científica como as revistas eletrônicas e os “livros eletrônicos” (Marques Neto, 2005). Se a produção e edição ficaram facilitadas pela disponibilidade de meios técnicos baratos, rápidos e universalizados, a avaliação dos conteúdos fica prejudicada e coloca problemas. Para Madel Luz (2005) o momento é de “efetivamente avaliar o produto livro em sua qualidade e ter noção objetiva de sua contribuição, existente ou não, para a área/campo de inserção”. Este processo relativamente de construção está em debate e em marcha, pois nos falta ainda, como a autora assinala, uma “cultura do livro” interna às áreas científicas no Brasil.

Outra questão pouco clara é quanto à classificação das revistas. O que define uma revista como nacional ou internacional? Há algum tempo, uma revista seria internacional de acordo com a língua utilizada e o país de publicação. Mas de algumas décadas esse padrão vem mudando: muitas revistas brasileiras

passaram a buscar e preencher os requisitos necessários para serem consideradas internacionais, como comitê editorial com pesquisadores estrangeiros, indexação em bases de dados mais amplas e outras características.

Na Plataforma Lattes, a classificação das revistas e publicações não considera a nacionalidade ou a internacionalidade; já no SIPEX, os artigos são classificados pelo lugar de publicação. Nesse segundo caso, o critério é definido pelas bibliotecas, seja a da Faculdade de Ciências Médicas ou a Biblioteca Central da Unicamp: os responsáveis pela alimentação deste banco de dados têm uma lista informatizada e em linha das revistas e escolhem dentre esta lista; caso a revista não possua esse cadastro prévio, ele é preenchido e enviado à biblioteca, que cadastrará a revista faltante e classificará o artigo. Essa classificação também apresenta dificuldades, pois os critérios são algo obscuros e dão margem a uma interpretação dos critérios de classificação. Apesar destas ressalvas e precauções, pudemos comparar a produção destes artefatos científicos entre os três departamentos, coisa que na Plataforma Lattes seria muito difícil.

Os critérios mais gerais adotados são aqueles utilizados internacionalmente e que contemplam o modelo dos países de primeiro mundo. Na FCM, as áreas mais tradicionais como a clínica, a genética, e a cirurgia parecem ter atingido esse padrão de forma mais completa, contando com publicações em língua inglesa. A saúde coletiva vem atingindo estes padrões mais recentemente, com novas revistas e publicações. A questão é se estas revistas, tanto as da saúde coletiva quanto as outras, transformadas e “internacionalizadas” equivalem *pari passu* àquelas internacionais de renome e se os índices de divulgação e de impacto são os mesmos. Do ponto de vista científico, ambas representam uma penetração no universo acadêmico mundial dos conhecimentos e dos resultados de pesquisas produzidos no Brasil, ou representam uma igualdade de direito, mas não real?

Além dos capítulos de livros, outras atividades como conferências e aulas em outros programas de Pós-Graduação, consultorias etc não são corretamente informadas. Nos relatórios enviados à Capes, as informações das

atividades dos professores são muito mais detalhadas e completas, valorizando mais práticas que realmente fazem parte da vida acadêmica. Por que essas atividades não constam nos currículos da Plataforma Lattes ou no SIPEX?

Essas distorções acontecem, pois não há uma discussão e nem mesmo uma valorização de atividades que fazem parte das práticas regulares do *homo academicus*, práticas que não são consideradas no momento de avaliação do currículo dos pesquisadores ou da própria instituição como um todo.

De todo modo, as ações concretas e as trajetórias dentro do campo e da própria instituição, assim construídas através dos números, tiveram a intenção de mostrar estratégias não declaradas ou elididas na descrição autobiográfica das entrevistas, ou fatos esclarecedores consoantes às estratégias grupais ou disciplinares de aumento de capital simbólico e/ou administrativo.

Se do ponto de vista quantitativo algumas distorções foram percebidas pela falta de elementos informados ou ausência desses dados, do ponto de qualitativo a situação inverteu-se. A quantidade de informações e a complexidade dos temas, por vezes, não permitiram análises mais profundas.

Essa descrição dos atos concretos, em suma, da prática social dos cientistas, deu-se *pari passu* ao delineamento da própria origem e história da instituição onde trabalham os pesquisadores, marcando assim uma trajetória individual em uma organização socialmente definida e historicamente constituída, traçando um paralelo relacional entre as duas dimensões, a biográfica e a coletiva.

Objeto de pesquisa e amostra teórica

Nosso objeto é o grupo dos pesquisadores e professores plenos da Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, responsáveis pela produção e reprodução de determinados conhecimentos específicos que consagram e perpetuam cada área de concentração de pesquisa, traduzidas em Programas de Pós-Graduação.

A Faculdade de Ciências Médicas é uma organização social inserida dentro do campo científico e poderia ser estudada de diversas maneiras. Desde os seus primórdios a sociologia tem se ocupado do estudo das instituições: Durkheim e sua escola procuraram bem definir o conceito e assumiram as instituições sociais de maneira ampla, definindo-as de modo elástico. Para ele as “instituições são maneiras de sentir e pensar ‘cristalizadas’, quase constantes, socialmente coercitivas e distintivas de um grupo social dado” (Boudon e Bourricaud, 1993). De todo modo, Durkheim procurou e enfatizou o estudo das instituições amparadas por um arcabouço jurídico e social designado pela sociedade e representada por um órgão ou entidade específica, como a escola, o governo, etc. Outros centraram sua atenção nas instituições mais fluidas e cotidianas e menos formalmente definidas, como as ações que executamos na sociedade ao longo de várias gerações e que gradualmente passam a ser adotadas por muitos e estabelecem-se institucionalmente. Nesse sentido, instituição significa um tipo de ação, papel, interação ou organização que se tornou amplamente aceito e parece ser um padrão natural da sociedade.

Por outro lado, poderíamos enfatizar o papel político e ideológico das instituições, sua força como elemento de reprodução da ordem e de manutenção da hegemonia das classes dominantes dentro da sociedade civil. Uma análise clássica deste tipo na área da saúde é o estudo de Madel Luz sobre as instituições médicas e seu papel histórico no Brasil (Luz, 1979). Neste trabalho a autora desenvolve uma profunda discussão do conceito de instituição, apoiando-se nas definições e na teoria de Gramsci.

No nosso caso, defendemos que essa discussão seria muito importante, mas declinamos dessa tentação e definimos nosso foco de atenção sobre os agentes da instituição e de sua trajetória de vida, pois uma análise do papel da organização, em estudo, extrapola em muito nossas possibilidades.

Assim, assumimos como definição de nossa instituição, no caso a FCM, o conceito utilizado por Goffman, o de “organização formal instrumental” no qual ele define uma instituição como:

Uma organização formal instrumental pode ser definida como um sistema de atividades intencionalmente coordenadas e destinadas a provocar alguns objetivos explícitos e globais. O produto esperado pode ser: artefatos materiais, serviços, decisões ou informações; pode ser distribuído entre os participantes de maneiras muito diversas. Aqui interessar-me-ei principalmente pelas organizações formais localizadas nos limites de um único edifício ou complexo de edifícios adjacentes, e, por comodidade, a essa unidade fechada darei o nome de estabelecimento social, instituição ou organização (Goffman, 1999, p.149-150).

Da mesma maneira, nossa definição torna-se abrangente como a do autor, pois a intenção nesta tese não é a de estudar a “natureza” nem o papel nem as “características” da instituição em si mesmas, muito menos a função social da mesma dentro da sociedade; mas a prática, a vida e o *habitus* das pessoas que atuaram e atuam nessa organização.

Selecionamos, especialmente, os professores plenos da pós-graduação, pois ela é o arcabouço da pesquisa presente no sistema de ensino superior no Brasil e representa a pedra angular deste sistema. Após a instituição desse setor do ensino superior, a partir de 1966, quando Conselho Federal da Educação estabeleceu as normas deste novo sistema, o Brasil conseguiu desenvolvê-lo em pouco espaço de tempo, atingindo atualmente a marca de cerca de 3.000 cursos do gênero.

A ênfase na pós-graduação justifica-se, pois nesse espaço de formação definem-se os futuros produtores/reprodutores do conhecimento científico, sobretudo aqueles referentes à prática de pesquisa em si mesma e não somente à prática profissional. No processo de formação dos profissionais, a pós-graduação corresponde a uma escolha mais ou menos definitiva do aluno quanto à sua carreira profissional, à área de estudos e ao tipo de profissional que deseja tornar-se.

É através da transmissão do *habitus* científico dos professores da pós-graduação que se forma a *illusio*, necessária como aceitação das regras do fazer científico, com tudo o que há de estratégias possíveis e não explícitas nessas mesmas regras.

Essa *illusio* incorporada pode ser entendida como uma parcela própria do *habitus* que se refere a um campo específico, ou, em outros termos, uma “especialização do *habitus*”, devida à teoria dos campos e restrita a cada um deles. Nesse sentido, a *illusio* pode ser percebida como o resultado de um processo social específico:

O *habitus* primeiro produzido pela educação de classe e o *habitus* secundário inculcado pela educação escolar contribuem, com pesos diferentes no caso das ciências sociais e das ciências da natureza, para determinar uma adesão pré-reflexiva aos pressupostos tácitos do campo (....)
(Bourdieu, 1976).

A formação da *illusio* de cada área corresponde ao momento de contato mais duradouro, sistemático e próximo entre o futuro pesquisador e os cientistas legítimos e atuais, possuidores do capital dentro do campo. Essa relação contraditória e necessária entre nova vanguarda e “velha-guarda” é um dos motores de movimentação do campo científico, e acontece principalmente no processo de formação de um novo professor e pesquisador, que se passa fundamentalmente na pós-graduação.

A seleção dos cientistas da pós-graduação que formam a amostra desse estudo tomou, como ponto inicial, a distribuição dos profissionais pelos Departamentos da FCM, privilegiando o universo da pós-graduação *stricto sensu* da instituição (mestrado e doutorado), conforme Tabela 1.

Foi retirada como amostra para a análise quantitativa, deste universo de 381 profissionais da instituição, alguns profissionais das **áreas de concentração**, dentro de cada Programa de Pós-graduação de cada Departamento, que eram

Professores Plenos – excluídos os Professores Visitantes e os Participantes: nesses casos correríamos o risco de incluir professores temporários, professores ligados de fato a outras instituições ou perfilados como professores plenos em outras áreas de concentração.

Vale ressaltar que na FCM as áreas de concentração obedecem aos critérios formulados pela direção da Faculdade para a existência e funcionamento dos mesmos, ou seja, estão ligadas em termos organizacionais à direção da FCM. Isso significa que as áreas são ‘relativamente’ independentes dos departamentos em si mesmos, e podem ser extintos ou criados sem a concorrência dos mesmos, devendo assim prestar conta de suas atividades aos órgãos diretivos da faculdade. Apesar dessa característica da FCM da Unicamp, os professores plenos das áreas de concentração são praticamente os mesmos dos departamentos correlatos e, raramente, estão ligados a outros departamentos da faculdade e somente 18 professores em 220 não pertencem ao departamento “natural” de origem. À exceção da Fisiopatologia que representa uma área de concentração sem ligação direta com um departamento específico, sendo o resultado da reunião de um grupo de professores ligados primordialmente a outras áreas de concentração da pós-graduação (os 16 professores estão vinculados a outros departamentos). Assim, podemos assumir que cada área de concentração corresponde em geral a um grupo de professores plenos oriundos de algum departamento específico, mesmo que as duas coisas não se confundam.

Tabela 1- Distribuição por Departamento e por Área de Concentração dos Professores da Pós-graduação da FCM da Unicamp, 2005.

	Departamentos		Área de Concentração	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Anatomia Patológica	10	2,7	07	3,2
Anestesiologia	13	3,6	-	-
Cirurgia	39	10,7	12	5,5
Clínica Médica	75	20,6	22	10,0
Enfermagem	24	6,6	21	9,6
Farmacologia	09	2,5	1	7,3
Genética Médica	08	2,2	08	3,6
Medicina Preventiva e Social *	25	6,8	21	9,6
Neurologia	15	4,1	13	5,9
Oftalmo-otorrinolaringologia	14	3,8	08	3,6
Ortopedia e Traumatologia	07	1,9	-	-
Patologia Clínica	17	4,6	18/3	8,2
Pediatria **	43	11,8	21	9,6
Psicologia Médica e Psiquiatria***	13	3,6	07	3,2
Radiodiagnóstico****	11	3,0	-	-
Tocoginecologia	42	11,5	30	13,7
Fisiopatologia*****	-	-	16	7,3
Total	365	100%	220	100%

Fonte: Unicamp/FCM. Catálogo dos Cursos de Pós-Graduação 2005: *stricto sensu*. Campinas, 2005.

* Área de concentração: Saúde Coletiva

*Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente

**Área de concentração: Saúde Mental

*** Sem área de concentração específica

**** Sem departamento específico

De acordo com a Resolução GR Nº 130/99, de 27/08/1999, que define as normas para o credenciamento de docentes e pesquisadores que atuam em atividades de Pós-Graduação, do então reitor Hermano Tavares, define-se assim o Professor Pleno:

Artigo 1º - O credenciamento de docentes ou pesquisadores para atuarem em atividades de Pós-Graduação se dará exclusivamente nas denominações de Pleno, Participante ou Visitante, assim definidas:

I - Professor Pleno é aquele que atua no programa de Pós-Graduação de modo consistente em todas as atividades, isto é, orientando, ministrando disciplinas e contribuindo com sua produção acadêmico-científica ao conceito do curso;

II - Professor Participante é aquele que atua no programa de Pós-Graduação em atividade específica;

III - Professor Visitante é aquele que atua no programa de Pós-Graduação em atividade específica e por tempo limitado.

Para esse fim, a resolução complementa no 2º artigo, § 1; que “o credenciamento será efetuado de acordo com normas estabelecidas pela Comissão de Pós-Graduação, aprovadas pela Congregação de cada Unidade de Ensino e Pesquisa e estará sujeito a avaliação periódica por ocasião da apresentação do Relatório Trienal de Atividades”.

Os professores plenos são aqueles que cumprem todos os critérios e requisitos necessários para prestarem concursos internos, orientarem alunos, requererem verbas institucionais, etc Esses critérios são estabelecidos pela própria Unicamp, mas possuem uma flexibilidade gerida pelos departamentos, que determinam a produção mínima de trabalhos científicos e as atividades necessárias para manter o estatuto de professor da pós-graduação.

A escolha das áreas de concentração dentro de Programas de Pós-Graduação deveu-se ao fato que as práticas científicas estão condicionadas pelos objetos de estudo, pela hierarquia profissional de cada área de pesquisa,

aos métodos aplicados em cada uma dessas linhas de atuação. Assumimos que cada tipo de área é caracterizado por um número finito de procedimentos, atitudes, modos de fazer, regras e preceitos que a diferem de outras áreas de pesquisa. O conceito aqui é o de um “artesanato intelectual” – como propôs Mills (1969), ligado à uma tradição histórica e a um *modus operandi* específico a cada tipo de investigação, passado e ensinado na pós-graduação através do contato direto e contínuo entre os professores e alunos.

Do ponto de vista macrossocial e dentro da produção científica brasileira, a pós-graduação é o lugar por excelência da produção e renovação do conhecimento. Dados da Capes comprovam essa afirmação, se pensarmos que, nos últimos três anos, o Brasil passou de produtor de 1,5 % do conhecimento científico mundial em 2002 a 1,8 % em 2005. Isso aconteceu, pois aumentou muito o número de cursos e alunos na pós-graduação:

De acordo com o levantamento da Capes, cerca de 85% do total da produção científica nacional é realizada pela pós-graduação. O total de cursos de mestrado, doutorado e mestrado profissional aumentou de 2.311, em 2000, para 2.964, em 2004, e 3.325, em 2005. O número de cursos de mestrado, por exemplo, cresceu 12% de 2004 para 2005. Em 2003, a área de medicina ultrapassou a física na produção de artigos científicos. A medicina produziu 2.508 artigos e a física 2.204. Muitas dessas descobertas se transformam em benefícios para a sociedade em forma de medicamentos, por exemplo. O número de alunos da pós-graduação também subiu: de 96.618, em 2000, para 112.938, em 2004. Já o número de titulados cresceu de 23.708, em 2000, para 36.788, em 2004 (18,1 mil para 25,9 mil com mestrado, 5,3 mil para 8,8 mil com doutorado e 241 para 1,9 mil com mestrado profissional). Em relação ao número de instituições de ensino superior (IES) que oferecem cursos de pós-graduação, o balanço revelou um acréscimo de 16, entre 2003 e 2004 (de 394 para 409 IES) (Capes, 2005).

Assim constatamos a importância e a centralidade da Pós-Graduação como formadora de cientistas e obtenção do conhecimento dentro do universo acadêmico e de pesquisa brasileiros.

Esses Programas de Pós-Graduação conformam o próprio modo de recrutamento, seleção, atração, legitimação científica, formação de grupos menores e centrados na figura de alguns grandes pesquisadores, em suma, na forma da reprodução do quadro da instituição e do campo científico. Além disso, através desses Programas são selecionados os projetos – grandes ou pequenos, as alocações de verbas para pesquisa – tanto da instituição como de outras instâncias maiores de financiamento, e são agregadas, às vezes, equipes multidisciplinares. Dessa maneira, ao escolhermos áreas de concentração, esperávamos estar o mais próximo possível das práticas em si mesmas, e não como são divididas por departamentos dentro da instituição.

Elaboramos a Tabela 2, na qual selecionamos somente os professores plenos dos Programas de Pós-graduação, excluindo professores participantes e visitantes, e por área de concentração:

Tabela 2- Distribuição dos professores da Pós-graduação por área de concentração em valores absolutos e percentuais.

Programa de Pós-graduação	Val. Abs.	%	Amostra
<i>Área de Concentração</i>			
Clínica Médica	22	10,0	3
Cirurgia	12	5,5	1
Ciências Médicas	61	27,7	8
<i>Anatomia Patológica</i>	7	3,2	1
<i>Genética Médica</i>	8	3,6	1
<i>Neurologia</i>	13	5,9	1
<i>Oftalmologia</i>	5	2,3	1
<i>Otorrinolaringologia</i>	3	1,4	1
<i>Patologia Clínica</i>	18	8,2	2
<i>Saúde Mental</i>	7	3,2	1
Enfermagem*	21	9,5	-
Farmacologia	16	7,3	2
Fisiopatologia Médica	16	7,3	2
Saúde da Criança e Adolescente	21	9,5	3
Saúde Coletiva	21	9,5	3
Tocoginecologia	30	13,6	4
Total	220	100%	26

Fonte: Unicamp/FCM. Catálogo dos Cursos de Pós-Graduação 2005: *stricto sensu*. Campinas, 2005.

* O curso de Enfermagem constitui um caso a parte se levarmos em conta as suas especificidades e características, portanto não fez parte da população a ser estudada.

Desses 199 professores plenos (220 menos 21 da enfermagem) foram excluídos os catalogados em mais de um Programa de Pós-Graduação (em um total de 16), respeitando assim sua vinculação departamental de origem como a mais importante. A quantidade final de professores atingiu 183 profissionais. Foi retirada uma amostra informada por Programa de Pós-Graduação e, dentro desses, por área de concentração. Essa amostra foi estratificada por área de concentração, sendo escolhido o valor de 1/8 do total da população como a “amostra de conveniência ou informada”, como um número ideal. Esse total

representa uma “amostragem teórica”² de valor heurístico e é baseada na minha avaliação da relevância e importância dos pesquisados e calcada nas explorações teóricas e empíricas dos dados disponíveis. O valor absoluto da participação de cada área dentro da Pós-Graduação foi dividido por oito e arredondado para o inteiro mais próximo. O total encontrado foi de 26 pesquisadores, que constituíram a amostra informada, já incluindo, nesse total, as possíveis perdas e a reposição dos professores faltantes por algum motivo. Desse total foram entrevistados, finalmente, 17 professores plenos. O conteúdo das entrevistas foi reproduzido em suas partes mais significativas durante a construção da memória dos pesquisadores, resguardando a identidade dos pesquisadores: os nomes reais foram substituídos por outros fictícios, estes colocados no fim ou no início das transcrições, sem referência bibliográfica alguma.

Do total de 183 professores plenos em 2005, possuíam Currículos Lattes 175, com uma perda de oito professores sem esse elemento de análise quantitativa.

Escolhemos como campo de estudo a Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, e dentro dela, um grupo de pesquisadores que atua em quatro dimensões profundamente imbricadas e que é um forte motivo de enriquecimento desta pesquisa:

- Na pesquisa;
- No atendimento à população - extensão;
- No ensino de graduação e especialmente no de pós-graduação, onde se reproduz o quadro de pesquisadores e treinam-se os futuros cientistas de cada área.
- Uma última, pouco discutida, a administração da própria instituição, realizada completamente pelos próprios professores.

² Proposta por Anselm Strauss como o processo de coleta, codificação e análises baseadas na sensibilidade teórica do cientista (imerso em seu universo de pesquisa), controlado pela teoria que emerge da própria pesquisa (teoria emergente).

Dados os objetivos e o objeto, procuramos desenvolver uma metodologia apropriada já descrita e uma estratégia coerente como a que será explicitada a seguir.

Esquema geral

As tarefas centrais a serem desenvolvidas neste trabalho foram relacionar as práticas científicas dos intelectuais com seus *habitus* de grupo, através da análise de suas memórias coletivas e dos conteúdos históricos específicos, dentro de um espaço social institucional específico. Com o objetivo de bem realizá-las, realizaremos:

- Uma discussão dos pressupostos científicos que embasarão as análises das trajetórias dos grupos, partindo do ponto sobre o qual estabelecemos nosso ângulo de mirada, a sociologia da ciência e em especial o marco teórico de Pierre Bourdieu;
- Realizadas essas discussões, propomos nossa maneira de ver as abordagens de Bourdieu e como esse autor propôs o trabalho com histórias de vida e entrevistas qualitativas, como é o nosso caso; e também as conseqüências daí advindas em termo teóricos e metodológicos.
- Em seguida, como essa sociologia apreende a área da saúde - nossa inserção de pesquisa, e como a sociologia de Bourdieu poderia iluminar os objetos de análise e as questões que aí são fundamentais. Prestamos especial atenção nas propostas de Bourdieu sobre as Faculdades de Medicina no campo acadêmico.

Na parte empírica e de efetiva concretização de nosso estudo, faremos uma análise quantitativa das Plataformas Lattes e da base de dados SIPEX dos pesquisadores plenos e esboçaremos algumas variáveis estruturais da maneira de fazer ciência na FCM, em cada programa de pós-graduação.

Após esta análise quantitativa, que empreenderemos no capítulo II, faremos a análise das entrevistas realizadas. Esperamos traçar então uma “biografia coletiva”, capaz de dar coerência e sustentação ao conjunto da “memória coletiva” de todos esses pesquisadores e esclarecer as linhas mestras da constituição desses grupos de intelectuais. A técnica a ser utilizada será a da “reconstrução do sentido” das entrevistas, aliada e contraposta aos grandes indicadores quantitativos do campo.

Tanto a definição e a necessidade de uma biografia coletiva serão discutidas no decorrer deste trabalho. A idéia é primeiro aprofundar ao máximo os conceitos centrais da teoria de Bourdieu para em seguida extrair dessa análise teórica uma proposta coerente e propositiva de utilização do método do autor, adequada aqui ao entendimento das “trajetórias” dos pesquisadores da instituição.

No primeiro capítulo, procurei realizar um balizamento teórico da sociologia da ciência em suas linhas mais gerais e, especificamente, quanto ao tema que nos interessa mais diretamente, a sociologia dos intelectuais. Nosso objeto constitui uma fração desse grupo social, de qualquer maneira que definamos um grupo de intelectuais. A idéia que presidiu meu trabalho foi a de aprofundar a “teoria da práxis ou praxiologia” de Pierre Bourdieu com as dimensões do próprio objeto escolhido nessa tese, um grupo de intelectuais e cientistas.

Assim, uma parte deste capítulo está consagrada à relação do autor com a sociologia da ciência, procurando situá-lo dentro deste subcampo do conhecimento e em uma linha de enraizamento desse ramo teórico, sobretudo comentando dentro dessa linha os principais autores.

Uma segunda dimensão do objeto, a nosso ver, seria relativa aos conteúdos de vida narrados durante as entrevistas, ou seja, a subjetividade de cada pesquisador, e como esse material vivido deveria e poderia ser tratado. Constatei a ausência de uma metodologia específica e explícita em Bourdieu. Logo, procurei analisar com rigor suas propostas e suas obras quanto a esse

questo, as biografias, as histórias de vida, as trajetórias e a maneira de trabalhar com esses conteúdos. Mapeei e defini o que seria uma análise bourdieusiana das trajetórias e biografias, tanto em suas obras consagradas ao gênero - *As regras da Arte*, *A Miséria do Mundo*, quanto em artigos teóricos sobre esses modos de estudo - *A ilusão biográfica* (Bourdieu, 1986). Em seguida, construí uma proposta de análise desses materiais, com o concurso de outros autores, críticos ou não de Bourdieu, que nomeei “biografia coletiva de uma persona coletiva”, proposta essa baseada na centralização da atenção do pesquisador em “grupos primários”, com *habitus* e “trajetórias” parecidas. Por meio deste método, aliado a uma análise estrutural da entrevistas, espero ter utilizado um instrumento adequado na análise de meu material qualitativo empírico.

Uma terceira dimensão do objeto foi perseguida, quando recenseamos uma abordagem da saúde e da medicina na obra de Pierre Bourdieu, como aproximação de um método aplicável ao nosso objeto que pertence ao campo da saúde. A intenção foi vislumbrar na teoria de Bourdieu e seus colaboradores alguns apontamentos para um programa ou um esboço de uma teoria na saúde, capaz de estudar seus intelectuais, sobretudo os médicos. Partindo de suas propostas e pressupostos, delineamos a lógica de instituição das vanguardas da área médica, e propusemos uma interpretação adequada dessa lógica em nossa tese.

Por fim, fechei este primeiro capítulo com um esboço de uma fundamentação histórica para o estudo de uma instituição da área médica, como também para o estudo da institucionalização de uma área acadêmica como a saúde coletiva no panorama intelectual brasileiro. Passei em revista uma pequena história dos intelectuais médicos e dos cientistas sociais dentro do panorama brasileiro, a criação da sociologia como disciplina universitária e a posterior conjunção dessas duas ciências dentro da área médica, refundindo-se na chamada “saúde coletiva”. O esforço foi delinear algumas linhas centrais, sem, é claro, esgotar ou sequer aprofundar completamente o assunto.

No Capítulo II, procurei situar a FCM dentro do campo acadêmico brasileiro e as mudanças mais relevantes ocorridas dentro da instituição, desde sua fundação aos dias atuais, para a seguir realizar a análise quantitativa proposta, com o escrutínio das Plataformas Lattes dos professores plenos da pós-graduação, como forma de contrapormos os conteúdos quantitativos - marca das medições ortodoxas da produção científica mundial, aos conteúdos qualitativos analisados. Nesse ponto, analisei os dados mais pertinentes que surgiram e que sugeriram um questionamento *vis-à-vis* à qualidade.

No capítulo III, realizei o que chamei de “biografia coletiva”, recodificando e restituindo os conteúdos das entrevistas, procurando dar voz e vez ao que me foi relatado pelos pesquisadores, suas agruras e suas delícias. Na construção dos dados qualitativos, algumas entrevistas foram consideradas exemplares e seus conteúdos foram transcritos no corpo desta tese; outras não aparecem, mas foram consideradas como um *corpus* qualitativo representativo de cada grupo estudado. Procurei restituir os pontos de vista e as posturas mais importantes dos entrevistados, suas memórias em relação à formação das vanguardas, para que esse conteúdo pudesse ser também compreendido por aqueles que o lêem nesta tese. Posteriormente, procurei discutir essas memórias coletivas dentro do quadro teórico proposto como fundamento deste trabalho.

Por fim, nas Considerações Finais, inseridas na Conclusão, procurei realizar a síntese de todo esse esforço e ressaltar os pontos mais importantes encontrados, à luz das teorias e discussões propostas desde o início desse percurso, comparando os resultados encontrados nos números, na história formal da instituição e na memória daqueles que viveram essa história e produziram esses números.

CAPÍTULO I- Fundamentação Teórica

Intelectualmente, essas escolas representam abdições da ciência social clássica. O veículo de sua abdicação é a superelaboração pretensiosa do 'método' e 'teoria'; a principal razão disso é a falta de ligação firme com problemas substantivos. A grande teoria seria uma tendência menor entre os filósofos – e talvez alguma coisa que os jovens acadêmicos têm que conhecer. O empirismo abstrato seria uma teoria para os filósofos da ciência, bem como um acessório útil entre os diversos métodos de pesquisa social. Se não houvesse senão essas duas, existindo supremas de lado a lado, nossa condição seria realmente triste: como práticas, porém, podem ser compreendidas como uma garantia de que não aprendemos muito sobre o homem e a sociedade – a primeira pelo obscurantismo formal e enevoado, a segunda pela ingenuidade formal e vazia.

Wright Mills, *A imaginação sociológica*, 1969, p. 85.

Introdução

Nesse momento, a intenção é delinear as três grandes linhas de força deste trabalho, partindo do pressuposto de que o nosso marco teórico é a *praxiologia* de Bourdieu e sua sociologia nomeada “construtivismo genético”.

Nosso objeto está inserido na área da saúde, dentro da ciência e apóia-se na subjetividade dos agentes que atuaram como vanguarda ou velha-guarda em um determinado momento histórico. Explico melhor: os intelectuais desta instituição estão ligados à medicina, mesmo que não sejam todos professores plenos, são pesquisadores e produzem o que se convencionou chamar de ciência, pois integram o mundo acadêmico e ainda recontaram suas histórias de vida ou suas trajetórias profissionais e pessoais.

Por isso, resolvemos estudar a teoria de Pierre Bourdieu em relação a essas três grandes potências heurísticas, a saber, a **sociologia da ciência**, a **sociologia da saúde** e a sociologia “**centrada na análise dos sujeitos - biografias ou histórias de vida**”. Compreendendo as possibilidades e as limitações da teoria do autor, pudemos entender as possíveis fragilidades e dificuldades de nosso próprio trabalho e assim abrimos uma vereda que resolvesse nossas dificuldades.

Em primeiro lugar, fizemos uma análise das posturas do autor em relação aos seus antecessores e os diálogos que ele estabeleceu com os principais autores que tematizaram a ciência como objeto de estudo. Fizemos uma pequena revisão dessa árvore genealógica em termos teóricos e procuramos nela situar a teoria da *práxis*.

Seguindo a narrativa, analisamos as incursões de Bourdieu na área médica e na arena da saúde. Nossa intenção foi a de mapear e sugerir algumas possibilidades teóricas abertas pela sociologia de Bourdieu e apreender a mesma possibilidade dentro de nossa perspectiva, a de uma instituição na área médica.

Por fim, como proposta a ser implementada nesse estudo, relacionamos e estudamos a abordagem do autor das chamadas “biografias” ou narrativas autobiográficas, e o que ele convencionou chamar de “trajetórias ou trajetórias coletivas”. Partindo de suas próprias obras e expandindo pouco a pouco o leque de possibilidades teóricas, propomos a idéia de “biografia coletiva” de um “grupo primário”, encarnada em uma “persona coletiva”.

Isto posto, voltaremos ao material empírico e realizaremos a proposta desenhada.

Pierre Bourdieu e a Sociologia da Ciência

O discurso da ciência só parece desencantador para aqueles que têm uma visão encantada do mundo social.

Pierre Bourdieu. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.1, 1975.

Sociologia da Ciência: autores centrais

Um dos primeiros, senão o primeiro grande pensador dentro das ciências sociais, a buscar entender as relações entre a ciência e a sociedade como um todo foi Max Weber e, através desse autor, faremos nossa primeira aproximação teórica ao tema da ciência, e buscaremos situar o marco teórico deste trabalho que se compõe também através de outros autores como Merton, Kuhn e Bourdieu, centrais nessa discussão.

Dentre os fundadores da sociologia, Weber foi, sem dúvida, o mais pessimista quanto ao futuro do mundo moderno e, ainda assim, seus pesadelos estavam muito aquém do desenvolvimento sombrio do capitalismo ocidental e suas conseqüências, pois parece que nunca estivemos mais perto de um *desencantamento do mundo* tão explícito e generalizado. Para o autor, as sociedades modernas teriam “comido do fruto do conhecimento” (apud Cohn, 1986) e inexoravelmente tornar-se-iam racionais, racionalizadas, vítimas da lógica pura da razão e, portanto, inumanas e sem lugar para o “espiritual”, o sublime, o belo e o estético, em suma, o mundo dos valores absolutos. Assim, “(...) os ideais mais elevados, que mais fortemente nos comovem, somente atuam no combate eterno com outros ideais que são tão sagrados para outros quanto os nossos para nós” (apud Cohn, 1986, p.21).

Para Weber, a existência de algum grau de relativismo quanto ao sentido dado pelos pesquisadores a seus atos é a condição definidora do próprio ponto de partida da ciência, baseada em valores. Ainda, após a aplicação de um “método objetivo” como meio de análise da realidade, devemos retornar aos valores e à significação desses dados objetivos dentro da cultura, assumida como ponto de partida (Weber, 1982).

Num mundo em que a crise de valores está instaurada, a ciência, apesar de toda a crítica de Weber, passou cada vez mais a fornecer os meios de estabelecer princípios que norteiam a ação do homem: ela cria novos símbolos e os difunde, influenciando diretamente a maneira como o homem vê a si mesmo e

ao mundo. Dizer que a ciência assume as pretensões de fonte explicativa do mundo significa afirmar seu caráter ideológico, no sentido mais geral do termo. Restariam, então, duas possibilidades ao homem de ação weberiano: a primeira, assumir a política como vocação e agir de acordo com um *ethos* de responsabilidade, buscando alterar e agir o mundo dos homens; uma segunda, aceitar a vocação da ciência e apesar dos valores, buscar a explicação racional do mundo, seguindo um *ethos* de convicção (Weber, 2003). O conceito de *ethos*, de origem grega, significa o conjunto dos costumes, o caráter ou a Moral (*Dicionário de Latim-Português*, 1997). No caso em questão, engloba uma visão de mundo dos cientistas, o modo como eles concebem sua prática e o modo como definem a ciência.

Para aprofundar essa discussão sobre valores na ciência e sobre a vocação, inserimo-nos em uma moderna linha de investigação que pode ser chamada de sociologia da ciência, e que, por sua vez, faz parte de uma tradição discursiva e analítica mais ampla, nomeada sociologia do conhecimento. Essa tradição tem profundas raízes e está imbricada com a linha de raciocínio que sempre buscou entender as origens do saber humano e o papel exercido pela ciência dentro das sociedades humanas. Nesse ponto, adentramos firme e finalmente o terreno da sociologia do conhecimento, sociologia preocupada em discernir as relações entre o saber humano e as estruturas sociais. Já antiga, esta sociologia acompanha o próprio surgimento das ciências humanas e, a rigor, é a base de toda a busca do conhecimento humano. Enquanto disciplina, é uma especialidade alemã e francesa, cujas tradições são bem estabelecidas.

Karl Mannheim

Essa sociologia das obras, sejam elas artísticas ou científicas, teve uma continuidade lógica após a proposta weberiana, na obra de Karl Mannheim. Preocupado em esboçar uma sociologia do conhecimento, elaborou um método para o estudo das idéias, relacionando-as aos contextos sociais de seu surgimento. Um objetivo central da sua sociologia era o de “lançar luz sobre a questão de como os interesses e os propósitos de determinados grupos sociais

vêm a encontrar expressão em certas teorias, doutrinas e movimentos intelectuais” (Mannheim, 1976).

Ele buscava entender as raízes históricas e sociais do que se define como intelectual. Mannheim estabelece uma linha de estudos em torno da prática e o tipo de origem daqueles que se propõem a pensar as sociedades e a relação dos homens com as mesmas. Para ele, uma ideologia era uma interpretação sobre um momento histórico que não resulta de experiências concretas e reais, mas sim um tipo de conhecimento idealizado e desligado da realidade que visa mascarar a situação de fato e que age restritivamente sobre o indivíduo. Tanto a ideologia como a utopia são uma espécie de falsa consciência, mas a primeira é ligada ao passado e exerce a função de conservação social enquanto a utopia olha o futuro e exerce uma influência revolucionária:

Limitando o sentido do termo utopia a este tipo de orientação que vai além da realidade e que, ao mesmo tempo libera as amarras da ordem existente, nós estabelecemos uma distinção entre os estados de espírito utópicos e ideológicos. Podemos nos orientar para objetos que são estranhos à realidade e que ultrapassam a existência real, e não obstante permanecer ainda atuantes na realização e manutenção do estado atual das coisas. (...) Uma tal orientação em desacordo não se torna utópica a não ser que tendesse a romper as ligações da ordem existente (Mannheim, 1976).

Para Mannheim, em todas as formas societárias sempre existiu “uma camada mais orientada para o que chamamos o domínio do espírito”, e nas sociedades modernas os intelectuais atingiram um ponto do processo histórico no qual suas raízes e ligações com as camadas sociais de origem estão em vias de desaparecimento, pois em sua análise a utopia foi banida da política, e os intelectuais, até então encarregados das idéias utópicas, foram liberados dessa função. Esse pequeno grupo de pessoas que “se interessam a outra coisa que ao sucesso no plano da competição que visa substituir o estado atual”, estarão condenados à liberdade:

Os intelectuais serão, eles também, liberados das ligações sociais tão logo a camada mais oprimida da sociedade vier a dirigi-la. Somente os intelectuais que não têm nenhuma ligação social, serão, mais que hoje em dia, recrutados, em maior proporção, em todas as camadas sociais, e não mais unicamente nas mais privilegiadas. Este setor dos intelectuais que se separa mais e mais do resto da sociedade e que é deixado as suas expensas, encontra-se colocado, sob um outro ângulo, na presença da situação que viemos de caracterizar: situação total tendendo a desapareição completa da tensão social (Mannheim, 1976, p.112).

A proposta de intelectuais sem raízes, desligados e desobrigados socialmente foi duramente criticada, e na realidade prática, os espaços nos quais existe a autonomia absoluta nas escolhas dos percursos das pesquisas e da atuação intelectual são cada vez mais perigosamente exíguos. A autonomia da ciência torna-se progressivamente relativa.

Essa questão do papel dos intelectuais e de sua posição na sociedade lembra-nos, em muito, aquela discutida por Gramsci, pois para ele era extremamente importante compreender como se formam e atuam os intelectuais.

Dialética e sociedade: Gramsci, intelectuais e cultura.

No mesmo período, ele propunha uma visão em alguns pontos parecida com a de Mannheim quanto aos tipos de intelectuais, mas suas conclusões são diametralmente diferentes.

A passagem de intelectual universal a específico proposta por Foucault (Foucault, 1988, p.9) remete, em muitos aspectos, àquela já extensamente teorizada em Gramsci em *Os intelectuais e a organização da Cultura* (1978b) onde discute suas posições acerca dos intelectuais sobretudo no que tange à sua definição e formação, em seguida ao seu caráter como organizadores da sociedade.

A preocupação em repensar a relação entre a teoria e a prática, ou o engajamento político, surge inevitavelmente na obra desse autor, após o fracasso do movimento operário italiano no qual tivera grande participação. Gramsci busca repensar as instâncias simbólicas da dominação e percebe com grande lucidez que as chaves do entendimento da inércia e do conservadorismo das massas proletárias estavam ligadas à reprodução da dominação dentro do senso comum, em resumo, à cultura social.

Na sua concepção teórica, é central o conceito de “bloco histórico”, que representa a totalidade concreta da sociedade através das relações dialéticas entre estrutura cultural e estruturas econômicas. Nela emerge uma valorização das superestruturas como fator relevante na interpretação do mundo, pois a autoconsciência de uma classe está ligada à construção, a partir da *práxis*, de uma concepção teórica advinda dos intelectuais.

Por esses motivos dentre outros, Gramsci propôs em seus trabalhos tanto uma valorização das experiências tradicionais da população, e especialmente dos operários, como dos pensadores que surgem dos movimentos dialéticos entre a *práxis* humana e o pensamento sobre essa prática. No primeiro caso, temos o conceito de “bom senso”, e no segundo, o “intelectual orgânico”.

O que determinaria o intelectual seria sua inserção na sociedade produtiva. Assim, cada estrutura produtiva engendra suas próprias categorias de intelectuais “orgânicos” ligados a setores fundamentais de seu funcionamento. Dessas premissas gramscianas, infere-se que os intelectuais não formam uma classe em si, mas exercem uma função em relação a outras classes sociais, sobretudo servindo aos grupos dominantes que controlam o mundo produtivo.

Essas novas categorias históricas de intelectuais encontram outras já encravadas na sociedade e que mantêm uma continuidade de sua atuação no corpo social, categorias tradicionais e de certa forma atemporais por sua continuidade histórica. Seus integrantes acabam por interpretar-se como independentes dentro de sua comunidade.

Esse processo de formação dos intelectuais é histórico e eles não constituem uma classe autônoma e independente, nem homogênea e transparente. Para Gramsci, rigorosamente nada distingue um homem como intelectual. A não ser, como diria Fernando Pessoa, o fato de estar doente dos olhos.

O conceito de intelectual em Gramsci traz latente a idéia de consciência de classe, entendida em suas gradações ou com um sentido universal de “visão de mundo” (Lukács, 1989). A existência embrionária da intelectualidade em todo ser humano, embutida na constatação de que toda atividade humana gera algum tipo de conhecimento significa uma valorização humanista do homem e o coloca como agente central de sua própria história e de sua sociedade. Na realidade nem todos os indivíduos atuam como intelectuais e nem todos estão fadados a atingir um elevado grau de consciência, ou seja, transitar de uma “consciência em si” para uma “consciência para si”.

Se o mundo produtivo gera a alienação nos indivíduos, remetendo-os à condição de massa, cria também as condições, através do trabalho, para o surgimento de uma consciência de classe em pessoas capazes de lutar contra a dominação a qual estão sujeitas. Determinadas condições materiais e relações sociais de um grupo traduzem-se em uma específica visão de mundo que acaba apropriada pelos indivíduos, mas somente alguns atingem plenamente essa consciência de classe. Essa conscientização particularizada só pode ser explicada se levarmos em conta o papel da subjetividade pessoal, uma certa desviância idiossincrática em relação ao grupo, pois somente uma parcela tornar-se-ia de intelectuais orgânicos. Isso lembra em muito a idéia em Bourdieu de um *habitus* individual em desacordo com o *habitus* de classe, o que gera a possibilidade de inovações na sociedade.

Em seu filme “Viver” (Ikiru), de 1952, Akira Kurosawa mostra limpidamente esse processo de ruptura entre um trabalho mecânico e uma tomada de consciência social, através da descrição da trajetória de um burocrata de 60 anos, após a revelação de sua morte próxima em razão de um câncer. Sua

personagem elabora e executa o plano de um jardim público, uma necessidade não atendida pelas instâncias burocráticas da qual faz parte, lutando pela realização desse desejo coletivo: atua assim de forma específica e relacionada ao seu meio social.

Essa passagem de um tipo de consciência a outro aconteceria principalmente no campo político e das ideologias, de outra maneira, no campo da cultura. A instituição, por excelência, que atua na sociedade, objetivando a formação dos intelectuais, é o sistema educacional. Isso é comprovado pela sua grande extensão e propagação nas sociedades capitalistas, na qual é necessária ao mundo produtivo e ligada a cada ramo industrial de forma especializada. Nesse ponto sua teoria enfatiza a escola como um importante ponto de apoio do surgimento de intelectuais dirigentes, da mesma forma como propusera Durkheim em seus trabalhos, que se viram retomados por Pierre Bourdieu, também um grande teórico da socialização pelas instituições reprodutoras do mundo escolar.

Assim, só o capital dá acesso ao conhecimento, inclusive sobre ele mesmo. Conforme Gramsci, “a tendência democrática não está em qualificar um operário manual mas em que a sociedade coloque cada cidadão em condições, mesmo que idealmente, de tornar-se um governante” (Gramsci, 1978b, p.137). Se nas sociedades ocidentais modernas, o sistema universitário tornou-se o espaço de formação dos intelectuais, isso ocorreu por conta de uma profissionalização crescente de seu papel nas sociedades.

Gramsci (1978a) aponta que eles travam uma guerra ideológica no campo das superestruturas, sobretudo entre os que defendem visões de mundo diferentes. Essa disputa visa à consolidação de um novo consenso dentro da sociedade civil que possibilitaria a alteração do Estado. Caberia então ao pensador centrar-se no combate aos teóricos centrais que se opõem às suas idéias, tomadas e confrontadas com as realidades sociais.

A configuração das sociedades posterior às teorias de Gramsci, sobretudo nos países europeus, parece comprovar suas idéias. O peso cada vez mais acentuado do mundo cultural, atestado pelo desenvolvimento extraordinário

dos meios de comunicação de massa e da indústria cultural, parece atuar como elemento fundamental na alienação, controle e submissão das classes subalternas às classes dominantes (Ortiz, 1989).

No mundo contemporâneo, a indústria cultural assume proporções inauditas e torna-se um centro irradiador de ideologias muito mais potente que os discursos avulsos dos próprios intelectuais, pois atua de maneira avassaladora nas sociedades. Estando enraizada tanto no mundo econômico quanto no campo das superestruturas, representa a síntese perfeita entre ambos.

Assim, *grosso modo*, os intelectuais partilham e participam do aparato organizador e coercitivo representado pelo Estado ou sociedade política. Para Gramsci, são instrumentos de propaganda da ideologia da dominação cuja disseminação leva ao consenso dentro da sociedade civil e exercem o governo político a soldo do grupo hegemônico, reprimindo as ideologias e as ações desviantes da política do Estado. De qualquer modo, o intelectual revolucionário continua uma figura nada hegemônica nas sociedades modernas.

Dessa digressão, podemos concluir que a teoria gramsciana de um intelectual orgânico guarda grandes afinidades com a concepção de Foucault de um intelectual específico: um intelectual ligado a setores determinados da sociedade, portador de um conhecimento aprofundado sobre um conjunto de micropoderes regionais e assim capaz de uma atuação local. E ambas as propostas opõem-se fortemente ao que Mannheim vislumbrava como o panorama futuro dos intelectuais.

Essas preocupações iniciais quanto à origem e o papel dos intelectuais, isto é, dos cientistas em geral, acabaram por fundar uma disciplina específica que se propõe a tarefa de entender os grupos sociais que velam por esse universo de saberes e como esses grupos realizam suas práticas.

Dentro dessa sociologia, estamos nesta tese situados no subcampo denominado sociologia da ciência, que pode ser definida, dentre outras maneiras, como aquela que “estuda os modos pelos quais a pesquisa científica e a difusão

do conhecimento científico são influenciadas pelas condições sociais e, por seu turno, influenciam o comportamento social” (Ben-David, 1970). Em suma, a análise das determinações sociais que influem na maneira como se constitui o empreendimento científico e nas condições em que ele se realiza.

A sociologia das ciências é uma disciplina relativamente recente e com diversas vertentes teóricas, mas uma boa aproximação geral à disciplina e que fornece uma chave explicativa interessante é a caracterização de duas correntes principais na chamada “science war”, realizada por Therry Shinn e Pascal Ragouet (Shinn e Ragouet, 2005).

Uma primeira, que denuncia o caráter de tecnociência e de instrumentalidade do mundo científico em relação ao moderno capitalismo, sua docilidade ao fornecer instrumentos de dominação e de exploração da natureza; esse tipo de ciência seria infenso ao controle das sociedades, deveria perder grande parte de sua imensa autonomia, pois, no fundo, é produtora de verdades parciais e diretamente ligadas aos interesses em jogo. Esse tipo de sociologia “antidiferencionista” combate diretamente o caráter de exclusividade do saber científico, propondo formas tradicionais ou novas formas de conhecimento como perfeitamente legítimas. Nega que a ciência seja “um campo social dotado de um certo nível de integração: as noções de disciplina e de especialidade são largamente criticadas e desaparecem em benefício daquela de rede, capaz de melhor descrever a realidade da produção científica e a extrema plasticidade de seu contexto” (Shinn e Ragouet, 2005, p.10). Ainda, a ciência deixa de ser um espaço social diferenciado e dotado de autonomia.

De outro lado, uma sociologia “diferencionista”, concede e postula que a sociedade influi no tipo de ciência realizada e possui um caráter restritivo, mas não consegue interferir diretamente nos conteúdos racionais da ciência que, ao longo do tempo, acabam por prevalecer ou por sobressaírem. Eles defendem que “a ciência é um modo de conhecimento epistemologicamente diferente dos outros modos de apreensão da realidade” (Shinn e Ragouet, 2005, p.9).

O principal representante da segunda corrente foi, sem dúvida, Merton e suas análises funcionalistas.

Se existe de fato a figura daquilo que chamamos, normalmente, de fundador de uma disciplina, podemos afirmar que Merton foi o sociólogo que plantou as bases e os fundamentos teóricos de todo um programa de estudos e de pesquisas empíricas de um ramo disciplinar conhecido atualmente como *sociologia das ciências*. Como salientam Shinn e Ragouet (2005, p.15), mesmo que hajam outros precursores a tratar sobre ciência, foi Merton e “seu arsenal conceitual, sua terminologia e seu programa de pesquisa que se tornaram emblemáticos e centrais durante muitas décadas , tanto nos EUA como na Europa”.

Segundo Ben-David (1970), Merton foi o primeiro sociólogo a conceituar adequadamente, em termos de variáveis macrossociológicas, as relações entre sociedade e ciência, centrando suas análises sobre as influências recíprocas entre as duas.

Para Merton, após a Primeira Guerra Mundial e no contexto dos conflitos internacionais, era muito importante entender o novo papel do desenvolvimento científico à luz das características políticas e sociais dos países: seria o autoritarismo (fascismo, comunismo) uma força cerceadora do desenvolvimento da ciência e a democracia um ambiente propício e adequado a esse empreendimento? Tanto antes como após a Segunda Guerra Mundial essa questão sempre foi importante nas teorias de Merton, que sempre respondeu afirmativamente a ambas as questões.

Para demonstrar suas teorias, Merton realizou um estudo capital ainda com 28 anos de idade, em sua tese de doutorado intitulada *Science, Technology and Society in Seventeenth Century England*. Nessa tese, ele consegue estabelecer hipóteses tanto quanto a origem da ciência nas sociedades ocidentais, quanto discernir as primeiras análises propriamente sociológicas sobre a prática científica (Merton, 1970).

Como bom funcionalista, seu interesse principal recai sobre o processo de institucionalização das ciências e as causas principais do processo de criação das instituições científicas e de sua organização. Seguindo a influência weberiana, mostra que apesar de não ser um fator indispensável no surgimento das ciências, a religião, e no caso, o puritanismo exerceu um papel importante no desenvolvimento de uma profissão intelectual ligada à prática social que veio a ser caracterizada como científica, ou seja, uma profissão específica com regras e uma tradição diferenciada em relação ao resto da sociedade. Como em Weber, é sublinhada aqui uma ética protestante que favoreceria o esforço científico: a idéia do trabalho e do esforço como bases de uma ética cristã puritana, bem como a visão da natureza como uma manifestação de Deus, seriam requisitos a favorecer a empreitada científica.

Além disso, nesse trabalho mostram-se as grandes mudanças sociais que favoreceram, na Inglaterra, o surgimento de uma classe média que investia no estabelecimento de uma série de profissões, dentre elas a de cientista. Ao mesmo tempo em que são criadas instituições devotadas a esse novo campo social, sobretudo as Academias de Ciências, como a *London Royal Society* em 1662, e diversas outras na Europa, é criada a profissão científica com suas regras, saberes, normas e enfim, uma ética e um *ethos*. Ao mesmo tempo, as transformações econômicas, que demandam novas tecnologias e técnicas, exercem um papel de estimular a busca de novos conhecimentos aplicados.

A importância da institucionalização da ciência para Merton está ligada à sua proposta de estudo das condições sociais de progresso do conhecimento. Se essa nova profissão, essas novas instituições e esse novo papel dos cientistas foram possíveis, naquelas condições, deve-se esperar que o ambiente da sociedade Inglesa favoreceu a prática da ciência ao promover uma independência ou autonomia da comunidade científica em relação ao poderes, por assim dizer mundanos, aos poderes temporais sujeitos a interesses diversos e específicos de grupos.

Essas novas instituições “permitiram o surgimento de comunidades científicas nas quais se puderam desenvolver normas e práticas específicas”, através de “critérios de certificação científica e de validação”; comunidades nas quais, progressivamente, criou-se uma *ethos* característico (Shinn e Ragouet, 2005, p.20).

De novo em um clássico texto de Merton, o autor define a prática científica através de um *ethos* que engloba algumas características essenciais que, ao mesmo tempo um resultado da ação dos cientistas, são uma espécie de mandamentos éticos da profissão (Merton, 1970). O primeiro, o “universalismo”, corresponde à idéia de que a verdade independe dos interesses, desejos e vontades dos cientistas, e está ligada a critérios de validação gerais. O segundo, o “comunismo”, a idéia de que a ciência é um bem comum à humanidade, pública, cujos resultados são divulgados livremente a todos e partilhados publicamente. O terceiro, o “desinteresse”, ligado à busca do conhecimento pelo conhecimento, sem lançar mão de interesses externos à ciência ou à busca de benefícios pessoais e particulares somente. Por fim, o “ceticismo organizado”, uma norma de comportamento que faz com que os cientistas exerçam uma crítica sistemática e uma vigilância contínua em relação às teorias e aos trabalhos dos colegas, verificando e analisando seus resultados, propostas e sua ligação ao conhecimento já existente.

O trabalho de Merton, ainda que muito criticado, posteriormente, conseguiu fazer uma ligação entre a sociologia da ciência das décadas de 20-30 e a mesma sociologia no pós-guerra, onde surgiria a figura de Parsons e de muitos outros pesquisadores (Ben-David, 1970).

Diversos autores aprofundaram as análises de Merton e participaram desse programa de pesquisas, e o próprio Ben-David ocupou um lugar central. Ele alinhou-se em torno do programa inaugurado por Merton e investiu nos estudos em torno da institucionalização das ciências ocidentais.

Nesse segundo período, a sociologia da ciência profissionaliza-se na mesma medida em que a ciência tece estreitas relações com as políticas estatais e ganha imensamente em prestígio. Para Ben-David, a sociologia da ciência no pós Segunda Guerra Mundial caracteriza-se por três pontos:

- Abandono dos esforços em explicar, sociologicamente, os conceitos e teorias da ciência em prol da explicação da atividade científica e como ela é organizada,
- Uma crescente ênfase no ponto de vista comparativo, dentro do contexto social mais amplo,
- Surgimento de estudos de tipo interacional, centrados em equipes científicas, disciplinas e comunidades científicas em geral.

Merton ocupou um lugar de destaque na sociologia das ciências, postulando a separação entre o que a sociologia era capaz de desvendar, a saber, as ligações entre as formas institucionalizadas do conhecimento e a sociedade, e tudo aquilo ao qual era vedado o acesso à sociologia, os conteúdos cognitivos, racionais e lógicos da prática científica, ou seja, a epistemologia da ciência.

Justamente a epistemologia ficou a cargo da corrente chamada de empirismo lógico, que restringia o conceito de ciência aos conteúdos radicalmente verificáveis de forma concreta e direta. Tudo o que fugia a essa verificação empírica era relegado a uma metafísica não científica (Nadeau, 1994).

No entanto, um autor, dentro da chamada filosofia da ciência, que vai de encontro a essa linha de análise é Thomas Kuhn (2001), para muitos um aglutinador de todo um conjunto de trabalhos de filosofia de ciências que deu abrigo a questionamentos e anomalias que o empirismo lógico e a epistemologia tradicional não davam conta. Se empregarmos a terminologia de Kuhn, podemos pensar que a sua teoria constitui-se em um novo paradigma que impõe uma maneira nova de pensar a ciência e de explicar o acúmulo de questões não enfrentadas pela filosofia em curso na época.

Para muitos, sua posição como intelectual é a de um autor no cruzamento de novas e velhas teorias, que deveu muito de sua repercussão ao momento em que propôs seu trabalho e uma certa ambigüidade interna a seus trabalhos (Shinn e Ragouet, 2005, p.64-66).

A obra de Kuhn (2001), *A estrutura das revoluções científicas*, surgida em 1962, é um marco histórico dentro da chamada sociologia das ciências, pois com ela rompeu-se definitivamente com a epistemologia que investigava a ciência a partir de sua lógica interna e autônoma.

Nela Kuhn propõe que toda ciência passa por um período pré-paradigmático, onde “diversas escolas competem pelo domínio de um campo de estudos determinado”. Esse período é substituído por outro, pós-paradigmático, quando “começa então um tipo mais eficiente de prática científica” que é “esotérica e orientada para a resolução de quebra-cabeças” (Kuhn, 2001, p.222-223). Essa passagem de um período a outro ocorre através de revoluções científicas, causadas por um acúmulo de exceções científicas e desvios não explicados pelo paradigma dominante, o que termina por criar um período de crise. Nesse ponto crítico, é possível vislumbrar uma queda e substituição do paradigma dominante por outro, cujo modelo explicativo abarca e soluciona o montante das exceções e dos problemas. A imagem, utilizada por Kuhn como uma metáfora dessa passagem entre um universo de crenças a outro, foi a clássica figura ambígua do pato-lebre de Jastrow, ilustrado de diversas formas, como a seguinte:



Figura 1- Pato-lebre de Jastrow

Dependendo da forma como olhamos, passamos de um paradigma que regia uma “ciência normal” a outro que coloca novas formas de ver o mesmo objeto. Ainda mais, a interpretação do que é visto não depende do conteúdo em si do objeto olhado, mas da forma pela qual o olhamos.

Uma segunda constatação, o resultado desse processo investigativo pelo olhar depende do tempo e da duração do olhar. Após um primeiro momento onde exploramos todas as possibilidades de apreciação, nosso aparelho cognitivo busca e procura novas facetas da mesma imagem; e já não basta constatar a existência do pato, procuramos e encontramos a lebre, o que transforma o resultado às vezes sem alterar os métodos e os instrumentos utilizados na busca. Essa dinâmica é estudada no âmbito da fenomenologia e das ciências cognitivas.

Kuhn descreve esse processo da seguinte forma:

As bem conhecidas demonstrações relativas a uma alteração na forma (Gestalt) visual demonstram ser muito sugestivas, como protótipos elementares para essas transformações. Aquilo que antes da revolução aparece como um pato no mundo do cientista transforma-se posteriormente num coelho (2001, p.146).

Como afirmou George Ritzer (1975), o próprio conceito de paradigma proposto por Kuhn ultrapassou em muito seu objetivo inicial e chegou a englobar quase tudo o que se relaciona a uma dada comunidade científica: crenças, valores, técnicas, práticas. Aliás, o próprio Kuhn admitiu a vastidão e a elasticidade de seu conceito, que outros pesquisadores constataram ser usado com mais de 22 sentidos diferentes (Kuhn, 2001, p.226).

Posteriormente, na segunda edição de sua obra, já em 1970, com a intenção de responder às críticas à sua teoria e de restringir sua definição, Kuhn propõe uma nova definição, igualando paradigma a modelo. Em seus termos:

Soluções concretas de quebra-cabeças que, quando empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como uma base para a solução dos remanescentes quebra-cabeças da ciência normal (Kuhn, 2001, p.218).

Para Kuhn, um paradigma seria uma “matriz disciplinar”, um conceito que engloba toda a constelação de crenças, valores, técnicas, teorias, enunciados, valores, visões de mundo dos pesquisadores de uma dada comunidade científica. Para ele “disciplinar” significa uma moeda corrente de conhecimentos, um *corpus*, por parte dos especialistas de uma disciplina específica, e “matriz” os elementos do conhecimento que são ordenados de diferentes modos, em diferentes configurações, de modo a poderem ser estudados detalhada e separadamente.

Nesse sentido utilizado por Kuhn, o paradigma retoma a posição de Kant e a definição estrita de ciência presente na filosofia kantiana, na qual a ausência de um consenso significa que determinados saberes encontram-se na pré-história da ciência:

“Quando se torna igualmente impossível aos diversos colaboradores porem-se de acordo sobre a maneira como o objetivo comum deve ser perseguido: então se pode estar sempre convicto de que um tal estudo acha-se ainda bem longe de ter tomado o caminho seguro de uma ciência, constituindo-se antes um simples tatear; (...)”
(Kant, 1996, p.35).

Não só a obra kantiana influenciou fortemente a concepção moderna e racional de ciência, como está fortemente presente nas definições atuais da mesma, como a teoria de Thomas Kuhn. Na sua obra, a proposta de um consenso em torno de um paradigma por parte de uma “comunidade científica” é crucial, pois se coloca, a partir de seus trabalhos, a questão de compreendermos como a comunidade modela a conduta dos agentes e as próprias mudanças periódicas deste paradigma, através de revoluções descontínuas. Esses fatores, não exatamente epistemológicos, oferecem uma resistência poderosa à mudança de paradigmas.

Na ciência cotidiana, obtido um determinado paradigma, os pesquisadores não o questionam e, portanto, não necessitam colocá-lo à prova constantemente. Somente nos períodos de “crise paradigmática”, depois de

inúmeras “anomalias” ainda inexplicadas acumularem-se, podem surgir novas propostas que passam a concorrer com o paradigma dominante, mas por curtos períodos e de intensas mudanças. Nesse momento, não bastam os argumentos epistemológicos e científicos, pois Kuhn postula a “incomensurabilidade” das duas tradições em luta, ou seja, da incapacidade dos cientistas de avaliar corretamente, no momento de crise, os valores em jogo numa batalha pela hegemonia. Os adeptos dessas tradições diferentes trabalham em mundos diferenciados e possuem visões de mundo díspares, procuram solucionar problemas colocados em níveis lógicos desiguais. Na nova tradição de pesquisa, os mesmos instrumentos cognitivos são utilizados no intuito de resolver novos problemas e a comunicação com os partidários da ortodoxia não estabelecem uma relação entre os dois momentos.

No fundo, o grande mérito de seu trabalho foi mostrar que há uma série de fatores culturais, sociais, pessoais e de grupo que exercem uma influência significativa sobre o modo de fazer ciência, e ainda, que as comunidades científicas são clivadas por esses fatores.

Ainda que toda uma nova série de trabalhos em História da Ciência, nomeados *Science Studies*, tenha florescido a partir dos anos 80, não foi e não seria nosso objetivo aprofundarmo-nos alongadamente nessa linha de análise, pois ela em si representa todo um esforço de especialização que estaria longe de nossos interesses neste trabalho e nos desviaria dos objetivos centrais de apreender as práticas científicas dentro da saúde e de um grupo social específico.

Para entendermos um grupo e a sua formação, pareceu-nos mais relevante centrar o foco na constituição do grupo enquanto tal e não tanto em suas práticas de construção da ciência em si, como enfatizam os novos historiadores da ciência e sua correntes, como aponta Dominique Pestre (1996).

Esse parece ter sido o caso da sociologia das ciências nos anos 70 até os anos 90, pois uma renovação de modelos de análise ocorreu intensamente no período. Contrariamente ao que se propunha até então, passou-se a questionar o

âmago mesmo do que até então era reservado aos epistemólogos da ciência e assumiu-se como objeto o conteúdo cognitivo da produção científica. Em suma, o “produto final” da ciência é, no limite do raciocínio, o resultado das forças sociais.

Essa perspectiva é aquela definida como antidiferencionista, corrente que passou a dominar o panorama científico e que se espraiou por todo o mundo. Ela foi iniciada por dois pesquisadores devotados aos *Science Studies* da Universidade de Edimburgo, Barry Barnes e David Bloor que propuseram o que se convencionou chamar de “Programa Forte”, a partir de então o núcleo de uma “nova ortodoxia”, como nomeia Shinn, dentro da sociologia das ciências.

Nesse corrente e dentro deste programa os autores retomam e propõem suplantar os programas de pesquisa de Durkheim (1995) – ligado à idéia de que a ciência explica-se pelo social e de Mannheim (1976) – ligado ao processo de racionalização da atividade intelectual; desse modo, a proposta de Barnes e Bloor seria a de tornar a ciência um objeto sociológico como qualquer outro, despindo-a de seu caráter especial em relação a outros conhecimentos, ou por outra, eliminar as distinções de verdadeiro-falso que baseia a diferença entre o que é científico e o que não é.

Esse programa, descrito em 1976, na obra *Knowledge and Social Imagery* de David Bloor (1976), pode ser traduzido, em quatro princípios de trabalho:

- a) Causalidade: que induz fortemente o sociólogo a esclarecer as condições de aparecimento das crenças e dos valores, causas essa não estritamente sociais;
- b) Imparcialidade: não se pronunciar acerca do estatuto em si das crenças e valores, quanto à sua veracidade, racionalidade, cientificidade;

- c) Simetria: usar as mesmas regras e métodos para explicar tanto o que se costuma denominar de falso e de verdadeiro, sem se restringir às causas sociais ou causas epistemológicas;
- d) Reflexividade: os modelos explicativos aplicados alhures devem ser aplicados também à própria sociologia e aos sociólogos (Shinn e Ragouet, 2005, p.78).

Nesse período, dois modos de abordar a ciência sobressaíram-se. Um primeiro, cuja marca distintiva nesse caminho de pesquisas foi a publicação de um conjunto de textos recolhidos por Michel Callon e Bruno Latour (1982), no qual se buscou mostrar as aplicações do “Programa Forte” e seus resultados, salientando-se os fatores externos e extrínsecos à ciência realizada.

Um segundo, dentro do mesmo movimento, mas que busca escapar à análise da ciência realizada até então, por meio do uso da etnografia da prática científica, da observação direta e no local da prática. Essa abordagem abre uma frente inovadora de trabalhos, ainda que não isenta de restrições, e pode ser ilustrada pela obra *Laboratory Life*, publicada em 1979 por Latour e Woolgar. Como nos aponta Hochman (1994), a prática científica como ela é, *in vitro*, dentro de uma instituição de pesquisa, é o objetivo da análise dos autores e o centro de suas teorias que radicalizam as noções de “capital científico” de Bourdieu ao propor a análise do cientista como a de um investidor de capital, ou um reinvestidor contumaz de sua “credibilidade” científica.

Quando operacionalizam seus trabalhos, Latour e Woolgar centralizam seus esforços em observar a construção semiológica dos fatos científicos dentro de um espaço social específico, na tradução de “artefatos científicos”, construções particulares dos cientistas, em “fatos científicos” – conhecimentos que passam a fazer parte aceita da comunidade científica, como já propunha muito antes deles Bachelard. Nessa observação, o peso maior concentra-se nos “documentos”: “papers”, relatórios, atas e afins. Essa construção semiológica acaba por parecer

extremamente autônoma, chegando às raias da pura invenção criativa e textual dos cientistas.

Como nos apontam Shinn e Ragouet (2005, p.88), um laboratório para Latour é um “sistema de inscrição literária”, no qual um grupo de leitores e atores trabalham em inscrições codificadas em figura, traços, etc, direcionadas ao objetivo da persuasão e da conquista. Todo essa atividade cotidiana é um “micro-processo de construção social dos fatos científicos” através de uma prática de escritura particular.

Para Bourdieu, esse:

(...) semiologismo combina-se com uma visão ingenuamente maquiavélica das estratégias dos cientistas: as ações simbólicas que eles levam a cabo por fazer reconhecer suas ‘ficções’ são ao mesmo tempo estratégias de influência e de poder pelas quais eles servem a sua própria grandeza (Bourdieu, 2001b, p.60).

Na minha análise, esse tipo de estudo etnográfico significa um exacerbamento e refinamento das propostas da própria teoria da *práxis* de Bourdieu. No entanto, a posição dos autores difere claramente, e para este último, a análise de uma instituição não se esgota no esclarecimento dos conhecimentos gerados localmente:

Ora, vemos prontamente que o laboratório é um microcosmo social, ele mesmo situado em um espaço que comporta outros laboratórios constitutivos de uma disciplina (ela mesma situada em um espaço, também hierarquizado, das disciplinas) e que deve uma parte muito importante de suas propriedades à posição que ele ocupa nesse espaço (Bourdieu, 2001b, p.80).

Muito menos utilitarista e economicista que a visão de Latour, a teoria bourdieusiana aponta para um funcionamento da ciência voltada para o acúmulo de um capital específico – o científico – através da consagração no tempo de um

cientista ou de um grupo. Essa consagração expressa-se em uma trajetória objetiva no campo, através da ocupação sucessiva ou conjunta de postos ou colocações na estrutura histórica do campo científico. Portanto, as trajetórias partem de uma posição inicial de vanguarda – dada pelo capital científico e social do pesquisador (ou grupo) e tendem a percorrer um “campo de forças” já dado e que é constantemente reformulado, inclusive pelo próprio pesquisador – ele mesmo um agente estruturador do campo.

Ainda que as metáforas utilizadas sejam economicistas, o capital interno ao campo permanece e mantém-se específico – ligado a uma competência interna e a um campo relativamente autônomo em relação ao campo do poder. Ao contrário de Latour, que radicaliza no ponto de vista economicista a ponto de descaracterizar o fazer científico – tornando-o um fazer econômico voltado para o acúmulo de um capital tanto científico como real, muitas vezes intercambiáveis – Bourdieu mostra que a prática científica é um fazer *vocacionado*, no sentido weberiano, e não um resultado de cálculos de concorrência de mercado.

Para Bourdieu é preciso separar, dentro do campo científico, dois tipos de fontes de legitimação: a primeira, do “capital científico” propriamente, baseado na competência intelectual e grau de conhecimento do “capital cultural” dentro de cada área, competência que dá aos intelectuais a capacidade de inovação e de criação de novas regras do jogo, alterando as relações de força do campo e sua própria posição nesse campo; uma segunda fonte, baseada no “poder temporal” exercido dentro do campo, através de estruturas hierarquizadas de poder não especialmente científicas (instituições de fomento, Academias, comissões diversas, instâncias administrativas como reitorias universitárias, órgãos deliberativos de políticas científicas), mas que exercem sua força dentro do campo, contribuindo também, a exemplo da capacidade de novas criações intelectuais, para alterar a estrutura do campo científico (Bourdieu, 2001b, p.114).

Esses dois capitais estão relacionados com o grau de independência do campo, e o capital científico está mais bem guardado quanto mais o campo é autônomo e auto-sustentável.

Fechamos aqui a justificativa desse trabalho com uma volta à discussão com a qual abrimos esse texto, sobre a presença na teoria de Weber da distinção entre dois *ethos* distintos, de acordo com os espaços sociais em que, preferencialmente, insere-se o agente social, o campo político ou o campo puramente científico. Tanto para Weber quanto para Bourdieu, essas duas éticas são éticas contrárias, atuam em razão inversa e também caracterizam as práticas sociais, no nosso caso, a prática científica. De novo, parece-nos que Bourdieu guarda em sua concepção sobre ciência a idéia de ela comporta um *ethos*, uma ética específica característica de sua *práxis* também especial, diferentemente de toda uma geração de autores pós-modernos que advogam a não distinção entre o *ethos* científico e aqueles do mundo social em geral, afeitos à lógica instrumental e econômica.

Isso advém da própria concepção filosófica de *práxis* do autor. A acepção comumente adotada para *práxis* é de origem grega, prática ou atividade com um fim determinado em si mesmo. Para Aristóteles *práxis* contrapunha-se a *poiesis*, prática produtiva com o objetivo da realização de fins diversos, como também da realização de teoria ou da contemplação. No nosso caso, *práxis* tem uma conotação ligada ao pensamento marxista ocidental, onde o conceito assume um caráter peculiar. Por isso, alguns autores como Pierre Bourdieu, grafam e concebem *práxis* como um conceito distinto de prática, em sua acepção comum. Dentro do pensamento marxista (Outhwaite e Bottomore, 1996), *práxis* têm três conotações básicas:

- Tipo de atividade prática peculiar aos seres humanos, por meio do qual eles constroem seu mundo;
- Uma categoria epistemológica que descreve a atividade prática, constitutiva do objeto, dos indivíduos em confronto com a natureza;
- Como *práxis* “revolucionária”, que possui um caráter especulativo, envolvendo, além do conhecimento, a idéia de uma ética.

Essa terceira acepção é uma característica da teoria marxista, e pode ser resumida na afirmação de que “a práxis representa a unidade dialética e relacional entre a teoria e a prática”, pois seria impossível separar a atividade humana da produção do conhecimento; e mais, toda prática encerra uma teoria que a suporta e conforma, ou seja, encerra uma ética.

Por esses motivos, acreditamos que a teoria da práxis ou praxiologia de Bourdieu apresenta-se como a melhor opção de análise do fazer científico e de estudo das instituições científicas, possibilitando uma mediação entre o nível micro e etnográfico de análise e a estrutura social como um todo, tocando especialmente a relação ciência/poder.

Para o autor, a praxiologia é um modo de conhecimento que quer ultrapassar as dicotomias presentes na sociologia, baseadas em pares de opostos já clássicos: objetivismo/subjetivismo, estrutura/indivíduo, materialismo/idealismo e outros. Para atingir essa nova forma de apreensão do mundo social, é forçoso criar uma *teoria da práxis*, baseada em um novo modo de conhecimento, que:

(...) tem por objeto não somente o sistema de relações objetivas que constrói o modo de conhecimento objetivista, mas as relações **dialéticas** entre essas estruturas objetivas e as **disposições** estruturadas nas quais elas atualizam-se e que tendem a reproduzi-las, quer dizer o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização do interior: esse conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, isto é, uma interrogação sobre as condições de possibilidade e, desse modo, sobre os limites do ponto de vista objetivo e objetivante que explica as práticas a partir de fora, como fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador situando-se no movimento mesmo de sua efetivação (Bourdieu, 1972, p.163).

Para realizarmos este trabalho nos guiamos, portanto, por esse marco teórico, que propõe o primado da experimentação dos conceitos sobre a prática teórica, deixando para um momento posterior a formalização conceitual rigorosa e a construção de grandes teorias.

Por sua vez, a praxiologia do autor representa uma herança da sociologia francesa, caracterizada entre outras coisas, por sua sobejamente conhecida filosofia da ciência. Bourdieu é, assim, herdeiro da tradição que remonta a Durkheim, primeiro grande sistematizador da sociologia.

Na esfera da sociologia da ciência, essa epistemologia passou de um neopositivismo durkheimiano a uma análise da racionalidade científica feita a partir do ponto de vista do cientista. Dizer que Bourdieu é um herdeiro desse pensamento sociológico e filosófico não significa que ele tenha reproduzido mecanicamente essa visão internalista do fazer científico, mas sim que tenha tentado realizar a síntese entre o mundo externo à ciência – através da análise das relações entre o *campo* científico e o político - e o mundo interno à ciência – o espaço das práticas propriamente científicas, expressas, por sua vez, em uma ética específica ligada a uma prática social específica que é a dos cientistas. Essa maneira idiossincrática de prática significa o que Pierre Bourdieu define como *habitus* científico:

O *habitus* científico é uma regra feita homem ou, melhor, um *modus operandi* científico que funciona em estado prático, segundo as normas da ciência, sem ter essas norma em sua origem: é esta espécie de sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar a conduta adequada(Bourdieu, 1989, p.23).

Esse *habitus* científico é o resultado de um longo processo de treinamento onde é ensinado um *modus operandi*, direto e sem mediações entre o “guia ou treinador” e o aluno, pois “o ensino de um ofício ou, para dizer como

Durkheim, de uma ‘arte’, entendido como ‘prática pura sem teoria’, exige uma pedagogia que não é de forma alguma a que convém ao ensino de **saberes**” [grifo do autor]. Ainda para Bourdieu, a forma de apreender esse habitus de pesquisador é observando “o modo como esse *habitus* científico – é bem esse o nome -, ‘reage’ perante opções práticas – um tipo de amostragem, um questionário, etc” (Bourdieu, 1989, p.22).

Nesse estudo, tomaremos a prática científica como objeto que se apreende através de um *habitus* científico, nas diferentes formas e modalidades presentes na instituição nos Programas de Pós-graduação, nos quais os pesquisadores são treinados e conformados ao *modus operandi* e ao modo de pensar de cada especialidade médica.

Em resumo, trataremos e procuraremos delinear os *habitus* através do marco teórico de Pierre Bourdieu: realizaremos uma biografia coletiva, que expressa um estilo comum, uma *Zeitgeist* de Hegel: um “espírito comum”, uma visão de mundo específica em ligação estreita com o espírito do tempo. Esse conceito hegeliano, vasto e complexo, será aqui traduzido em termos operacionais através da teoria de Bourdieu, na qual ele é encampado pelo conceito de *habitus*.

O *habitus* e as práticas desses intelectuais podem ser vistos a partir da perspectiva da ciência. Para tanto, resolvemos fazer o mesmo aprofundamento teórico em termos de uma sociologia das trajetórias e dos relatos biográficos nos trabalhos de Bourdieu, mas já direcionando essa análise para nossos propósitos, a saber, tratar o mundo vivido e as práticas dos intelectuais de forma consistente e coerente com a teoria da *práxis*. Em suma, quais os instrumentos analíticos propiciados pela praxiologia de Bourdieu podiam ser aplicados ao entendimento de um “espaço social específico” e como abordar a vida desses agentes, portadores de um *habitus* específico e como relataram essa experiência vivida dentro de seus grupos.

Esse trabalho foi empreendido a seguir.

Pierre Bourdieu e as análises centradas no sujeito

*Uma autobiografia é geralmente uma maneira de se
construir um mausoléu que não representa outra coisa
que uma urna vazia.*

Pierre Bourdieu. *Interventions*, 2002.

A proposta de análise de Pierre Bourdieu

Nesse trecho desse trabalho, procuramos analisar o uso da metodologia de Pierre Bourdieu, na qual as noções de *habitus* e “campo” têm um lugar central, com o objetivo de entender conceitos internos como biografia e trajetória em sua teoria da *práxis*. Nossa intenção nesse trecho é, além de situar e apontar a relevância da obra de Bourdieu, extrair desses debates possíveis aplicações de sua teoria e propor procedimentos de análise dos materiais biográficos ou histórias de vida quando são usados como um instrumento heurístico.

O largo emprego nas atuais ciências sociais de fontes primárias de dados ligadas às subjetividades individuais, ao mundo real e concreto das relações humanas, sobretudo aquelas expressas em materiais biográficos ou autobiográficos, têm redobrado o interesse dos pesquisadores por teorias e metodologias que lidem com esse tipo de fonte e que promovam uma sustentação teórica consistente no tratamento dessas informações.

O objetivo aqui é esboçar uma proposta definida de estudo de trajetórias individuais e de grupo, a partir da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu e salientada por seu grupo de colaboradores, levando-se em conta as aparições em suas obras desse tipo de trabalho empírico, ligado a estudo de materiais biográficos e seus corolários teóricos. Espero ter conseguido delinear uma proposta inicial de trabalho, trazendo à luz procedimentos possíveis dentro dessa perspectiva, facilitando a prática de pesquisa daqueles interessados na teoria bourdieusiana, com o objetivo de colocar em prática nosso propósito de estudarmos os grupos sociais dentro da FCM da Unicamp.

Biografia e história

A relação entre biografia e história insere-se em um conjunto mais vasto de dualidades que percorrem a sociologia desde muito tempo, baseadas na exploração das dialéticas: indivíduo ou sociedade, ação individual ou coletiva,

liberdade ou determinismo, individual ou coletivo, estrutura ou indivíduo. Nesta última dialética, aponta-se para a manutenção, no indivíduo, de componentes subjetivos sociais e ligados ao grupo no qual ele vive; ou, inversamente, a busca do que é extremamente único e pessoal dentro um aparato mais vasto de representações da memória internalizadas a partir da sociedade.

Pode-se mesmo afirmar que as grandes matrizes teóricas presentes na sociologia, desde seus primórdios, giram em torno dos debates sobre a preeminência de uma ou outra forma de análise do mundo social, ou uma ou outra forma de encarar filosoficamente a sociedade. Se aceitarmos sem discussão o ponto de vista da sociologia durkheimiana, o peso da sociedade tem uma preponderância sobre as individualidades e a subjetividade do indivíduo. No caso de Weber, interessa compreender os sentidos e os valores engajados nas ações dos indivíduos, na vida em sociedade. Por fim, o pensador marxista deve vazar as aparências do modo como a sociedade apresenta-se e buscar descrever os mecanismos dialéticos de funcionamento e transformação da realidade material em que vive o indivíduo.

O movimento pendular entre a “filosofia do sujeito” e a “filosofia sem sujeito” é uma constante nos embates entre as ciências sociais e a filosofia há muito tempo, desde os primórdios durkheimianos (Bourdieu e Wacquant, 1992, p.155). Esse debate é vasto e infundável, mas não se pode negar a nova preeminência das abordagens onde o sujeito social é colocado como o centro e a chave das análises sociológicas a partir dos anos sessenta e setenta. Atualmente, essa é a pedra de toque de toda moderna sociologia, a mais ver, de todas as ciências humanas.

Essa inflexão, nomeada por muitos o “retorno do sujeito”, tem raízes muito profundas nas sociedades modernas, e para muitos, pós-modernas. Sem assumirmos as teorias pós-modernas, que propõem uma ruptura radical no decurso histórico e exacerbam as características inauditas da sociedade de informação, devemos admitir ao menos uma exacerbação das transformações históricas do capitalismo.

Para alguns autores, o fim e o desmonte do chamado “*Welfare State*” aponta para o fim dos grandes movimentos coletivos e nos remete a uma individualização do fazer político. A proeminência da subjetividade individual e o exacerbar do individualismo convive, nas sociedades modernas, com um esboroamento de padrões fixos ou regularmente estáveis de comportamento. Estamos condenados a uma “insustentável leveza do ser”, a uma miríade de valores contraditórios, a realidades movediças e ambientes temporários. Em suma, estamos em um processo que Sennett (2005) denomina “corrosão de caráter”. Caráter possui um significado um pouco antiquado, talvez do século vinte ainda, pois preferimos usar e abusar do termo personalidade, *persona* – muito mais de acordo com a sociedade pós-moderna. Mas o objetivo do autor é apontar o definimento dos traços da subjetividade mais ligados ao mundo coletivo, das relações que se estabelecem entre pessoas durante toda a vida, aquelas devidas às interações pessoais, *in loco*; ou mais exatamente, as características subjetivas conformadas pela *práxis* humana, pelo trabalho. O mundo do trabalho, o espaço da produção de riquezas e luta pela vida não parece capaz de balizar os valores pessoais, de gerar um *ethos* de grupo, e não viabiliza a formação de valores na sociedade. Caráter então seria “o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros” (Sennett, 2005, p.10).

Ortiz (2000, p.73) aponta que o conceito de caráter aplica-se tanto em nível individual quanto em nível da sociedade como um todo: no indivíduo, como uma matriz cultural herdada e interiorizada em sua identidade, decorrência da própria socialização do indivíduo; nas organizações sociais, o caráter étnico deriva de suas características como grupo que se definiram através de sua história, acabando por gerar um padrão comum. Estaríamos em face de uma dupla identidade, uma social e outra individual, ambas portadoras de caracteres definidos coletivamente.

Como conseqüência da corrosão do caráter, cujo funcionamento Sennett aponta, temos um desenraizamento social, uma incapacidade de ação coletiva baseada em uma “visão de mundo” comum. Estamos diante do quadro

que Weber (2003, p.57) descortinava ao afirmar que “o fim precípua de nossa época, caracterizada pela racionalização, pela intelectualização e, principalmente, pelo *desencantamento do mundo*, levou os homens a banir da vida pública os valores supremos e mais sublimes” [grifo do autor].

O esgotamento das energias utópicas levou ao desmonte total ou parcial do Estado de Bem-Estar Social, nos países nos quais ele chegou a existir plenamente, opondo um universo de indivíduos, fadados a grandes dificuldades em escolher seus valores éticos, a um espaço público e coletivo cada vez mais minguado e esquelético, onde não há espaço para o pensamento utópico (Habermas, 1987). Se o espaço público de atuação é inversamente proporcional ao espaço subjetivo do indivíduo, e se, através de uma subjetividade inflada, os indivíduos devem relacionar-se em sociedade, nada mais lógico que a sociedade moderna se forme por grupos sociais midiáticos, que realizam a mediação social através de instâncias desligadas dos espaços sociais coletivos tradicionais. Ainda aqui soaria, contrariada, a voz profética weberiana ao mostrar que “esses valores encontraram refúgio na transcendência da vida mística ou na fraternidade das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados” (Weber, 2003, p.57).

Talvez a melhor maneira de elucidar essa sensação de desenraizamento/desligamento é a categoria proposta por Giddens, “desencaixe”. Em sua teoria, essa concepção sobre a sociedade explica o processo de “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (Giddens, 1991, p.29).

Esse fenômeno é resultado do processo de “compressão do tempo-espaço”, capaz de gerar “uma profunda perturbação e uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas”, e expressa-se de inúmeras formas (Harvey, 1999, p.219). Para o autor, essa expressão define “processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos”.

Através da conjunção de suportes informatizados e tecnologias de comunicação modernas, uma parte sensível das relações sociais esta migrando para formas ditas virtuais, geralmente criadas e imbricadas com “sistemas abstratos” (Giddens, 1991, p.104). Esses sistemas encarregar-se-iam de realizar o “encaixe” dos indivíduos em uma outra dimensão social, possibilitando “estabilizar as relações sociais através de extensões indefinidas do tempo-espaço”. A substituição de aparatos físicos por aparatos virtuais e digitais, e a migração e substituição de parte das interações entre as pessoas por formas mediatizadas, ou melhor, midiáticas, são os imperativos microssociais correspondentes ao funcionamento de toda a sociedade moderna.

Essa percepção fragmentária da realidade levou muitos pensadores a propor uma série de teorias que podem, *grosso modo*, ser agrupadas sob o rótulo de “pós-modernistas”. De acordo com Hobsbawm (1995, p.499), essa tendência teve origem na exaustão das vanguardas no campo das artes, passando pela *intelligentsia* francesa com nomes diversos - sobretudo desconstrucionismo e pós-estruturalismo e, em seguida, através do campo literário, a outros ramos das ciências humanas e sociais. Seguindo esse autor, todos os pós-modernos comungam “um ceticismo essencial sobre a existência de uma realidade objetiva, e/ou a possibilidade de chegar a uma compreensão aceita dessa realidade por meios racionais”.

Se o espaço coletivo torna-se mediado por aparatos de informação, a subjetividade fragmenta-se em diversos espaços, operando de forma parcial em cada dispositivo social. Isto tende a tornar a “corrosão do caráter” ainda mais aguda, e a busca da identidade parece tornar-se a luta de vida ou morte para a subjetividade moderna. Nessa vertente, podemos pensar as sociedades modernas como lugares onde não há espaço para as energias utópicas, onde o coletivo gradativamente assume contornos individualizados e desencantados.

Como elaborou Benjamin, a modernidade não aportou consigo as experiências comuns e coletivistas da sabedoria tradicional da humanidade; as experiências comuns deixaram o universo social, pois eram reproduzidas pelas

“grandes narrativas” e pela existência de narradores afeitos à tradição oral. Se não havia na modernidade uma visão de mundo comum, claro está a impossibilidade da existência de narrativas comuns (Benjamin, 1986, p.198).

Mas, se invertemos o raciocínio, a busca desesperada por sentido e por aquilo que Benjamin nomeia como “sabedoria”, traz de novo à tona a procura do conhecimento da tradição social, das experiências cotidianas das pessoas e do mundo vivido, banidas da história social da mesma forma como as ciências baniram de seus métodos aqueles que lidavam com esse tipo de conhecimento. Se não é uma situação nova e imanente às sociedades do século XX, a maneira de abordarmos a questão do lugar dos sujeitos históricos dentro das sociedades acaba por determinar, dentro dos aparatos teóricos, o papel dos métodos de análise das biografias e dos materiais dessa origem. Dessa relação tratamos a seguir.

Biografia e teoria sociológica

Sem recuarmos demasiado nas origens da sociologia, podemos remontar ao seu período de ressurgimento do pós-guerra, quando a sociologia norte-americana era o modelo maduro de ciência, com seu triunvirato hegemônico Lazarsfeld-Parsons-Merton. Naquele panorama, Bourdieu (1989, p.24) afirmava que “o par Parsons-Lazarsfeld (e, entre os dois, Merton e suas teorias de médio alcance) constitui um espécie de **holding** ‘científico’ socialmente muito poderoso, que reinou na sociologia mundial durante trinta anos”. As sínteses teóricas de cunho epistemológico, no estilo de Parsons e sua grande teoria, mostravam-se para Bourdieu como simples compilações e classificações didáticas, próprias para o ensino somente, pois a epistemologia devia ser entendida como uma reflexão com vistas a entender a prática científica em seus erros e acertos. Seu contraponto, a metodologia pela metodologia, era exemplificado por Lazarsfeld e definida por Bourdieu como “catálogo de preceitos que não têm que ver nem com a epistemologia, nem com a teoria científica” (Bourdieu, 1989, p.24). A grande crítica era sobre o pensamento teórico que nasce do ambiente de gabinete, sem

vínculos com os procedimentos metodológicos, ou seja, com os procedimentos da prática empírica de pesquisa.

A discussão sobre as relações entre epistemologia e metodologia, versando sobre os objetivos da ciência naquele momento, espalhou-se a partir da sociologia norte-americana. Merton (1970, p.63) afirmava:

Hoje, nossa tarefa principal consiste em desenvolver teorias especiais aplicáveis a objetos conceptuais limitados - (...) - mais do que procurar imediatamente a estrutura conceptual total, própria a produzir estas e outras teorias de médio alcance.

Como aponto alhures, a teoria da *práxis* ou praxiologia de Bourdieu guarda, a despeito de suas orientações totalmente antagônicas, grandes semelhanças com a idéia de uma teoria sistematicamente construída através de pesquisas empíricas parciais, voltadas a domínios específicos do mundo social, definidos por Bourdieu como *campos* (Montagner, 2003). Apesar de incluir Merton na “tríade capitolina do novo templo acadêmico” dos anos cinqüenta e afirmar que “foi contra isso que eu me bati quando entrei na sociologia” (Bourdieu e Wacquant, 1992, p.152), Bourdieu propõe como rota de fuga do hiperempirismo pontualista e da teoria geral e universal do sistema social, o “reconhecimento da convergência das grandes teorias clássicas sobre princípios fundamentais que definem a teoria do conhecimento sociológico como fundamento de *teorias parciais*, limitadas a uma ordem definida de fatos” (Bourdieu, Passeron et al., 1968, p.54). Dessa maneira, a teoria sociológica em si estaria na ordem de uma meta-ciência, matriz geradora de aplicações mais ou menos felizes em diversos domínios, sem atender ao objetivo final de recriar uma teoria geral e universal, de gabinete.

Mas, apesar dessa força hegemônica mundial, algumas formulações teóricas buscaram retomar as abordagens qualitativas anteriores ao estrutural-funcionalismo, dentro da sociologia americana. Wright Mills (1969) foi um dos poucos pesquisadores a manter uma visão crítica em relação a todo um conjunto de técnicas e metodologias hegemônicas na sociologia do pós-guerra. Ao

intenso uso de “*surveys*” e da proeminência do funcionalismo, o autor propôs um retorno à sociologia “artesanal”, onde se conjugassem as implicações pessoais do pesquisador e as demandas societárias estruturais. A proposta era de mediação pela “imaginação sociológica”, um misto de sensibilidade pessoal, formação profissional e espírito crítico, levando-se em conta a situação do conjunto social. Para o autor:

A ciência social trata de problemas de biografia, de história e de seus contatos dentro das estruturas sociais. São estes os três – biografia, história e sociedade – pontos coordenados do estudo adequado do homem (...). Os problemas de nosso tempo – que incluem o problema da natureza mesma do homem – não podem ser formulados adequadamente sem aceitarmos na prática a opinião de que a história é a medula do estudo social, e reconhecermos a necessidade de desenvolver mais uma psicologia do homem que seja sociologicamente fundamentada e historicamente relevante. Sem o uso da história e sem o sentido histórico das questões psicológicas, o cientista social não pode, adequadamente, formular os tipos de problemas que devem ser, agora, os pontos cardeais de seus estudos (Mills, 1969, p.156).

De muitas maneiras, essa psicologia embasada histórica e sociologicamente está muito próxima da idéia bourdieusiana de *habitus*, uma proposta de mediação entre indivíduo e “campos” sociais. Mas a isto voltaremos depois.

Uma segunda formulação, não menos cauterizante, cristalizada na introdução de 1966 à obra *The Jack-Roller*, esboçava um resgate das teorias qualitativas e uma valorização das histórias de vida. Herdeiro do interacionismo simbólico de George Mead, e fino leitor dos trabalhos da década de 20 da Escola de Chicago, Howard Becker (1986) propõe a empreitada científica realizada através de acúmulos parciais, sucessivos e localizados em torno de objetos macrossociais e societais.

Se a idéia de “teorias de médio alcance” não o seduz por seu caráter de repetição do método de pesquisa dentro do marco quantitativo, voltado para grandes aplicações de questionários estruturados *ad hoc*, sua postulação de uma configuração de uma miríade de estudos em torno de um mesmo conglomerado social arribaria no construto do “mosaico científico”: programa de pesquisas voltado a um domínio específico do mundo social, quase um estudo de caso etnográfico, composto através de camadas sucessivas de generalizações parciais e complexas obtidas através de análises sistemáticas, cujo resultado final seria a obtenção do “motivo” principal do mosaico. A contribuição de estudos biográficos, ou estudos baseados “na restituição fiel da experiência do sujeito e de sua interpretação do mundo onde ele vive” (Becker, 1986, p.105), seria a de enriquecer do conhecimento sobre as sociedades, dando uma visão mais apurada dos processos históricos e sociais.

Com a chamada “crise dos paradigmas” nas ciências do homem, um progressivo enfraquecimento do funcionalismo anglo-saxão e do estruturalismo de origem francesa, essas propostas de valorização das biografias ganham sua plena significação com o chamado “retorno do sujeito” e a explosão, na sociologia, de novos objetos e abordagens. A par desse movimento teórico, houve o enorme ponto de inflexão cujo vértice foram os movimentos estudantis de maio de 68, epicentro de movimentos utópicos mundiais.

Como já apontava há muito Miceli (1998, p.VII) na sua introdução à obra de Bourdieu no Brasil, o estudo da cultura e da ideologia tornara-se a razão de ser das ciências humanas nos anos que se seguiram a essa inflexão teórica. Por diversas vias, a renovação teórica engendrou abordagens inovadoras e novas sociologias, que, como bem as delinea Philippe Corcuff (2001), tendem a explorar com avidez as subjetividades individuais, as expressões pessoais do “mundo da vida” habermasiano, em suma, as histórias de vida. Essas linhas de pesquisas podem ser enfeixadas dentro da perspectiva “construtivista, onde as realidades sociais são apreendidas como construções históricas e cotidianas dos atores individuais e coletivos” (Corcuff, 2001, p.26). Dentre essas novas abordagens

metodológicas, algumas, como a de Daniel Bertaux (1980), assumem claramente o uso dos materiais biográficos, que, em geral, são nomeados “histórias de vida”.

Bertaux propõe um mergulho nas experiências humanas, no vivido, em um “oceano de saberes nativos” e não explorados. Para ele, a experiência humana é portadora de saber sociológico, que exalta como um achado inaudito. À parte esse truísmo de base, para o autor, dá-se o caso de “conjuguar e reconciliar a observação e a reflexão sobre o mundo social. Se a experiência humana esforça-se para elevar-se do particular ao geral, a teoria sociológica parte do geral (historicizado) para analisar as formas concretas e sempre renovadas de atualização”, pois para o autor a experiência humana não ultrapassa os limites locais, sendo sempre mediada ou mediatizada (Bertaux, 1980, p.221).

Através de um conjunto de críticas a outras abordagens, em especial ao empirismo americano e ao teorismo francês, a novidade de seu “*approche biographique*” (*abordagem biográfica*) parece ser a proposta de união entre níveis de análise comumente tomados separadamente, o sócioestrutural (macro, objetivo) e o sóciosimbólico (micro, subjetivo): a proposta é de “se esforçar por reunir o pensamento do estrutural e do simbólico, e os superar para atingir um pensamento da *práxis*” (Bertaux, 1980), que leve em conta a “dinâmica entre estruturas e símbolos” ou, se melhor, sua dialética.

Bertaux teceu críticas quanto ao papel da sociologia no tratamento do mundo vivido, pois para ele a disciplina tende a esmagar o sujeito sob o peso dos procedimentos técnicos e metodológicos, ou então, tende a gerar uma teoria sobre o social sem considerar o que dizem os indivíduos. Mas, vemos o retorno do recalcado nas suas formulações quanto ao método das histórias de vida. Ele afirma “*serem necessários cérebros ágeis e treinados para absorver a quintessência da experiência vivida, para colocá-la à distância afim de realizar sua crítica; e sobretudo para dar-lhe uma forma de expressão escrita*” (Bertaux, 1980, p.220). Esses cérebros ágeis, apesar de tudo, retirariam suas intuições magistrais de suas próprias experiências vividas, o que coloca como corolário que todo conhecimento sobre o social vêm do mundo vivido, mesmo ao transformar-se em

uma quintessência. Como se vê, o bom filho a casa torna, e a experiência vivida só pode se realizar através do intercurso de intelectuais capazes de sintetizar criticamente a *práxis* humana, que escapa do sujeito localizado no mundo social.

A construção de um conhecimento que rompa com o senso comum, escapando das explicações espontâneas e pré-construídas sobre o mundo vivido, que possuem os sujeitos, corresponde a um pressuposto de base de quase toda a sociologia desde seus primórdios. O conhecimento do vivido não significa necessariamente a compreensão do real, dos determinantes fundamentais do universo social. Dessa maneira, a abordagem através das histórias de vida deve precaver-se da “ilusão de transparência” do real. Devemos opor a essa ilusão o princípio da não-consciência, que postula que “as relações sociais não se podem reduzir à ligações entre subjetividades animadas por intenções ou motivações porque elas estabelecem-se entre condições e posições sociais e possuem, dessa forma, mais realidade que os sujeitos que elas ligam entre si” (Bourdieu, Passeron et al., 1968, p.40).

Para atingirmos a legibilidade do social, devemos realizar uma tripla vigilância epistemológica, a começar pelas idéias comuns e a sociologia espontânea, passando por uma vigilância em relação à aplicação dos métodos e, enfim, uma vigilância quanto aos pressupostos teóricos e filosóficos que informam os atos de pesquisa, e se os construtos teóricos coadunam-se com os resultados obtidos pela utilização do método (Bachelard, 1968).

Dadas as relações entre a história sociológica recente e a fortuna do conceito de história de vida, analisaremos agora a relação entre as categorias presentes na análise dos dados biográficos e a congruência interna dessas idéias, sobretudo no marco teórico bourdieusiano.

História de vida ou trajetórias

Esse processo de incorporação de fontes biográficas, como a história de vida, é indicado por Bourdieu (1986, p.69) como uma “entrada de contrabando no universo científico”, primeiro na etnologia, e após, na sociologia.

Do ponto de vista de Bourdieu, há uma grande diferença entre seu conceito de biografia e a maneira como ele é comumente empregado. Aqui é fundamental nos lembrarmos das advertências do autor (Bourdieu, Passeron *et al.*, 1968) a respeito do conceito de “história de vida” e desse tipo de teoria construída. A rigor, não existe, ainda que essa idéia seja extremamente atrativa e sedutora ao senso comum, uma seqüência cronológica e lógica dos acontecimentos e ocorrências da vida de uma pessoa. Nossas vidas não são um “projeto” sartriano e não possuem um sentido teleológico. Os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevôo que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: essa construção é realizada *a posteriori* pelo indivíduo ou pelo pesquisador, no momento em que produz um relato oral, uma narrativa.

O objetivo dessa busca de uma causalidade harmônica das histórias de vida individuais pode ser explicado pela necessidade, tanto por parte dos indivíduos quanto da ciência social, de atribuir um sentido coerente às ações humanas. Sem que haja esse sentido, não há razão lógica para a vida humana e talvez nem mesmo para a ciência. Daí decorre a ubiqüidade dessa construção *post festum*, uma “ilusão biográfica” muito comum no senso comum e no senso comum científico.

A grande questão filosófica aqui colocada é a da existência de uma unicidade do ser, constante no tempo e no espaço, capaz de garantir uma ordenação dos acontecimentos e de dar um sentido único à vida humana: através da constância biológica, pode-se afirmar a constância da pessoa?

Do ponto de vista de Bourdieu, é impossível dar sentido a um todo que escapa ao próprio sujeito, histórico, determinado socialmente, imerso em um universo social fora de nossos controles. Mesmo perdendo parte da riqueza da vastidão humana, o que podemos realizar é a objetivação do *habitus*, justamente resultado estável, mas não imutável desse processo de interiorização do social e de incorporação, na pele, de nossa *persona* social. Tudo acontece como nos descreve Kafka em seu conto *Na Colônia Penal*, onde o corpo é o espaço de inscrição da nossa *condenação* ao social - inscrição das regras familiares e de classe, nossas limitações coletivas, nosso imaginário grupal – no corpo biológico. O corpo é o suporte de uma construção identitária realizada pela sociedade sobre o sujeito, construção da qual o próprio indivíduo não é sujeito: qual o condenado da colônia, a sentença a ser escrita sobre nossa pele não nos é dada a conhecer (Kafka, 1969).

Aliado a esse suporte biológico, o nome e nosso sobrenome, veículos por excelência de identificação do indivíduo, vêm juntar-se e compor a objetivação da relação entre um corpo e um símbolo que o identifica. Todo o aparato social de formação de uma identidade, ou de uma *persona*, aqui entendida como máscara social, virá a sedimentar-se sobre essa relação de tornar concreto um todo biográfico que na realidade não existe: podemos acompanhar as mudanças sucessivas pelas quais um agente social passa durante seu movimento na sociedade e que acabam por sedimentar um *habitus* relacionado à história do indivíduo. Esse inscrito, indelével e matriz geradora de práticas pode ser definido como:

Habitus, sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes (Bourdieu, 1998, p.191).

Como se fora uma lesma, as marcas distintivas ligadas ao nome, ao biológico e ao percorrer histórico dos agentes, acabam por deixar traços quase transparentes e, quando unidos a todos os outros traços dos grupos sociais, definem trajetórias comuns, feixes de percursos muito semelhantes, ou afinal, uma “trajetória”.

Assim, devemos nos precaver contra a criação da ilusão biográfica, situando claramente os agentes sociais em seu grupo social, procurando narrar e delinear claramente a construção diacrônica da trajetória dos grupos nos diversos campos. Essa é a idéia central para o entendimento da proposta bourdieusiana de análise dos campos. Para compreendermos a lógica de um campo de produção simbólico, passamos por três momentos cruciais e inter-relacionados. Um primeiro, em que o fundamental é traçar as relações de influência e subordinação/dominação do campo intelectual em relação à estrutura de poder dentro da distribuição estrutural da classe dirigente, traçando um mapa preciso da localização do campo intelectual no arcabouço do poder, mostrando as linhas de força que delinham as demarcações de autonomia relativa do campo intelectual.

Em seguida, a partir do âmago da autonomia do campo, devemos delinear as relações entre as posições ocupadas, alocadas, deslocadas pelos agentes e pelos grupos; esmiuçar a trama sincrônica de um determinado momento do campo, resultado de uma história de lutas e conflitos pelo poder legítimo e legitimado pelos próprios agentes envolvidos.

Por fim, do resultado destes embates reais e históricos, conseguimos a tessitura dos *habitus* coletivos dos grupos em embate, cujas variações individuais não fazem mais que confirmar, desviando-se às vezes do “mainstream” social, a característica fortemente coletiva das carreiras individuais dos agentes.

Depois de realizado o enquadramento do campo a ser estudado, com o encontro prévio do ponto de fuga e da clareza quanto à perspectiva a ser empregada, podemos sobrepor à estrutura relacional dos campos do poder e do campo intelectual, as marcas distintivas das trajetórias dos grupos sociais e dos

agentes. Essas marcas, pura projeção dos *habitus* e que evidenciam os símbolos distintivos dos mesmos, trarão à luz as estratégias e injunções sofridas pelos agentes através das linhas de força dentro de cada campo social. As trajetórias seriam assim o resultado construído de “um sistema dos **traços pertinentes** de uma biografia individual ou de um grupo de biografias” (Bourdieu, 1998, p.191).

Precisando mais o conceito, Bourdieu aponta que uma trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo. Essa objetivação resulta em uma trajetória, que “diferentemente das biografias comuns, descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário” (Bourdieu, 1996b, p.71). Podemos intercambiar a palavra escritor e literário por intelectual e científico, sem alterarmos o sentido da definição.

Se o campo está em permanente mudança, a trajetória social é o movimento dentro de um campo de possíveis, definido estruturalmente, mesmo que as estratégias e os movimentos individuais sejam ao acaso. O sentido, ou sentidos, de cada ato do agente ou de um grupo social só ganha solidez sociológica, quando relacionado com os estados pelos quais passou a estrutura do campo, enquanto espaço relacional dos postos, posições e disposições dos agentes dentro desse campo, em cada momento. Assim, “toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*” e reconstitui “a *série das posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos” [grifos do autor] (Bourdieu, 1996a, p.292). Mas essa reconstituição parte do ponto de vista externo ao biografado, parte do ângulo de visão de quem reconstitui o campo como espaço social onde essa biografia delinea-se.

Descrever uma biografia, para Bourdieu, significava o último e mais sensível passo na empreitada sociológica, se encaramos essa biografia como uma construção realizada a despeito das intenções pessoais e o sentido das ações realizadas pelos agentes em um campo (Bourdieu, 1996a). Vale dizer, a biografia

à la Bourdieu é relativamente independente do indivíduo, está ligada ao conceito de agente operando em um campo de forças, muitas vezes sem atinar para o sentido real de sua ação, em um conjunto mais vasto de caminhos possíveis a sua geração. Os acontecimentos biográficos são eventos em um fluxo social mais vasto, correspondem a abalos parciais cujo epicentro escapa ao ângulo de mirada do próprio agente. Esses fatos biográficos correspondem, para Bourdieu, “colocações” e “deslocamentos” dentro dos diferentes estados do campo, ou seja, nos diferentes momentos distributivos dos diversos capitais aí investidos, principalmente as relações entre capital econômico e o capital simbólico (específico ao campo e que o define como tal).

O papel das dinâmicas geracionais na constituição das sociedades e conseqüentemente dos campos, sempre foi salientado dentro da teoria de Bourdieu: seus primeiros estudos sobre a ordem de sucessão dos camponeses no Béarn, sua região natal, mostraram as lutas surdas e as batalhas internas entre os camponeses, nas estratégias de herança das posições sociais. Nessa linha, ele mostrava o envelhecimento social das gerações ocorrendo através de suas trajetórias enquanto grupos.

No universo da produção cultural há uma homologia de mesma ordem. Dentro das trajetórias há deslocamentos “intrageneracionais” de dois tipos: dentro do mesmo setor de produção cultural, através de acúmulo de capital legítimo no campo (simbólico) ou de capital econômico; ou entre setores diferentes de um mesmo campo (subcampos), o que implica uma reconversão de capitais durante a passagem de um setor a outro (Bourdieu, 1996a).

Quanto às trajetórias “intergeracionais”, elas podem ser classificadas em “ascendentes diretas” - do pólo dominado socialmente ao campo dominante da produção cultural - ou “ascendentes cruzadas”, que vão do pólo pequeno burguês ao pólo dominante da produção. Se não são ascendentes, as trajetórias podem ser “transversais” dentro do campo do poder, levando os agentes de posições de mando temporal ou de posições medianas no campo do poder, a posições de mando no campo da produção cultural, ainda que aí não sejam dominantes da

perspectiva do capital simbólico legítimo no campo. Por fim, há “deslocamentos nulos”, nos quais a partida e a chegada acontecem dentro do mesmo espaço social. A representação desse movimento entre gerações e grupos sociais pode ser aquela proposta por Bourdieu (Bourdieu, 1996a) no livro *As regras da Arte*:

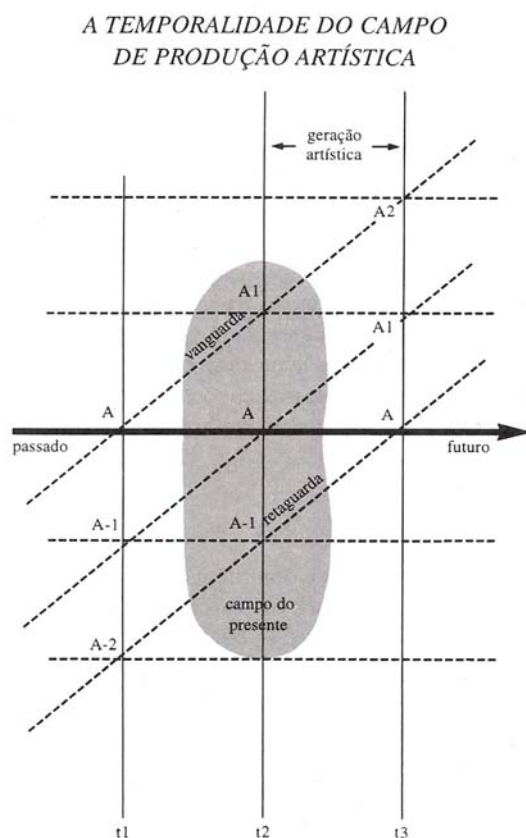


Figura 2- A temporalidade do campo de produção artística

Essa esquematização, obviamente redutora, apresenta virtudes heurísticas e fornece algumas pistas na maneira de tratar um determinado campo de produção simbólica, mas não elimina as complexidades inerentes ao trabalho de pesquisa. Traçar um panorama dessa envergadura somente seria possível com recursos de pesquisa coletiva, mas o plano geral de trabalho proposto por

Bourdieu está aqui delineado. Aqui fica claro o paralelismo entre a idéia de “mosaico científico” de Becker e a de como tratar um determinado “campo” social, de Bourdieu: ambas requerem, para se realizar, um aporte significativo de material empírico e um número vultoso de pesquisadores engajados na tarefa.

Em suma, perseguir uma trajetória significa acompanhar o desenrolar histórico de grupos sociais concretos em um espaço social definido por esses mesmos grupos em suas batalhas pela definição dos limites e da legitimidade do campo no qual se inserem. Seguramente, a origem social é um holofote poderoso na elucidação dessas trajetórias, pois o “*habitus* primário”, em razão do ambiente familiar, é uma primeira e profunda impressão social sobre o indivíduo, que sofrerá outras sedimentações ao longo da vida.

Nesta floresta aberta da análise dos campos, alguns pesquisadores trilharam caminhos interessantes. Poderíamos eleger a proposta de Miceli (2001), ao lidar com o mundo da produção intelectual no contexto brasileiro, como um exemplar.

Não por acaso, Miceli encontra respaldo, para sua delimitação de grupos de intelectuais dentro do campo das letras no Brasil, justamente em características matriciais familiares interiorizadas pelos agentes, chegando a nuances quase psicológicas das marcações sociais. Realizando um “estudo clínico” dos anatólios da República Velha, encontra detalhes que, no varejo, margeiam as biografias clássicas, e, no atacado transformam-se em características gerais pelo efeito de repetição: nos termos bourdieusianos, *habitus* de grupo, ligados a posições dominadas do campo dominante, posições decadentes que devem sofrer uma “reconversão” para garantir sua sobrevivência no campo. Quando agrupadas, as características individuais tornam-se *geracionais*, descrevem a dinâmica entre grupos historicamente sucessivos no espaço social. O autor desenvolveu o uso das biografias de maneira concatenada com a busca de construir a estrutura do campo intelectual no qual essas biografias fariam sentido, isto tudo em relação com um espaço de possibilidades ofertadas aos intelectuais das letras. Ainda mais, analisou as próprias fontes como material

heurístico inerentemente portador de propriedades elucidativas do próprio campo. Mais que aportar informações sobre a lógica interna de um campo de produção cultural em um determinado momento, o *corpus* documental reflete e potencializa as próprias lógicas de construção do discurso, ou, trai, pelas suas qualidades, o conteúdo latente das estratégias de investimento dos agentes no campo. Estamos diante do caso de uma ciência das obras que revela, *a contrario*, por meio de seus conteúdos, o funcionamento do campo e das lógicas externas a ele, pois “as fontes impressas e aquelas manuscritas (materiais constantes de arquivos históricos e familiares) retêm a marca dos interesses, dos valores e das estratégias dos grupos sociais a que se referem” (Miceli, 2001, p.349). De muitas maneiras, essa proposta metodológica realiza uma objetivação das obras intelectuais pelo que elas não possuem de genuinamente artístico: o gênero ou tipo de escrita são o resultado de uma força externa à feitura da própria obra (Miceli, 2001).

O objetivo do autor seria o de traçar uma prosopografia à sua maneira, adaptada a uma ciência das obras de feitura construtivista. Essa metodologia prosopográfica “requer a construção da biografia coletiva (...) com base numa estratégia de exposição e análise que se vale do exame detido de casos exemplares alçados a condição de tipos ideais”. As inferências qualificadas, assim obtidas:

Devem estar lastreadas em evidências empíricas que abrangem uma quantidade representativa de casos cujas características sociais, escolares, profissionais, etc. possibilitam a reconstrução de uma trajetória ou ‘destino de classe’ para os fins de análise sociológica ou política (Miceli, 2001, p.347).

Assim, o método prosopográfico preenche plenamente a exigência metodológica de Bourdieu de “substituir a poeira das histórias individuais por *famílias de trajetórias intrageracionais* no seio do campo da produção cultural” [grifos do autor] (1996a, p.292). A construção dessas famílias de trajetórias pressupõe um trabalho de análise apurado e um aporte teórico bem

fundamentado, construção esta baseada em dois pontos centrais: a existência de farto material documental de cunho biográfico e, nesse caso, a realização de uma exaustiva análise desse *corpus*. A proposta prosopográfica pressupõe que os grupos em questão façam parte da história e tenham deixado vestígios suficientes de suas práticas sociais, o que restringe a análise às trajetórias coletivas de grupos extintos, fora ou além do campo atual. Ainda, todo estudo deste tipo pressupõe recursos razoáveis para atingir seus objetivos. Como contornar essas dificuldades?

Bourdieu nunca foi explícito quanto a seus métodos, utilizando uma variegada panóplia de recursos, consistindo desde uma aproximação quantitativa a uma análise também “internalista” das obras agregada a farto material empírico, como ocorrido em *As Regras da Arte* (Bourdieu, 1996a). A questão que se coloca é como garantir a objetividade ao lidar com material tão impregnado da vida cotidiana e subjetiva dos indivíduos.

Uma proposta de solução desse dilema, disseminada no mundo acadêmico, é a idéia de *ponto de saturação*:

Fenômeno pelo qual, além de um certo número de entrevistas (biográficas ou não), o pesquisador ou equipe têm a impressão de não apreender nada novo, ao menos quanto ao objeto sociológico da pesquisa (Bertaux, 1980, p.205).

Atingido esse momento, estaríamos confiantes na possibilidade de generalização dos resultados. De qualquer maneira, esse ponto de saturação depende da construção do objeto realizada pelo pesquisador: o aporte teórico que embasa a enquête pode ser de tal monta que a necessidade de entrevistas diminua sensivelmente, até chegar a alguns casos exemplares: há vários exemplos de utilização de uma história de vida como base para obras tão rigorosas quanto intensas. Podemos citar Lévi-Strauss com a história do célebre Quesalid, feiticeiro auto-reflexivo quanto a sua prática: em torno de sua história tece-se toda a história do grupo e da crença na eficácia simbólica da magia, dentro de uma estrutura social (Lévi-Strauss, 1985, p.202).

Como metodologia, essa proposta de pesquisa aproxima-se, *mutatis mutandis*, da técnica de entrevista focada “focused interview” proposta por Merton (Merton, Fiske *et al.*, 1956). Naquele clássico manual, os autores propõem uma técnica que se posiciona entre o “survey” e a entrevista não-diretiva, que pode ser usada tanto para entrevistas individuais como entrevistas em grupo. Esse segundo tipo desenvolveu-se no Brasil através dos chamados “grupos focais”, cujos fundamentos Merton e colaboradores discutem no quinto capítulo deste livro.

A idéia central é obter um conjunto confiável de dados sobre um determinado tema ou acontecimento, no qual todos os entrevistados estão ou estiveram envolvidos, sobre o qual o pesquisador possui de antemão um conjunto prévio de informações e dados. A partir desse conjunto *a priori*, que inclui hipóteses e pressupostos de pesquisa, procura-se obter, através de um guia de entrevista, um relato dos entrevistados a respeito dos pontos sensíveis do tema, através da forma como o acontecimento foi vivido pelo entrevistado e focando as questões em torno dos objetivos delineados previamente. Quanto mais sólido esse prévio material e mais refinado o guia, maior a acurácia das entrevistas e a profundidade e especificidade obtidas (Merton, Fiske *et al.*, 1956, p.3).

A vantagem dessa proposta metodológica é que os agentes sociais entrevistados podem ser estudados em processo, durante o desenrolar de suas histórias de vida, após alguma mudança significativa em seu grupo social, o que não ocorre no método prosopográfico.

Penso que a conjunção de uma teoria da dominação como a de Pierre Bourdieu, apta a deslindar as estruturas de poder simbólico dentro da sociedade e que fornece elementos e categorias de análise poderosas - como a de campo e *habitus*, trajetórias sociais e biografia coletiva, com uma técnica apurada de entrevista focada como a de Merton, permite a realização de pesquisas profundas, onde serão levadas em conta tanto a subjetividade individual contida nas histórias de vida, quanto as idiossincrasias do espaço social, onde reinam as desigualdades veladas e as verdades ocultas pela ilusão da transparência do mundo moderno (Becker, 1986).

Temos assim uma proposta teórica final, centrada na idéia de uma *biografia coletiva*, como um artefato que conjugue todos os conceitos presentes na obra de Bourdieu: *habitus*, campo, trajetórias.

A despeito disso, uma última digressão faz-se necessária, pois cremos na ausência de uma metodologia específica de colocação em jogo dessa proposta de “biografia coletiva”. Essa metodologia seria aquela presente no livro *A miséria do Mundo* (Bourdieu, 2003), onde são realizadas entrevistas e esboçadas trajetórias? Analisamos essa possibilidade a seguir e depois esperamos estar aptos a mergulhar em nosso esforço de deciframento empírico.

Biografia coletiva de uma persona coletiva: uma proposta.

Este trecho da tese procura relacionar a proposta de biografia coletiva de Pierre Bourdieu e suas possibilidades teóricas com a questão histórica do “engajamento” político dos cientistas, que acaba por nos remeter à definição do que é um intelectual, tema caro a muitos autores. Como exemplo polêmico, a forma de elaborar esse engajamento em Pierre Bourdieu através do livro *A miséria do mundo* é debatida nesse espaço, e uma proposta final de metodologia empírica é proposta.

O interesse inicial nesse momento da tese é discutir a mudança metodológica nos trabalhos de Bourdieu, notadamente em *A miséria do Mundo*, sobretudo no período de declarado e progressivo engajamento no cenário público francês e mundial, quando o autor passou a ocupar sistematicamente os espaços sociais da mídia. Ao mesmo tempo, esperamos contribuir com uma proposta de análise de dados qualitativos obtidos através de histórias de vida ou biografias, baseada na discussão dos métodos do “construtivismo genético” daquele autor, em paralelo a outras concepções de tratamento desse tipo de abordagem.

Na primeira parte desse trecho, retomamos algumas grandes linhas de análise do papel do intelectual para, em seguida, procurarmos mostrar como as posturas daí decorrentes refletem-se na própria *teoria em ato* das pesquisas. Na

seqüência, discutimos as possibilidades de um método que leve em conta e valorize tanto o material advindo das visões de mundo dos entrevistados como as exigências de rigor científico do mundo acadêmico, reabrindo e incorporando as concepções de Halbwachs sobre a memória coletiva.

O modelo d'A Miséria do Mundo

Podemos considerar que Bourdieu sempre trabalhou com uma perspectiva científica na qual a idéia de biografia individual jogou um papel secundário e, em si mesma, nunca foi um material sociológico nobre. Por isso abre seu livro *Esquisse pour une auto-analyse* (Bourdieu, 2004a) com a frase “isto não é uma autobiografia”. Esta era, imagino, uma alusão e uma metáfora ao célebre quadro do pintor surrealista René Magritte, no qual ele representa uma foto de um cachimbo acompanhada da frase “isto não é um cachimbo”.



Figura 3- La trahison des images, René Magritte

Mais importante, o que Bourdieu apontava era que a objetivação de partes de sua biografia não era uma autobiografia, mas uma representação de outra coisa, no caso, o campo científico onde sua biografia estivera imersa até então. Como representação, depende de toda uma técnica de observação,

recolhimento, codificação, análise e interpretação que nada têm de arbitrária ou somente subjetiva e pessoal.

No entanto, como mostram seus últimos trabalhos, a partir de sua aposta na posição de um intelectual que atua nos movimentos sociais e por meio de suas intervenções públicas, Bourdieu assume novos rumos e investe na possibilidade de fazer do científico uma base social do intelectual atuante e, para usarmos a palavra tabu, engajado. Essa palavra de origem latina é um galicismo que significa recrutar e colocar alguém a seu serviço; colocar alguém em situação de responsabilidade ou de implicação e também a de dar algo em caução, em fiança.

A discussão sobre o papel dos intelectuais sempre é candente, mas o que nos interessa sobremaneira nesse caso é que sua inflexão política levou a uma mudança teórica em seus últimos trabalhos, mesmo que essa nova abordagem tenha sofrido uma interrupção com sua morte.

Para Foucault, o papel de intelectual passou por uma forte mudança a partir da segunda guerra mundial, e a prática de pensar o universal, as grandes temáticas, os grandes problemas e as questões humanas mais prementes, deixou de ser um atributo de “uma consciência de todos”, de “uma lúcida e individual figura da universalidade”. Uma nova relação entre teoria e prática, entre conhecimento e engajamento, nasce com o intelectual concreto, *específico*, ligado a conflitos que se desenrolam à sua frente e em seu domínio de conhecimento, “em poucos e definidos setores” onde sua vida e seu trabalho mesclam-se de maneira inderrogável (Foucault, 1981, p.303, 1988).

A posição do intelectual em Bourdieu

Em geral, podemos destacar dois pólos, em Bourdieu, quanto ao papel do intelectual: um, o de um agente universal da razão, promotor e criador da verdade científica e do conhecimento aprofundado da sociedade; outro, o de um agente que legitima ações políticas e reivindicações sociais através do seu capital

científico, que lhe promove um capital simbólico transferível desse campo ao campo social.

A rigor nunca houve na obra de Bourdieu uma distinção específica entre um saber neutro e outro engajado, mas sim quanto às condições de produção de um saber verdadeiramente científico que são a expressão de uma autonomia relativa de determinado campo de produção cultural, mais ou menos subordinado aos campos dominantes da sociedade. Pode-se até afirmar o contrário, de que “o engajamento do saber de Bourdieu está epistemologicamente inscrito em sua obra” (Bensaïd e Corcuff, 1998).

No entanto as diferenças de ênfase entre os dois pólos acarretam, além de toda uma discussão quanto à atuação política de Bourdieu, uma mudança no perfil epistemológico de seus trabalhos. No caso da utilização do capital científico como argumento de base para uma intervenção política, cujo grande exemplo é o livro *A Miséria do Mundo*, a sua realização foi realmente uma aposta polêmica, pois este livro representa também um investimento pelo qual a questão do engajamento intelectual foi recolocada na ordem do dia. Conforme Pinto, esse livro foi o resultado de duas apostas simultâneas: uma intervenção propriamente política e, ao mesmo tempo, uma aposta epistemológica. A fórmula que pode resumir essa aposta é “politizar a individualidade” (Pinto, 2006).

Politicamente Bourdieu visava tornar pública a questão das desigualdades sociais na França. A partir dos anos 80, a percepção social geral, alimentada por uma série de sintomas cotidianos, era de que as disparidades sociais aumentavam e de que a pobreza estava disseminando-se. Esse ambiente gerou longos debates e uma série de estudos procurou delinear esse processo. Paugam (2005) afirma que essa percepção generalizada deve-se ao fato da França estar passando de um quadro de “pauvreté marginale” a um quadro de “pauvreté disqualifiante”. No primeiro quadro de pobreza marginal, a pobreza ainda é combatida, causa um debate em torno do tema da desigualdade e da divisão das riquezas, e nele existe um número pequeno de pessoas com o estatuto social de “pobres” e nessa situação são tratados como casos sociais. No

segundo, de pobreza desqualificante, há uma tomada de consciência coletiva do surgimento de uma nova pobreza ou da idéia de exclusão, com uma grande disparidade de situações e de estatuto social, o que leva a uma dificuldade de tornar inteligível o fenômeno.

A maneira de denunciar, politicamente, esse estado de coisas, através dos instrumentos científicos à disposição, que Bourdieu e o grupo de pesquisadores ao seu redor encontraram, foi a de colocar as pequenas misérias cotidianas na ordem do dia no livro *A miséria do mundo*: por um lado as “misérias de posição” - devidas a uma queda de estatuto social, por outro as dos “excluídos do interior” - daqueles que ocupam uma posição dominada e subalterna dentro do mundo social e sofrem a precariedade de sua situação, assim como a exclusão pela imigração e pela mudança geracional – os estrangeiros em vias de aculturação e os filhos de imigrantes aculturados, mas não integrados na nova sociedade de seus pais.

Além disso, esse movimento representou uma aposta teórica: encontrar uma perspectiva de estudo de caso minucioso, aplicar ao individual uma teoria global e complexa como a praxiologia de Bourdieu que, em geral, busca explicações estruturais e por tanto foi freqüentemente questionado e acusado de incapaz de ater-se aos problemas menores e cotidianos dos agentes sociais. Essa aposta epistemológica representa, em minha opinião, uma nova maneira de abordar a práxis social, incorporando com mais profundidade as experiências cotidianas das pessoas. Veremos com mais detalhes essa aposta, detalhando as opções feitas por Bourdieu.

Um uso político da ciência ou uma redefinição do objeto

Essa proposta centrou-se na proposta de uma biografia coletiva já delineada em outros trabalhos, mas que tomou uma forma politizada de valorização das trajetórias individuais no livro *A Miséria do Mundo*. Nesse trabalho Bourdieu buscava mostrar e demonstrar a extensão da miséria nas sociedades neoliberais modernas.

Entrevistas exemplares foram reproduzidas com diversas personagens, por diversos entrevistadores: o livro fez fama, com seu conjunto de relatos que explora as similaridades estruturais de gente comum, com suas pequenas histórias de vida, suas mazelas infinitamente pequenas e enormemente pungentes, dos “excluídos do interior” (Bourdieu, 2003).

A metodologia utilizada, uma “construção realista”, parece uma aposta metodológica, unindo a habilidade internalizada em um “*habitus científico*” de pesquisa e um corpo teórico de peso que explicita a dinâmica dos campos sociais inferidos: “a verdadeira submissão ao dado supõe um ato de construção baseado no domínio prático da lógica social segundo a qual esse dado é construído” (Bourdieu, 2003, p.705). Para dirimir os efeitos da violência simbólica possível na relação entre entrevistador-entrevistado, deve-se, segundo o autor, instaurar um diálogo socrático, uma “relação de escuta ativa e metódica, tão afastada da pura não-intervenção da entrevista não-diretiva, quanto do dirigismo do questionário” (Bourdieu, 2003, p.695).

Da conjunção dessa atenção redobrada e da construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria, pode-se obter uma compreensão genérica e genética dos agentes sociais, a saber:

O domínio das condições de existência e dos mecanismos sociais cujos efeitos são exercidos sobre o conjunto da categoria da qual eles fazem parte (as dos estudantes, dos operários, dos magistrados, etc.) e domínio dos condicionamentos inseparavelmente psíquicos e sociais associados a sua posição e a sua trajetória particulares no espaço social (Bourdieu, 2003, p.700).

Essa proposta de Bourdieu, se bem que dentro da mesma linha de valorização dos materiais vividos e das trajetórias individuais, difere da proposta de Howard Becker, de “mosaico científico”, um acúmulo de quadros menores, específicos, localizados em torno de um mesmo assunto ou tema, que com o

acúmulo de conhecimentos parciais gerariam um grande painel multicolorido: aqui a idéia é de uma colagem de elementos heterônimos, dessimétricos, com um resultado no entanto geral harmônico (Becker, 1986). Ainda, o motivo do mosaico pode ser menos característico e mais disperso, formando um quadro se mirado a distância. Ou então as infinitésimas pequenas partes apresentam, como que naturalmente, sem um sentido prévio, um resultado final harmonioso. Seria uma forma mais moderna de arte, como a de Tomie Ohtake:



Figura 4- Tomie Ohtake

Talvez por isso o investimento em um tratamento diferente das histórias recolhidas. De início, Bourdieu e colaboradores transcreveram as entrevistas praticamente na íntegra, com pequenas alterações que visavam dar sentido ao texto ou aportar esclarecimentos necessários (Bourdieu, 2003). A publicação dos textos é fato raro em análises biográficas e em geral o material colhido fica restrito à cozinha metodológica, ao fazer pretérito à interpretação. Essa prática abre a possibilidade de uma análise ou uma leitura diferente dos conteúdos registrados da entrevista pelo leitor e uma certa margem de interpretação dos depoimentos.

N'A *Miséria do Mundo* é inegável uma mudança de enfoque quanto ao material utilizado na análise, pois a ordem geral do livro é apresentar uma série de entrevistas, sobre pessoas comuns, desconhecidas, quase anônimas, um conjunto de pessoas, de seres humanos que formam uma constelação de cogumelos, um vasto pontilhado de pequenos "pixels", de ínfimos pontos no espaço social. Essa constelação invisível de seres humanos que não valem o que pesam, são condenados à insustentável leveza do ser, ao anonimato em uma sociedade condenada à mídia, à performática pública, é o ponto de partida do livro. Os investigadores do social tornam-se grandes artistas dos finos traços, dos pontilhados, dos esboços inacabados do mundo social.

Como um quadro impressionista, os elementos formam um único coeso a fazer sentido se vistos e apreciados em conjunto; muitas vezes a própria apreciação impõe uma distância mínima entre o observador e a pintura. Esse conjunto pressupõe uma idéia ou conceito central que se dispersa em traços individualizados. Essa idéia central n'A *Miséria do Mundo* é que dirige a pintura dessa constelação invisível de sofrimentos dispersos e ubíquos, de mazelas tanto universais quanto minúsculas, tanto pungentes quanto caladas no pensamento individual, tão desabridas como inexprimíveis. Em muitos sentidos, *A Miséria do Mundo* é uma composição de cunho impressionista.

Essa proposta esboçada por Bourdieu seguramente coloca problemas teóricos e metodológicos, que não escaparam aos olhos atentos dos pares ou ímpares. Um conjunto de críticas foi endereçado, pelos últimos, aos métodos utilizados por Bourdieu em seu livro, como os de Nonna Mayer (1995).

Regra geral, a autora aponta como problemáticas algumas questões, inicialmente em relação ao objeto: conforme os cânones sociológicos pouco seguidos e muito comentados, deve-se realizar uma definição clara do objeto de estudo, rompendo com as pré-noções e senso comum: a noção de miséria não foi suficientemente analisada, prestando-se a confusões com sofrimento, dor e infelicidade (Mayer, 1995, p.358).

Em seguida, a escolha da amostra. Das 182 entrevistas realizadas sem uma explicitação dos critérios de seleção e de sua representatividade (no senso não estatístico), foram publicadas somente 62 e suas análises, ainda sem maiores esclarecimentos.

Uma outra crítica: a estruturação da entrevista não é de fácil classificação em nenhum item das tipologias normais, que vão desde o questionário estruturado à entrevista não-diretiva, pois Bourdieu afirma em seu *pós-scriptum* da necessidade imperiosa de evitar toda e qualquer “violência simbólica” devida à dessimetria entre entrevistador e entrevistado (Bourdieu, 2003). Isso leva a uma dificuldade que induziu Bourdieu a utilizar entrevistadores autóctones, ou seja, que viviam na mesma situação e espaço social dos entrevistados: por outro lado essa tática causa uma dificuldade de objetivação e de distanciamento entre iguais, e a entrevista corre o risco de não ser bem sucedida.

Nas entrevistas que realizou pessoalmente, o *modus operandi* de Bourdieu foi caracterizado pela autora como invasivo, pois seu “engajamento foi muito longe” na condução das entrevistas, tornando essa relação uma “conversação ordinária” (Mayer, 1995, p.359-360). Por fim, uma crítica endereça-se a Bourdieu quanto à uma mistura perigosa, nesse livro, entre literatura e ciência, através de uma aproximação incauta da forma de redação dos comentários das entrevistas de uma forma literária desabrida.

Apesar das críticas, o objetivo político do trabalho de Bourdieu foi de fato alcançado, seu livro fez carreira em todo o mundo e muita tinta correu em torno desse assunto. Ao mesmo tempo, um livro de certa forma inclassificável na sua trajetória de pesquisador, pois rompeu de fato com várias diretrizes de seu próprio trabalho. Um livro a esquecer para os que clamavam por uma sociologia menos durkheimiana e cientificista de Bourdieu, um livro a criticar pelos que viram sua metodologia ameaçada por uma proposta polêmica.

Devemos assumir essa obra como uma proposta de trabalho a ser desenvolvida, um programa de pesquisa futuro ou uma idéia específica de intervenção política ligada a um momento histórico?

Após a publicação de *A miséria do Mundo*, Bourdieu parece tomar novos objetos e começa a trabalhar com conceitos mais afastados da sociologia tradicional. Parece inegável uma mudança de rumos nos trabalhos de Bourdieu a partir dessa publicação. Nas suas intervenções desse período, um certo grau de intimismo e auto-análise vai num crescendo, passando por *Science de la science et réflexivité* (Bourdieu, 2001b) até a obra *Esquisse pour une auto-analyse* (Bourdieu, 2004a).

Outras idéias

Diversas propostas surgiram nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 70, com a intenção de valorizar esses materiais. A tentativa central é a valorização do mundo subjetivo e das histórias individuais. Mas a grande questão de método é o obstáculo da universalização dessas histórias de vida, a passagem do individual ao coletivo. Quanto a essa passagem, Ferrarotti (1983, p.44-45) assinala as maneiras tradicionais de lidar com as informações obtidas, como o uso das biografias como material ilustrativo de um conhecimento prévio; ou então, como estudo de casos e análises qualitativas ligadas e posteriores a dados quantitativos, estes sim responsáveis pelo estabelecimento de hipóteses entre as relações causais centrais.

Em vários sentidos, a biografia coletiva guarda grandes semelhanças na maneira de tratar a análise dos “relatos de vida” apresentada por Ferrarotti, ao defender a idéia da biografia de grupo, que ele chama de biografia de um “grupo primário”. Como ele aprofunda e refina vastamente esse tipo de análise, vale uma pequena digressão em torno de seus argumentos.

Para esse autor, a história de vida como material primário essencial das ciências sociais é a base de uma aposta metodológica na capacidade inerente dessas histórias de vida de portarem invariantes estruturais, “convergências que

emergem tematicamente nas histórias de vida singulares ao interior de um horizonte histórico dado” (Ferrarotti, 1983, p.31). Assim, a história faz do ser social um ser histórico e através da história estamos todos unidos. Não uma história tradicional das elites, mas a famosa história “vindo de baixo”, uma história que é uma “memória coletiva do cotidiano”, do que é moeda corrente entre os grupos humanos concretos, pequenos, anônimos, efêmeros.

Se a *práxis* humana é o cerne dessa simbolização, da criação dos significados e dos sentidos das relações entre as pessoas, quando um indivíduo reconta sua história ele nos conta ou nos brinda com uma fonte valiosa de conhecimento. Para Ferrarotti:

(...) cada ato individual é uma totalização de um sistema social e uma vida é uma prática que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) as interioriza e as retransforma em estruturas psicológicas por sua atividade de desestruturação-reestruturação (Ferrarotti, 1983, p.50).

Esse movimento corresponde a uma mudança da história como disciplina, que introduziu progressivamente métodos e conceitos sociológicos em sua prática de pesquisa, e ao mesmo tempo uma mudança também da sociologia, que abandonou o macro-estrutural e mirou as micro-relações humanas. De certo modo, cumpria-se a definição de Mills para a ciência social, destinada a estudar as relações entre biografia e estruturas sociais, dentro do processo histórico e privilegiando a compreensão de uma psicologia individual “sociologicamente fundamentada e historicamente relevante” (Mills, 1969, p.156).

No Brasil, o trabalho *A estória do Severino e a história da Severina* (Ciampa, 1990) é uma exceção louvável que antecipa de alguma maneira essa idéia. Nesse texto, o relato pessoal e biográfico, de uma pessoa chamada Severina, é comentado e analisado pelo autor. Ele, ao mesmo tempo, o coloca em relação direta com a estória do Severino, protagonista do poema de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*. Condensando o relato de sua entrevista com Severina, o autor ponteia o poema, ou glosa os sonetos do poeta, através do

relato verídico e dos acontecimentos na vida da pessoa que migrou do nordeste para São Paulo. Aqui, os relatos são resultados das entrevistas e o comentário acontece do ponto de vista dos entrevistadores, que comentam as obras através de conhecimentos científicos e hipóteses teóricas. O mesmo acontece no trabalho de Bourdieu.

No entanto, nenhuma proposta discutida até aqui resolve, satisfatoriamente, o problema. As histórias individuais em si mesmas trazem inúmeras possibilidades de análise, e sua representatividade é sempre um ponto de discussão.

Em nossa opinião, justamente a teoria bourdieusiana, com suas vicissitudes e virtudes, é a que melhor resolveu essas questões, estabelecendo coerentemente aquilo que Ferrarotti clama como necessário, uma “hierarquização das mediações”:

O caminho heurístico que vai simultaneamente de uma biografia a uma sociedade e de uma sociedade a uma biografia implica por consequência uma teoria e uma tipologia das mediações sociais que constituem os campos ativos das totalizações recíprocas (Ferrarotti, 1983, p.61).

Por isso, até hoje a proposta de Bourdieu de tratar os relatos das trajetórias individuais dentro de uma “biografia coletiva”, através do *habitus*, parece uma excelente solução ao dilema investigador e investigado, entrevistador e sujeito que vivenciou o conteúdo subjetivo. Seu grande mérito como metodologia é a constatação e as facilidades proporcionadas no que diz respeito a sua aplicação e seus objetivos, por estar grandemente inserida em uma teoria de médio alcance poderosa nos moldes mertonianos (Merton, 1967), o “construtivismo genético” (ou teoria da *práxis* ou praxiologia).

A questão a ser resolvida é como transformar esse conhecimento cotidiano em artefato científico, e retomando nossa discussão, como generalizar a partir das experiências de entrevistas individuais. Nossos pressupostos básicos

são assumir que cada entrevista ou relato é uma interação complexa, cujo resultado sofre a interferência do campo social de comunicação (na teoria bourdieusiana, como vimos, isso significa uma possível “violência simbólica”) e a análise deve ser assumida como uma hermenêutica de uma interação que reproduz todo o universo social.

No entanto, a teoria da práxis de Bourdieu coloca dificuldades práticas de análise, pois compreender um campo como um todo não é uma tarefa evidente a realizar e o alcance da análise dificulta o encontro de instâncias mediadoras.

A proposta de Ferrarotti inova em “substancializar” uma instância intermediária entre o campo e o agente social, o grupo primário ou grupos locais, pois para ele “o grupo primário revela ser o momento fundamental de mediação entre o social e o individual”(Ferrarotti, 1983, p.62) . Por esse motivo, a escolha do grupo primário como centro dos interesses do método biográfico vem de acordo com nossa proposta de análise e de construção de uma *biografia coletiva*. Nos termos do autor:

Tomado como ponto de partida obrigatório, relacionalmente heurístico, o grupo permite eliminar a etapa mais complexa de todo método biográfico: a compreensão da totalização infinitamente rica que um indivíduo opera no seu contexto e exprime através das formas cifradas de um relato biográfico (Ferrarotti, 1983, p.64).

Mas seria interessante especificar melhor o que seria um grupo primário.

De acordo com a etimologia, a palavra grupo vem do germânico “kruppa” que significava “massa arredondada”, que foi introduzido no italiano antigo através do vocábulo ‘gruppo’ que designava o conjunto de figuras presentes em um quadro. Ele significa “reunião de pessoas, animais ou coisa, formando um todo, um conjunto”(Da Cunha, 1986).

O grupo vem sendo estudado de longa data, mesmo desde Durkheim. No entanto, no contexto da criação da Escola de Chicago, um grande número de pesquisas foi realizado, empregando empiricamente e sistematicamente esse conceito. Foi Charles Horton Cooley, que cunhou a definição de grupo primário que define pela referência a relações face a face e de relações íntimas que estabelecem seus membros, como a família, a vizinhança, o grupo de amigos:

Por grupos primários, eu designo os grupos que se caracterizam por relações de cooperação e de associação face a face, marcadas pela familiaridade. Eles são primários em diferentes sentidos, mas antes de tudo na medida em que eles exercem um papel fundamental na formação da natureza social dos indivíduos e de seus ideais. De um ponto de vista psicológico, o que resulta de tais associações familiares, é uma forma de fusão das individualidades em uma totalidade comum, de tal maneira que o eu singular de cada um identifique-se em parte à vida comum e aos objetivos do grupo. O modo mais simples de descrever esta totalidade consiste talvez afirmar que se trata de um “nós”. Ela implica este tipo de simpatia e de identificação mútua cujo pronome “nós” constitui a expressão natural. Os indivíduos identificam-se no sentimento do todo e encontram neste sentimento os principais objetivos em torno dos quais dirigem suas vontades (Cooley, 2002).

Pode-se mesmo afirmar que para o autor o uso do pronome “nós” de uma forma natural e até mesmo irrefletida define o pertencimento ao grupo. Esses grupos são fundamentais para a socialização, pois são os grupos nos quais as pessoas integram-se de maneira estável, onde elas mantêm relações constantes, estabelecem uma intimidade maior, influenciam profundamente seus membros. A sociabilidade destes grupos seria muito influenciada pelo pertencimento territorial e familiar. Cooley apontava como exemplos de grupos primários a família, a vizinhança, os grupos de amigos. Essa definição de Cooley tornou-se bastante difundida e é até hoje utilizada, passando ao lugar comum da sociologia. O próprio Ferrarotti a emprega sem grandes qualificações.

No nosso trabalho utilizamos quase no mesmo sentido, mas é necessário neste caso levar em conta que as formas de socialização e de sociabilidade moderna mudaram significativamente em relação ao início do século XX. Como no caso da família, ela tornou-se, de muitas maneiras, completamente diferente e deixou de certa maneira de ser o núcleo original e fundamental da sociabilidade. Assiste-se ao crescimento das famílias monoparentais, o distanciamento espacial e afetivo dos parentes, etc Do mesmo modo, a vizinhança passou a ser uma demarcação espacial e geográfica esvaziada, como apontava Milton Santos (Santos, 1979, 1996), e os espaços de sociabilidade passam a ser deslocados em relação à ocupação de fato do solo urbano. A vizinhança deixou de ser um elemento definidor da identidade e fator de formação de grupos primários em geral, salvo em situações específicas.

Dessa maneira, como aponta Jean-François Marcotte (2003), percebemos o papel crescente de outras formas de socialização, como pelo lazer ou pelos meios de comunicação, como a internet.

Dentro deste contexto, podemos e devemos assumir o espaço de trabalho, sobretudo em uma profissão altamente seletiva e com profissionais de alta formação intelectual, como um lugar de formação de “grupos primários”. Nesse espaço, os intelectuais passam a maior parte de suas vidas, entram em relações permanentes por longos períodos, às vezes por toda a vida, estão diariamente em contato direto, e estabelecem relações afetiva de intimidade e de partilha de opiniões comuns. Mesmo aquele indivíduo que se recusa a participar e define sua identidade através da negação, a sua referência é o grupo, e ele se torna um “outsider”. Os membros deste espaço passam a partilhar de disposições pessoais, maneiras comuns de ver e interpretar a realidade social e a dividir a intimidade do grupo. Por isso, assumimos neste trabalho os grupos formados pelos professores, dentro de cada vanguarda e dentro de cada espaço específico como grupos primários, que constituirão uma *persona* coletiva pela coesão de um *habitus* científico.

Nossa proposta é baseada na constatação de que as pessoas percebem o grupo a partir de sua perspectiva individual, e constroem-se como uma *persona* através dessa relação com o grupo:

Através das desestruturações e reestruturações do contexto que ela opera, a prática do grupo é mediadora e reprodutora ativa da totalidade social nos seus micro-registros formais e informais, suas linhas de poder e de comunicação, suas normas e sanções, suas modalidades, suas redes de interação afetiva, etc; o grupo em si mesmo torna-se por sua vez – e simultaneamente – o objeto da prática de síntese de seus membros (Ferrarotti, 1983, p.62).

Nessa linha de raciocínio, Luc Boltanski propõe a análise de um grupo a partir de seu próprio movimento histórico de constituição, considerando o modo como seu espaço social de atuação, suas regras implícitas e explícitas de funcionamento, seus códigos secretos e outros modos de diferenciação:

(...), nós podemos tentar analisar a forma do grupo interrogando o ‘trabalho de reagrupamento’, de inclusão e exclusão, do qual ele mesmo é produto, analisando o ‘trabalho social de definição e delimitação’ que acompanhou a formação do grupo e que contribuiu, objetivando-o, a criá-lo como um fato natural existente por si mesmo (Boltanski, 1981).

Pode-se afirmar que uma “*persona* coletiva” (*personne collective*) representa uma identidade social, uma marca de pertencimento, um conjunto flutuante, mas que mantém sua estabilidade e integridade no tempo. Esse conceito tem toda uma história dentro do pensamento ocidental, e uma bela análise foi realizada por Mauss. Ele procurou demonstrar que “a personalidade, a alma vêm, com o nome, da sociedade” e para isso retoma a etimologia da palavra *persona*:

Voltemos ao passado. *Persona* = máscara. Eis o sentido original do termo. Foram os romanos que transformaram a noção de máscara, personalidade mítica, em noção de pessoa moral (Mauss, 2001, p.382).

O conceito de Boltanski remete a uma dialética constante entre o grupo, que é essa identidade coletiva construída, e o indivíduo, que se define como pessoa, ao menos parcialmente, por ser um integrante desse grupo social. A coesão de um grupo flutuante, mas característico, de uma *persona* coletiva, só pode ser mostrada de forma reflexiva:

Nós não poderíamos assim construir hipóteses sobre a formação e as propriedades dos instrumentos cognitivos (esquemas, categorias, conceitos, etc) através dos quais os agentes pensam o grupo e seu pertencimento ao grupo sem relacioná-los à estrutura do grupo e a sua história, dos quais esses instrumentos são o produto interiorizado e reificado, e que eles reproduzem por sua vez cada vez que eles são colocados em prática (Boltanski, 1981, p.342-343).

Dentro desse ponto de vista, podemos pensar o conceito de *illusio* de Bourdieu como essa imagem grandemente socializada e que toma forma de uma “auto-imagem social”, uma imagem construída umbilicalmente pela posição social, onde se condensa tanto sua disposição pessoal como o poder social do cargo. Nesse ponto estão imbricados o investimento disposicional de uma *persona* individual e o investimento institucional de uma *persona* coletiva. Se o indivíduo carrega para os postos ou cargos de poder seus desejos e projeções libidinais, por outro lado esse sujeito é subsumido pelas instituições que em si mesmas, e por motivos necessários e suficientes de seu funcionamento, colocam-no nas malhas dos investimentos institucionais do poder.

O resultado gerado pela sobreposição desses investimentos gera uma *illusio* social diferente, uma mistura de um papel no sentido interacionista e de um *habitus* no sentido bourdieusiano, um amálgama que poderíamos chamar de “máscara social”.

Como na obra seguinte, estamos fadados a ser múltiplos na unidade, e um *habitus* único e social:



Figura 5- La comédie humaine ou Le masque, 1857- 1859, Ernest Christophe.

Somos, ao mesmo tempo, face e máscara, pelo inegável de uma ligação profunda entre nossos desejos mais íntimos e nossos investimentos em um campo social, através da incorporação profunda da *illusio* do campo e das instituições do campo.

Como argumenta Claude Dubar, as maneiras como os sociólogos definem suas teorias de socialização, ou do parecido ao similar, as suas teorias da ação, dependem de como definem e distinguem a identidade pessoal e a identificação social. Uma orientação ligada à psicologia, baseada na realidade inegável de um “eu”, uma realidade substancialista, permanente e autônoma, é definida por Dubar como “essencialista”. Uma outra, “relativista”, reduz o eu e a identidade biográfica à uma ilusão que mascara a real posição do indivíduo no

sistema das classes sociais, uma ilusão responsável pela negação de tudo o que o agente deve a sua posição social no campo (Dubar, 1998).

A proposta, então, de realização de uma biografia coletiva, por meio dos grupos primários, remete-nos à idéia de uma mediação entre uma identidade pessoal e social, entre o social e o individual, sobrepujando as posições “*essencialistas e relativistas*”. Essa mediação evidencia as relações entre o autobiográfico e o histórico, entre o que pertence ao sujeito, ao eu, ao intimamente pessoal e o que pertence ao social, ao coletivo, ao universal. Sem cairmos na velha armadilha de considerar como real a separação teórica dessas duas esferas, podemos retomar as relações entre as memórias individuais e as memórias coletivas, como propôs Maurice Halbwachs (1997).

Esse pensador foi o grande fundador dos estudos sobre memória em sociologia e inaugurou uma linha de pensamento sobre os modos de apreensão do mundo simbólico pelos indivíduos, aprofundando e inovando a proposta de Durkheim. A enorme tarefa a que se propôs foi a de compreender os mecanismos individuais e os coletivos de formação da memória e, ao mesmo tempo, estabelecer as diferenças sutis entre os dois tipos:

Deveríamos então distinguir de fato duas memórias, que chamaríamos, se desejarmos, uma de interior ou interna, outra exterior; ou melhor uma memória pessoal, outra memória social. Nós diríamos mais precisamente ainda (a partir do ponto de vista que acabamos de indicar): memória autobiográfica e memória histórica. A primeira apoiaria-se na segunda, pois sobretudo a história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, muito mais extensa que a primeira. Por outro lado, ela só representaria o passado de uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro muito mais contínuo e denso (Halbwachs, 1997, p.99).

Compreender a relação entre a memória individual e a coletiva representa simultaneamente estudar e entender os mecanismos tanto da *socialização* como dos processos de formação de identidades, pois que eles ocorrem simultaneamente e são as bases das permanências das regularidades estruturais da sociedade. Reescrevendo o mesmo raciocínio, podemos postular que qualquer teoria de ação passa, na sociologia contemporânea, pela compreensão das maneiras como o social é interiorizado nos recônditos e complexos mecanismos individuais, sem por isso entrarmos em uma sociologia de forte acento psicológico, mas em permanente aproximação de uma psicologia social.

Para Halbwachs (Halbwachs, 1997), a memória social, memória coletiva, dos grupos sociais, desenha-se como um quadro surrealista, um conjunto que mescla as memórias individuais de inúmeros indivíduos, que estabelecem um resultado final que se reforça pelos pequenos pedaços, muitas vezes irreconhecíveis, dos fragmentos dispersos das lembranças pessoais. Primeiro o reconhecimento, o retraçar das mesmas linhas sobre os sulcos já velhos das lembranças, em seguida a correção desses sulcos com linhas parecidas, mas diferentes, vindas de outras memórias individuais, mais a sobreposição dessas lembranças pela preservação histórica e socialmente assegurada pelas estruturas sociais, como necrológios, ritos, rituais, comemorações históricas, existência física de dados cronológicos, tudo gera um quadro de memória coletivo, ou social, como o imaginado por Salvador Dalí, em 1931, para representar *A persistência da memória*:



Figura 6- A persistência da memória, 1931 - Salvador Dali

Já a memória individual (autobiográfica) é composta por todas as coisas e traços que guardamos, que ouvimos, experimentamos, sentimos, olhamos e que permanecem guardados e inativos. Esses fragmentos pertencem muitas vezes ao domínio dos sonhos, das lembranças da infância longínqua, das falas dos seres próximos e, às vezes, de um mundo de fantasmagorias. Poderíamos representar esse esmaecimento, de novo, por uma criação de Dalí de 1952-1954, chamada *A desintegração da persistência da memória*, um contraponto a seu quadro anterior. Nela, os traços transformam-se, recobrem-se, são justapostos, sedimentam-se em camadas superpostas e são refundidas em novas memórias, resultado de um trabalho de interpretação e reajustamentos no tempo:



Figura 7- A desintegração da persistência da memória, 1952-1954, Dali.

Assim, a relação entre as duas memórias é exemplificada por Halbwachs com o exemplo de suas lembranças familiares, sobretudo aquelas ligadas a seu pai. O encobrimento da memória pessoal autobiográfica pela memória histórica, social, é uma passagem capital na obra do autor, pois nos autoriza tratar a memória como um objeto sociológico:

Tudo aquilo de novo que eu aprendo sobre meu pai, e também sobre aqueles que estiveram em relação com ele, todos os julgamentos novos que eu tenho sobre a época na qual ele viveu, todas as reflexões novas que eu faço, a medida que eu me torno mais capaz de refletir e que eu disponho de mais termos de comparação, me inclinam a retocar seu retrato. É assim que o passado, tal como me aparecia antigamente, degrada-se lentamente. As novas imagens recobrem as antigas como nossos parentes mais próximos interpõem-se entre nós e nossos ancestrais longínquos, de tal forma que, destes nós conhecemos somente aquilo que aqueles relatam. Os grupos dos quais eu faço parte nas diversas épocas não são os mesmos. Ora, é a

partir deles que eu considero o passado. Assim, é claro que a medida que eu me engajo mais nesses grupos e que eu participo mais estreitamente de suas memórias, minhas lembranças renovam-se e completam-se (Halbwachs, 1997, p.123).

Em nossa proposta então, o objetivo seria trabalhar com conjuntos de trajetórias e traçar assim uma “biografia coletiva” de um “grupo primário”, utilizando-se, para descrever essa biografia, das memórias biográficas dos agentes sociais imersos nesses grupos. Ao mesmo tempo, relacionar esse material biográfico, obtido através de entrevistas qualitativas, com a memória social - oficial, histórica, construindo-se assim uma memória coletiva final que seria a memória social do grupo e não a dos indivíduos. Através dessa mediação, respeitar as perspectivas humanas em jogo e objetivar, cientificamente, os espaços sociais e seus conflitos.

Depois de explicitado o marco teórico maior, os desafios e as possibilidades propostas pela teoria de Bourdieu dentro dos estudos sobre intelectuais e a atividade científica, faltaria descrever e analisar as aplicações de suas teorias no campo relacionado à saúde, à doença e suas instituições em geral, como preâmbulo à nossa própria utilização de seu instrumental nesta tese.

A seguirm colocaremos em pauta o estatuto teórico dos intelectuais da saúde e dos grupos, inserindo-os dentro do espaço social específico que habitam e no qual exercem suas práticas.

Pierre Bourdieu e o *habitus* dos intelectuais da saúde

Não existe índice mais claro da ruptura com a tradição camponesa do que todos aqueles comportamentos nos quais se exprime uma atitude completamente nova em relação à doença: pode-se imaginar uma negação mais total da moral da honra do que essa complacência consigo próprio e com seu próprio corpo, que a “civilização” incentivou?

Pierre Bourdieu e Abdelmalek Sayad. *Le Déracinement*, 1964.

A intenção aqui é perscrutar a presença dos temas saúde e medicina nos trabalhos de Bourdieu e de seus colaboradores, como forma de apreender possibilidades teóricas sobre como estudar as instituições da área médica.

Por paradoxal que possa parecer para os propósitos deste trabalho, é mister salientar que, a rigor, não há estudos publicados por Bourdieu expressa e especificamente sobre a prática médica. Mas isto não impede que sua instigante teoria tenha aportado contribuições reais e também potenciais para estudos nessa área, pois ao superar tanto o objetivismo quanto o subjetivismo, propôs uma construção do indivíduo *no* social, que incorpora a sociedade e exterioriza sua individualidade, reagindo fenomenologicamente de acordo com disposições socialmente construídas.

Em seus primórdios intelectuais, nos anos cinqüenta, Bourdieu estava próximo da corrente filosófica ligada a uma reflexão epistemológica voltada para a história da filosofia e das ciências. Escreve, para sua tese para o diploma de estudos superiores (graduação), uma tradução comentada de Leibniz, *Leibnitii animadversiones in partem generalem principiorum Cartesianorum*, à École Normale Supérieure. Nessa época, esboçou o trabalho inacabado *Les structures temporelles de la vie affective* (As estruturas temporais da vida afetiva), para sua “tese de doctorat d'état” (doutorado), sob direção de George Canguilhem. Dessa mesma influência herda a possibilidade de uma carreira destinada à filosofia de linha epistemológica, e, segundo Wacquant, teve como possibilidade objetiva ser pesquisador na Escola Médica de Toulouse (Wacquant, 2002).

Sua estada no exterior foi decisiva na passagem da filosofia à etnologia, ao tomar a Argélia como objeto de estudo. Nesse período, percebe que as mudanças que ocorriam na cultura argelina, submetida a um processo de colonização e “*déculturation*” (aculturação), passavam por uma redefinição do conceito de saúde e do próprio corpo (Bourdieu e Sayad, 1964). Em forma de notas etnográficas, mostra uma sensibilidade e um interesse pelo tema médico nunca desenvolvido diretamente.

Na França, um primeiro momento de inclusão da medicina como objeto indireto de análise acontece quando Bourdieu, em conjunto com Jean-Claude Passeron, analisa o ensino superior francês e coordenam uma pesquisa sobre estudantes de direito, ciências, letras, farmácia e medicina. Seu interesse maior era os alunos da área de ciências humanas e os dados sobre os estudantes de medicina serviram como parâmetro de comparação, indicando um modelo de estudante tradicional e em vias de transformação, que deixava de ser aquele grupo que sempre fornecera o estilo clássico da vida estudantil. Essa trabalho gerou o livro *Les Héritiers* (Bourdieu e Passeron, 1964b).

Esse livro teve como base um conjunto de dados recolhidos entre 1961 e 1964, no *Centre de sociologie européenne*, cuja análise e tratamento por Bourdieu e Jean-Claude Passeron formalizam-se no livro *Les étudiants et leurs études*. No entanto, nessa obra não constavam justamente os dados relativos aos estudantes de medicina, pois se informava em nota de rodapé que o estudo sobre medicina usado para comparação estava em fase de depuração (Bourdieu e Passeron, 1964a).

Uma linha tangencial entre a sociogênese do pensamento de Bourdieu e a saúde é a que engloba suas orientações de trabalhos e teses de forma direta. Dentro do *Centre de sociologie européenne*, uma série de trabalhos foram focados sobre o tema, sobretudo Luc Boltanski, envolvido então na construção de uma “sociologia do corpo” (Boltanski, 1971).

Essa linha de pesquisa, utilizando uma grande massa de dados quantitativos aliada a entrevistas, gerou várias análises sobre as relações entre o saber médico e as interpretações leigas sobre a saúde e a doença, focando o instrumental bourdieusiano sobre as variações das disposições dos agentes sociais em relação à medicina e o uso social do corpo, através das diferentes relações estabelecidas entre as classes sociais e o corpo socializado. Como constatava Boltanski:

Este trabalho foi dirigido por M. Pierre Bourdieu que forneceu as idéias centrais e as hipóteses, e insere-se em uma pesquisa mais vasta realizada sob sua direção no quadro do Centro de Sociologia Européia, sobre as atitudes dos membros das diferentes classes sociais à propósito da medicina e, mais geralmente, em relação ao corpo (Boltanski, 1969, p.16).

Por fim, a revista *Actes de la recherche em sciences sociales*, logo em seguida à morte de Bourdieu, publicou um número especial sobre a medicina, onde são apresentados os trabalhos mais significativos sobre o tema naquele momento (Montagner e Nunes, 2004).

Tocamos aqui o ponto mais longínquo das obras de Pierre Bourdieu dentro da temática estritamente médica e esse pequeno esboço mostra-nos uma percepção apurada de algumas discussões e dilemas atualmente presentes na prática médica.

Por fim, um último texto de Bourdieu (1984), sobre o universo acadêmico vai discorrer sobre as Faculdades de Medicina e, baseados nesta passagem do autor, propusemos nossas hipóteses de trabalho centrais nesta tese.

As vanguardas e as legitimidades específicas

Do ponto de vista teórico, assumimos como importantes estas análises de Pierre Bourdieu sobre as divisões do espaço médico, realizadas em um outro contexto, o de tratar do mundo acadêmico e dos intelectuais nesse universo.

Bourdieu explicita que Kant já apontava essa intrínseca relação entre as atividades intelectuais mais voltadas ao poder temporal, capazes de resolver problemas práticos e imediatos do ser humano. Para Bourdieu (Bourdieu e Passeron, 1964b) os estudantes de medicina ainda eram, nos anos 60, o modelo de estudante tradicional, mas em vias de transformação, deixando de ser aquele grupo que sempre forneceu o estilo clássico da vida estudantil.

Por outro lado, para ele as faculdades de medicina, como “as faculdades como aquelas de direito ou de medicina, talvez por terem se mantido as mais burguesas, ou por introduzirem a grupos mais tradicionais, constituem atualmente o último refúgio dos rituais de corporação” (Bourdieu e Passeron, 1964b).

No único trabalho de Bourdieu em que a medicina aparece diretamente, dados estatísticos sobre o universo acadêmico incluindo as faculdades de medicina, aliados a entrevistas profundas e “enquetes”³ por telefone, compõem o que o autor denomina uma prosopografia (Bourdieu, 1984, p.59). No segundo capítulo, intitulado “Conflito entre Faculdades” e dedicado a estabelecer as diferenças entre as disciplinas, tanto diferenças de posição no campo científico quanto diferenças de poder no mundo político e social, o autor volta a discorrer sobre as faculdades de direito e de medicina.

Nele Bourdieu retoma as idéias de Kant sobre o “conflito das faculdades”, e analisa o campo acadêmico francês como um todo. Ele comenta :

As faculdades do pólo dominante que, sendo capazes de proporcionar ao governo ‘a *influência mais forte e durável sobre o povo*’, são as mais diretamente controladas por ele, as menos autônomas em relação a ele e, ao mesmo tempo, as mais diretamente encarregadas de formar e controlar os usos práticos e os utilizadores comuns do saber, padres, juízes, médicos ; (...) as faculdades dominantes na ordem política têm por função formar agentes de execução capazes de aplicar, sem as discutir ou colocar em dúvida, nos limites das leis de uma ordem social determinada, as técnicas e as receitas de uma ciência que elas não pretendem nem produzir nem transformar; (...) (Bourdieu, 1984, p.88).

³ Segundo o Aurélio, galicismo corrente que significa reunião de testemunhos sobre determinado assunto.

A mesma lógica aplica Bourdieu às relações entre as faculdades de medicina, teologia e direito de um lado e as faculdades de letras, filosofia e ciências humanas de outro. As primeiras correspondem ao pólo dominante do campo científico e as segundas ao pólo dominado.

Assim, a medicina seria uma prática, uma “arte social” sustentada por uma ciência, a biologia. Ela utiliza um poder social legitimamente investido, uma legitimação mais ligada à tradição que a ciência em si. Essa legitimidade ligada às posições estratégicas e de força dentro do campo acadêmico estabelece uma oposição a outras faculdades e disciplinas.

Ao contrário, as ciências humanas são relativamente autônomas em relação ao poder político e sua força é sobretudo científica, e suas faculdades, “dominantes na ordem cultural, são devotadas a arrogarem-se, pelas necessidades da construção dos fundamentos racionais da ciência que as outras faculdades contentam-se de inculcar e aplicar, uma liberdade que é proibida às atividades de execução (...)” (Bourdieu, 1984, p.88).

Transcrevemos abaixo um trecho capital do autor sobre esse tema:

Seria necessário ainda evocar o que opõe a pesquisa científica, livre pensamento que não conhece outro limite que ele mesmo, não somente a uma disciplina normativa como o direito, mais ainda a esta arte cientificamente garantida que é a medicina, encarregada de colocar a ciência em prática, e também de impor uma ordem, a ordem dos médicos, isto é uma moral, um modo e um modelo de vida, como vimos a propósito do aborto, ao nome de uma autoridade que não é somente aquela da ciência, mas a das ‘capacidades’, dos ‘notáveis’, predispostos por suas posições e disposições a definir o que é bom e o que é correto (sabemos a intensidade particular da participação dos professores de medicina nos organismos públicos, nas comissões e, mais geralmente, à política, e as funções de consultoria aos governos e organismos internacionais que preenchem os juristas, notadamente os especialistas em direito internacional, comercial ou direito público (Bourdieu, 1984, p.74).

Estas posições e disposições são um resultado de razões estruturais que mantêm a reprodução dos grupos intelectuais no interior do poder, como no caso as origens sociais e familiares dos médicos. Em suma, o capital social dos agentes necessário à participação no pólo dominante é herdado.

Aquilo que se revela através da lógica social do recrutamento do corpo médico, é também o direito de entrada melhor escondido, e talvez o mais categoricamente exigido: o nepotismo não é só uma estratégia de reprodução destinada a conservar na linhagem a posse de uma posição rara; é a maneira de conservar alguma coisa mais essencial, que funda a própria existência do grupo, isto é a adesão ao arbitrário cultural que está no fundamento mesmo do grupo, a *illusio* primordial sem a qual não existiria mais nem jogo nem aposta (Bourdieu, 1984, p.80).

L'*illusio*, no caso das profissões tradicionais, é um "*esprit de corps*" obtido através dos círculos familiares e extra-escolares, "sob a forma de disposições duráveis que são constitutivas do ethos, de uma hexis corporal, de um modo de expressão e de pensamento e de todos os 'imponderáveis' eminentemente corporais que chamamos de espírito" (Bourdieu, 1984, p.81).

Em seguida, Bourdieu descreve uma outra oposição importante, agora interna às faculdades de medicina, divididas entre posições mais ou menos legítimas de agentes mais ou menos portadores de capital social. Existiria uma vanguarda herética, representada pelos biólogos e um *status quo* ortodoxo, representado pelos clínicos. Estes, os defensores da medicina clínica, "uma arte orientada por uma 'experiência' nutrida do exemplo dos antigos que se adquire no tempo, com a atenção aos casos particulares", representativa de uma maneira de viver e de uma ética, um ofício, pertencem ao grupo mais tradicional da medicina. Ao contrário, os heréticos são os agentes desprovidos de tradição e do capital social, que apostam no capital científico representado pelo progresso terapêutico, oriundo das ciências de base como a biologia. Esses fundamentalistas são em geral originários de famílias menos antigas e

tradicionais, com uma representação mais forte de grupos minoritários e com uma tendência a posicionarem-se mais à esquerda no campo político.

Já os fundamentalistas:

(...) eles tendem mais e mais a afirmarem, em nome dos progressos da terapêutica aportados pela ciência, os direitos de uma pesquisa fundamental totalmente liberada das funções de puro serviço técnico e, seguros do prestígio de sua disciplina científica, fazem-se os defensores de uma medicina moderna, liberada das rotinas que para eles cercam a visão 'clínica' e a ideologia do 'colóquio singular' (Bourdieu, 1984, p.85).

Para o autor, essas diferenças seriam o:

Princípio de duas concepções completamente diferentes da prática médica, a primeira, que confere o primado à relação clínica entre doente e médico, ao famoso 'colóquio' singular, base de toda defesa da medicina 'liberal', a segunda, que privilegia a análise de laboratório e a pesquisa fundamental, esta oposição complica-se do fato que a arte e a ciência mudam de sentido e de valor segundo as façamos jogar um papel principal ou subordinado (Bourdieu, 1984, p.85).

Essa oposição interna ao campo médico encontra nos profissionais novos da área, sem uma tradição familiar e capital social, uma vanguarda que se assenta sobre os princípios da ciência e extrai sua justificativa da força legitimadora dos progressos terapêuticos obtidos a partir das ciências de base.

Por fim, Bourdieu acredita que os fundamentalistas têm a seu lado a ciência e o futuro, resultado das transformações pelas quais passam a arena médica e a ciência biológica.

Seguiremos nesse trabalho as linhas propostas por Bourdieu, e assumiremos a medicina como uma *prática social tradicional*, alimentada pelo trabalho e esforço de uma camada social que Gramsci definiria como pertencente

aos “intelectuais tradicionais”, portadores de um saber secularizado e transmitido historicamente de forma tradicional. Esses intelectuais eram categorias de “representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais das formas sociais e políticas” (Gramsci, 1978b, p.5).

Esse grupo de intelectuais sempre foi uma categoria presente desde os primórdios das sociedades ocidentais, e cada nova classe de intelectuais que surge após a transformação do modo de produção, ou, por exemplo, na passagem do feudalismo ao capitalismo, encontra já enraizados os grupos de intelectuais tradicionais. Essas são:

Categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas (Gramsci, 1978b, p.5).

Esses grupos são reconhecidos socialmente e tendem a considerar a si mesmos como eternos, legítimos, naturalizados e, por petição de princípio, sem ligação com o processo histórico e as mudanças societais. Assim:

(...) dado que estas várias categorias de intelectuais tradicionais sentem com ‘espírito de grupo’ sua ininterrupta continuidade histórica e sua ‘qualificação’, eles consideram a si mesmos como sendo autônomos e independentes do grupo social dominante (Gramsci, 1978b, p.6).

Uma categoria apontada por Gramsci como composta de intelectuais tradicionais é “a mais importante, talvez, pelo prestígio e pela função social desenvolvida nas sociedades primitivas – a categoria dos **médicos** em sentido lato, isto é, de todos aqueles que ‘lutam’ ou parecem lutar contra a morte e as doenças” (Gramsci, 1978b, p.5).

No mesmo sentido, suas experiências, suas habilidades técnicas são transmitidas de forma direta, de geração a geração, e todo o *corpus* de conhecimento acumulado secularmente constitui um *saber*, no sentido empregado

por Foucault. Para ele, um saber constitui uma positividade maior que o de uma disciplina constituída socialmente. Para Foucault uma disciplina seria:

Conjunto de enunciados que emprestam sua organização a modelos científicos que tendem a coerência e à demonstratividade, que são recebidos, institucionalizados, transmitidos e ensinados como ciências (Foucault, 1972, p.216).

Por outro lado, podemos postular que as ciências sociais são recriadas no pós-guerra em bases renovadas e não mantiveram uma tradição histórica contínua que sustentasse um grupo de profissionais tradicionais, ou seja, os intelectuais das ciências sociais são um grupo muito recente nas sociedades modernas. Como disciplinas, as ciências sociais são uma prática recente e muito ligada ao universo acadêmico e universitário, pois sua propagação, difusão e institucionalização acompanharam de perto o desenvolvimento dos sistemas universitários.

No nosso caso, o interesse está focado na medicina como um saber social, e dentro desse domínio três vanguardas puderam definir-se como saberes novos ou ao menos renovadores naquele momento da instituição e mesmo do espaço social como um todo, a ponto da instituição ser reconhecida como um pólo consagrado de criação de novos conhecimentos e até mesmo novos saberes. Assim, interessou-nos discernir alguns grupos que podem ser caracterizados como vanguarda, dentro da FCM.

Vanguardas

Utilizamos neste trabalho a noção de vanguarda como essencial para compreendermos os grupos estudados. Vanguarda como a idéia de algo à frente, precedendo. Independente da definição adotada, uma vanguarda não significa necessariamente uma valoração. Dizer que algo antecipa e projeta com antecedência um porvir histórico não significa afirmar nem sua inevitabilidade nem mesmo sua origem moralmente boa. Significa, sobretudo apontar sua

“positividade”, como aponta Foucault, ou sua afloração, como uma “epistème”, antes mesmo de tornar-se um “dispositivo”.

Por isso, uma vanguarda pode ter várias origens ou modos de legitimação. Legitimar pode ser entendido como a capacidade de auto-explicação, de auto-referência, de um determinado conteúdo cognitivo, conteúdo sem dúvida resultado de uma construção social. Legitimidade é um conceito muito ligado à hegemonia, dentro da linha gramsciana. A idéia é de uma construção social histórica e ligada a grupos sociais específicos e que podem ser nomeados e mostrados.

Concordamos que a idéia de “epistème” foucaultiana seria muito mais recomendada para compreendermos as formações discursivas de médio ou longo prazo, mas daí sem a concorrência histórica concreta e mediatizada pela memória, como no nosso caso específico. Assim, a *medicina tradicional*, a *saúde coletiva* e a *medicina experimental ou laboratorial*, as três vanguardas de que trataremos nesse trabalho, são práticas discursivas características de um modo de saber, reconhecidas mais ou menos como um fazer científico, mas a memória e o tempo vivido pelos agentes não existem no médio e longo prazo.

Ainda, encontro dificuldades em aceitar a idéia de “epistème” foucaultiana, pois os pais de um dispositivo estariam difusos na estrutura, no tempo e no espaço social, sem nomes e sem autores. Acredito firmemente que as idéias têm pais, mães e responsáveis socialmente designados, e não possuem eficácia se não possuírem um *locus* específico, aqui entendido tanto como lugar geográfico como lugar humanamente geográfico, como propunha Milton Santos. Esse *locus* também é real do ponto de vista simbólico, está ligado e situado nas instituições e laboratórios e outros, dentro dos campos sociais encarregados da construção dos conteúdos simbólicos. O poder existe relacionalmente, nos corpos e nas instituições, e assim podem ser nomeados claramente, mesmo se esses campos mudem diuturnamente.

Logo, vanguarda é um conceito operatório que carrega em si mesmo a dimensão do tempo; e o tempo não está colocado externamente aos sujeitos, mas faz parte inclusive de suas trajetórias sociais: como exemplo, o período de formação educacional é uma variável determinada também economicamente e de acordo com as classes sociais, o que demonstra o acesso à cultura condicionado pelo tempo socialmente inscrito na vida dos agentes sociais. Como discorre Bourdieu com propriedade, só podemos considerar o tempo como um “*tempo social*” vivido por seres humanos concretos e portadores de sentidos socialmente designados para suas ações (Bourdieu, 2001a).

Por essas considerações, assumimos a *praxiologia* de Bourdieu como adequada para compreendermos os espaços sociais em sua concretude no tempo social, encravados em *habitus* concretos e em uma memória social específica, no nosso caso, na memória coletiva de três grupos primários definidos.

Nesta perspectiva, assumimos como proposta de estudo destas vanguardas os tipos ideais weberianos, construções baseadas nos tipos de dominação encavalados nas legitimidades a eles ligados, a *tradicional*, a *racional-legal* e a *carismática*, como as define Weber (1994).

Todos os três tipos de dominação inerentes aos espaços sociais, que levam um grupo a ser em primeiro lugar uma vanguarda e depois a atingir a consagração, estão presentes em nosso estudo.

O grupo da medicina tradicional baseia-se no princípio da *tradição* de espaço de atuação; o da medicina experimental no princípio da *racionalidade* de seu espaço social e por fim o grupo da saúde coletiva baseia-se no princípio do *carisma*, carisma ligado à atuação política.

Como consequência desta postura, assumimos que as modalidades de ponta das ciências médicas (biologia molecular, genética médica, medicina experimental ou laboratorial) afastam-se relativamente da tradicional deontologia, da ética e do *ethos* médico, ou seja, compõem um novo *habitus* de um novo tipo

de ciência mais acadêmica, universitária e que em alguns aspectos afasta-se da tradição médica. Da mesma maneira, o profissional da “saúde coletiva” tem um perfil diferenciado e pertence a um novo tipo de prática que se acompanha de um *ethos* diferenciado das ciências sociais e da medicina; de novo, um *habitus* renovado.

Propomos, neste trabalho, acompanhar esses três tipos de profissionais, ao assumir que esses pressupostos representam tipos ideais no sentido weberiano, que delinham e exageram traços mais ou menos presentes na realidade e nos casos concretos estudados.

Portanto, estamos lidando nesse trabalho com três grandes linhas de força do ponto de vista epistemológico, a saber:

- a) Uma primeira ligada à tradição, uma prática social de longa data e já tradicional dentro da sociedade, legitimada e amparada no imaginário popular e dos indivíduos, uma tradição de *longa duração* devida a uma história também secular, a medicina; essa linha é representada no nosso estudo de caso pela cirurgia e pela clínica. Esse subcampo do espaço social obedece a uma lógica de legitimação oriunda da tradição e da dominação tradicional.
- b) Uma segunda vereda, representada pelos “fundamentalistas”, ligados a uma disciplina nova e revolucionária dentro da prática médica, linha esta sustentada pela legitimidade científica e pelas pesquisas de base, centrada na ciência biológica, uma linha epistemológica onde o laboratório e as pesquisas básicas são o primado e onde outros profissionais com perfis de origem diferentes, além dos estritamente médicos, estão envolvidos; no nosso caso, a pesquisa laboratorial e a genética médica representam esse paradigma epistemológico. A linha de força de legitimação dentro desse subcampo pode ser assumida como a da dominação racional-legal, onde a força da racionalidade ligada a fins específicos reina preponderantemente.

- c) Uma terceira, de tradição recente, aquela representada pela fusão de duas vertentes: a primeira das ciências humanas e sociais, ramo moderno das antigas disciplinas bacharelescas, difusas e ainda não disciplinares; a segunda, o setor reformista da medicina tradicional, mais politizado, atuante politicamente e denominado *medicina social*. Apesar de relativamente recentes, essas novas “ciências” imiscuíram-se em uma área específica e criaram um novo espaço disciplinar. No nosso caso, a saúde coletiva representa o cruzamento dessas ciências humanas e o domínio da saúde, representado pela “medicina social”. A lógica fundamental da dominação nesse campo seria a do princípio carismático, a força da vontade política de transformar a realidade da forma como ela apresenta-se na sociedade.

Nosso esforço, seguramente inacabado, foi o seguir o mais perto possível cada um desses ramos e delinear as intersecções dessas lógicas de dominação dentro da Faculdade de Ciências Médicas, no curto período em que elas se estabeleceram e se consagraram como áreas nobres e de ponta na ciência brasileira.

Acredito que seria extremamente relevante fazer uma análise arqueológica e profunda das raízes dos três tipos de medicina cujas biografias coletivas nos propusemos a realizar. Mas tanto a medicina tradicional como a medicina experimental de cunho laboratorial seguem um curso tradicionalmente estudado dentro da História da Medicina. No entanto, realizar a história da medicina como uma totalidade é uma tarefa árdua mesmo para os historiadores especializados nessa temática. Acreditamos que essa abordagem foge aos propósitos desta tese, e assim deixamos para outros e em outras ocasiões desenvolver ou aprofundar as questões a respeito das especialidades médicas em si mesmas e dentro do enorme universo das práticas de cura na sociedade.

De toda forma, acredito que podemos assumir sem grandes danos e de uma maneira consensual que a medicina é uma prática de longa duração e *tradicional*. A cirurgia e a clínica são as bases dessa prática já há alguns séculos e seria desnecessário aqui descrever essa continuidade histórica.

Também poderíamos traçar o processo histórico ainda em curso do florescimento de todo um tipo novo de prática médica, ligada aos laboratórios e às pesquisas básicas, que algumas vezes chegam a prescindir do paciente (e da clínica), pois são práticas experimentais, como apontou Bourdieu. A importância dessa linha de atividades médicas ainda está por ser aprofundada, mas alguns sinais importantes estão na ordem do dia e no imaginário de todos aqueles que percebem grandes mudanças no futuro na prática médica, que seria alterada por essa medicina reconhecida por muitos como ‘de ponta’.

Em resumo, nosso argumento e nossas hipóteses estiveram calcados na aposta de que *a tradição apontada por Kant e as novas tendências de legitimação dentro da medicina propostas por Bourdieu mantêm-se no Brasil*.

Um pequeno histórico das vanguardas

Se nós assumimos a ciência como uma prática socialmente conformada, faz-se mister entender o espaço institucional onde ela se insere e um pouco da sua origem social, sem o que não podemos inserir os pesquisadores e suas práticas no espaço social no qual atuam.

Nossa intenção não é a de reescrever esse processo e muito menos realizar o trabalho de historiador das ciências; buscaremos delinear a estrutura essencial do espaço social onde surgiu a instituição onde trabalham, pesquisam e vivem nossos pesquisadores tomados como nosso objeto de estudo e os entrevistados durante nosso trabalho de campo.

No entanto, por estarmos situados, enquanto pesquisadores e intelectuais, na área de imbricação da saúde e das ciências sociais – a Saúde Coletiva, parece natural que aprofundemos e tenhamos mais elementos para

esboçar a história social desta área como um 'espaço disciplinar' específico, uma confluência de disciplinas possível a partir de um momento histórico específico. Essa análise apresenta-se a seguir.

Primeiras Instituições e o papel social dos intelectuais médicos

Desde a fundação do Museu Nacional, em 1818, cujo objetivo era promover o conhecimento científico, passando pelo Instituto Oswaldo Cruz, criado em 1900 e internacionalmente reconhecido, até as primeiras agências de fomento à pesquisa criadas em 1951, Capes e CNPq, seguidas pelas agências estaduais, as instituições de pesquisa no Brasil passaram por um longo processo de crescimento e solidificação ainda não terminado.

O surgimento e o desenvolvimento das instituições universitárias e de suas disciplinas específicas no Brasil têm sido objeto de inúmeros estudos recentes, cujos objetivos são o de mapear e trazer à tona as condições objetivas do desenvolvimento dessas instituições (Miceli, 1989, 1995) (Schwartzman, 1991). Como esta seria uma história de *longa duração* a ser contada, só poderemos aqui ressaltar alguns elementos gerais, particularizando os que apontam um destino comum entre a criação de um sistema universitário brasileiro e as instituições de saúde. Restringir-nos-emos a acompanhar a medicina e as ciências sociais em geral em suas ramificações e injunções mais gerais, procurando delimitar os espaços que nos interessam neste trabalho.

Começaremos com a medicina, esfera do saber que gerou muitos intelectuais atuantes e cientes de seu papel social. A medicina sempre foi uma prática social, e sempre esteve presente nas sociedades. Assumiu diversas formas e foi praticada de diferentes maneiras por diferentes classes e grupos sociais. No entanto, a maneira como a conhecemos, uma profissão acompanhada de um *status* específico, regulamentada em suas maneiras de atuação, com um deontologia especial, com uma especialização crescente, é de origem recente. Como a grande maioria das profissões, tornou-se um ofício regulamentado e adquiriu o estatuto de uma profissão durante a passagem da Idade Média às

sociedades ditas modernas, acompanhando as transformações das revoluções industriais e as formações dos Estados nacionais.

Enquanto prática, a medicina sempre gozou, nas sociedades do mundo todo, e em especial nas ocidentais, de um prestígio diferenciado, e manteve uma relação estreita e privilegiada com o poder.

No Brasil, as primeiras instituições superiores foram as faculdades de medicina, engenharia e de direito, sem contar as de teologia.

Com a chegada de D. João VI, viu-se a necessidade de se criar as primeiras instituições superiores no Brasil, pois até então havia uma falta crônica de médicos e eles eram “importados” de Portugal. As primeiras instituições de ensino médico são criadas, escolas de medicina e cirurgia em hospitais militares na Bahia e no Rio de Janeiro. Ainda surgem no período instituições profissionais como a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, de 1826. Note-se que, como se aconteceu, o surgimento dessas instituições vêm a reboque de demandas sociais que dão legitimidade social às práticas ali desenvolvidas.

Segunda a tese de Herschmann (1994), a medicina sofreu, a partir da segunda metade do século XIX, uma mudança em seus princípios teórico-filosóficos. Segundo o autor:

A doutrina positivista comtiana permitiu que esses especialistas se autoconcebessem como responsáveis pela orientação e organização da ‘nação’, ajustando-se com isso também às demandas de reordenação social que existiam por parte do Estado (Herschmann, 1994, p.48).

Como propõem diversos autores, dentre eles Daniel Pécaut (1990), os intelectuais do período assumiam como tarefa resolver os grandes problemas nacionais, propondo “projetos de salvação nacional”, colocando-se como uma vanguarda além do atraso reinante no mundo dos trópicos. Para Herschmann,

esses agentes sociais seriam “artistas do operatório”, que buscavam “remédios” para os males do país, capazes de “curar um organismo social doente”.

Essa tradição pode ser chamada de *medicina social*, um termo sobremaneira francês e que acabou sendo usado para reconhecer esse tipo de medicina politizada, com projetos nacionais para a sociedade. Na época, talvez o nome mais apropriado seria o de higienistas ou de sanitaristas. Em seguida, adentrando o século XX, essa prática confundiu-se com a Medicina Preventiva. Mais recentemente, esse processo da virada e do início do século pôde ser reconhecido como “medicina social” e era um embrião do que agora conhecemos, *mutatis mutandis*, como “saúde coletiva”.

Ciências humanas e saúde

Segue-se um esboço da medicina e das ciências sociais em suas trilhas separadas, até o ponto de cruzamento de seus caminhos. Cabe ressaltar a incompletude, a parcialidade e uma certa redução inerentes a essa tentativa, que enfatizo aqui, foi somente inicial.

Procuramos realizar uma genealogia dos grandes conceitos relativos à medicina, configurando-a como uma prática; as ciências sociais como um conjunto de conhecimentos que desaguaram em disciplinas específicas como a sociologia, antropologia, história e enfim a sociologia da saúde; e também a saúde coletiva como uma junção feliz e conjuntural desses dois processos de autonomização de um saber específico: nos interessa principalmente o momento no qual essas duas vertentes do saber fertilizam-se e transformam-se em uma “especialidade” do saber, quiçá uma disciplina ou um “campo”.

O grande diferencial da saúde coletiva, ou do que até então foi chamado medicina social, foi o grande embasamento teórico e prático promovido pelas ciências do social, isto é, o imbricamento e a fertilização mútuos que ocorreram em determinado momento social. É claro que tanto a medicina tradicional quanto as tradições reformistas desta medicina poderiam ter

continuado seu caminho de forma isolada e o mesmo pode ser dito das disciplinas sociais em si mesmas. Mas o fato delas terem se encontrado por motivos estruturais, sobretudo pela politização tanto das utopias marxistas e de revolução social mais amplas presentes na sociedade quanto dos médicos e profissionais da área médica, torna esse encontro raro e único nos países ocidentais, promovendo uma vanguarda inovadora na arena dos cuidados à saúde e da população.

Se apontarmos a tradição da medicina e dos intelectuais médicos no Brasil como um grupo de reformadores sociais, falta aliar essa tradição dos pensadores da saúde à tradição dos intelectuais das correntes disciplinares (como a sociologia, a antropologia e outras), em especial os intelectuais do campo acadêmico brasileiro que mantinham uma corrente de pensamento paralela à dos intelectuais médicos (às vezes elas se conjugavam).

Essas tradições viriam a cruzar-se dentro do espaço médico, fato excepcional e uma idiosincrasia no padrão de formação da área da saúde mundial salvo, talvez, a exceção norte-americana. Esboçaremos em grandes traços essa tradição disciplinar das ciências sociais.

As ciências sociais universitárias

Nesse período, do mesmo modo como ocorreu nos primórdios da sociologia e outras ciências sociais que se estabeleceram e disciplinaram-se com o advento do sistema universitário na França, as ciências sociais tornaram-se uma disciplina específica quando abandonaram a filosofia social de cunho reformador e de certa forma 'moralista' e passaram a integrar o sistema universitário.

Como no exemplo francês, no qual os discursos sociais estiveram fortemente impregnados, durante algum período, do discurso cientificista, evolucionista e positivista, baseados grandemente nos resultados da biologia e das ciências da natureza, no Brasil os discursos sobre o social mantinham e sustentavam sua origem positivista e de cunho biológico.

Somente nos anos 30-40, esse pensamento social entra na Academia e ganha o reconhecimento de ciência. Nos primórdios dessa institucionalização, que passou pela criação das primeiras universidades brasileiras, sobretudo entre o começo do século e os anos sessenta, os condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais foram “de um lado o impulso alcançado pela organização universitária e, de outro, à concessão de recursos governamentais para a montagem de centros de debate e investigação que não estavam sujeitos à chancela do ensino superior” (Miceli, 1989).

Em geral, ou as ciências sociais estiveram atreladas às mudanças ocorridas dentro do sistema universitário brasileiro ou então sobreviveram ligadas a grupos sociais dominantes ou a demandas de castas dirigentes que as sustentaram, através do apoio aos “think tanks”. Esse modelo de desenvolvimento das ciências sociais caracteriza “a dissociação virtualmente completa entre os cientistas sociais e os interesses mais prementes dos setores populares” (Miceli, 1989, p.73).

Esse padrão de desenvolvimento alcançou um alto grau de complexidade com o a reforma do ensino superior em 1968, que popularizou o ensino superior e institucionalizou a pesquisa e a pós-graduação (Schwartzman, 1979, p.291).

Esse desenvolvimento não foi uniforme e passou por diversas nuances, e nesse sentido é forçoso concordar que a “as ciências sociais em sentido mais estrito desenvolveram-se ao redor de pequenos grupos ou personalidades para as quais o campo educacional e universitário, e a função educativa, nunca foi o mais importante, ou o mais significativo” (Schwartzman, 1991).

Nesse processo de nascimento, o padrão de recrutamento de alunos para as novas escolas (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP e Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo) foi diferenciado, bem como o lugar de prática dessa nova disciplina. Em geral, os futuros profissionais eram de mulheres, de descendentes de família de origem imigrante ou de origem judia. Ainda, os

lugares restantes estavam alocados para os “brasileiros” de setores tradicionais empobrecidos, ou de famílias ligadas ao magistério secundário, à burocracia do estado e outros setores remediados. Pode-se concluir com Miceli (1989, p.77) que “trata-se de um padrão bastante distinto daquele até então vigente nas escolas tradicionais do ensino superior (direito, medicina e engenharia)”. Por fim, o grande escoadouro inicial para esse grupo de novos intelectuais é o ensino secundário.

As condições de reprodução dos quadros institucionais

As condições sociais da expansão do ensino e as demandas da sociedade aparecem em toda a sua clareza no fim da década de 60. Se seguirmos o pensamento de Miceli (1995), quatro fatores fundamentais impulsionaram a demanda pelo ensino superior no final dos anos 60:

1. Momento econômico com suas exigências de mão-de-obra com escolaridade superior;
2. A expansão da pesquisa científica e tecnológica devida ao aumento do setor terciário da economia;
3. O crescimento dos setores médios urbanos;
4. O esgotamento do valor diferencial da educação secundária com vistas à obtenção de empregos.

Assim, as condições de reprodução do sistema de ensino passavam agora por uma reestruturação geral que atendesse as novas demandas, sobretudo com a formação de quadros de nível superior. Essa conjuntura vai levar o estado a criar órgãos de fomento à formação.

Essa nova política governamental de investimentos no setor educacional privilegiou e favoreceu a ampliação das chamadas Ciências Humanas à nível de mestrado e posteriormente, à nível de doutorado, pois “entre 1970 e 1987, foram instituídos em todos os anos novos programas de mestrado e doutorado na área de Ciências Humanas, apesar de o ritmo de expansão do

doutorado ter sido mais vagaroso em virtude da carência de docentes e pesquisadores titulados" (Miceli, 1995).

Esse é o momento da criação da Pós-Graduação em Ciências Sociais no Brasil, iniciada a partir de 1968 e constituída nacionalmente, com financiamentos do FINEP, a partir de 1974. Durante esse período, os programas de pós-graduação foram fortemente financiados pela Fundação Ford que implantou um modelo baseado em suas próprias concepções, a ser reproduzido através de doutoramentos ou bolsas-sanduíche no exterior. A partir de 1979, esse modelo mantinha-se por si mesmo, contando com os fundos da Capes, CNPq e FINEP, órgãos ligados ao Estado.

Com a constituição da Pós-Graduação, fecha-se um momento de institucionalização e do alcance da chamada "maioridade científica". Resta-nos, agora, a tarefa de qualificar essa institucionalização, sobretudo do ponto de vista da sociologia médica, e entendermos como aconteceu o processo nesse espaço social onde se imbricam a medicina e a ciência social.

Esse momento mostra-nos que estávamos entrando em um período de consolidação das ciências sociais, alojadas no interior das universidades, de onde foi possível desenvolver uma política de criação de quadros e expansão do ensino superior, a partir da década seguinte, quando ocorre a conjugação, dentro das escolas médicas, dessa tradição de pensamento com a tradição reformista ou conservadora dos médicos.

A gênese da Saúde Coletiva

Diversos autores debruçaram-se recentemente sobre os primórdios e as formas que assumiu o pensamento social sobre a saúde e a doença, e as maneiras e modos de imbricação entre o social e biológico, cujo resultado no Brasil, no último quarto do século XX, assumiu o nome significativo de saúde coletiva. Além de dois números temáticos da revista *Ciência e Saúde Coletiva*, um primeiro sobre os "100 anos de saúde pública" e outro sobre "Ciências Sociais e

saúde na América Latina: visões contemporâneas”, nós podemos indicar coletâneas como “O Clássico e o Novo”, onde são elencadas as tendências, as abordagens e nos objetos atuais na área (Goldenberg, Marsiglia *et al.*, 2003). Cabe ainda destacar a significativa produção de Nunes (2000b; 2006), dentre outros, quanto ao papel das ciências humanas e sociais nesse contexto. Longe de esgotarmos, ou sequer explorarmos, todos os aspectos da questão, procurei alinhar as grandes linhas de força deste processo de disciplinarização da saúde coletiva, como forma de situar o objeto deste trabalho como um todo.

De início é fundamental explicar o porquê do nome e das diferenças sutis entre Saúde Pública, Medicina Social e ao fim Saúde Coletiva. Como apontou Arouca (1975), a medicina é resultado sempre de uma determinação histórica e uma determinação social, e as formações discursivas são o resultado de mudanças supra-estruturais nas sociedades. As formações discursivas – no sentido de Foucault – presentes no campo da saúde, sob o efeito das práticas discursivas colocadas em jogo pelos movimentos sociais, acabaram cristalizando-se em torno de nomeações específicas, destinadas a justificar ideologicamente algumas práticas, como ocorreu com o conceito “saúde coletiva”.

Esse processo de consolidação do projeto da saúde coletiva ocorreu, de acordo com Costa, a partir de três linhas de força: o campo de produção de conhecimento, um esforço de formulações de políticas públicas e uma expressão da organização (corporativa) dos profissionais da saúde do setor público (Costa, 1992).

Penso que, nesse período, tanto a formulação de políticas públicas como a organização corporativa dos intelectuais foram a expressão da intervenção expressiva do estado brasileiro e do contexto político repressivo sob o qual agiam os agentes sociais, como sublinhou Carvalho (1997).

Nunes (1994) afirma que três linhas principais podem ser delineadas : os movimentos sociais, a elaboração interna às ciências sociais em medicina (instrumentos técnicos) e um movimento de pensamento ideológico, no sentido largo do termo.

Ainda, Patrícia Tavares Ribeiro (1991), utilizando a metodologia de Pierre Bourdieu, estudou as condições sociais da emergência desse novo campo social e desenvolveu um esboço do que seria o “*projeto científico da saúde coletiva*”, mostrando as forças que atuaram na estruturação da área. Uma primeira:

A experiência acumulada de ensino e pesquisa no âmbito das atividades científicas do movimento da medicina preventiva, da medicina social e da saúde pública, que produziu a infraestrutura de produção e consumo desse campo de conhecimentos.

Uma segunda:

A conjuntura político-institucional da FINEP de extrema permeabilidade em relação ao apoio ao desenvolvimento científico na área social e grande flexibilidade na aplicação dos recursos.

Uma última:

A composição de um quadro dirigente de técnicos progressistas, sensíveis a temática da saúde, que favoreceu a institucionalização gradativa de uma política científica específica da agência para a consolidação do campo (Ribeiro, 1991).

A primeira insere-se no quadro dos instrumentos técnicos e teóricos do campo de produção de saberes específicos da saúde, e os dois últimos concernem ideologias e propostas políticas públicas.

Considerando os três estudos citados, podemos ensaiar aqui uma divisão parecida, mas um pouco mais abstrata, de acordo com três categorias: *Externas* – Movimentos sociais e mudanças históricas das sociedades; *Ideológicas* – políticas públicas e organização corporativa das profissões e *Interna e epistemológica* - *corpus* de conhecimentos e instrumentos técnicos. Mesmo sabendo que uma real separação das causas, dentro de um conjunto de forças

sociais que costumam estar no centro de um acontecimento histórico, é impossível de realizar, pretendemos discernir algumas linhas centrais.

Através dessas categorias apontadas, podemos indicar a saúde coletiva como resultado de um processo, no qual a constituição desse campo específico aparece como um resultado de mudanças iniciadas no começo do século e que se acelera no pós-guerra, na década de 50, e que se estende até os nossos dias.

l) Externa – Movimentos sociais e mudanças históricas das sociedades

No Brasil dos anos 70, reabre-se então, um novo ciclo de críticas e debates sobre as delimitações do campo e do alcance das medidas e propostas implantadas. Contrapondo-se à Saúde Pública e Medicina Preventiva como eram praticadas, os intelectuais envolvidos nos movimentos sociais mais amplos de luta contra a voga autoritária na América Latina, realizam uma retomada sintomática, em termos teóricos, da Medicina mais ligada ao social, inspirada nos moldes europeus da segunda metade do século XIX.

Esse movimento interno ao mundo universitário, aliado à crise econômica e social vivida pelas economias subdesenvolvidas, com a confluência do amadurecimento da atuação política das instituições recém-criadas, culmina na autonomização relativa do campo da saúde coletiva, com um discurso próprio e inovador na área de saúde, marcado pela convivência de vários profissionais no mesmo contexto de trabalho, interdisciplinaridade e, sobretudo, pela atuação sobre um objeto coletivizado.

Como resultado do Movimento Sanitário brasileiro, conseguiu-se instituir um Sistema Universal de Saúde (SUS) em 1988 pela Assembléia Constituinte. Foi o resultado das discussões que presidiram a 8ª CNS – Conferência Nacional de Saúde, palco deliberativo onde se conformou o futuro SUS como conseqüência das fortes pressões sociais sobre a questão da saúde. Poucos países latino-americanos conseguiram criar sistemas de saúde que atendessem toda a população, excetuando-se o Chile que criou, em 1950, um

Sistema Nacional de Saúde (SNS), nos moldes do modelo inglês, em cuja união entre seguridade social e assistência era mundialmente exemplar. Duas décadas depois, Cuba estabelecerá uma cobertura de saúde para todos, exemplo seguido pela Costa Rica, nos anos 80 (Labra, 2000).

II) Ideológica - políticas públicas e organização corporativa das profissões

Nos anos 70, há a comunhão das dimensões de natureza macropolítica e de natureza corporativa de parcela significativa dos cientistas sociais (Carvalho, 1997). O esforço ideológico da saúde coletiva tinha uma grande afinidade com os movimentos sociais pela redemocratização do Brasil, as ações populares que buscavam obter o pleno acesso ao cuidado médico e os programas de reforma do modelo estatal em relação à saúde das populações. Esse processo favoreceu a efervescência do Movimento Sanitário brasileiro e da inovação teórica ligada à crítica da Medicina Preventiva e a fundação de um novo espaço de atuação. Da confluência dessas vertentes estabeleceu-se um projeto científico de pesquisa e formação de quadros, denominado Saúde Coletiva.

A implantação desse projeto aconteceu por meio do FINEP, órgão ligado diretamente ao governo e com recursos abundantes para fomentar a pesquisa (Ribeiro, 1991). A inovadora área da saúde coletiva ficou vinculada diretamente ao Programa de Apoio ao Desenvolvimento Social (PROSOCI), responsável pela formulação e organização do PESES – Programa de Estudos Sócioeconômicos em Saúde e o PEPPE – Programa de Estudos e Pesquisas Populacionais e Epidemiológicas, ambos ligados a ENSP – Fundação Oswaldo Cruz. Além disso, o PROSOCI apoiou a consolidação do curso de Mestrado em Medicina Social do IMS na UERJ.

Devemos apontar ainda o surgimento dentro na sociedade de instituições que atuaram e foram as responsáveis pela delimitação e fortalecimento da saúde coletiva. É o caso do CEBES – Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, criado em 1976. Ele aglutinou todos os profissionais da saúde de forma indiferenciada em torno de um projeto de reflexão acadêmica mas que

era também um espaço onde “se associava a um projeto político com forte conotação ideológica” (Fonseca, 2000).

Um outro exemplo é a implementação em 1979 de uma instituição de papel homólogo, a ABRASCO – Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, que lançou uma revista representativa da produção teórica nesse espaço social.

III) Interna e Epistemológica - *Corpus* de conhecimentos e instrumentos técnicos

O grande marco histórico moderno no campo do conhecimento médico, e que se faz sentir até hoje, foi a implantação nos EUA do modelo de ensino e formação profissional proposto pelo Relatório Flexner, de 1910. Esse relatório traduziu a necessidade social de controle do estado sobre a arena médica, regulamentando com precisão a profissão. Esse modelo será a base das reformas ou criação de escolas médicas brasileiras, que tenderão a compor seu modelo de ensino conforme aquele implantado nos EUA. A sociedade americana estava às voltas com a crise social resultante da quebra da bolsa em 1929 e o aumento dos custos da saúde em razão do desenvolvimento técnico da prática médica. Esse aumento de custos levava à exclusão de parcelas significativas da população do modelo privado de medicina.

Como nos mostraram Donnangelo e Pereira (1976), a estrutura de produção e consumo de cuidados médicos permaneceu a cargo do setor privado enquanto o Estado assumiu o papel de guardião da saúde da população, atuando através de políticas públicas. Havia uma separação clara entre a oferta de saúde privada e as políticas públicas orientadas para as camadas mais pobres da população; o setor privado detinha o poder de mobilizar as instâncias responsáveis pelos mercados financeiros e de investimentos na saúde. Como resultado dessa dicotomia profunda e do poder de mobilização política das instâncias privadas, o problema do atendimento médico das populações desaguou em um projeto de reforma da prática médica que tocou somente o ensino e

abandonou, sob pressão, as intenções iniciais de realmente alterar o modo de produzir-se a saúde.

Nesse período surge um projeto de solução dos dilemas do atendimento das necessidades de saúde da população, o projeto chamado de medicina preventiva. O surgimento da Medicina Preventiva nesse momento correspondeu à configuração de um momento histórico específico e refletiu essas contradições sociais. A medicina preventiva era uma proposta, um conceito prescritivo, era:

(...) Um lugar institucional que gera um novo discurso no interior da medicina, visando a transformação de sua prática através da difusão de uma “atitude ausente”, porém possível, diante dos conhecimentos atuais entre seus praticantes, (...) (Arouca, 1975, p.23).

A institucionalização de um ‘Projeto Preventivista’ foi acompanhado de um discurso ideológico desenvolvido no seio das escolas médicas sobre a prevenção e as práticas de antecipação da ocorrência da doença. Se o desenvolvimento de uma medicina preventiva não trouxe uma solução definitiva ao problema do acesso aos cuidados, ela teve alguns efeitos positivos marginais para algumas populações. Assim, a questão não foi equacionada e sim postergada, tendo uma melhora a partir da criação de programas posteriores como o *Medicare* e *Medicaid* nos EUA (Donnangelo e Pereira, 1976, p.82).

Arouca resume nos seguintes termos o episódio do surgimento da medicina preventiva:

(...) como um projeto de mudança da prática médica, a Medicina Preventiva representou uma leitura liberal e civil dos problemas do crescente custo da atenção médica nos Estados Unidos e uma proposta alternativa à intervenção estatal, mantendo a organização liberal da prática médica e o poder médico (Arouca, 1975).

Nos países latino-americanos, onde a influência americana foi muito forte e implementada por Fundações privadas de peso, essa política tornou-se hegemônica e formalizou o modelo de assistência médica à saúde. Com raras exceções, o modelo privado de atendimento soube manter sob suas asas uma larga fatia dos recursos destinados à saúde e dos lucros dessa atividade.

Baseado na medicina integral, cujos objetivos eram responder às demandas biológicas, psicológicas e sociais das sociedades, este “projeto preventivista” buscou introduzir novos conhecimentos das ciências humanas e práticas além dos limites do hospital, implantando-se a Medicina Preventiva e Social nas escolas médicas.

No caso latino-americano, a Organização Pan-Americana de Saúde, desde os anos 50, reuniu profissionais em medicina que propunham reformulações, enfatizando a necessidade da criação de disciplinas específicas para as humanidades. Como aponta Nunes (2003), a introdução das ciências sociais no campo médico ocorreu pela influência americana sobre as mudanças curriculares das escolas de medicina, introduzindo inicialmente as “behavioral sciences” ou “ciências da conduta”. No final dos anos 40, algumas fundações passam a financiar pesquisas em conjunto entre cientistas sociais e médicos. Foi o caso do Programa da *Russel Sage Foundation* (1949), da Fundação Josiah Macy e da Fundação Ford (1954), complementados pelos recursos federais oriundos do *National Institute of Mental Health* americano.

Ainda de acordo com Nunes, no Brasil, em 1946, a Faculdade de Saúde Pública da USP criou um curso denominado Problemas de Sociologia Aplicada à Higiene, posteriormente transformado na disciplina Técnicas de Saúde Pública. Em seguida, quando ocorre uma Reforma no Ensino Médico, patrocinados pela Organização Pan-Americana da Saúde, em 1955-1956, são incorporadas as disciplinas de Antropologia, a Psicologia Social e a Sociologia.

Este período inicial é o da reforma do ensino e da profissão médica, em consequência do “projeto preventivo”, que indicava a necessidade de modificações do modelo biomédico hegemônico.

Em seguida, inserida em um movimento histórico mais vasto de institucionalização das universidades e da criação das pós-graduações, sobretudo aquelas de ciências humanas e sociais no Brasil como apontamos, a Medicina Preventiva torna-se uma disciplina obrigatória nos cursos das Escolas Médicas depois da Reforma Universitária de 1968 que modificou profundamente o ensino superior. As ciências sociais beneficiaram-se então da abertura de novos espaços institucionais ligados ao desenvolvimento e à expansão dos Departamentos de Medicina Preventiva.

Este movimento sistematizou-se e reformas parciais foram realizadas, como as modificações das prestações de serviços médicos nos EUA. Da medicina integral e preventiva, surge o discurso de uma Medicina Comunitária que se espalha por todo o continente americano através, como sempre, de agências internacionais como OMS e OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde. A medicina comunitária era um projeto ligado à medicina preventiva, e era endereçado às regiões mais necessitadas. A idéia consistia em regionalizar o acesso aos cuidados e à assistência social.

Para Donnangelo e Pereira (1976), as raízes da medicina comunitária são profundas, atingindo os programas de política social e programas assistenciais voltados para a “guerra contra a pobreza”, sobretudo nos anos 60 nos EUA. As iniciativas dos governos Kennedy e Johnson visavam amenizar as contradições sociais e conflitos étnicos, além de aumentar o controle do Estado sobre a estrutura social, pois “os negros foram não apenas o alvo do maior volume de dotações constantes dos programas, mas também a fonte das principais questões referentes à participação”.

Na década de 70 esse projeto ganha corpo. Vai resultar em:

Programas experimentais de prestação de serviços que se propõem o desenvolvimento de modelos de assistência passíveis de garantir a extensão do cuidado à saúde às populações pobres, urbanas e rurais. Também aí o projeto aparece, em uma de suas dimensões, como prática alternativa paralela à organização dominante da assistência médica (Donnangelo e Pereira, 1976).

A emergência da saúde coletiva ocorreu através de um processo de autonomia frente à Saúde Pública, a Medicina Integral dos anos 50, da própria Medicina Preventivista e do modelo de Medicina Comunitária, alargando seu objeto de estudo e redefinindo suas fronteiras.

Essa autonomização da saúde coletiva traduziu-se na criação de programas de pós-graduação a partir de 1970 - Faculdade de Saúde Pública da USP; 1971 - Faculdade Medicina de Ribeirão Preto; em 1973, na Faculdade de Medicina da USP e Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia; em 1974, o curso do Instituto de Medicina Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Ribeiro, 1991). Com esses programas, surgiram as condições de reprodução e delimitação do objeto de estudo, criando-se uma autonomia teórica relativa.

Com a introdução nos estudos e nos debates da teoria marxista e do estruturalismo, principalmente na linha de Foucault, espalhou-se no campo acadêmico e científico uma exigência vinda dos movimentos sociais, aquela dos direitos civis e da cidadania.

Esse processo favoreceu a efervescência do movimento sanitário brasileiro e a inovação teórica ligada à crítica da medicina preventiva e fundação de um novo campo.

Isso permite evocar como fontes de constituição teórica do campo três forças que se encontravam em atividade, mas dispersas no campo acadêmico de ensino e pesquisa e no espaço social: a medicina preventiva, duramente criticada

a partir de pesquisadores internos aos Departamentos de Medicina Preventiva, como o da USP e da Universidade de Campinas, entre os mais politizados; a medicina social, representada pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a área tradicional da saúde pública no Brasil, representada pelo legado dos médicos sanitaristas famosos como Samuel Pessoa e outros.

Quanto à produção teórica na área no período de emergência do campo, Burlandy (1993) a divide em dois períodos principais: o primeiro, de 1979 a 1985 e um segundo, de 1989 até 1991, durante a implantação da Reforma Sanitária. Durante a implementação das políticas elaboradas e conquistadas pelo movimento de reforma da saúde no Brasil - período da criação do SUS - percebemos uma tendência de redefinição dos marcos conceituais que permitiram a conquista desse novo sistema de saúde. Nesse segundo período, emerge com força a temática epistemológica e a revisão dos marcos teóricos que embasavam o campo recém-criado.

Em resumo, a conjunção de fatores internos ao campo como a constituição de instrumental teórico institucionalizado, aliada aos fatores externos, a luta pela democratização e o movimento sanitário de cunho ideológico (no pleno sentido do termo) foram coroados com a institucionalização um novo espaço de práticas nomeado “saúde coletiva”.

Nesse sentido, poderíamos afirmar que ela constitui-se como um *corpus* em relação à medicina em geral e ao modelo biomédico, contando com uma ideologia comum, um arsenal delimitado no referencial epidemiológico, no planejamento em saúde e no instrumental das ciências sociais aliados à herança dos conhecimentos da medicina preventiva e da saúde pública. Esse *corpus* representa um campo interdisciplinar em disputa constante com outros atores e instituições da área médica pela definição legítima de seu objeto científico.

Nesse espaço social, a sociologia da saúde representa hoje em dia um dos discursos presentes, disputando a hegemonia do discurso legítimo. Por fim, as disciplinas presentes no campo da saúde coletiva tendem a se concentrar em três

grandes áreas diferenciadas, a epidemiologia, o planejamento em saúde e as ciências humanas e sociais, apontando para uma segmentação institucionalizada.

Esse processo de institucionalização foi a consagração de um projeto histórico levado a cabo por toda a sociedade, mas no qual uma vanguarda específica, dentro de uma instituição específica, teve um papel muito importante.

Da mesma forma, outras vanguardas surgiram dentro da prática médica tradicional implantada nesta mesma instituição, a FCM da Unicamp.

No próximo capítulo, envidamos esforços para situar historicamente a instituição dentro do espaço social no qual ela foi criada, considerando seus momentos centrais. Justificaremos também a importância e o significado dessa instituição como reprodutora de conhecimento e vanguarda no plano científico brasileiro, ressaltando o papel dos professores e pesquisadores que a integram.

Em seguida, descreveremos de forma quantitativa as características da instituição médica e também as características morfológicas do grupo de pesquisadores que tomamos como objeto. O esforço será realizar uma descrição e um mapeamento quantitativo tanto da produção científica global da Unicamp e dentro dela da Faculdade de Ciências Médicas, quanto da produção individual dos professores e de suas características, como um grupo social portador de um *habitus* específico.

CAPÍTULO II- A vanguarda científica em números

No segundo ano após a saída dos filhos de Israel do Egito, no primeiro dia do segundo mês, falou o SENHOR a Moisés, no deserto de Sinai, na tenda da congregação, dizendo: Levantai o censo de toda a congregação dos filhos de Israel, segundo as suas famílias, segundo a casa dos seus pais, contando todos os homens, nominalmente, cabeça por cabeça.

Números, 1:1-2.

A Unicamp, a FCM e a pesquisa no Brasil

O interesse e a intenção aqui são de delinear as tensões históricas entre um saber politizado, com forte impregnação social, como foi o da medicina social no Brasil (assumindo que ela engloba desde o higienismo, a medicina preventiva e a comunitária até a saúde pública) com um papel social marcante; uma ciência com tendência mais neutra e “modernizadora”, na qual não existe fortemente essa tensão reformista e por fim uma outra, altamente profissional, com métodos racionais rígidos, com regras claras de atuação, enfim uma ciência internacionalizada e altamente legítima do ponto de vista científico.

A proposta aqui, neste trecho, é a de realizar um sumário histórico do que foi a fundação e desenvolvimento da Unicamp e da FCM, uma história oficial e em grande medida já divulgada em inúmeros trabalhos. Faremos alguns comentários nos interstícios dessa história, enfatizando alguns elementos que nos interessam mais de perto e que nos apontam uma leitura mais refinada dessa história.

A constituição da Unicamp obedeceu à lógica de criação de muitas outras instituições de ensino superior no Brasil, a saber, a aliança das elites locais para a reivindicação da implantação de escolas regionais, como é o caso da USP e muitas outras (Miceli, 1989, 1995). No caso da Unicamp, no entanto, os reclamos iniciais eram pela instalação de uma escola de medicina, tese encampada e defendida arduamente pelos profissionais médicos de Campinas. A Faculdade de Medicina passou, em 1963, a atuar na comunidade, sendo que a universidade teve autorização de funcionamento somente em 1966, quando foi lançada a pedra fundamental no dia 05 do mês de outubro. Esse dia foi assumido como o dia inicial das atividades da Universidade Estadual de Campinas, ainda conhecida na época como UNECAMP.

A criação da Unicamp começa em 1946, quando o jornalista Luso Ventura do jornal Diário do Povo, de Campinas, deflagra campanha pela instalação de uma faculdade de medicina na cidade, embrião da Universidade. Em 1955 é criado o Conselho de Entidades de Campinas, grupo civil e político

composto de sociedades de classe e culturais, cujo objetivo era defender interesses gerais, entre eles a instalação de uma faculdade de medicina. O governo do Estado aprova, em novembro de 1958, a lei 4.996, que cria a Faculdade de Medicina de Campinas, mas que não garante de fato a criação da instituição.

A Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas (SMCC), através de seu presidente Roberto Franco do Amaral, retoma em 1960 a campanha pró-instalação da faculdade juntamente com o Conselho, liderados por Eduardo de Barros Pimentel, Ary de Arruda Veiga e Ruy Rodrigues. Em 1962, através da lei número 7.655, a Universidade Estadual de Campinas é criada como entidade autárquica e autônoma. Nessa lei, no artigo 29, faz-se saber que a Faculdade de Medicina é incorporada à Unicamp e, no seu parágrafo 2, consta ainda que o início dos cursos nessa faculdade ocorrerá em 1963, ela será provisoriamente instalada nas dependências da Maternidade de Campinas.⁴

Uma característica interessante desta lei é que nela consta, no artigo 18, a criação da figura do Pesquisador Universitário, como uma carreira diferenciada daquela do professor catedrático: no parágrafo § 4, afirma-se que “não compete aos pesquisadores o exercício regular de funções docentes”.

Com o decreto 40.255 de Adhemar de Barros de 1965, Zeferino Vaz assume a direção da Comissão Organizadora da Universidade de Campinas, de acordo com as recomendações do Conselho Estadual de Educação. Cria o projeto de implementação da universidade, que gradativamente ganha corpo. Por esse motivo, para muitos a história da instituição confunde-se com a história pessoal de Zeferino Vaz, ligando o destino de ambas durante algum período, como o fez o jornalista Eustáquio Gomes em seu “folhetim” eletrônico *O Mandarim*, que apareceu semanalmente no sítio eletrônico da Unicamp, dentro do programa de comemoração do aniversário da universidade, material que se tornou um livro. Este tipo de história, recontada diretamente em conjunção com o destino de uma personalidade, sobretudo a marcante personalidade de um homem apelidado “Zé Ferino”, lembra-nos um romance baseado nos heróis e no culto da personagem.

⁴ Disponível em: http://www.ano40.Unicamp.br/lei_criacao.html. Acesso em: 25/02/2006.

Corre-se um grande risco em reificar as ações de uma pessoa, transformá-las em atos mágicos que desenharam o destino de uma Universidade do porte da Unicamp. A nossa crítica de base é que essa história corresponde ainda a um modelo de história de acontecimentos, no qual se enfatizam os feitos dos heróis e dos grandes personagens, em detrimento das variáveis coletivas e sociais.

Como já foi sobejamente criticado pela própria disciplina de origem, esse tipo de história acarreta problemas e foi substituído por outras maneiras dos processos sociais serem recontados. Hipostasiando o ponto de vista de um protagonista, perde-se justamente a análise das forças sociais, grupais e simbólicas no período. Todos os grupos que se digladiaram dentro dessa instituição e as conseqüências desse processo. Com esse tipo de história, os acontecimentos ganham uma importância conjuntural exagerada e eles se tornam mais românticos e eufemizados. Essa história dos acontecimentos, dos eventos, que centra sua atenção na política foi substituída com louvor pela “nova história” e muita água já rolou debaixo desta ponte, como deslinda Burke (1997) em seu belo trabalho.

Alguns professores acompanharam muito de perto esse processo e perceberam bem a diferença entre as duas abordagens. O professor Luís Sérgio Leonardi, exprimiu de uma outra forma o mesmo ponto de vista:

“O que eu acho também é que o governo federal estimulou a Universidade de Campinas, facilitou a Universidade de Campinas, porque ele queria aqui no Estado de São Paulo uma outra universidade que, de certa forma, contestasse a hegemonia da USP. Isto sim que eu acho uma hipótese muito plausível e que eu deixo aos historiadores desvendar este mistério, porque a Universidade de São Paulo ela... é ainda a nossa principal universidade, mas ela traz ainda na sua existência o ranço do feudalismo; ainda tem tradições profundamente medievais. Repito: é a mais importante, é a principal do Estado de São Paulo, e eu sou formado por ela, me considero um ‘uspiano’ modificado, purificado pela Unicamp. Está claro? Mas eu acho que esse ponto é uma

questão que... Porque, como pode em tão pouco tempo, tão rapidamente uma universidade sair de um canavial? Você sabe que aqui era um canavial? Sai de um canavial e vai para as manchetes de jornais, em que pese todo o meu respeito e admiração ao meu mestre Zeferino - olha a fotografia dele aqui, olha!- e que pese isto tudo, ela teve um apoio pelo menos logístico da área federal. Sim, não tenha dúvida. Tem uma pessoa que muito ajudou a Unicamp, foi Jarbas Passarinho. O Jarbas Passarinho ajudou muito a Unicamp” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).

Muitas vezes, esse processo de construção da Unicamp passou por momentos extremamente prosaicos e que mostram a fragilidade e uma certa incipiência envolvidas nessa história. Sem mostrar uma predileção especial pela jocosidade, imagino a mesma importância dedicada aos grandes heróis aplicada aos “fait divers” ocorridos, porque eles nos dão a dimensão do processo em relação à subjetividade das pessoas que o viveram e nós poderíamos assim compreender melhor o ambiente e o momento histórico.

Por exemplo, nada mais banal do que apontar a mudança da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia para o *campus* como um trauma, na verdade, um despejo de fato, pois o local deveria ser utilizado pela Santa Casa que o havia emprestado inacabado à Unicamp com o acordo que ela o terminasse e depois o deixasse. Como aponta Walter Hadler, que descreveu esse momento:

“Logo em seguida, logo que os prédios foram concluídos passou-se a mudança da Universidade de Campinas para esses prédios, uma mudança que foi feita um pouco atabalhoadamente porque a Maternidade de Campinas tinha interesse em ocupar imediatamente o prédio que nos havia cedido e, inclusive com a preocupação de que o prédio fosse desocupado, havia requerido despejo. Esse despejo iria ser feito naquela época. Então havia necessidade urgente da construção de um prédio na Cidade Universitária. Esse prédio foi construído e ocupado mesmo antes das diversas

instalações suplementares, como por exemplo instalações sanitárias e serviços de infra-estrutura, estarem acabadas” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

A data de lançamento da pedra fundamental de seu campus central, em 05 de outubro de 1966, foi considerada marco para as comemorações da instalação da Unicamp. Em 2006, portanto, a Unicamp comemora seus 40 ANOS.

Vale ressaltar que a Unicamp foi uma exceção no quadro da criação das universidades brasileiras. Passando de certa maneira ao largo das ásperas disputas entre os catedráticos defensores do antigo modelo universitário e os novos cientistas progressistas, que encampavam o ideal de um ensino superior democrático e de qualidade, cujo resultado foi a intervenção do Estado autoritário e a reforma universitária. Essa situação de exceção pode ser corroborada na seguinte passagem:

As duas únicas universidades que fugiram ao padrão federal de referência foram a Fundação Universidade de Brasília, instituída na nova capital federal através de uma ação induzida pelo governo federal, em 1962, trazendo em sua estrutura organizativa o modelo básico das universidades americanas, e a Unicamp, originalmente concebida para ser uma universidade com vocação científico-tecnológica (Trindade, 2004, p.153).

Isso pode ser confirmado por diversas fontes. Como aponta um dos profissionais responsáveis pela estruturação da Unicamp em seus primórdios, o professor Walter Hadler:

“Nós fazíamos parte da Universidade de São Paulo onde nos formamos, então conhecíamos uma série de defeitos, de vícios da Universidade de São Paulo, principalmente da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Esses vícios deveriam ser corrigidos. Dentre eles alguns relacionados com a parte didática, outros relacionados com a parte acadêmica da universidade. Um dos exemplos era a existência do professor catedrático dono da

cadeira, que deveria ser substituído por professores dotados de menor autoridade, capazes de formar um ambiente mais propício para o desenvolvimento da ciência” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Dessa forma a Unicamp já nasce moderna e não foi tão fortemente afetada posteriormente pela Reforma Universitária de 1968, pois já havia substituído a cátedra por uma estrutura departamental, já regularizando uma carreira docente específica; a centralização da pesquisa e do ensino em Institutos; a centralização da administração na figura da Reitoria, separação entre ensino básico e profissionalizante e um esforço em realizar os programas comunitários de extensão dos serviços à sociedade. A idéia era alavancar a pesquisa e torná-la difundida em todas as áreas. Além do fim da cátedra, outra estratégia era a divisão em institutos. Como mostrou Hadler:

“Bom, eu sempre fui, pelo menos inicialmente quando eu vim para cá, favorável a essa mudança política, não só em relação ao catedrático como também em relação a um instituto básico. Porque eu achava naquela ocasião que o instituto básico iria congrega uma série de pesquisadores especializados em uma determinada linha de pesquisa e essa congregação iria favorecer o desenvolvimento da pesquisa no Brasil. Que seja dito de passagem que a pesquisa no Brasil é muito primitiva, muito primária. Nós estamos ainda engatinhando em matéria de pesquisa. Então, com isso poderia surgir um ambiente mais favorável ao desenvolvimento da pesquisa. Eu lutei muito por isso, inclusive naquela época em que se tentava instituir a Reforma Universitária, eu batalhei muito por isso junto com o reitor naquela ocasião, que era o professor Ulhôa Cintra, com o professor Hélio Lourenço Oliveira, enfim, batalhei muito nesse sentido” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

O ideal de universidade para o governo militar era o de um organismo neutro, apolítico, racional e apoiado em uma razão instrumental, cujo objetivo seria o de capacitar a universidade em termos de eficiência técnica e profissional, de

suprir as necessidades de formação de mão-de-obra qualificada, de aumentar a produtividade econômica através da obtenção de autonomia nacional quanto às tecnologias à disposição da indústria (Lima, 1989).

Esse projeto esbarrava no modelo de universidade vigente até 1968, e passou a ser alterado nos anos 60 de forma significativa, assumindo-se como novo modelo o sistema americano de ensino. A estratégia de mudança foi calcada na Reforma do Ensino Superior e na implantação de um sistema de pós-graduação, com um forte investimento do governo militar na Capes no início dos anos 70, através da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP (Fapesp, 2006).

No caso da Unicamp essa estratégia parece ter dado excelentes resultados.

A FCM e a Pesquisa no Brasil

Segundo Meis, no período de 1981 a 1993, houve um crescimento nas pesquisas brasileiras, tanto em total de publicação como em participação no volume mundial da produção científica, apesar de apenas um terço de nossa produção estar presente em periódicos internacionais (Meis e Leta, 1996). Além disso, o crescimento da produção brasileira está ligado ao crescimento da pós-graduação, o que evidencia a necessidade de estudos sobre esses programas de formação.

Segundo estudos recentes, essa tendência de crescimento apontada por Meis continua, e no período que vai de 1993 a 2002, a porcentagem de artigos brasileiros na produção mundial passou de 0,75 a 1,55, mais que dobrando e colocando o Brasil como o 17^o produtor mundial de artigos científicos indexados (Pivetta, 2004, p.28). Além disso, utilizando como fonte o CNPq, o autor mostra que o número de pesquisadores em universidades e centros de pesquisa passou de 21.541 a 58.891, sendo que nesse grupo a porcentagem de doutores passou

de 51 a 60, conseqüência de um incremento na formação de doutores por ano, que passou de 1.875 a 7.300 titulados no ano de 2003.

Essa tendência de crescimento, chamada de “salto quântico” por Pivetta, mostra mudanças que apontam um aumento quantitativo, uma profissionalização e uma incorporação do trabalho em grupo, a partir do marco histórico do Projeto Genoma e do seqüenciamento da bactéria *Xylella fastidiosa*.

Dentro da ciência brasileira, seguindo um padrão mundial, há uma concentração da produção em regiões densamente povoadas, como na região sudeste, especialmente no Estado de São Paulo. Esta concentração acontece nas universidades públicas, e em alguns centros de pesquisa. A Unicamp figura como a segunda instituição mais produtiva em 1993, contribuindo com 9,3 % da produção brasileira e seguindo de perto a USP-SP com 11,3 %, e sendo seguida pela UFRJ com 8,6 %, no quesito de quantidade de trabalhos científicos publicados no país (Meis e Leta, 1996, p.89).⁵

Na região sudeste, as áreas biomédicas, medicina e medicina social produzem respectivamente 76,9 %, 77,7 % e 75,2 % da produção brasileira, o que mostra a relevância de entendermos como acontece essa produção dentro de uma instituição de excelência na arena científica brasileira instalada nessa região (Meis e Leta, 1996, p.92).⁶

Dados mais recentes confirmam a posição da região sudeste, e mais especialmente de São Paulo nesse panorama (Pereira, 2005). A Unicamp é responsável por 11% da produção científica nacional, atrás da USP, com 26% e seguida pela UFRJ com 9%. Elas são consideradas, por distintos critérios de natureza acadêmica, como as mais importantes universidades brasileiras.

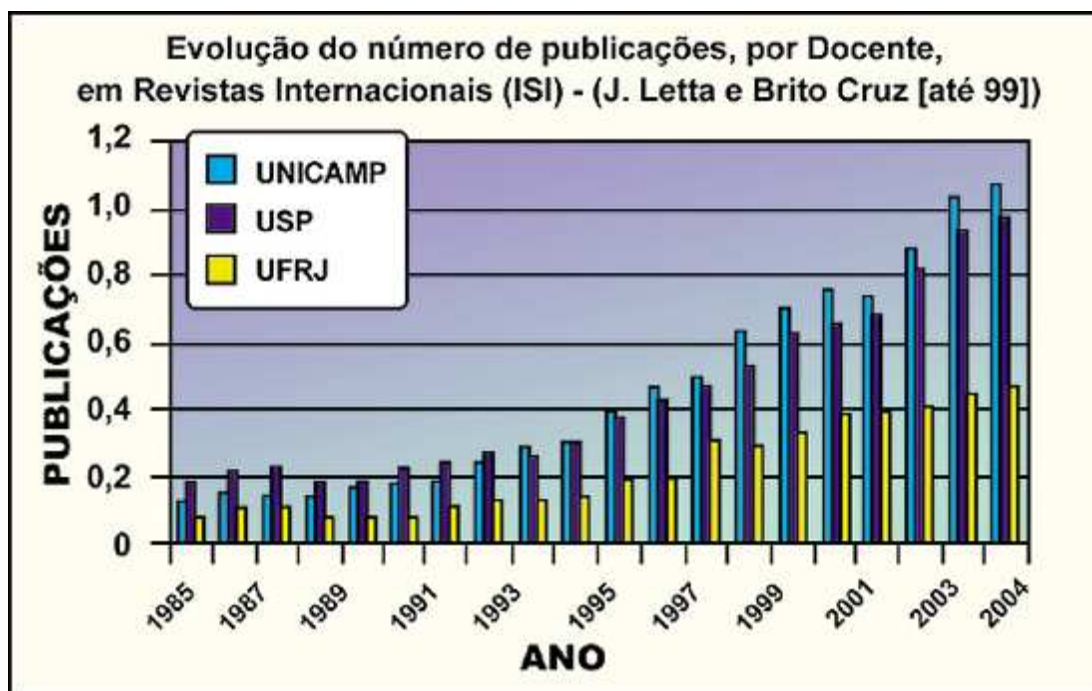
⁵ Tabela 22.

⁶ Tabela 26.

Segundo o sítio <http://www.webometrics.info/>, em 2005 a USP seria a universidade brasileira melhor colocada, na 112ª posição mundial, seguida pela Unicamp (146ª) e UFRJ (405ª). Em 2006, a USP continua na 112ª posição, a UNICAMP na 192ª, a UFSC na 342ª, a UFRJ na 366ª e a UFRGS na 379ª. O que parece relevante é que nesse panorama, a USP passa de 112ª a 45ª.

O mais significativo, segundo Pereira, é o fato que a Unicamp lidera o quadro de publicações indexadas *per capita*, o que indicaria um índice de qualidade e excelência dos pesquisadores e a possibilidade de uma expansão e aumento dessa produção, conforme gráfico abaixo:

Quadro 1- Evolução do número de publicações no ISI, por docente



Fonte: (Pereira, 2005)

Como aponta Marques (2005), o jornal britânico *The Times* publicou em 2004 um ranking das 200 melhores universidades e não havia nenhuma do Brasil. A metodologia do levantamento mudou em 2005 e a USP assumiu a 196ª posição. Era a segunda instituição da América Latina, seguindo a Universidade Autônoma do México (Unam), que estava na 96ª posição.

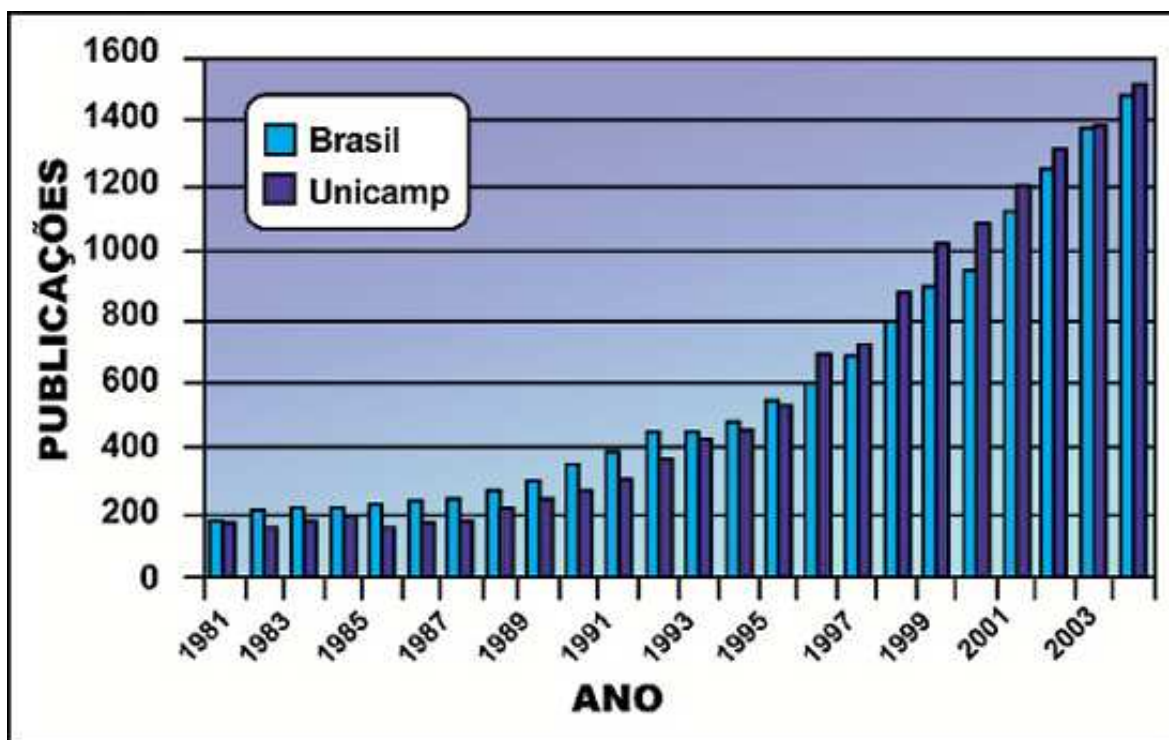
Outro ranking, criado pela *Shanghai Jiao Tong University* chinesa aponta as 500 melhores universidades do mundo. No período de 2004 a 2005, as universidades brasileiras ganharam posições: a USP – de 190 a 146, Unicamp – 367 a 253, UFRJ – 368 a 364 e a Unesp – 465 a 461.

Segundo Marques:

Neste levantamento o desempenho é medido por indicadores bastante concretos. A quantidade de artigos publicados nas revistas *Science* e *Nature*, por exemplo, tem peso de 20% na avaliação de cada instituição. Respondem por outros 20% as citações de artigos da instituição em outras publicações científicas, tradicional medida de impacto da produção acadêmica. O tamanho da instituição vale 10% do peso. As grandes universidades brasileiras saem-se bem nesses indicadores – o número de artigos científicos brasileiros publicados cresceu quase 50% nos últimos quatro anos. Mas em outros parâmetros simplesmente não marcam pontos: a existência de professores ou ex-alunos que ganharam grandes prêmios científicos, como o Nobel, equivale a até 30% da pontuação final (Marques, 2005).

Por outro lado, a Unicamp está muito bem situada quando comparada com a o total da produção brasileira. No quadro a seguir, podemos perceber que o crescimento do número de artigos da universidade foi maior que a média brasileira. Em 1981, a Unicamp produzia menos que a média nacional, passando por uma evolução até 1997, quando a produção local ultrapassou a média nacional:

Quadro 2- Publicação global de artigos da Unicamp e média nacional



Fonte: (Pereira, 2005)

Por outro lado, dentro da própria universidade, a Faculdade de Ciências Médicas ocupa um lugar privilegiado quanto aos recursos obtidos junto às agências de fomento. No caso da FAPESP, a FCM lidera o ranking, seguido pelo Instituto de Física – IFGW:

Quadro 3- Montante de recursos concedidos pela Fapesp, por unidade de ensino

FAPESP – Unicamp		
Recursos Concedidos –Total 2001 – Março/2005		
Unidade	Nº Processos	Valores Concedidos R\$
FCM	616	30.903.500,08
IFGW	335	26.228.842,51
IQ	449	25.123.495,11
IB	511	20.608.630,61
FEEC	291	11.490.316,01
FOP	283	9.822.468,75
IFCH	328	9.086.308,51
FEA	233	7.938.174,11
FEQ	211	7.880.699,26
IMECC	254	7.218.033,65
IEL	263	7.099.553,20
FEM	174	6.339.880,10
IG	126	5.879.147,14
CBMEG	92	3.879.147,23
FEAGRI	114	3.827.937,18
IE	71	3.309.640,67
IC	137	2.799.488,32
FE	106	2.370.323,69
IA	111	2.279.301,95
FEC	122	1.710.587,87
Outros	246	10.102.416,22
TOTAL	5.073	205.897.892,17

Fonte: (Pereira, 2005).

Dados como esses reforçam a importância da FCM e da pesquisa realizada pela instituição dentro da Unicamp, da pesquisa no Estado de São Paulo e no panorama nacional.

Períodos

Podemos constatar três períodos distintos na formação da FCM quanto à pesquisa.

1963 - 1976: Um primeiro período, que podemos denominar inicial, romântico ou dos fundadores, quando tudo estava por fazer e a ênfase fundamental da Faculdade era instalar um curso, com todas as matérias e disciplinas adequadas. No início, o curso foi estruturado e implantado pelos profissionais locais que o desenvolveram ou o adequaram à infra-estrutura existente. Anterior até mesmo à vinda do professor Zeferino, esse processo foi relativamente autônomo em relação à Unicamp, pois precedeu e teve características diferenciadas do ciclo histórico da Universidade. Pode-se até ensaiar a hipótese de que a FCM tinha uma maior autonomia administrativa por tratar-se de uma área específica e por ser um resultado também de uma forte pressão social de demanda por atendimento médico.

1976 - 1990: Fase de instauração dos primeiros cursos de pós-graduação, no qual os profissionais elaboraram estratégias de realizar pesquisas iniciais, criaram-se quadros adequados, de estabelecerem programas de pós-graduação bem estruturados e sedimentarem linhas de pesquisa. Podemos nomear esse período de institucionalização, período de estruturação ou de sedimentação. De acordo com um professor que viveu essa época:

Você lembra que, 30 de junho de 1976 foi a última data que as pessoas poderiam defender teses sem doutoramento, sem um curso de pós-graduação. Porque quando eu fiz a minha tese de doutorado, em 1973, eu não fiz curso de pós-graduação nem de mestrado, não existia um curso de pós-graduação não estava estruturado, como é que se fazia naquela época? Neemias.

1990 - 2006: Fase de excelência ou de consagração da pesquisa e da própria Faculdade. Momento no qual estabelecem-se padrões rígidos de pesquisa, níveis de exigência altos para a contratação dos docentes e um grande aumento da produção científica, controlada e avaliada mais amiudadamente.

Esses períodos acompanharam seguramente as mudanças do perfil das universidades em todo o Brasil. Uma forma mais intuitiva e qualitativa de descrever essas mudanças é a proposta do Fórum de Reflexão Universitária da Unicamp:

Na década de 60, um professor de uma universidade pública deparava-se com a seguinte pergunta: ‘Você faz pesquisa?’. Uma simples resposta, positiva ou negativa, deixaria seu interlocutor, de certa forma, satisfeito. Em caso positivo, conferiria ao professor interrogado um status diferenciado. Nos anos 70, a pergunta mudou seu enfoque: ‘Você tem publicado papers?’ Nessa década, o status diferenciado advinha da existência de publicações e, é claro, para aquelas feitas em inglês (mesmo que em periódico nacional), o diferencial positivo seria ainda bem maior. Os anos 80 já traziam a questão com alguma especificidade: ‘Com qual temática você está trabalhando? Trata-se de pesquisa básica ou aplicada?’ Nessa década, a segunda questão estava no bojo das discussões, levando a debates intermináveis em todos os fóruns em que fosse colocada. Foi um período em que as agências de financiamento, sobretudo as federais, começaram a introduzir mecanismos indutores. Cabe destacar, entre eles, o PADCT, que teve enorme impacto nas áreas de química, física, materiais e biotecnologia. Várias perguntas, algumas vezes até mesmo aparentemente antagônicas, marcaram os anos 90. Começou com: ‘Quantos trabalhos você já publicou?’ Rapidamente passou para: ‘Quantos trabalhos você publicou este ano?’ E, com velocidade ainda maior, começou-se a indagar: ‘Qual o fator de impacto das revistas nas quais você publica?’, deslanchando daí para: ‘Objetivamente, sua pesquisa serve para quê? Você tem alguma interação com o setor produtivo?’

Destaque-se que todas essas perguntas, bem ou mal, tiveram que ser respondidas em um cenário caracterizado pela descontinuidade nos financiamentos para a pesquisa – mormente pelas agências federais (Finep e CNPq) – por ataques veementes à imagem da universidade pública e por vertiginosa substituição de quadros, motivada pela corrida às aposentadorias (Unicamp, 2002).

Essa descrição impressionista de certa forma resume o enredo da ópera colocada como pano de fundo do desenvolvimento da própria Unicamp e da FCM.

O Projeto Qualidade ou leito de Procusto

Esse projeto pode ser entendido como a penetração dentro das Universidades de um modelo de ciência voltada para a excelência acadêmica, oriundo da visão encampada pela Capes. Através do projeto PICDT, O Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnica que financiou a qualificação do corpo docente e técnico de instituições de ensino superior públicas, através da concessão de cotas de bolsas para a realização de cursos de Mestrado e Doutorado junto a cursos de pós-graduação bem avaliados pela Capes.

Através de um convênio firmado entre a Unicamp e a Capes, a universidade pôs em prática uma política de busca de excelência acadêmica, através de programas específicos de melhora da capacitação dos professores.

A Capes tornou-se uma agência voltada para a avaliação a partir de 1976, quando criou um programa de avaliação dos cursos de pós-graduação, através de consultores externos aos programas. Esse processo permitiu uma melhora de todo o sistema, pois passou a existir um crivo para a criação de novos programas e um meio de avaliar os existentes.

A partir de meados dos anos 1990, mudou-se o método de medição das notas dos programas de pós-graduação, passando de A até E para a nomenclatura de 1 a 7, desdobrando a antiga nota A dos melhores cursos em notas de 5 a 7. A idéia que presidia essa mudança da Capes era:

Assim foi possível enxergar as nuances dos melhores cursos e incentiva-los a melhorar ainda mais. Numa estratégia conhecida como “podar para crescer”, os avaliadores da Capes chegaram a sugerir que o programa avaliado desligue docentes com baixa produtividade (Fapesp, 2006).

Nesta esteira é criado o “Projeto Qualidade” dentro da Unicamp. Esse projeto surgiu em um momento institucional da Unicamp, que vai de 1986 a 1996 quando ela entra, depois de institucionalizar-se plenamente, em um período no qual a palavra de ordem era a busca da excelência acadêmica, através de uma reestruturação da carreira docente e de programas de gestão específicos.

O Projeto Qualidade foi instituído e implantado efetivamente na gestão do reitor Carlos Vogt, de 1990 a 1994. Ele ocupou desde 1986 o cargo de vice-reitor na administração Paulo Renato Costa Souza. Seu nome encabeçou a lista enviada pelo Conselho Universitário da Unicamp ao governador do Estado de São Paulo, Orestes Quércia, que o nomeou reitor em decreto de 16 de abril de 1990.

Ainda que iniciado na gestão de Paulo Renato de Souza (1986 - 1990), esse projeto buscava oficialmente incentivar a melhora da qualidade da produção científica na Unicamp ao mesmo tempo em que a aumentava significativamente.

O Projeto Qualidade era um projeto de gestão elaborado pela reitoria e teve início em 1991; seu objetivo era pôr em prática um programa de qualificação dos cursos de graduação, assumidos como negligenciados dentro da Unicamp, voltada principalmente para a pesquisa.

De todo modo, os resultados alcançados são impressionantes, sejam eles diretamente causados pelo projeto ou não. No período de 1995 a 2005, constata-se um aumento significativo na produção científica mensurada através de artigos de revistas. De acordo com Anuário de Pesquisa, emitido pela Pró-reitoria de Pesquisa da Unicamp (Pesquisa, 2005), temos os seguintes resultados:

Quadro 4- Indicadores de Desempenho Acadêmico da Unicamp desde 1995

Ano	Docentes ativos	Dissertações e teses	Publicações Indexadas (ISI)	Congresso de Inic. Científica
1995	2005	1018	687	354
1996	1966	1141	822	350
1997	1952	1242	884	350
1998	1923	1287	1125	373
1999	1857	1365	1226	441
2000	1826	1431	1394	517
2001	1789	1890	1331	664
2002	1806	1894	1636	681
2003	1694	2040	1760	630
2004	1736	1901	1898	905
2005	1751	2060	2065	926

Fonte: Anuário de Pesquisa – 2005.

Traduzido em termos gráficos, fica evidente o aumento substantivo e considerável na quantidade de artigos indexados:

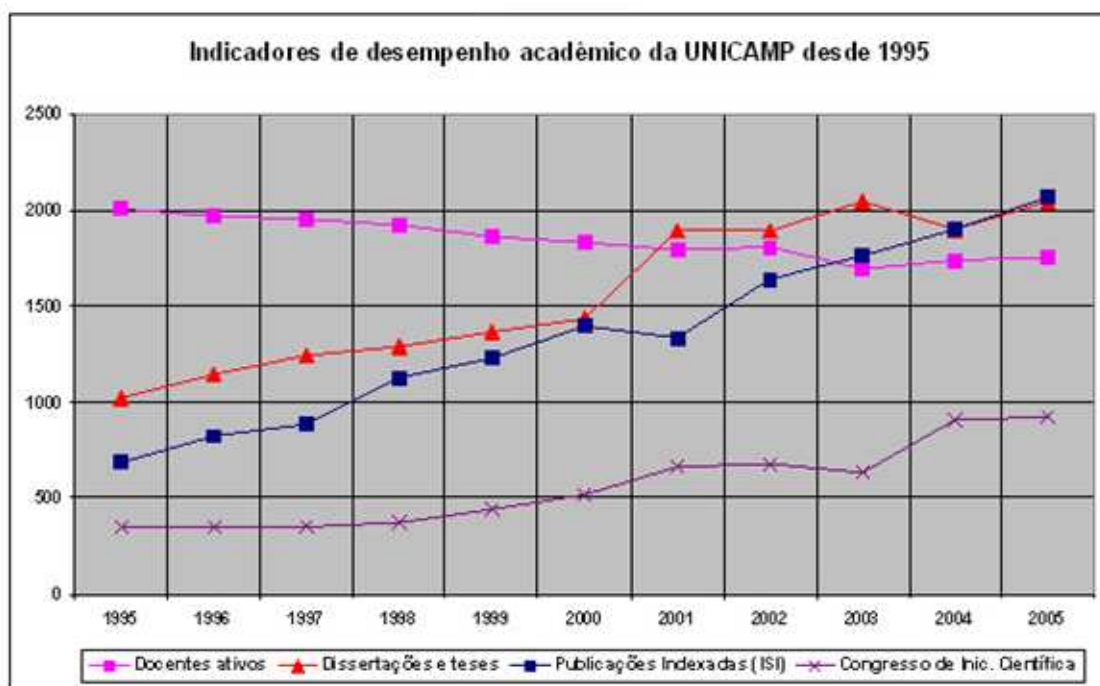


Gráfico 1- Indicadores de Desempenho Acadêmico da Unicamp desde 1995.

Pode-se perceber que mesmo com uma diminuição acentuada na quantidade de docentes ativos, principalmente aqueles em plena maturidade acadêmica e professores mais titulados, que se aposentaram ou foram compulsoriamente afastados, o número de teses orientadas e defendidas cresceu significativamente, bem como a frequência de artigos publicados em revistas indexadas. Pode-se concluir que os objetivos institucionais foram atingidos e contemplados, resta qualificar os resultados qualitativos desse processo.

Projeto Qualidade na FCM

Na Faculdade de Ciências Médicas, o impacto de um programa de gestão como o ambicionado pela reitoria não pode ser negligenciado. A par das dificuldades gerais de todas as faculdades, ela tinha especificidades consideráveis. Essa constatação transparece no discurso do professor Fernando Costa, cujo diagnóstico era muito parecido:

Quando nós começamos (eu, o professor Paulo, os diretores e depois o professor Collares), a FCM era uma excelente faculdade. O problema que existia, em nossa visão, dizia respeito ao fato dela ser excessivamente voltada aos aspectos assistenciais, de atenção ao doente e com um componente pouco significativo de investigação médica. Faltava um conjunto de medidas que apontassem para o futuro: uma programação e um plano de metas. Foi isso que fizemos. Procuramos acrescentar docentes novos, dinâmicos, com grande participação em investigação; atrair gente do Brasil todo e do exterior; e envolver os docentes, alunos e funcionários da Faculdade em uma ampla discussão, que resultou em um documento de instrução e em profundas mudanças de atitudes. A Faculdade ganhou um regimento novo e moderno. Comissões foram estruturadas. Todo equipamento de produção científica e de apoio didático foi renovado com grande sucesso. Os dados da FCM mostraram que, não só por isso (ela cresceria normalmente), ela cresceu. Hoje, possui um potencial enorme de produção científica. Talvez seja até a primeira do Brasil. Mas iniciar naquela

época, com um conjunto de docentes, foi um salto significativo. Para citar, a Unicamp como um todo teve um grande aumento de produção científica, isso graças ao avanço do Programa Qualidade, que exigia que todos os docentes se titulassem e produzissem cientificamente. O gráfico de produção na Unicamp, que era de 200 a 300 artigos publicados no início de 90, com a introdução, em 1994, do projeto Qualidade, aumentou muito e, atualmente, ela produz 1.300. Na FCM, essa evolução foi muito maior e mais significativa. A sua produção era muito pequena – menor que 30 artigos em 1994. Agora, excede 300 por ano. É uma modificação importante, muito devida ao Projeto Qualidade, à renovação e empenho do corpo docente da Faculdade, e à facilidade e necessidade de adaptar-se aos novos tempos, que exigem maior produção do conhecimento (Costa, 2005).

Como aponta a Profa. Dra. Maria Marluce dos Santos Vilela, que foi Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação da FCM no período de 1988 a 1996:

A FCM acolheu o projeto qualidade e trabalhou intensamente durante a década de noventa para mudar o quadro de titulação de seus docentes. Em 1980, havia apenas 18% dos professores da FCM com o grau mínimo de doutor e 50% deles nunca orientaram aluno de pós-graduação. Após uma década este percentual elevou-se em 1991 para 38,7%, em 1992, para 47,85%, em 1993, para 57%, em 1994, 62% e em 1997 alcançou 76%. Curiosamente, entre os professores que orientaram alunos, 59% deles haviam realizado o doutorado sem o título de Mestrado. Quando passamos a examinar o universo do corpo docente das universidades de todo o Brasil, cerca de 100.000 pessoas, o impacto revelado é bem menor do que o alcançado pela FCM. O baixo rendimento da PG era atribuído à obrigatoriedade do mestrado como pré-requisito do doutoramento, elevando o tempo médio de titulação a um nível excessivamente alto. O aluno de Mestrado na FCM ingressava com 31 anos de idade (média), concluía com 34 anos (média), utilizando em média, três anos. O aluno de

Doutorado ingressava com 35 anos de idade (média), concluía com 39 anos (média), utilizando em média, quatro anos. Entre as razões para este retardo no ingresso do aluno no Doutorado estão, por um lado, a exigência da conclusão da Residência Médica e do Mestrado e, por outro, as mudanças de projetos de pesquisa devido às dificuldades no domínio de métodos, na massa crítica de orientadores e na farsa do tempo integral do aluno na PG. Diferente de outros cursos em que o aluno faz a PG em tempo integral, a maioria dos médicos, nesta fase de vida, já está inserido no mercado de trabalho. Os cursos trabalharam de forma reflexiva sobre as questões expostas e, gradativamente, adotaram medidas para minimizá-las. O Regimento Geral dos Cursos de PG da Unicamp (1988) e da FCM (1989) inclui medidas de flexibilização que agilizam o tempo de formação. Mestrado não foi considerado pré-requisito para o Doutorado e foi extinto o limite mínimo de créditos, havendo as disciplinas obrigatórias (Pedagogia, Didática, Bioestatística, Epidemiologia) e as acrescentadas pelo orientador; redução dos prazos máximos dos cursos e desligamento automático dos alunos com prazos expirados. A obtenção do título de Doutor na FCM, sem realização do Mestrado (com exceção do Curso de Pós-Graduação-Cirurgia), passou a ocorrer através de um processo de transferência de nível que se iniciava na etapa em que o aluno havia cumprido créditos nas disciplinas obrigatórias e o orientador identificava que o trabalho de tese possuía mérito para doutorado. Do total de 202 defesas de tese de doutorado até 1994, 85 (42%) ocorreram utilizando a transferência de nível. A FCM, diante da crescente evolução do seu quadro de docentes titulados adquiriu novas e grandes responsabilidades, pois passou a ter recursos humanos mais qualificados. Incentivou estágio de pós-doutorado, consolidou grupos de pesquisa, e implementou laboratórios de pesquisa e, dessa forma houve crescentes solicitações de auxílio a agências de fomento como CNPq, FAPESP, FINEP, FBB (Vilela, 2005).

A solução então encontrada foi a do processo de “transferência de nível”, através do qual os professores do chamado “Cursão” - núcleo de pós-graduação onde se encontrava a maioria dos professores antes da posterior criação dos departamentos, podiam entrar diretamente no processo de obtenção do doutorado. Desse modo, cerca de 42% das teses defendidas o foram sem a realização do mestrado (Vilela, 2003), o que acelerou o processo de titulação da Faculdade.

De qualquer forma houve uma imperiosa necessidade de adaptação e mesmo uma dificuldade flagrante na transição entre os dois modelos. Os médicos profundamente voltados para a clínica, *“eles continuaram, alguns se adaptaram, muitos foram adaptando-se porque o programa de qualidade obriga que eles se adaptem, associem com outros que fazem pesquisa. Depois de certo tempo eles continuaram, a faculdade também não matou esse pessoal, eles continuaram, os novos que estão aí entrando tem que se adaptar a esse modelo”* Jeremias.

Os mecanismos iam desde uma maior exigência de titulação para os novos contratados (doutorado), uma estipulação dos prazos para essa mesma titulação no caso dos professores já integrados nos quadros da instituição, incentivo à participação em eventos científicos, até a uma readequação do quadro de carreira docente.

Uma voz discordante nesse quadro, embebido que estava na direção da Faculdade de Ciências Médicas no período de início de implantação do Projeto Qualidade, de 1990 a 1994, o professor Luís Alberto Magna argumenta que esse projeto deixa de considerar que os objetivos de uma Faculdade e de uma instituição são mais largos que os nele exigidos. Para ele, é natural e desejável que a instituição cumpra as funções de ensino e de extensão, ao mesmo tempo em que a de pesquisa. Mas não se deve confundir objetivos constitucionais com obrigações e deveres individuais, dos professores e pesquisadores envolvidos. Nesse sentido, as metas de qualidade devem ser em primeiro lugar postuladas e debatidas dentro da instituição, responsável pelo estabelecimento dessas metas de maneira global e também projetando essas metas dentro das agendas

individuais, ou seja, delimitando essas metas para os professores. Assim, o compromisso institucional seria traduzido em termos individuais, sem por isso tolher e aprisionar o profissional em um leito de Procusto. A metáfora proposta por Magna é da “Epístola de Paulo aos Romanos”:

Por que assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada Rm, 12:4.

De todo modo, o processo de mudança dentro da Faculdade foi irreversível e o triunvirato docência-pesquisa-extensão ganhou a força de um credo e de uma ideologia extremamente presente no cotidiano da universidade.

Projeto Qualidade no Departamento de Medicina Preventiva e Social

Nesse período apontado, o Departamento de Medicina Preventiva e Social passava por um período de mudança acentuado, e sofreu também os efeitos de um novo modelo de pesquisa e ciência exigido pela Unicamp e pela própria direção da FCM. Segundo Canesqui (1990):

Uma nova etapa abriu-se para o Departamento a partir de 1982, mediante um processo de democratização que resultou na implantação do processo bienal de eleição para a função de Coordenador e na formação de um Conselho Departamental representativo, das categorias docentes, funcionários e residentes. Foram Coordenadores eleitos, a partir de então Dr. Reginaldo Zaccara de Campos (1983-1984); Dr. Luiz Jacintho da Silva (1984-1986); Dr. Everardo Duarte Nunes (1986-1988) e Dra. Ana Maria Canesqui (1988-1990 e 1990-1992). Nesta etapa expandiram-se os cursos de pós-graduação, com a retomada da residência médica, que sofrera um refluxo no período anterior. Foram criados os Programas de Mestrado e Doutorado em Saúde Coletiva e o Curso de Especialização em Saúde Pública. Reformularam-se conteúdos

programáticos de ensino, bem como, desenvolveu-se mais intensamente a produção científica dos docentes e de alunos dos cursos de Mestrado e Doutorado. Melhorou também a extensão e a qualidade da rede de serviços de saúde de Paulínia.

Esse processo esteve profundamente vinculado ao novo modelo de avaliação do trabalho e das práticas dos professores, colocado em vigor a partir das agências de fomento brasileiras e baseado na avaliação quantitativa da produção científica dos cientistas.

No caso da FCM e do Projeto Qualidade, essa base numérica será mostrada a seguir, dentro dos indicadores valorizados por esse modelo, sobretudo no período em que ocorreram as mudanças de configuração histórica.

A descrição quantitativa

Não temos dados completos sobre o grau de absorção dos médicos formados pela Unicamp dentro dos quadros da Universidade. Mas podemos apontar alguns indícios fortes de que o perfil do médico profissional liberal estava em forte mudança nesse período.

Em um estudo realizado com 42 médicos formados pela Unicamp entre os anos 1970 e 1980, percebe-se uma forte concentração de profissionais dentro de um padrão de assalariado/liberal, com mais de um emprego e atuando raramente como seu próprio empregador (Ribeiro, 1985).

A idéia de permanecer na Unicamp, como professor e pesquisador, não era uma tendência majoritária no início dos anos 70. E ainda menos a perspectiva de seguir uma carreira de pesquisa em áreas básicas. Como aponta Nunes (1976), dentre as opções presentes em uma lista de possibilidades, somente 1 % dos alunos no primeiro ano de medicina escolhia essa opção, a de ciência médica básica e/ou pesquisa original, confirmando a mesma opinião quando atingiam o quinto-ano do curso. A escolha preferencial era a de uma especialização 34 %, seguida de clínica geral 14 % .

Plataforma Lattes

Um perfil geral e mais aprofundado pode ser delineado através dos currículos da Plataforma. Utilizamos para essa análise, o currículo de 175 docentes Plenos do total de 183 da FCM no ano de 2005.

Faremos uma descrição quantitativa dos profissionais da instituição através de indicadores observados.

A profissão médica tem apresentado uma progressiva e uma expressiva entrada de mulheres. Essa constatação é facilmente perceptível por todos, bastando observar a composição das turmas de alunos. Esse processo deverá alterar consistentemente o equilíbrio quanto ao sexo no futuro, mas até o momento permanece uma maioria masculina dentro da FCM, no caso dos professores plenos, conforme quadro a seguir:

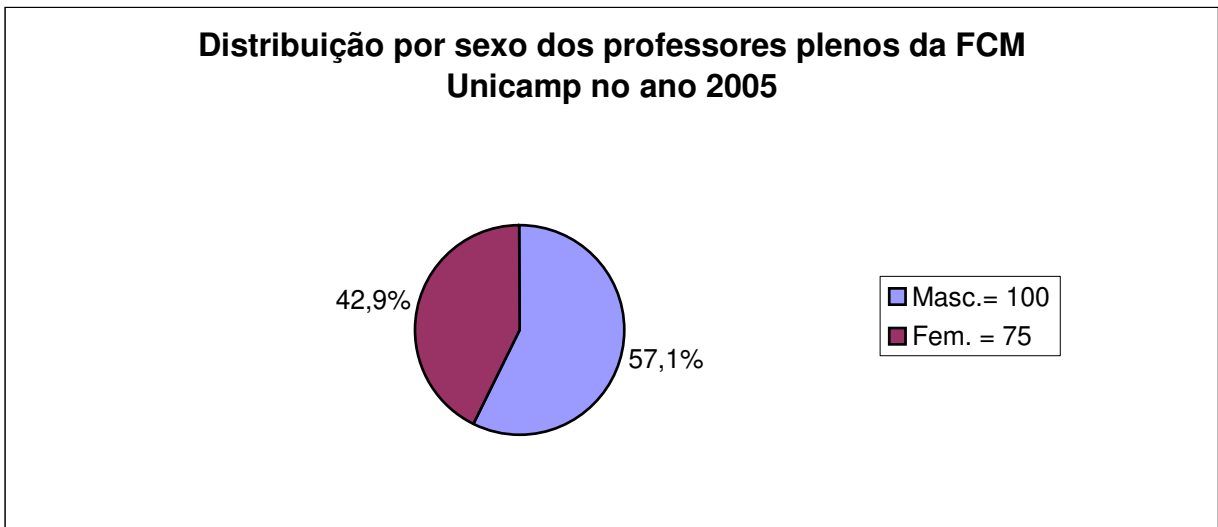


Gráfico 2- Distribuição por sexo do professores plenos no ano 2005.

A idade média dos professores é de 52,8 anos, com uma mediana de 52,5 anos. A grande maioria está na faixa compreendida entre 45 e 49 anos (28,9%), seguida de 50-54 (23,7%). Assim, a grande maioria encontra-se entre 45 e 54 anos, com uma proporção em torno de 52,6% do total.

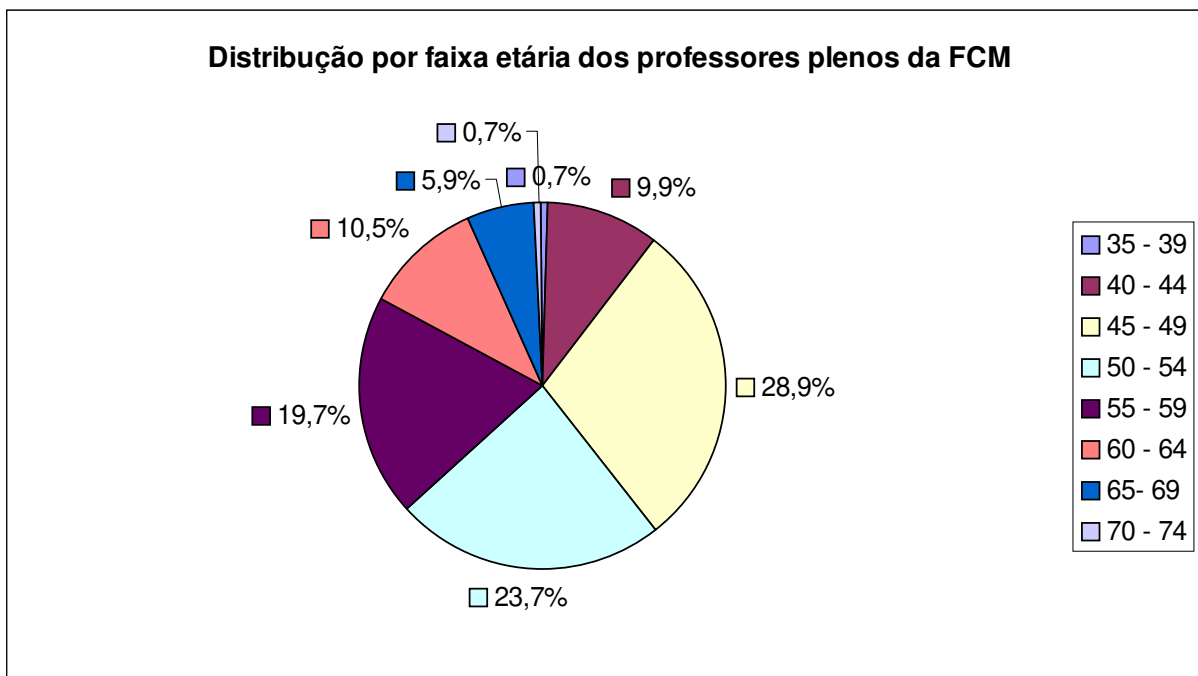


Gráfico 3- Distribuição por faixa etária dos professores plenos da FCM.

Quanto à formação, a grande maioria dos pProfessores é formada por médicos (82,3%), seguidos pelos graduados em Ciências Biológicas (6,9%), Farmácia e Bioquímica com 2,3%, Ciências Sociais com 2,3% e Farmácia (1,1%), conforme quadro a seguir:

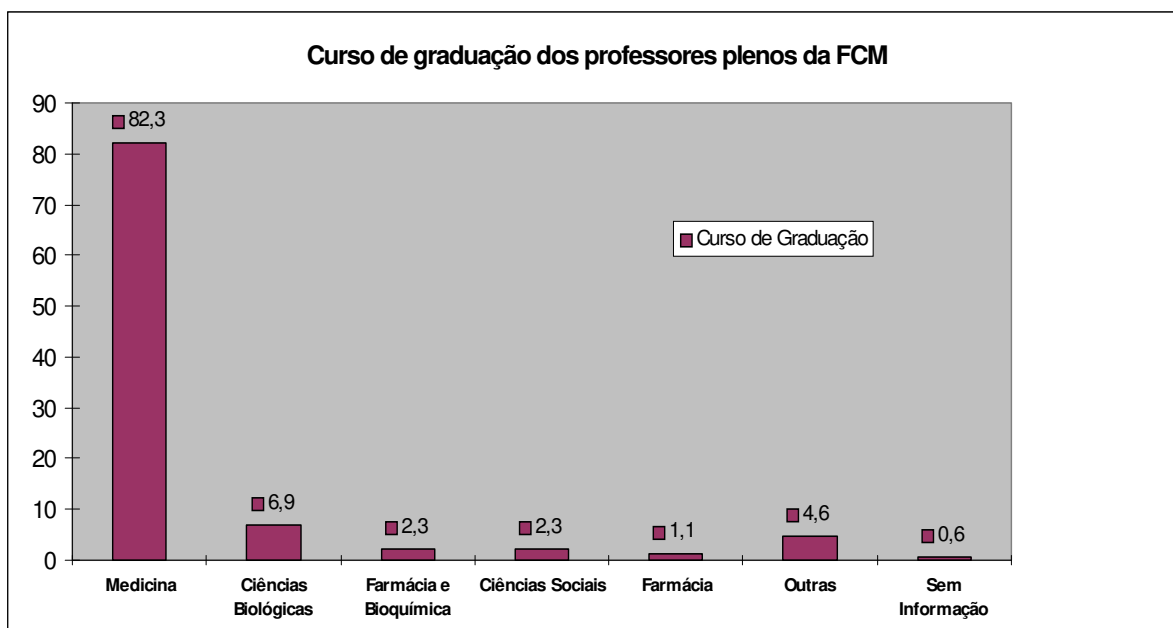


Gráfico 4- Cursos de graduação dos professores plenos.

A maioria dos professores da instituição foi formada na própria Unicamp com um total de 75 profissionais, em uma proporção de 42,9 %. Se considerarmos a Unicamp em conjunto com a USP e USP - RP, chegamos a uma proporção de 61,1 % do quadro docente da FCM. Essa tendência é significativa, restaria a tarefa de comparar esses índices com outras faculdades para entendermos essa dinâmica. Confira o gráfico a seguir:

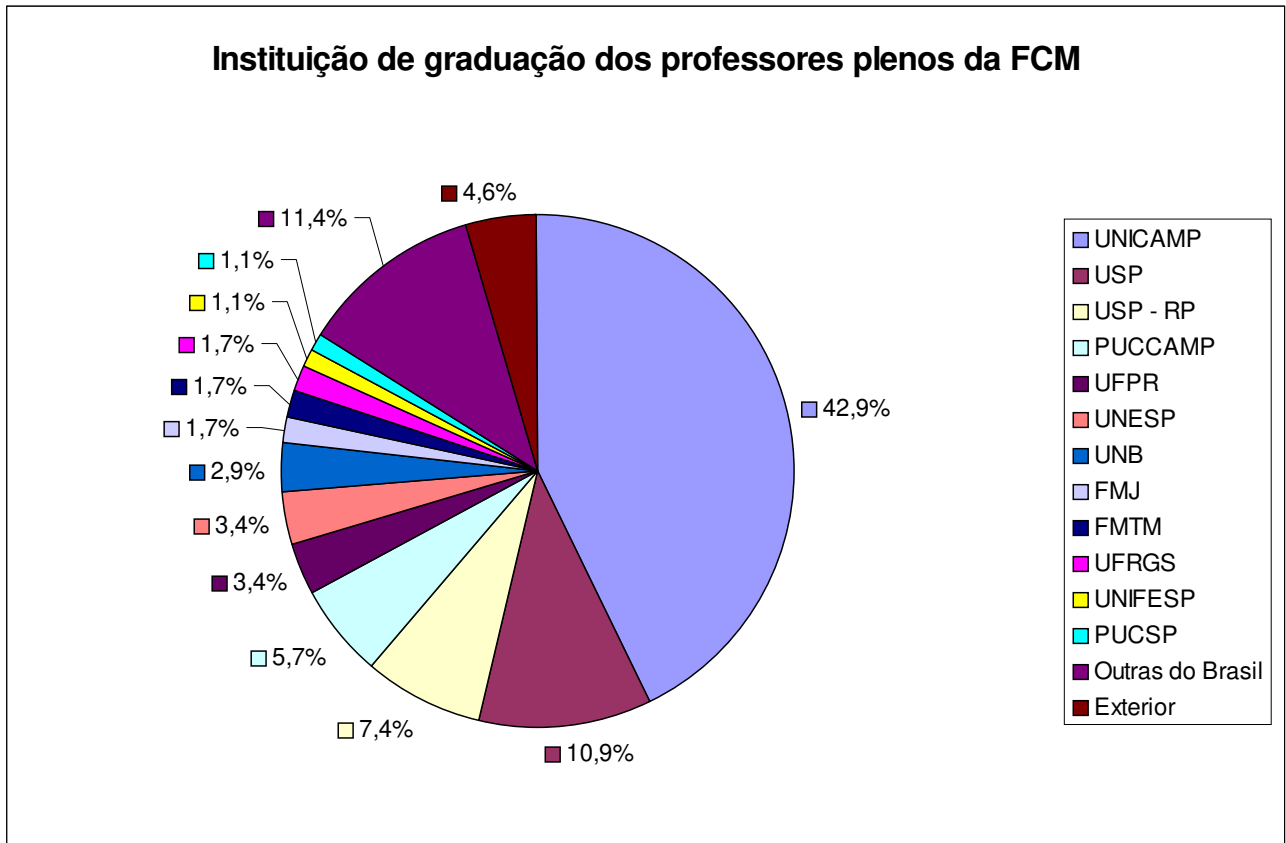


Gráfico 5- Instituição de graduação dos professores.

Acompanhando esta tendência de arregimentação interna dos formados pela instituição e da permanência dos quadros, podemos notar que, de acordo com a Plataforma Lattes, as turmas que mais forneceram profissionais para o quadro de professores da Unicamp foram as seguintes, de acordo com o gráfico:

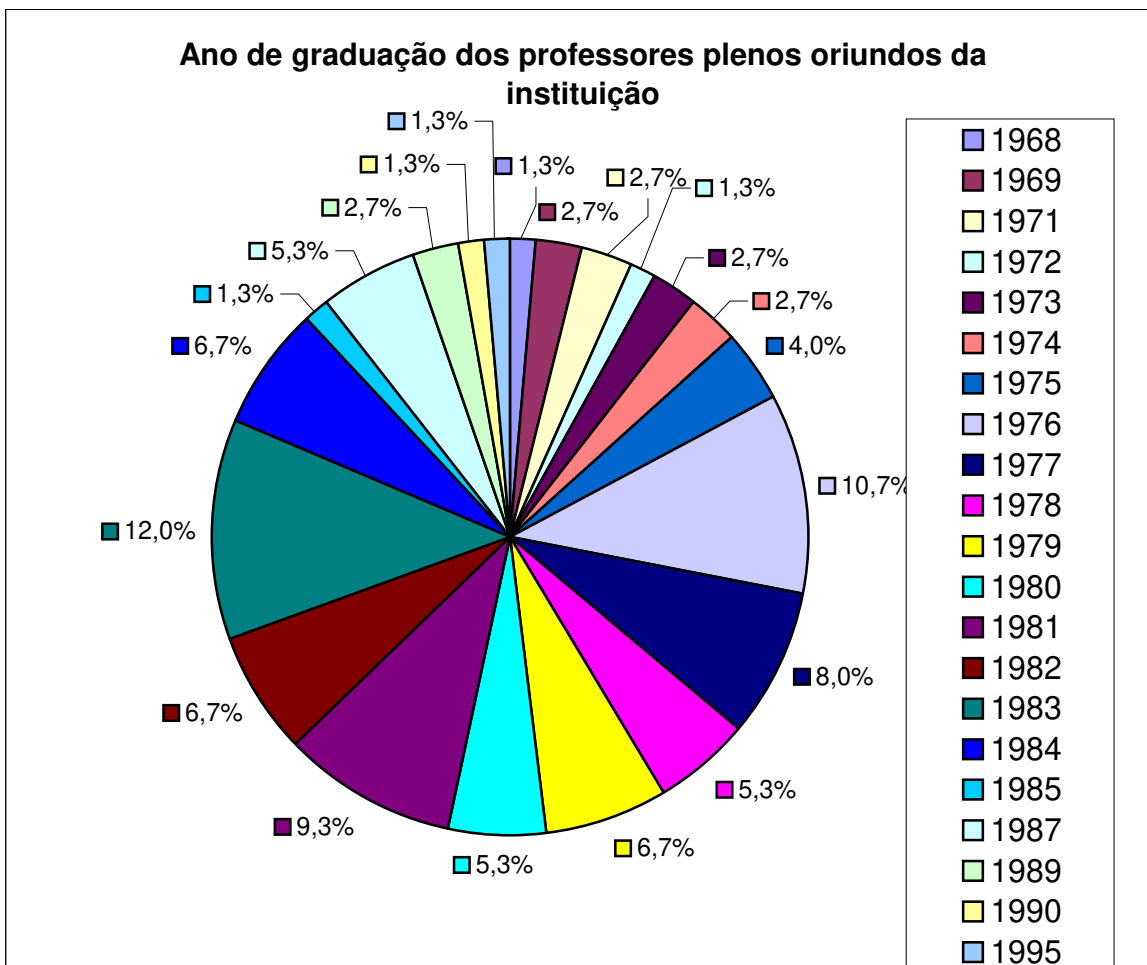


Gráfico 6- Ano de graduação na Unicamp dos professores plenos oriundos da instituição.

Percebe-se que houve dois momentos mais significativos em que os alunos recém-formados permaneceram na instituição como pesquisadores e professores. O primeiro, nos anos 1976 e 1977, quando há dois fortes índices de 10,7% e 8,0% respectivamente. O segundo período compreende os anos de 1981 a 1984, com anos consecutivos nos quais as taxas de fixação dos alunos são grandes (9,3% – 6,7% – 12,0% – 6,7%).

A metade dos médicos da instituição declarou ter feito residência médica, atingindo 50,0 % do grupo. Daqueles que realizaram residência médica, a grande maioria a fez na própria instituição (66,7%) e de novo o total, quando incluída a USP, chega perto de 83,3 % do total de profissionais, conforme o gráfico abaixo:

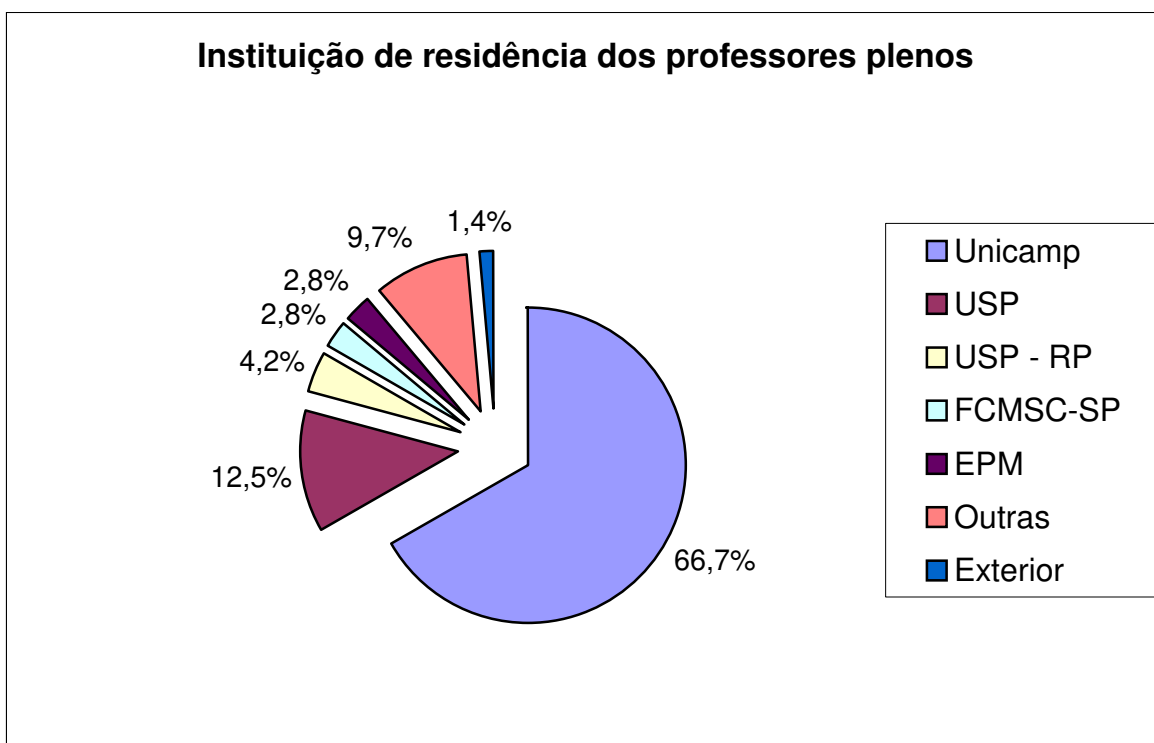


Gráfico 7- Instituição de residência dos professores plenos da FCM

A mesma coisa poderia ser apontada para o caso da especialização, cujos índices continuam menores do que a metade dos professores, com somente 30,3% dos profissionais que se tornaram especialistas. Tabulamos a quantidade de especializações realizadas por cada profissional e montamos o seguinte gráfico:

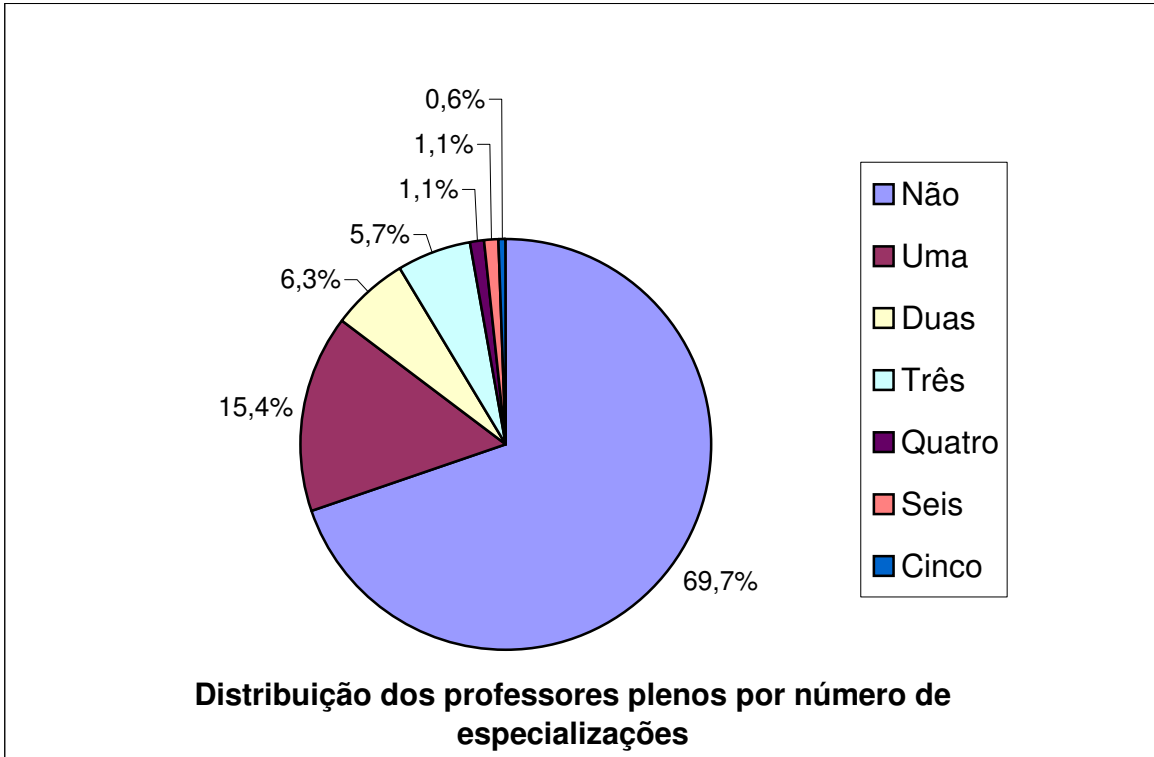


Gráfico 8- Proporção dos professores plenos com especialização.

Somente oito dos 53 especialistas não são médicos.

Esta situação inverte-se, quando tratamos do indicador relativo à proporção de mestrados realizados:

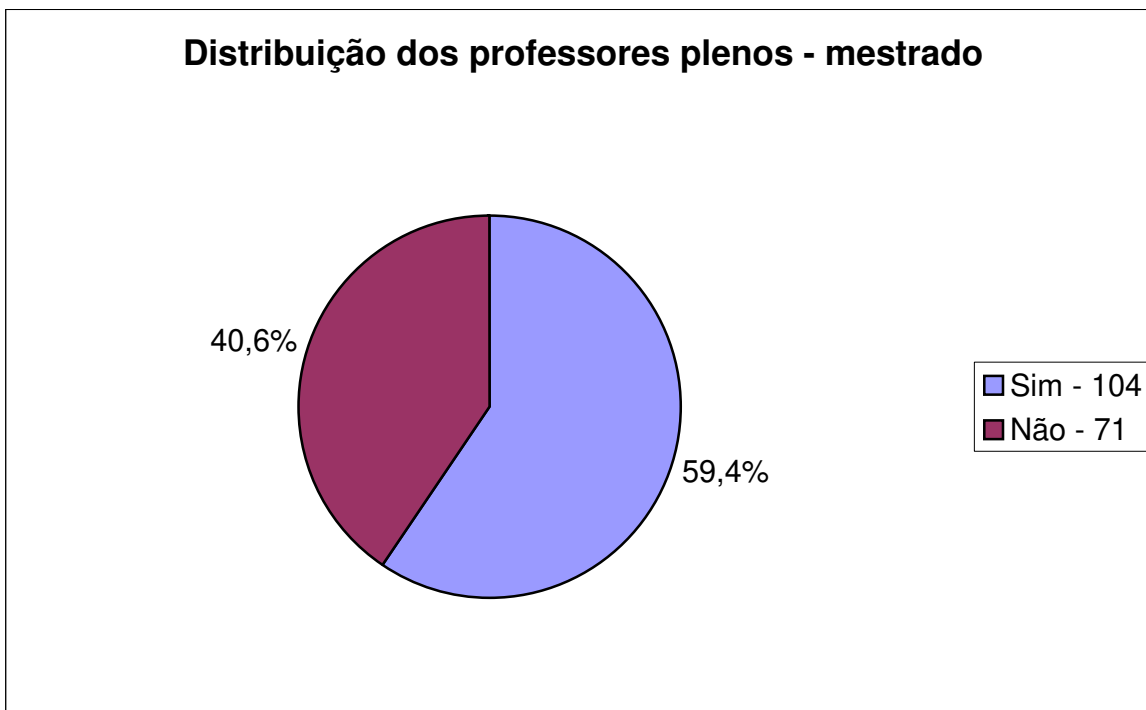


Gráfico 9- Distribuição dos professores plenos - mestrado.

A maioria passou pelo mestrado dentro da própria instituição, e se incluirmos a USP, atingimos a taxa de 81,8 % de oriundos desse grupo. Vale constatar que, nesse caso, aumenta significativamente a quantidade de professores que terminaram seus mestrados em instituições no exterior, cerca de 8,7% do total.

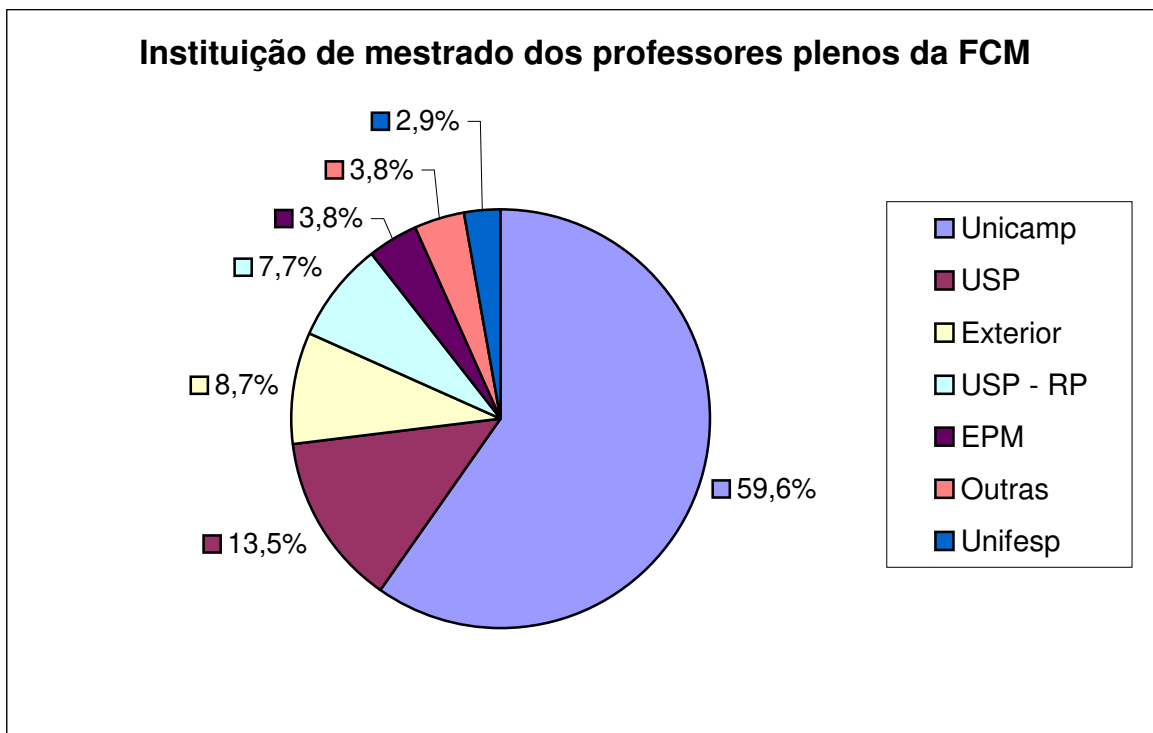


Gráfico 10- Instituição de mestrado dos professores da FCM.

O número de professores com doutorado cresceu vertiginosamente, atingindo a totalidade dos profissionais. Vale ressaltar que a posse de um doutorado é um fator de seleção dos próprios professores plenos, ou seja, condição *sine qua non* de pertencimento ao quadro. Os números mantêm uma constância muito grande, quando passamos do mestrado ao doutorado quanto às instituições onde este último foi realizado, com taxas praticamente idênticas:



Gráfico 11- Instituição de doutorado dos professores plenos da FCM.

Poderia-se aventar a hipótese que o doutoramento é um fator essencial e determinante na fixação do profissional na instituição, e determina a própria trajetória desse cientista. Para verificar essa hipótese, seria necessário comparar esses dados com os de outras instituições brasileiras. Como percebemos neste caso, 72,0% dos professores plenos doutoraram-se na própria Unicamp e 11,4 % no exterior. Se somarmos aos 72 % da Unicamp os profissionais doutorados na USP (8,6%) e USPRP (4,0%), chegamos a 84,6% dos professores oriundos destas instituições.

Por outro lado, o pós-doutorado não parece ser um pré-requisito tão importante, pois somente 36,6% dos professores o realizaram. Como indicado abaixo, somente alguns realizaram mais de um pós-doutoramento:

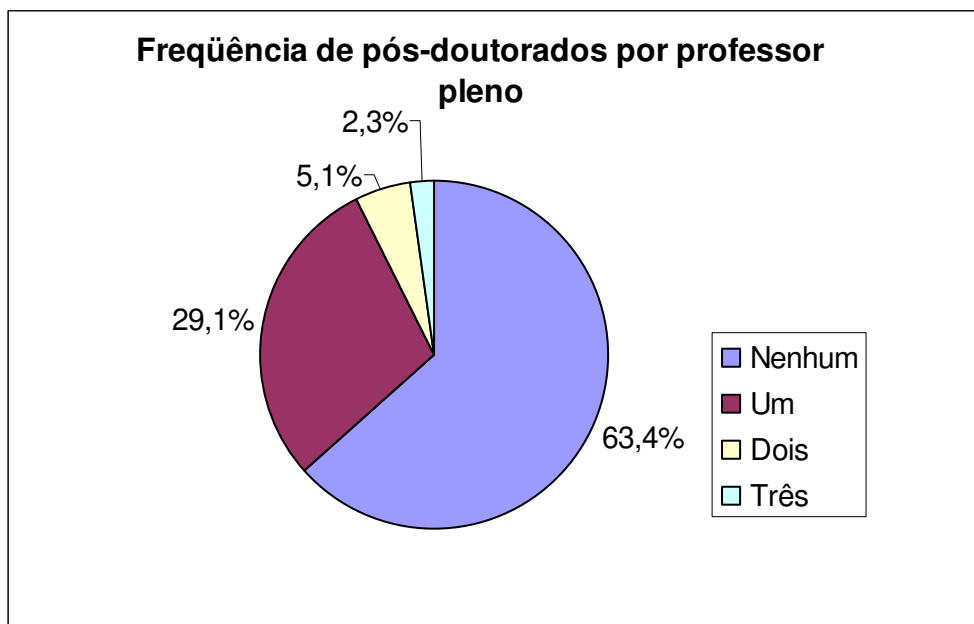


Gráfico 12- Freqüência de pós-doutorados por professor pleno.

Desse total, a maioria estagiou nos EUA (37,5%) ou Inglaterra (18,8%), confirmando o favoritismo dos países de língua inglesa. Podemos incluir também o Canadá, com 4,7 %. Conforme o gráfico a seguir:

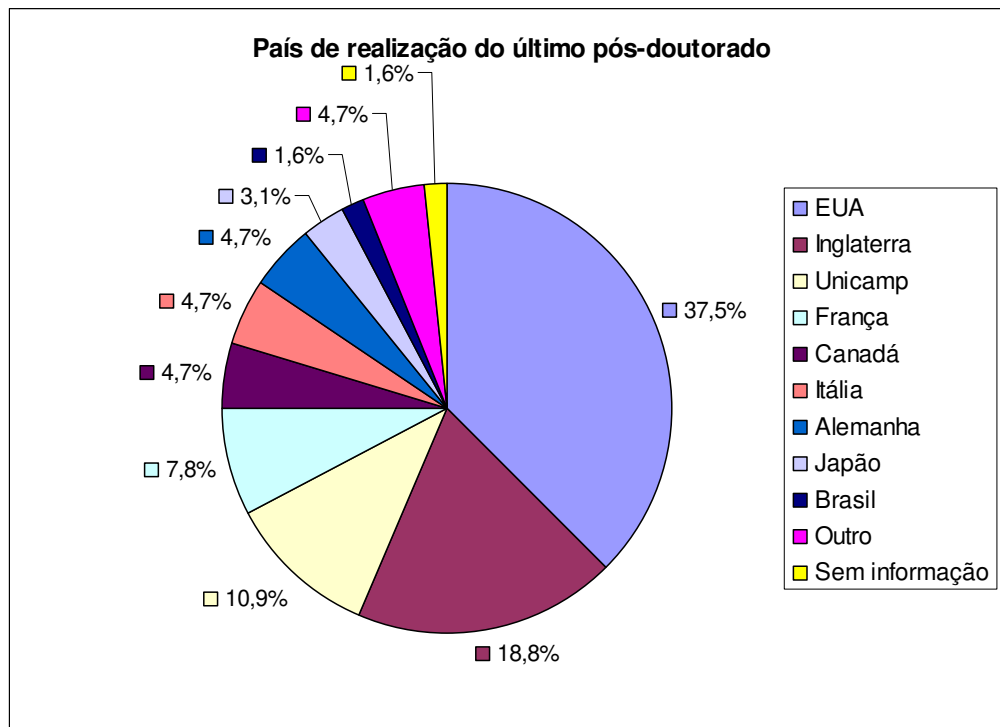


Gráfico 13- País de realização do pós-doutorado.

Quanto à livre-docência, o quadro torna-se mais restritivo, com somente 41,1% dos professores com este título, obtido majoritariamente na própria Unicamp e raras vezes na USP.

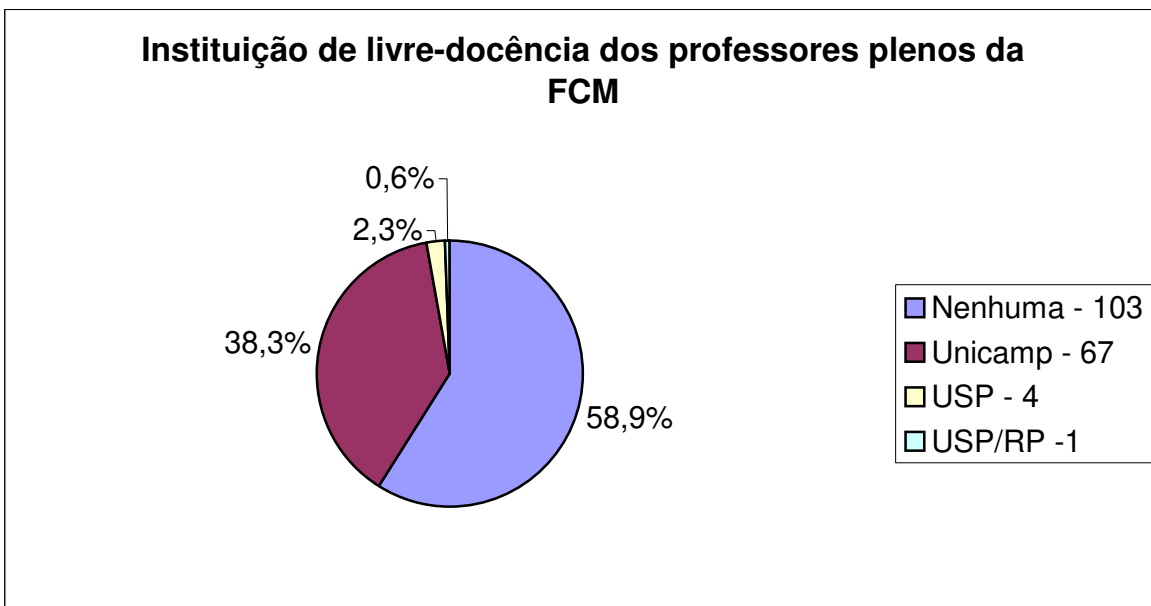


Gráfico 14- Instituição de livre-docência do professores plenos.

Desse total de 72 livres-docentes, 49 (68,1 %) dos títulos foram obtidos por homens e 23 (31,9%) por mulheres, conforme quadro a seguir:

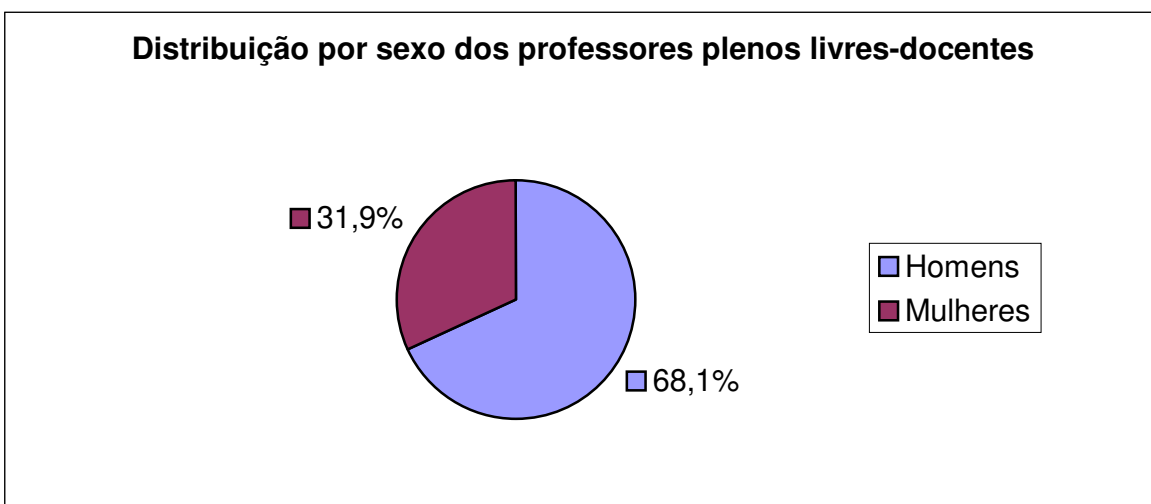


Gráfico 15- Distribuição por sexo do professores livres-docentes.

A idade média da obtenção da livre-docência é de 45,1 anos, contra 37,5 para a obtenção do doutorado.

Quanto aos professores titulares, como era de se esperar, eles estão em minoria, com somente 13,7 % dos profissionais pertencentes a este seletor grupo, com uma média de idade de 58,5 anos. Conforme gráfico seguinte:

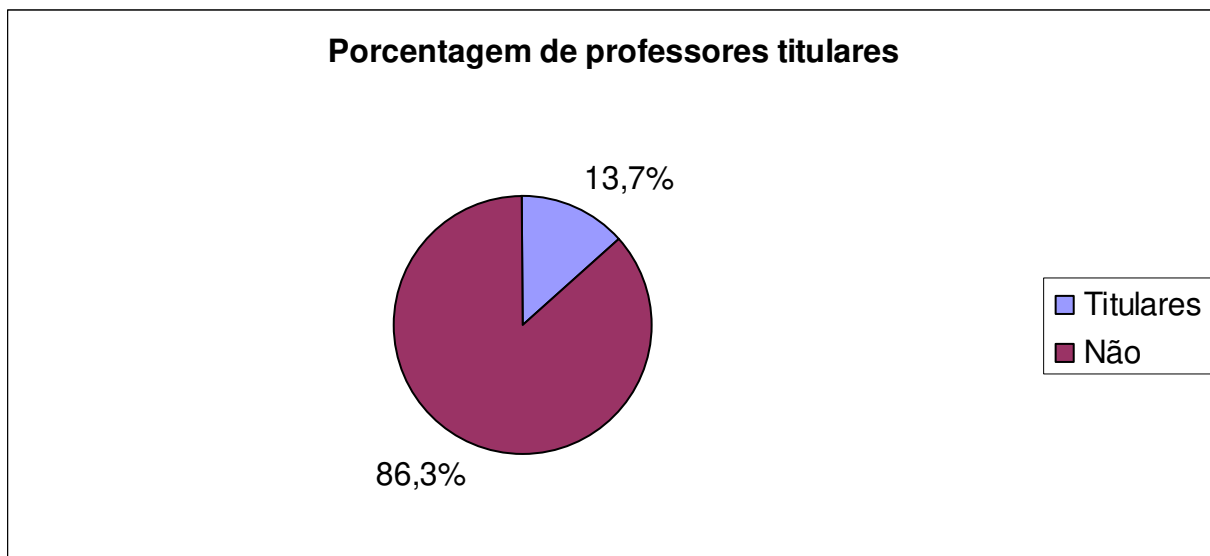


Gráfico16- Proporção de professores titulares.

Ainda, eles estão distribuídos desigualmente quanto ao sexo, pois 66,7% deles são homens e 33,3% são mulheres:

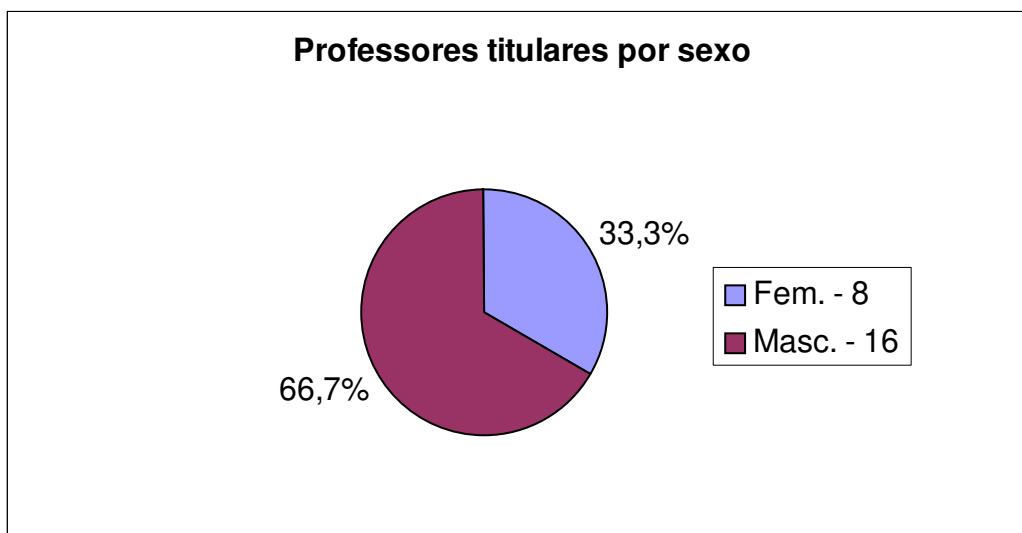


Gráfico 17- Distribuição por sexo dos professores titulares.

Sendo este o mais alto posto da FCM e da carreira acadêmica não administrativa, resta procurar entender, por meio dos números, os resultados dessa formação e dessa titulação em termos de seus produtos de trabalho.

Produção científica

A média de artigos por pesquisador é de 63,1 com uma mediana de 44 artigos; e seu índice per capita é 61,7. Sua produção acontece majoritariamente dez anos após o doutoramento e mantém alta durante um certo período, passando a decrescer de acordo com a faixa etária. Se a média de idade de doutoramento é em torno de 37,5 anos, sua produção aumenta entre 45 e 54 anos, conforme a seguir:

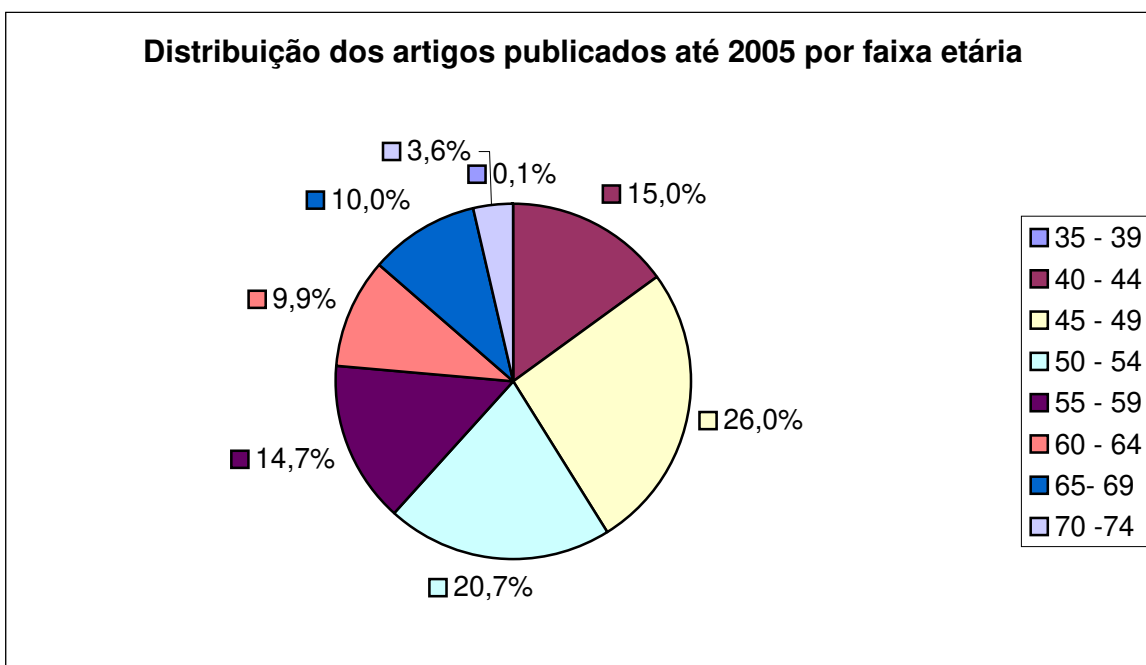


Gráfico 18- Distribuição dos artigos publicados até 2005 por faixa etária dos professores.

Por outro lado, a maior concentração de professores acontece na faixa de publicação entre 40 e 49 artigos, seguida pela faixa de 20 a 29 artigos publicados até 2005.

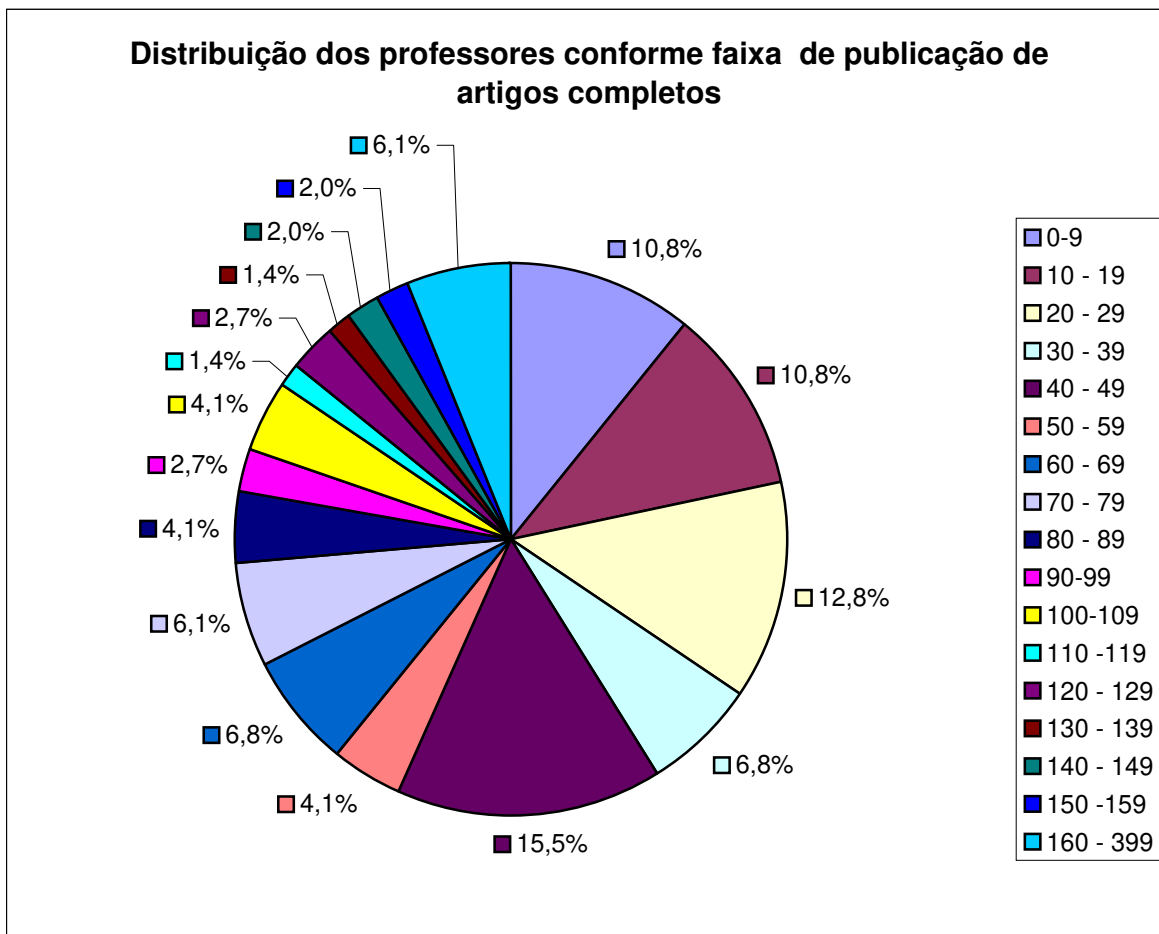


Gráfico 19- Distribuição dos professores conforme faixa de publicação de artigos.

Podemos também comparar os índices de forma global, se assumirmos que a produção *per capita* evidencia um investimento de tempo e de trabalho científico dos professores da instituição. Assim, de todas as suas atividades, algumas se destacam como aquelas que são o resultados mais evidentes. Os índices foram calculados, somando-se todos os 'produtos' de toda a vida dos professores e por tipo de produção, em seguida dividimos esse total pelo número de professores (175).

Percebe-se que o “produto” com maior taxa por professor são os artigos completos publicados em revistas e a apresentação de trabalhos em eventos, seguido pela participação em eventos. A participação em bancas é bem superior à orientação de mestrado ou doutorado.

Por outro lado, esses indicadores podem ser vistos em si mesmos, pois mostram a taxa individual média de cada uma das atividades:

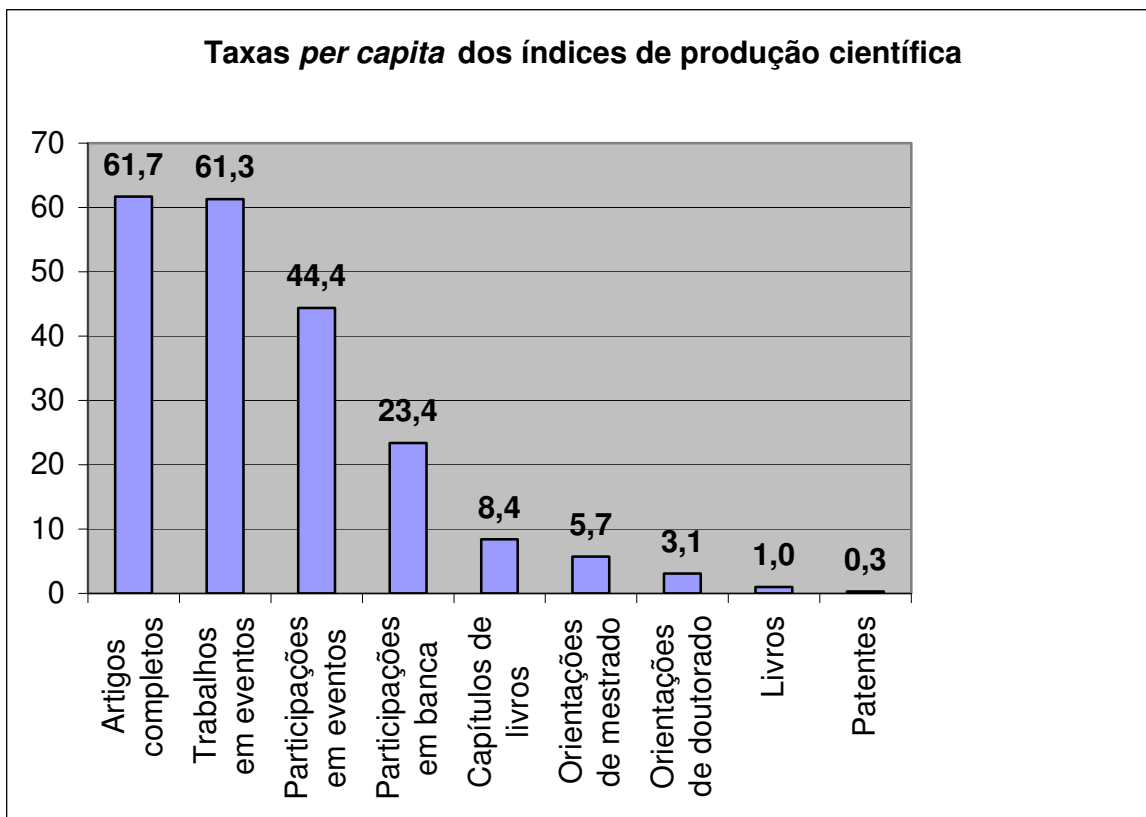


Gráfico 20- Taxas per capita dos índices de produção científica.

Quadro final

Podemos então começar a compor um quadro do que seria um professor médio da instituição.

Seria predominantemente de sexo masculino (57,1%) com 52,8 anos em média, e com colegas com idade entre 45 e 54 anos (45/49 - 28,9% e 50/54 - 23,7%), perfazendo 52,6% dos professores. Formado majoritariamente em

Medicina (82,3%) ou Ciências Biológicas (6,9%). Esse profissional formou-se na própria Unicamp (42,9%) e, às vezes, pela USP (18,3%), o que resulta em uma maioria de 61,2 % do quadro. Daqueles que permanecem na instituição, 19% formaram-se na FCM no período de 1976 - 1977 (18,7%) ou então no período de 1981-1984 com 34,7%.

Dos profissionais graduados em medicina, 50,0% não fizeram nenhum tipo de residência, pois optaram por atuar diretamente no mercado, ou então, se a fizeram, optaram por permanecer na própria instituição (66,7%) ou na USP (16,7%). Do mesmo modo, 69,7% escolheram não fazer nenhuma especialização.

A partir desse ponto, em geral 59,4% dos professores plenos da FCM escolheram tornar-se mestres, dentro da própria instituição (59,6%) ou em instituições próximas como a USP (21,2%), sem incluir os 8,7% que fizeram seu mestrado no exterior.

Todos são doutores, com teses defendidas na própria instituição (72,0)% ou na USP (12,6%), chegando a 84,6% do quadro com doutores formados em uma destas duas universidades. Uma parcela relevante de 11,4% fez suas teses no exterior. Sua idade de doutoramento fica em torno de 37,5 anos.

Somente 36,6% têm pós-doutorado e, nesse caso, fica claro que a grande referência é por estudos no exterior em países de língua inglesa, preferencialmente pela ordem EUA (37,5%), Inglaterra (18,8%) e Canadá (4,7%).

Quase a metade dos professores é livre-docente (41,1%), com 38,3 % na própria instituição e 2,9% na USP, com idade média de 53,1 anos.

Somente 13,7% são professores titulares, com idade média de 58,4 anos para a obtenção do título, sendo a maioria masculina.

O professor típico produziu 44 artigos em sua vida de pesquisador, valor em torno do qual se encontra a mediana dos professores. Foram publicados, entre os 45 e os 54 anos de idade em média dos professores, 46,7% dos

trabalhos, quando acontece o auge de publicações; isso algum tempo depois do profissional ter se tornado doutor com 37,5 anos, na faixa de 45 anos. Do total de professores plenos, 15,1% dos professores publicaram entre 40 e 49 trabalhos.

A média de artigos é maior, em torno de 61,7 por pessoa, se considerarmos os grandes e excepcionais articulistas da instituição, com mais de 160 artigos publicados e que perfazem cerca de 7,0% dos professores.

Como resultado principal de seu trabalho encontra-se a publicação de “papers” e igualmente a participação em eventos como congressos, seminários, etc. Além disso, apresentam freqüentemente produções científicas nesses eventos. As outras atividades de professor são mais raras, como orientações de mestrado e doutorado, mesmo se importantes em si mesmas.

Dados globais do SIPEX

O SIPEX – Sistema de Informação de Pesquisa e Extensão, como o próprio nome esclarece, é responsável pelo fornecimento de dados quantitativos para subsidiar a gestão da pesquisa e a extensão na Unicamp. Elaborado desde 1993, ele é responsável pela:

Captação e disponibilização de informações relativas a pesquisadores, produção intelectual, pesquisas e atividades de extensão da universidade. Através deste sistema são elaborados relatórios de atividades dos docentes, dos órgãos da Unicamp e a produção do anuário de pesquisa institucional.⁷

Esse sistema foi implantado a partir de 1993 e realiza um levantamento prévio da produção dos docentes como forma de subsidiar o próprio projeto de avaliação dos cursos e dos institutos. Ele acompanhou a implantação do Projeto Qualidade e cobre o período deste projeto.

⁷ Disponível em : www.Unicamp.br/sipex. Acesso em: 25/09/2006.

Nosso interesse foi o de realizar uma pequena análise quantitativa dos dados globais da Faculdade de Ciências Médicas, e, ao mesmo tempo, particularizar três departamentos dentro desta faculdade, como meio de compreender as diferenças, se houver, entre áreas que como pressuposto apresentam comportamentos diferenciados quanto ao seu modo de produzir ciência e de expor seus resultados. Escolhemos então:

- Departamento de Medicina Preventiva e Social: área que lida com a prática de ensino e extensão prioritariamente;
- Departamento de Cirurgia: representante de uma prática tradicional, local, artesanal e voltada para o desenvolvimento de procedimentos técnicos “localizados”;
- Departamento de Genética: supostamente direcionado para pesquisas básicas ou clínicas de ponta. O departamento trabalha com procedimentos universais, internacionalizados, voltados para conhecimentos universais e muito valorizados socialmente;

A análise dos dados do SIPEX foi uma oportunidade de conferir se essas diferenças se traduzem em produções científicas significativamente diferentes ou então em que elas se diferenciam. Eles são discutidos a seguir.

A Faculdade como um todo possui os seguintes dados:

Quadro 5- Freqüência de indicadores da Faculdade de Ciências Médicas, de 1993 a 2006

Ano	Número de Professores	Artigos em Revistas Nacionais	Artigos em Revistas Internacionais	Trabalhos Completos Congressos Nacionais	Resumos em Congressos Nacionais	Trabalhos Completos Congressos Internacionais	Resumos em Congressos Internacionais	Dissertações Mestrado	Teses Doutorado
1993	414	149	51	11	258	6	87	41	27
1994	412	121	121	1	412	4	226	57	63
1995	419	156	90	8	463	9	265	52	42
1996	419	115	167	75	411	28	120	57	50
1997	418	103	224	18	528	33	324	19	24
1998	411	96	362	16	520	9	331	79	54
1999	406	126	281	18	527	24	372	50	30
2000	383	66	297	11	338	19	262	76	53
2001	375	69	233	4	280	2	124	197	86
2002	380	96	355	19	306	16	217	215	89
2003	350	121	294	6	322	6	220	170	61
2004	351	104	268	2	272	8	341	173	98
2005	359	81	299	5	473	3	182	131	128
2006	358	98	271	2	191	8	188	169	89
Total		1501	3313	196	5301	175	3259	1486	894

Podemos perceber claramente que a Faculdade teve um aumento significativo de publicações, passando de 200 artigos a 369 no período. Nesse aumento, cabe destacar que o número de artigos publicados em revistas de alcance nacional diminuiu significativamente em 1/3, enquanto o número de artigos em revistas de circulação internacional cresceu de forma relevante. No final do período, aproximadamente para cada artigo de revista nacional são publicados três em revistas no exterior. Durante esse período o número de professores foi reduzido de 414 a 358, o que significa uma diminuição em torno de 14,0% do quadro. A quantidade de dissertações de mestrado e teses de doutorado cresceu progressivamente quase 2,5 vezes, partindo de menos de 100 trabalhos a 258 nesses anos. A média foi de 170 teses ao ano, o que implica uma média de 0,44 tese por professor (calculado pela média de 389 professores) ao ano.

A média de publicação foi de 0,88 artigo por professor, assumindo o número de professores como a média da instituição (389) nos quatorze anos pesquisados.

Regra geral, os índices cresceram de forma consistente e contínua, salvo as publicações em revistas nacionais, que diminuíram neste período, conforme o gráfico abaixo:

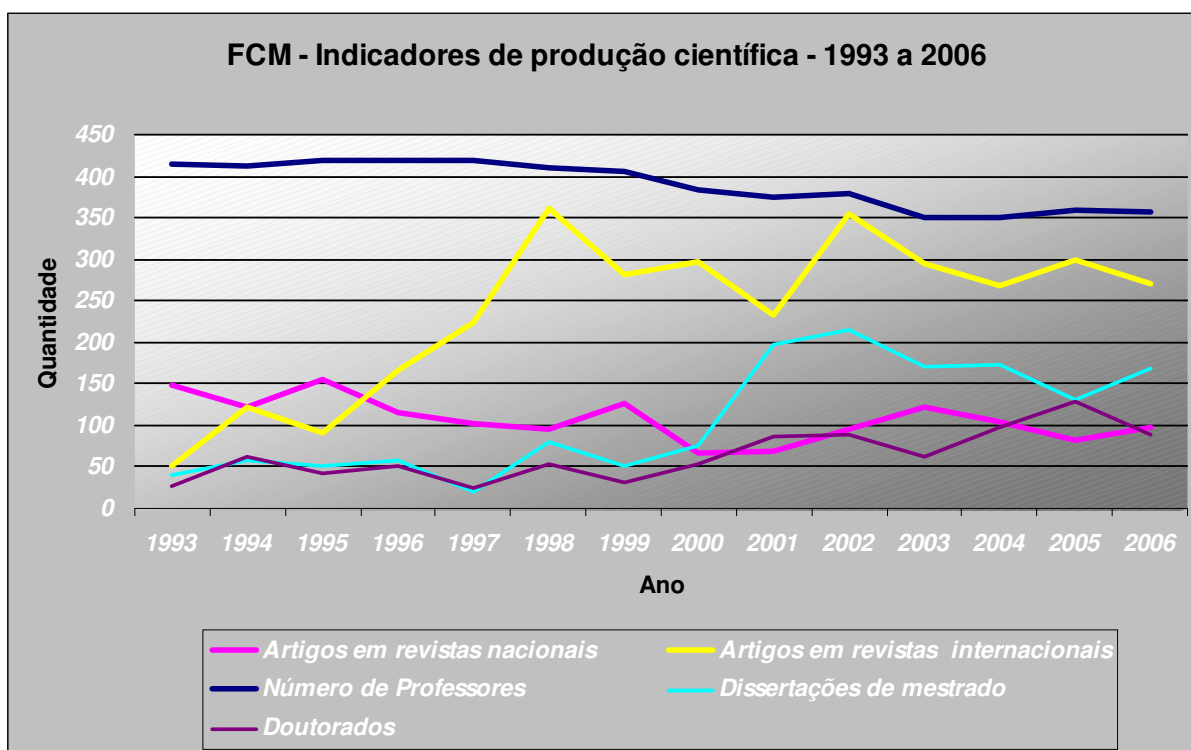


Gráfico 21- Indicadores de produção científica da FCM, de 1993 a 2006.

Quanto ao de Departamento de Medicina Preventiva e Social, temos os dados seguintes:

Quadro 6- Depto de Medicina Preventiva e Social - Indicadores de produção científica de 1993 a 2006.

Ano	Número de Professores	Artigos em Revistas Nacionais	Artigos em Revistas Internacionais	Trabalhos Completos em Congressos Nacionais	Resumos em Congressos Nacionais	Trabalhos Completos em Congressos Internacionais	Resumos em Congressos Internacionais	Dissertações Mestrado	Teses Doutorado
1993	25	12	0	2	12	2	5	1	3
1994	26	7	4	0	0	2	3	1	3
1995	27	2	0	0	29	0	3	6	2
1996	28	2	1	4	1	5	2	9	9
1997	26	1	3	6	1	10	1	0	0
1998	26	2	6	1	14	3	21	13	10
1999	26	5	8	13	20	9	23	9	7
2000	25	12	13	0	47	0	7	7	8
2001	25	2	5	0	28	0	2	23	10
2002	25	6	21	5	36	1	5	18	20
2003	25	10	11	0	0	0	1	20	18
2004	25	8	16	0	4	0	7	17	23
2005	27	5	9	0	19	1	14	6	15
2006	25	9	7	0	2	0	48	14	8
Total		83	104	31	213	33	142	144	136

Percebe-se que o número de professores manteve-se constante; a quantidade de publicações está abaixo de um artigo por ano por professor (0,5 artigos/ano), com períodos de aumento e outros de refluxo na produção. Esta produção também se altera quanto ao veículo de publicação, ora tendo uma maioria em revistas internacionais ora em revistas nacionais. Além disso, o número de teses defendidas no departamento parece ter se mantido significativamente elevado, durante quase todo o período (280 no total); uma média em torno de 20 teses ao ano para uma média de 26 professores, quase uma tese por professor por ano, taxa de 0,77 defesa ano. Conforme gráfico a seguir:

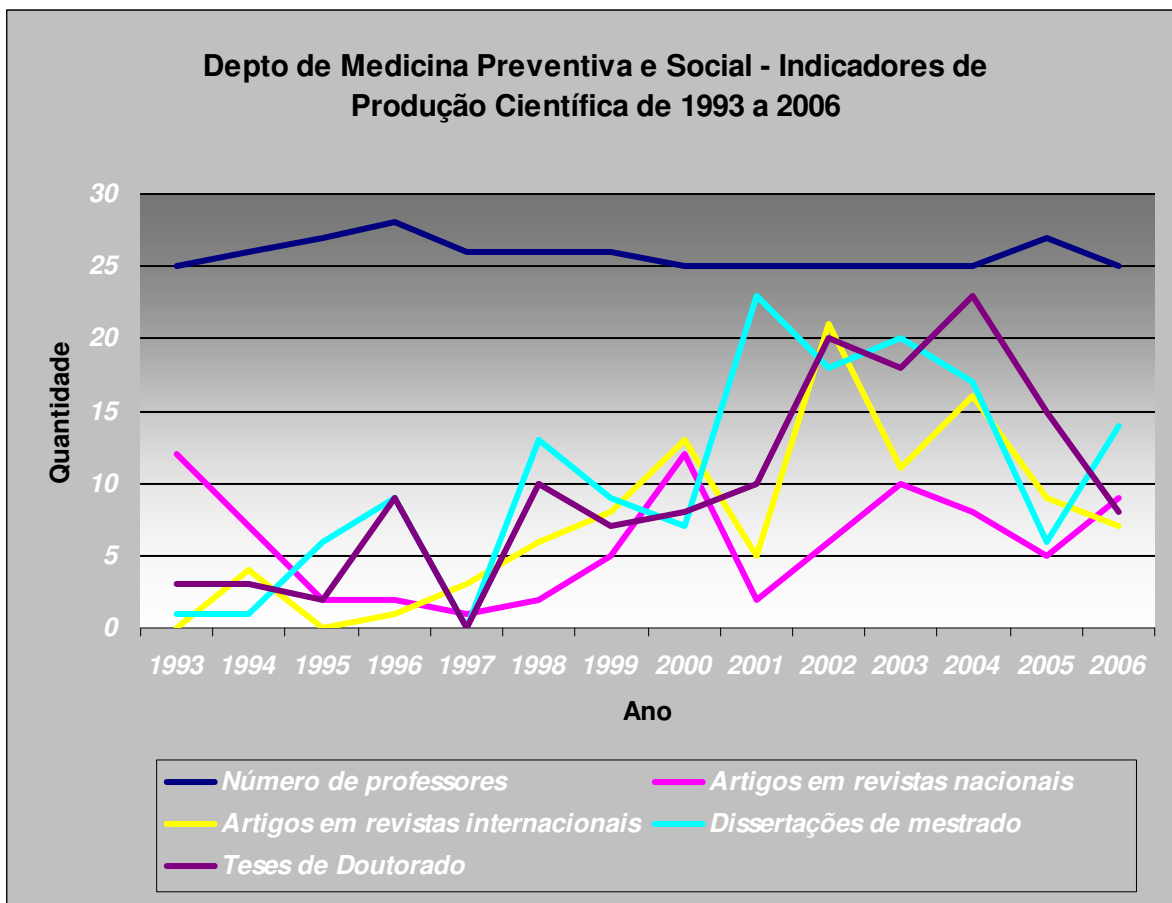


Gráfico 22- Indicadores de produção científica do DMPS entre 1993 e 2006.

Do mesmo modo, temos os dados do Departamento de Cirurgia que apontam outros indicadores:

Quadro 7- Depto de Cirurgia - Indicadores de produção científica de 1993 a 2006.

Ano	Número de Professores	Artigos em Revistas Nacionais	Artigos em Revistas Internacionais	Trabalhos Completos em Congressos Nacionais	Resumos em Congressos Nacionais	Trabalhos Completos em Congressos Internacionais	Resumos em Congressos Internacionais	Dissertações Mestrado	Teses Doutorado
1993	40	0	0	0	0	0	0	9	1
1994	40	21	19	0	32	0	20	2	1
1995	41	15	10	1	25	0	63	5	5
1996	42	14	20	7	1	30	1	5	4
1997	42	11	11	1	45	0	5	0	1
1998	44	9	24	0	57	0	8	5	6
1999	43	18	32	1	108	2	13	2	1
2000	39	9	26	0	64	0	30	7	6
2001	39	9	32	0	29	0	8	23	6
2002	39	15	27	0	28	0	15	14	5
2003	39	13	27	0	16	0	15	20	15
2004	39	15	27	0	40	0	29	18	4
2005	38	9	39	0	101	0	10	10	11
2006	41	22	30	0	38	0	27	13	5
Total		180	324	10	584	32	244	133	71

Nesse departamento, algumas observações podem ser feitas. As publicações mantêm-se regularmente em torno de 0,89 trabalho ao ano por professor; elas são predominantemente internacionais, mas com um número constante de publicações nacionais, em torno da metade da outra. Quanto à pós-graduação, o número de dissertações e tese manteve-se pequeno. em geral, com uma média de 14 ao ano, o que não atinge nem a metade do número de professores do departamento, taxa de 0,35 pós-graduação ao ano. Conforme gráfico:

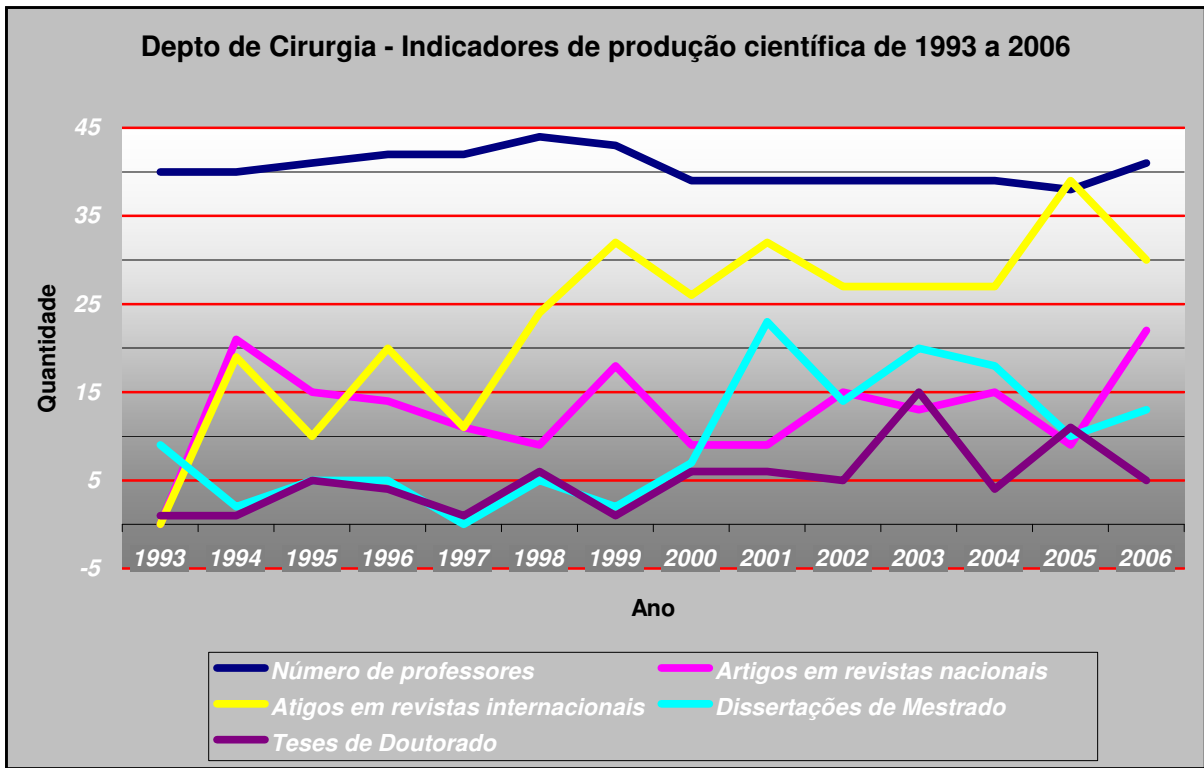


Gráfico 23- Indicadores de produção científica de 1993 a 2006.

Por fim, os dados relativos ao Departamento de Genética são os seguintes:

Quadro 8- Depto de Genética - Indicadores de produção científica de 1993 a 2006.

Ano	Número de Professores	Artigos em Revistas Nacionais	Artigos em Revistas Internacionais	Trabalhos Completos em Congressos Nacionais	Resumos em Congressos Nacionais	Trabalhos Completos em Congressos Internacionais	Resumos em Congressos Internacionais	Dissertações Mestrado	Teses Doutorado
1993	13	9	0	1	8	0	0	1	2
1994	13	3	3	0	24	0	24	5	2
1995	13	2	6	0	26	1	0	8	3
1996	13	4	12	1	4	1	5	0	0
1997	12	4	34	3	16	6	8	0	1
1998	11	0	19	1	14	0	15	0	0
1999	10	5	9	1	20	2	6	1	1
2000	10	2	23	6	5	0	5	0	0
2001	10	0	11	0	12	2	8	0	0
2002	11	1	26	0	20	0	6	12	0
2003	8	8	26	0	0	0	0	1	0
2004	8	5	32	1	40	0	28	0	0
2005	9	2	33	4	78	1	12	2	3
2006	9	1	24	1	51	1	22	0	1
Total		46	258	19	318	14	139	30	13

Nesse departamento, salta aos olhos a quantidade de publicações em revistas internacionais, muito superior aos outros departamentos. Quase não se publica em revista nacionais, e pode-se dizer que para cada publicação nacional publica-se cinco internacionais. A média de todas as publicações é extremamente significativa, atingindo a taxa de 2,0 artigos ao ano por professor; predominantemente em revistas internacionais, com taxa de 1,7 artigo ano por profissional. A quantidade de orientações por ano foi significativamente baixa, quando comparada com outros departamentos, atingindo a taxa de 0,3 finalização de orientação ano. Podemos visualizar esses indicadores a seguir:

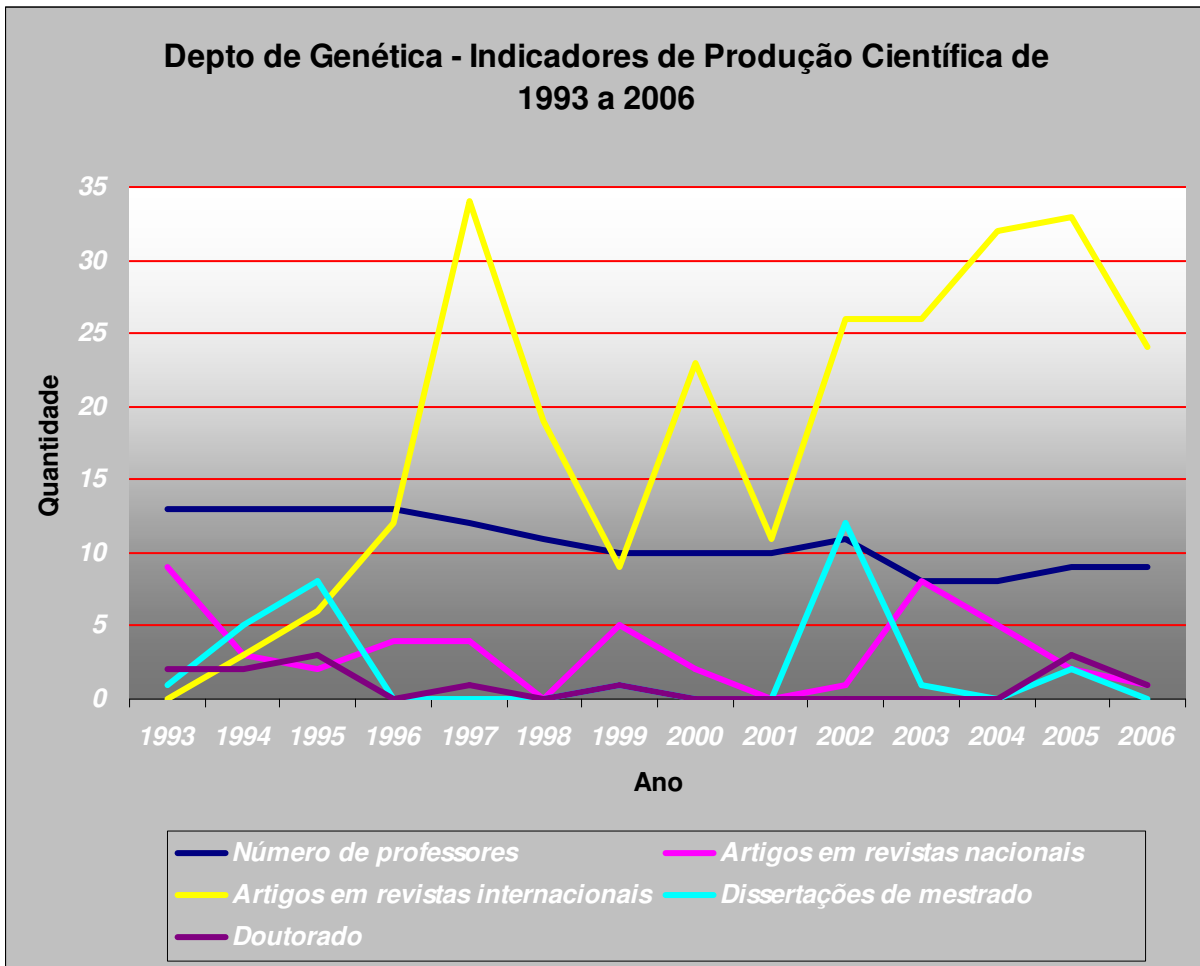


Gráfico 24- Indicadores de produção científica do Depto de genética entre 1993 e 2006.

Assim, pudemos discernir algumas diferenças entre os departamentos que conformam as práticas dos pesquisadores em seu cotidiano.

Os professores da Saúde Coletiva têm como prática importante a orientação e formação de novos pesquisadores na pós-graduação, índice de 0,77 orientação finalizada/ano. Eles publicam no Brasil e com menor frequência 0,5 artigo/ano.

Os professores da Genética têm uma alta produção de artigos e apresentação de trabalhos em congressos, com uma significativa média de 2 artigos por ano. Por outro lado, orientam menos freqüentemente, 0,3 orientações ano.

Entre os dois tipos analisados, os pesquisadores da Cirurgia publicam mais que os da Medicina Preventiva, em torno de 0,9 artigo/ano, mas menos que os da Genética. Orientam também raramente, com um índice de 0,35 orientação finalizada por ano.

Podemos resumir esses dados no gráfico comparativo abaixo:

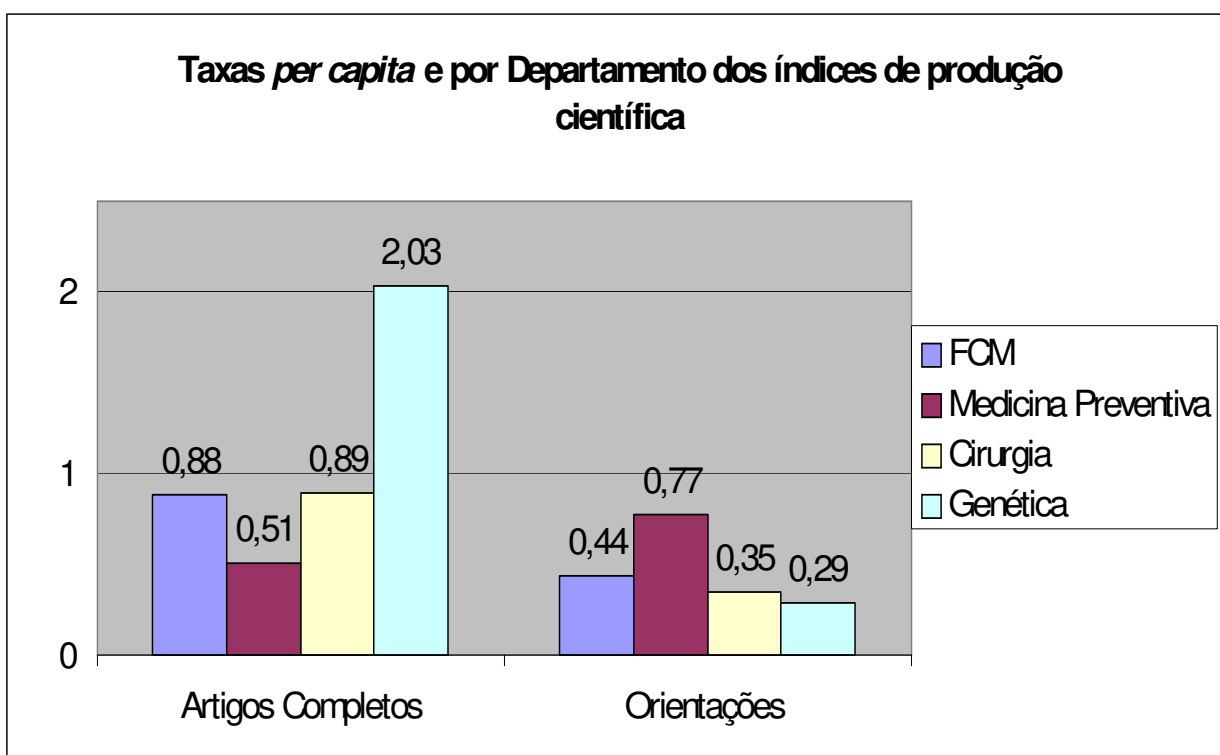


Gráfico 25- Índices de produção científica por professor e por departamento, de 1993 a 2006.

Esboçamos aqui os principais indicadores de produção científica com a intenção de descrever, ao menos parcialmente, as práticas dos intelectuais dessa instituição. Outras análises poderiam e deveriam ser realizadas como forma de aprofundar esses indicadores, mas acredito que esses dados já delineiam algumas diferenças importantes.

Dentro desse panorama geral enquadra-se a formação dos grupos analisados qualitativamente nesse trabalho. Essas variáveis gerais, estruturais, tomaram formas diferentes de acordo com as especialidades, as estratégias dos agentes, dos grupos e da conjuntura social como um todo.

Terminada esta descrição quantitativa, elaboraremos, no próximo capítulo, a biografia coletiva do professores, para discernir essas variáveis quantitativas dentro das trajetórias e das memórias coletivas dos agentes.

Cada feixe de trajetórias parecidas, caracterizadas por um determinado grupo social primário, como o definimos anteriormente, traduziu-se em uma biografia coletiva específica, que esperamos delinear com justeza e precisão a seguir neste texto.

CAPÍTULO III- Biografia de personas coletivas

A sociologia não mereceria talvez uma hora de atenção se ela tivesse como objetivo somente descobrir os cordões que fazem mover os indivíduos que ela observa, se esquecesse que tem um encontro marcado com homens, mesmo se estes, como as marionetes, jogam um jogo cujas regras ignoram, em suma, se ela não se desse como tarefa restituir a estes homens o sentido de seus atos.

Pierre Bourdieu, *Le bal des célibataires*, 2002.

Um bom escritor não tem apenas o seu próprio espírito, mas também o espírito de seus amigos.

Nietzsche, *Humano, demasiado humano*.

Tradição e história: onde finda a memória coletiva começa a história

No ano de 2005, a Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp completou 43 anos de atividades e uma série de eventos teve lugar como marco comemorativo da fundação da instituição, organizados e divulgados por toda a comunidade acadêmica.⁸ No ano seguinte, a Universidade Estadual de Campinas realiza uma série de eventos com a intenção de comemorar seus 40 anos de atividades e seus marcos históricos, com ampla divulgação interna e externa.⁹

De fato, a FCM implantou seu primeiro curso no ano de 1963 e somente em 1967 pode-se afirmar que a instituição tornou-se uma universidade, passando a funcionar com diversos cursos e institutos. Por outro lado, a idéia inicial dos decretos estaduais foi a instauração de uma universidade, e baseados nessa premissa foi possível resistir ao desejo do governador Ademar de Barros (ou de sua esposa?) de fechar a universidade e somente manter a FCM. Como narra Hadler:

Eu me lembro de uma frase dita pelo doutor Ademar de Barros: "A Leonor queria só uma faculdade de medicina de modo que eu vou fechar a Universidade de Campinas e vou deixar só a faculdade de medicina". E esta foi uma frase célebre a respeito da qual nós não nos conformamos e lutamos para que a Universidade de Campinas iniciasse, continuasse as suas atividades como tal e não como simples faculdade de medicina. Aliás esse é um outro argumento em favor de que a Universidade de Campinas iniciou em sessenta e três e não em sessenta e sete, porque ela já tinha iniciado como uma universidade e não como faculdade de medicina (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

⁸ Nesse sentido acessar o sítio <http://www.fcm.Unicamp.br/40anos/>, onde muitos dos eventos e fatos históricos estão listados.

⁹ Disponível em: <http://www.ano40.unicamp.br/apresentacao.html>. Acesso em: 15/05/2006.

A despeito de quaisquer explicações, permanece o caráter arbitrário das comemorações, ou, melhor dizendo, o caráter humano e social da escolha. Podemos alegar sem medo de errar que essa data possui um caráter de “fato social” durkheimiano, pois representa um complexo de interesses ligados aos indivíduos pertencentes à instituição, unidos por objetivos profissionais diversos. A cristalização de uma vontade e de um desejo históricos de reviver ou rememorar eventos passados constitui por si só um fato a ser compreendido.

Podemos ser inquiridos através do argumento de que toda instituição realiza ritos de confirmação de seus valores, normas e símbolos, e que isso faz parte de seu funcionamento. Mas os mecanismos de institucionalização são geridos por agentes sociais carregados de valores: todo rito é fundamentalmente uma prática real, ou, mais rigorosamente, uma *práxis*.

Como exemplo, podemos argumentar que a criação de Mitos Fundadores faz parte da institucionalização social dos grupos e das organizações e das sociedades, e sem eles, os agentes inseridos em agrupamentos humanos perdem parte de seus vínculos grupais. Mas, vale lembrar, os mitos são assumidos por convenção arbitrada por indivíduos reais, dentro das injunções históricas das sociedades.

Comemorar os 43 anos de fundação da FCM significa rememorar e consolidar os mitos de fundação da instituição como um todo, onde a história é (re) escrita e cristalizada de forma permanente.

Como mostrava Halbwachs (1997) em seus trabalhos, a memória coletiva pertence a um momento ainda de re-elaboração das lembranças e dos conteúdos comuns da história partilhados por um grupo social. Esse conjunto de pessoas reforça simultaneamente os interstícios históricos de um dado fato e tece continuamente as recordações ao seu redor. O trabalho aqui lembra o de Penélope, que, para não se esquecer de seu amado, estava fadada a refazer durante o dia o tecido e a trama das lembranças desfeitas durante a noite. A metáfora do sono e do esquecimento é flagrante na Odisséia de Homero. A morte

de uma pessoa, definitiva e inelutável é representada pelo seu esquecimento e pelo esfacelamento de sua memória.

Para ensaiarmos um começo de compreensão dessa rica e longa história da Faculdade de Ciências Médicas e daqueles que criaram essa história, esperamos retrazar a memória dos grupos, a partir da maneira como viveram e revivem em seus discursos essa trajetória pessoal, em conjunto com toda uma variegada reunião de documentos, informações, textos e livros sobre a instituição.

Biografia coletiva de três grupos primários da FCM

“Ceci n’est pas une autobiographie”.

Pierre Bourdieu, Esquisse pour une auto-analyse.

Como ironicamente apontou Bourdieu, há várias formas de tratar os relatos autobiográficos. Especialmente no seu livro mais especialmente intimista, sua trajetória pessoal e seu (pequeno) desprendimento em recontar os detalhes de sua vida são um meio de iluminar, através de seu percurso, as linhas de força teóricas que atravessavam o espaço social no qual se inseriu. A própria forma dessa inserção dependeu, e isso ele nos mostra no decorrer do livro, de sua maneira de incorporação da *illusio* desse espaço.

A tentativa de Bourdieu inscreve-se em um grande esforço de delinear a genealogia de um campo, ou ao menos, de uma perspectiva teórica e epistemológica, a partir dos desdobramentos dessa perspectiva em sua própria vida, desde que assumamos que uma vida *é em si mesma um investimento libidinal*, um esforço de transcendência e imortalidade. Como Pessoa, concordo plenamente que “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

A inscrição desse esforço individual em uma trajetória pessoal, admitindo que ela foi um retrato típico de todo um grupo social, e por que não, de uma geração de intelectuais franceses, pôde ser retraduzido em termos literários e em uma biografia coletiva; mesmo se uma autobiografia negada, uma foto ou quadro de algo que não é o que aparenta, mas que é alguma outra coisa fundamental, pois pensada, auto-reflexiva. Em acréscimo, vemos transitar diversos intelectuais e suas teorias sob a pena de Bourdieu.

Ou talvez, uma biografia coletiva seria uma autobiografia reflexiva, uma autobiografia de uma ilusão, ou nos termos de Bourdieu, de sua própria *illusio* original e de seus desdobramentos posteriores.

Se o objeto pretendido não é uma autobiografia, mas uma socioanálise de uma trajetória de um pensador de seu tempo, o Bourdieu desenhado e mostrado seria um holograma construído de si mesmo, uma auto-imagem desprovida de muitos dos conteúdos humanos, cotidianos e amesquinhantes de uma personalidade: o homem mais comum é aquele mostrado em sua realidade corporal e cotidiana, longe dos momentos sociais mais nobres. Penso que esse não é o caso daquele trabalho e nem seria esse nosso interesse como intelectuais, talvez sim como humanos naturalmente curiosos.

Esse holograma, em minha opinião seria uma espécie de portador coletivo das qualidades de um grupo primário, como nos sugeriu Ferrarotti (1983). Esse holograma poderia bem ser um sujeito coletivo.

Mostrada nossa posição quanto a essa biografia coletiva, resta-nos então encontrar uma imagem que traduza o nosso protagonista nesse processo.

Vários escritores anteviram maravilhosamente essas possibilidades. Um dos primeiros, e cuja obra inaugura um novo período na literatura, foi Gustave Flaubert. Com um romance extraordinário, abre a possibilidade e cria o modelo clássico de romance de formação. Por essa razão, foi relido de forma crítica por Sartre, Foucault, Bourdieu e tantos outros.

Sua obra *L'Éducation sentimentale, histoire d'un jeune homme*, publicada em 1869, é considerada uma obra prima da literatura mundial, com poucas de seu quilate. Foi escrita de modo totalmente novo, através de um “ato epistemológico” genial, no sentido de Bachelard (1977), através do qual ele inventa um novo romance de formação ou romance iniciático, diferente daquele praticado no século XVIII.

Somente um autor como Flaubert, em um momento especial do *espaço gravitacional* no qual estava inserido, seria capaz de uma criação de tal monta. Esse tipo de ação, para Bachelard, constitui um “ato epistemológico”, que contrasta e contrapõe-se aos “obstáculos epistemológicos”, esse ato “corresponde

a esses empurrões do gênio científico que contribui com avanços inesperados no curso do desenvolvimento científico” (Bachelard, 1977, p.183). Da mesma forma, somente o agente embebido da história do grupo pode ser capaz de instaurar uma nova prática, por menos extraordinária ou inovadora que ela seja. Vivemos assim cotidianamente uma série de atos de instituição pessoais, locais, pequenos e induzidos às vezes pelo próprio espaço onde nos situamos, mas de todas as formas realizamos esses atos de instauração. Talvez isso seja o mote central do trabalho de Gramsci, com seu intelectual orgânico, talvez o de Foucault com suas formações discursivas, ou enfim, de Bourdieu e o *habitus* de um intelectual engajado que não pode fugir completamente de suas determinações pessoais.

Com forte acento crítico, com um distanciamento que lhe permite analisar com acuidade e frieza os eventos de uma vida, esse tipo de romance passa a ter fortes conotações autobiográficas, mas essencialmente a partir de uma perspectiva objetivante, à distância do autor, dublê de si mesmo.

O personagem principal do romance é Frédéric Moreau, jovem de dezoito anos que estudou em Paris e que passou por uma verdadeira educação sentimental ao apaixonar-se por uma mulher casada com um rico “marchand” de arte. Através do desenrolar da história percebemos sua entrada em um novo mundo, sua formação ao contato de um universo de forças que ele não controla e que desfazem pouco a pouco suas ilusões primeiras. Com a força do realismo, Flaubert mostra as intersecções do mundo nos pensamentos e nas ações de suas personagens, a ligação estreita entre o exterior e o interior, o social e o psicológico.

Romance sob medida para ser tomado por Bourdieu como um grande modelo de escrita sociológica *avant la lettre*, de uma acuidade excepcional. Em seu livro *As regras da arte*, Bourdieu (1996a, p.18) aponta que uma socioanálise de Flaubert, ele mesmo socioanalista de si através de sua personagem central Frédéric Moreau, poderia obter uma análise da literatura de Flaubert.

Quando comenta este trabalho, Miceli (2004) ressalta a sua importância como o esforço mais feliz do autor no tema da sociologia da cultura e das obras literárias. Para ele, e para nós seguramente, a leitura e modo de apresentação da obra de Bourdieu possibilita “uma aproximação heurística entre ilusão ficcional e ilusão coletiva, mostrando que a ‘realidade’ que serve de referência à todas as ficções emana ela mesma de uma ilusão coletiva, de uma construção à qual seu caráter coletivo garante uma forma de universal” (Miceli, 2004, p.286).

Através da exploração dessa similitude ou homologia entre a ilusão criada pelo texto do autor e a ilusão coletiva engendrada pelas estruturas sociais da época do autor, Bourdieu foi capaz de realizar uma ‘objetivação’ das principais linhas sociais da emergência da própria obra de Flaubert e das disposições do autor dentro de um campo literário em mudança.

Como Flaubert, podemos sugerir que Bourdieu realiza em *Esquisse pour une auto-analyse* (2004a) um romance de sua própria formação, ou um romance iniciático. Delineando as forças presentes no campo durante sua progressiva carreira, os autores com os quais partilha idéias, ou aqueles com os quais rivaliza, faz alianças, trabalha, etc; tudo isso levando em conta os projetos teóricos em jogo, Bourdieu realiza uma síntese, certamente pessoal, do espaço social de seu investimento pessoal.

Da mesma forma, buscamos essa espécie de inspiração nessa tese, através da tentativa de realizar uma descrição parcial da formação de três sujeitos coletivos, traduzidos em três vanguardas. Não uma pessoa específica, não um personagem de ficção, mas diversas personagens dentro de um fio narrativo, um autor universal porta-voz de um grupo primário, um narrador ubíquo em forma indireta, uma perspectiva única e agregadora de uma miríade de vozes dispersas. Para isso poder-se-ia utilizar o recurso da escrita do texto em primeira pessoa, projetando um narrador único de um sujeito coletivo, às vezes utilizando a segunda pessoa do plural ou a forma indireta como efeito de generalização.

Espero com isso definir adequadamente e mostrar em suas nervuras a constelação social, as relações estabelecidas entre trajetórias, circunvoluções e circulações entre agentes socialmente dotados de capacidade de atração e de repulsão, atributos estes advindos de sua posição social e dos capitais específicos relacionados a essa posição (econômico, científico, social, simbólico).

Essa digressão serviu para introduzir a idéia de romance de formação e para podermos agora sugerir que realizaremos algo parecido a um romance deste tipo no caso de nossa biografia coletiva, na qual o protagonismo será o de uma “*persona* coletiva”.

Eis enfim, o resultado deste esforço e trabalho, a biografia coletiva de um grupo primário, narrada sob a inspiração de um romance de formação, por uma *persona* coletiva, na figura de um sujeito coletivo.

A vanguarda do grupo tradicional

“Se a política entra na universidade, a ciência sai pela janela”. Zeferino Vaz.

(Apud Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989)

Consideramos aqui o grupo tradicional como aquele que pratica, praticou e praticará a medicina como ela é compreendida tanto como ciência tanto como profissão pelos leigos na sociedade. Logicamente, há diferenças importantes entre as diversas especialidades, e mesmo dentro de cada especialidade. Mas, pode-se aceitar que algumas dentre todas, a despeito de suas especificidades, como a cirurgia e a clínica médica, são um conjunto de práticas que definem a personalidade de um tipo de medicina clássica, de longa permanência. Esse grupo foi nomeado como tradicional e sua biografia coletiva ensaiarei a seguir.

Como o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, começo pelo fim, com uma nota de respeito e melancolia. Ironicamente, o professor Zeferino morreu após uma cirurgia realizada por alguns de seus diletos alunos, cirurgia que ocorreu na própria Santa Casa da FCM, dentro da Universidade criada em boa parte por seu esforço pessoal.

Foi um momento crucial. O professor Renato Terzi que a realizou afirmou:

“Talvez a notícia mais triste da minha vida. O professor Zeferino Vaz foi o meu diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, entregou meu diploma aqui na porta. Depois vim para a Unicamp onde ele já era reitor. Ele sempre fazia reuniões, não muito freqüentes, mas uma ou duas vezes por ano, aos sábados, ele vinha para o almoço dos ex-alunos de Ribeirão Preto em Campinas. Foram vários, ele trouxe muitas pessoas de Ribeirão Preto para serem docentes. Ele era uma

pessoa muito simpática, eu lembro que quando nós éramos estudantes nós fazíamos passeatas e fizemos o enterro do Zeferino em Ribeirão Preto a gente participava de assembléias e eu já discuti com ele em assembléia quando eu era estudante, mas ele era um político muito hábil e levava todo mundo no bico, fechava assembléia e não conseguíamos nada. Depois, nós já éramos mais velhos e eu vinha para esses almoços de sábado; ele discursava, enfim um sujeito muito simpático. Quando eu fiz o meu doutoramento em 73, anos depois, ele fez uma festa na Hípica de entrega dos diplomas aos novos doutorandos. Uma festa bonita e estava o Pinotti, todo mundo, era a entrega de diplomas para as pessoas que já tinham feito doutorado, uma festa muito bonita com beca e tudo, e novamente ele me entregou um segundo diploma de doutor. Um dia, em 88 eu acho, eu ainda fazia cirurgia cardíaca e vascular e ele estava aqui na Unicamp, mas estava aposentado; ele caiu no chão e o levaram lá para o doutor Pinotti, fizeram um ultra-som e viram que ele tinha um aneurisma e como estava de plantão naquele dia eu acabei operando o Zeferino. A cirurgia foi boa e estava todo mundo na sala, estava o Pinotti e o Silvio Carvalhal; e ele foi muito bem e a cirurgia foi muito tranqüila. Mas no dia seguinte ele teve uma dificuldade respiratória e na época nem tinha ainda um respirador, nem a terapia intensiva, era na Santa Casa ainda, aí eu o transferi para o Sírío Libanês, fui com ele para lá na ambulância. Ficou mais dois dias lá, em seguida ele teve insuficiência renal e acabou falecendo. Então para mim foi uma coisa muito triste porque ele era o meu diretor, o meu reitor, o meu amigo e no fim acabou falecendo dessa forma”.

A morte de Zeferino foi emblemática como o criador sendo tragado por sua obra, pois foi em sua Universidade e nas mãos de seus alunos que passou por seu momento final. A confiança era tamanha no seu próprio trabalho, como formador e educador, que seus médicos de última hora foram antigos alunos, agora seus pares e aqueles que o curavam. A tradição fora mantida, a arte médica passara de mãos e seguia seu curso.

A constituição desses grupos de alunos e de suas memórias será recontada a seguir, pela voz coletiva dos pesquisadores e professores da FCM.

Os primórdios da Unicamp e da FCM

Os primórdios da criação da Unicamp, como vimos, passaram pela instalação da FCM e do primeiro curso de medicina em 1963. Nesse período, em abril, realizou-se o primeiro vestibular com uma demanda de cerca de 1.592 candidatos para as 50 vagas oferecidas.

Começaram assim a ser ministradas as primeiras disciplinas e, em decorrência, os professores passaram a ser escolhidos através de uma seleção realizada pela comissão de ensino, que *“tinha por finalidade não só orientar a abertura dos cursos na Universidade, como também a escolha dos professores, então a essa comissão cabia a análise dos currículos das pessoas interessadas em exercer suas atividades na Universidade de Campinas”* (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Nessa época, os critérios de seleção eram específicos. *“Havia naquela, ocasião como perdura até hoje, um conceito de que uma boa universidade depende dos professores, isto é, uma boa universidade depende de bons professores e é dessa forma que nós trabalhávamos naquela ocasião e continuamos trabalhando até hoje. Então a escolha dos professores é fundamental. Baseava-se no currículo de cada elemento e na experiência de cada um. Esse currículo era analisado com bastante prudência e com bastante objetividade. E faziam parte das reuniões da Comissão de Ensino as discussões sobre os currículos de professores, discussões essas que eram bastante intensas e acaloradas e por vezes demoravam diversas horas para que se pudesse estabelecer com nitidez o mérito de um determinado professor”* (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Quem capitaneava essas seleções era sem dúvida o professor Zeferino, pois acumulava a experiência da Universidade de Brasília *“onde havia sido reitor, como também devido a sua grande atividade e seu grande*

conhecimento a respeito do corpo docente que estava disponível no Estado de São Paulo e que estava sendo contratado e que alguns elementos estavam sendo contratados para a faculdade... para a Universidade de Campinas. O professor Zeferino Vaz participou dessa escolha e foi de importância fundamental a sua participação nessa escolha”(Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

De todo modo, os processos ainda sofriam ingerências externas e nem sempre se conseguia contratar os professores desejados. *“Então, nós tínhamos que escolher elementos com muito cuidado para que a maioria fosse constituída por elementos bons. Isso dava trabalho e aborrecimento, porque os pedidos e as pressões que se sofriam eram muito grandes. Eu me lembro que recebi telegramas de ministros naquela ocasião, solicitando alguma conduta ou aceitação de algum elemento (...) E assim o corpo docente foi sendo escolhido de acordo com essas idéias com pequena interferência de fora, interferência externa sempre houve, era impossível debelar-se toda influência externa, sempre alguma coisa acaba vazando, mas enfim, nós procurávamos sempre deixar de lado essa interferência externa” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).*

De todo modo, o processo decisório estava centralizado na mão do reitor, que administrava e decidia livremente. *“Inicialmente não havia praticamente nenhuma participação da comunidade no processo decisório. As decisões eram tomadas de cima para baixo. E geralmente tomadas pelo reitor. A decisão do reitor era intocável. Eu me lembro que até houve uma série de desentendimentos entre o reitor e a Comissão de Ensino. Desentendimento em relação ao contrato de professores. A Comissão de Ensino julgava que a ela cabia a escolha e a análise do currículos dos professores no sentido de estabelecer o mérito dos professores, para serem ou não contratados. Acontece que algumas vezes o reitor não concordou com essa decisão da Comissão de Ensino e tentou impor o mérito atribuído por ele. Nisso houve um choque até muito grande, choque esse que originou a dissolução da Comissão de Ensino, originou a demissão de diversos professores aqui na Unicamp” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).*

A idéia que norteou a criação da Unicamp foi a de uma universidade moderna. A ausência de cátedras e a segmentação em institutos visavam fomentar um modelo baseado na pesquisa, aliados à ênfase na qualidade dos recursos humanos. A avaliação que se tinha das universidades no Brasil era muito crítica. *“Vamos fazer um pequeno histórico da universidade brasileira. A nossa universidade, a universidade brasileira, praticamente não existe. Existem fachadas, títulos, a universidade de tal lugar. Se você somar existem dezenas de universidades federais e algumas universidades estaduais. Mas essas universidades, se você analisar profundamente cada uma delas, elas não funcionam como tal. São elementos que apenas preparam regularmente uma série de profissionais e soltam esses profissionais na rua. Essa não é só a função da universidade”* (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Essa mudança correspondia ao desejo do Estado brasileiro em alterar o papel das universidades, e dar-lhes uma funcionalidade no desenvolvimento econômico do país. O modelo seria o das universidades americanas. *“Bom, eu sempre fui, pelo menos inicialmente quando eu vim para cá, favorável a essa mudança política, não só em relação ao catedrático como também em relação a um instituto básico. Porque eu achava naquela ocasião que o instituto básico iria congrega uma série de pesquisadores especializados em uma determinada linha de pesquisa e essa congregação iria favorecer o desenvolvimento da pesquisa no Brasil. Que seja dito de passagem que a pesquisa no Brasil é muito primitiva, muito primária. Nós estamos ainda engatinhando em matéria de pesquisa. Então, com isso poderia surgir um ambiente mais favorável ao desenvolvimento da pesquisa”* (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

A idéia era desenvolver um modelo de pesquisador puro, um cientista racionalmente direcionado na solução de questões de base. *“Então, eu acredito que se deve desenvolver na universidade uma pesquisa pura, o que a gente chama de pesquisa básica que é aquela que não visa ao objetivo prático. Essa pesquisa básica deve ser feita por pesquisadores que trabalham em tempo integral, que tem um vencimento bastante razoável a ponto de não se preocuparem com a questão de*

vencimento. *Porque uma coisa muito desagradável em pesquisa é que o pesquisador, à medida que vai obtendo resultados, começa a perceber que, diante dos resultados que ele obteve, ele poderá na vida prática conseguir vantagens financeiras muito maiores do que as vantagens proporcionadas pela universidade. Então ele acaba se desvirtuando, acaba fazendo pesquisa aplicada, pesquisa que vai ser usada por indústrias alheias à universidade, isso é uma coisa muito desagradável porque acaba a pesquisa na universidade dessa forma”* (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Necessariamente, esse modelo não funcionou por si só, pois dependia de outras condições para acontecer satisfatoriamente. Alguns dos formuladores desse modelo acreditam que *“então, não se conseguiu com isso obter aquele objetivo, que era a integração dos professores. Segundo, com isso houve um afastamento entre as cadeiras básicas numa determinada escola, como, por exemplo, a Faculdade de Medicina, as cadeiras básicas da Faculdade de Medicina e as cadeiras clínicas. E com esse afastamento determinou o quê? Determinou a impossibilidade do médico fazer pesquisa, porque o médico geralmente faz pesquisa em relação com a cadeira básica, ele associa-se a um professor da cadeira básica ou um elemento qualquer da cadeira básica para fazer determinada pesquisa, isto é, ele vai aprofundar os estudos do médico em relação a uma cadeira básica”* (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Nesse período os professores estavam todos sobrecarregados com a implantação da Clínica e de todas as linhas de atendimento da população. Assim, estavam muito embrenhados na assistência para pensar seriamente em pesquisa.

“E o desenrolar das coisas nesse período, acho que foi o melhor andamento, a melhor época, o melhor tempo de evolução da Universidade de Campinas nessa época. Evoluiu muito bem, foi de 67 até mais ou menos 73, 74 por aí. Essa foi a melhor época na universidade, na qual ela ainda era pequena, onde se conseguia planejar melhor, se conseguia influir nas decisões dos diversos institutos. Mesmo que não fosse uma influência direta, mas pelo menos harmonizar as decisões dos diversos institutos, então o crescimento foi harmônico

e se desenvolveu bastante eficientemente em toda a universidade. Depois é que os problemas começaram a surgir. Quando houve a dissolução da Comissão de Ensino já foi um baque muito grande para a universidade. E isso repercutiu bastante no contrato de professores e principalmente repercutiu na progressão hierárquica dos professores. Porque aqui na Universidade de Campinas, desde o início da instalação da universidade, nós procuramos fazer com que a progressão dos professores se efetuassem principalmente por mérito e não por concurso. Ou também por concurso, mas em segundo lugar; a progressão por mérito seria o ponto principal. E dessa maneira a Comissão de Ensino é que dava as normas e também analisava os currículos para julgar o mérito dos candidatos para a progressão na carreira universitária. E com isso se estabelecia uma progressão o mais justa possível e o mais seletiva possível. Acontece que, com a dissolução da Comissão de Ensino, esse critério acabou e houve então uma entrada menos criteriosa de professores na universidade e uma ascensão na carreira universitária menos criteriosa. Nessa época professores que estavam ainda no início da carreira passaram lá para o fim da carreira sem conhecimento da Comissão de Ensino, que, aliás, nessa época não existia mais. E essa comissão foi recriada novamente porque a universidade percebeu que há necessidade dela. Então foi recriada posteriormente essa mesma comissão, alguns anos depois, acho que já na vigência da reitoria do Plínio; já foi criada novamente a Comissão de Ensino, mas já haviam passado vários anos e todas as conseqüências da ausência da comissão já faziam parte da vida da Universidade de Campinas e não puderam ser consertadas mais” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Essa política teve altos e baixos e o desenrolar da história gerou mudanças estruturais na maneira de institucionalização da Faculdade de Ciências Médicas. Baseados nos relatos colhidos e documentos vários, ensaiamos a periodização da *formação da Faculdade de Ciências Médicas* em quatro momentos, baseados em mudanças institucionais e qualitativas:

- I. primeiro momento: de *fundação*, da seleção realizada através das instâncias superiores da universidade. Da fundação até 1976;
- II. segundo: de *constituição*, de 1976 a 1985. Convidados e professores normais, que passaram a ser regularizados até 1985, sem necessidade de concurso público;
- III. terceiro: de *institucionalização*. Agregados, contratos temporários, sem serem efetivos. A partir de 1985 até 1992. Regularização formal das contratações, mas sem concorrência específica;
- IV. quarto: de *consagração*. De 1995 a 2005. Entrada de profissionais somente com o patamar mínimo de titulação igual ao doutorado, boa formação e currículo extenso.

Dentro deste arcabouço, constituíram-se as vanguardas deste estudo e começaremos pelo grupo de pesquisadores classificados como dentro da medicina que nomeamos tradicional, segundo Bourdieu.

A constituição do grupo tradicional

Origens sociais

As origens sociais desse grupo são em geral da classe média, às vezes média-baixa. São de famílias simples: *“meu pai é comerciante e minha mãe do lar. Eu classificaria a situação econômica da minha família como classe média ou média baixa. E eu sempre estudei em escolas públicas, desde o início do primário até a Unicamp; todo o meu estudo foi em escola pública com exceção do curso pré-vestibular, eu fiz o curso Objetivo, em SP, na época, o curso foi particular durante um ano”* Esdras.

Fazer um curso pré-vestibular, em alguns casos, foi a maneira encontrada de contornar uma certa carência de estudos no ensino público e direcionar suas habilidades para o vestibular, como no caso de Esdras. Samuel também é de origem humilde, *“meu pai era militar suboficial da aeronáutica e*

minha mãe do lar” e sua origem social é de “classe média baixa ou até pobre. Meu pai se beneficiava da aeronáutica não tinha grandes recursos, tanto é que eu estudei sempre em colégio do estado, mas naquela época colégio do estado era muito bom, mesmo no colégio do estado eu tinha horário integral, eu ia à escola de manhã e à tarde”.

Muitos escolheram a profissão de uma maneira objetiva, sem rodeios. Nunca tiveram crises de identidade nem existenciais quanto à escolha: ela baseou-se principalmente em critérios racionais. *“Na época em que eu fazia o científico, na nossa época era o científico não era o colegial como é hoje, até o segundo científico, eu pretendia fazer alguma especialidade ou alguma formação na área das engenharias, pois gostava muito de engenharia mecânica, engenharia elétrica; estava começando engenharia aeronáutica, a gente ouvia falar do ITA, em São José dos Campos, então eu pretendia fazer. Nessa época a minha família residia em São João da Boa Vista; apesar de termos nascido na cidade de Bariri, meu pai se deslocou para a cidade de São João da Boa Vista e o instituto de educação lá promoveu, eu me lembro bem, pois estava no segundo científico, uma informação aos alunos através de outros profissionais e de palestras mostrando o mercado de trabalho, o futuro e as opções e então naquela época eu vi que o mercado na área médica era melhor, havia mais opções. Não era nem a opção de se ganhar muito, a opção de você almejar fortunas, não se tratava disso; como a minha família era do interior, essa preocupação com o mercado de trabalho era muito grande; então já no segundo científico eu resolvi optar pela medicina” Esdras.*

Como diria Guimarães Rosa, “o sapo não salta por boniteza, mas sim por precisão”. A idéia romântica que representa esse momento como o de uma escolha crucial, de vida ou morte, só vale para aqueles que realmente possuem diversas possibilidades objetivas abertas à sua frente, ao contrário daqueles que optam pela “melhor” escolha, às vezes, a única adequada.

Um fator fundamental para despertar o interesse pelo investimento no campo da pesquisa e o abandono do interesse em atuar profissionalmente no mercado foi a *'iniciação na pesquisa'*.

Alguns conseguiram inserir-se na pesquisa, logo no início do curso de medicina, como Esdras, pois ele *"sempre quis trabalhar na faculdade, durante o curso médico eu fui monitor por duas vezes em duas especialidades; eu tinha bastante interesse em pesquisa, ou seja, em aprofundar os estudos, naquela época eu tinha interesse na verdade em aprofundar meus estudos, então desde o primeiro ano da faculdade até o quarto ano eu fui monitor de anatomia. No final do primeiro ano eu já fui admitido como monitor (...)"*.

Pode-se dizer que um grande esforço foi realizado no início da Unicamp com o objetivo de bem implantar a pesquisa como atividade-fim. Essa valorização passava pelas opiniões do próprio organizador da universidade. Além de enfatizar o retorno social do conhecimento científico, o professor Zeferino Vaz propunha outra maneira de atuação dos professores recém contratados, como testemunha Luís Sérgio Leonardi:

“Por outro lado, as suas exigências com relação à pesquisa eram terríveis. Frequentemente, o professor me contava dos seus inúmeros trabalhos de publicação no estrangeiro, antes dele optar pela área administrativa da universidade. O intercâmbio que ele mantinha com professores do estrangeiro, com universidades e faculdades foi de extrema valia para os mais jovens que aqui chegavam, como foi o meu caso e de outros professores já com mais tempo de universidade, que se serviam muito desta porta aberta para o mundo científico, que era a figura do reitor”
(Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).

Ele favoreceu, por exemplo, a criação e a formação de um Núcleo inovador. *"Aqui existe hoje em dia o 'Núcleo de Medicina e Cirurgia Experimental'. Isto, também contou com a nossa participação e, como não podia deixar de ser, apoio decisivo do reitor Zeferino Vaz. Ele deu tudo o que nós pedimos na época, a*

fim de que pudéssemos implantar a cirurgia experimental e, da idéia inicial de cirurgia experimental, para lá foram convidados e introduzidos quase todos os departamentos da Faculdade de Ciências Médicas. E hoje em dia constitui o 'Núcleo de Medicina e Cirurgia Experimental' que é um dos orgulhos da Faculdade de Ciências Médicas e da própria Unicamp, mas nasceu no Departamento de Cirurgia" (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).

Nesse núcleo inovador de cirurgia muitos do grupo da cirurgia experimental iniciaram suas vidas como pesquisadores. *"Quando eu terminei o curso, o doutor Leonardi me convidou para participar das pesquisas experimentais (...) E concomitantemente eu era monitor" Esdras.*

Mesmo assim, a dificuldade era grande e esses pesquisadores só continuavam porque tinham um alto grau de abnegação. Tudo era incipiente e, por vezes, insipiente mesmo. Os professores ensaiavam empiricamente alguns resultados e inventavam algumas possibilidades novas, e isso era empolgante. *"As coisas eram resolvidas na boa vontade, você largava tudo na cidade e vinha, trazia o seu cachorrinho. E saíram muitas teses no começo, teses de cirurgia, saíram de um laboratório pequeno" Neemias.*

A questão da vocação tem muito menos mistério do que parece, para os cientistas entrevistados. Para eles isso parece natural. *"Eu acho que tem que ter os dois interesses, tem que ter interesse em pesquisa, gostar de fazer pesquisa; o pesquisador é aquele indivíduo que está sempre procurando aprender mais, sempre curioso, tem uma curiosidade acima do normal, de aprender mais e de se aprofundar em alguma área de interesse. Esse é um lado, o outro é que a pessoa tem que ser incentivada, receber motivação e dentro dessa motivação ele precisa ter algumas portas abertas. Unindo o interesse, a dedicação para a pesquisa e mais algumas portas que vão sendo abertas para que ele possa ser motivado, uma vez que motivação para a área privada é a remuneração muito grande" Esdras.*

Para os fundadores como Zeferino, a ciência era uma vocação que entrava em choque com a política mais engajada. Como apontou Luís Sérgio Leonardi, *“Zeferino era ‘in natura’ um político. Mas na universidade a política partidária jamais teve guarida na era de Zeferino. Eu vou lhe transmitir uma frase dele, uma frase lapidar: ‘Leonardi, se a política entra na universidade, a ciência sai pela janela.’ Isso ele me dizia com frequência quando eu almoçava na Reitoria em sua companhia, ou mesmo tomando cafezinho; e ele olhava os jardins da universidade que estavam sendo implementados naquela época. Do ponto de vista ideológico, eu creio que sigo as suas ‘pegadas’, nós somos liberais. Nós somos liberais, mas para a universidade nós entendemos que o academicismo faz parte da universidade. O academicismo representa para alguns até mesmo um mal necessário. Eu acredito que o academicismo é o próprio oxigênio que motiva e gera a vida institucional”* (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).

A pesquisa é assumida como uma área para pessoas com um interesse especial, com características idiossincráticas. Há um elemento diferencial em um cientista a ser reconhecido, é preciso saber *“como formar um professor universitário. Porque é difícil mesmo, porque esse indivíduo tem que ser identificado, dentre outras pessoas que estão na área (...), pois eles têm que ser bons profissionais, antes de serem pesquisadores. Depois vem a parte de ele ser formado como professor, quando ele faz o mestrado você o está formando professor, o pesquisador você vai formar no doutorado, então tudo isso ele tem que fazer uma trajetória e você tem que identificar esse indivíduo e estimular”* Esdras.

Ademais, há uma grande diferença entre o mundo acadêmico e o mundo médico fora das universidades. *“Campinas é uma cidade que tem muitos especialistas ela não está assim com pacientes sobrando. Antigamente talvez foi verdade, na época talvez se vivesse só de paciente particular; hoje em dia ninguém mais vive. Hoje em dia é convênio, e convênio é produção, coisa rápida.*

Existe uma dissociação do que se ensina para o aluno aqui e como ele vai fazer no consultório lá fora, extremamente brutal” Samuel.

Essa diferença é marcante e começa já durante a formação do futuro profissional. Nas seleções para residência e outros postos “*é quem tem boa pesquisa, normalmente quem passa é o bom pesquisador; isso tem gerado problemas porque muitos dos médicos residentes são ótimos, são estudiosos, são pessoas que publicam, mas têm se mostrado péssimos médicos. Péssimos médicos não, desculpe, deixa eu retificar, péssimos não, mas com uma dificuldade muito grande de exercer a clínica, de operar; por exemplo, de fazer um pós-operatório, de explicar. É duro, mas eu por exemplo fico muito assustado quando um residente chega para um paciente e fala ‘o senhor vai ser submetido a uma larinjotomia subglótica para o esvaziamento do cervical homolateral pois o senhor tem um tumor T4 e ...’ Bom, um residente ou docente que fala isso para um paciente deve estar meio fora da realidade, não é? E, às vezes, você observa isso. São ótimas pessoas para estudar, são ótimas, estudiosas. Você pega um currículo, no qual o aluno publicou trabalhos, no 3º, no 4º e no 5º ano, fez monitoria, iniciação científica e tal, e passam nas seleções. E aí quando chegam na clínica começam a dar problemas, principalmente dá pra ver que eles acabam sofrendo, têm dificuldades, não têm muitas habilidades técnicas, manual mesmo. Isso é perigoso, vão ser ótimos pesquisadores sem dúvida alguma, longe da relação médico-paciente...” Samuel.*

Os professores acreditam que para ser um bom pesquisador a pessoa tem que ter uma vocação específica, como aponta Neemias: “*eu acho que infelizmente nós temos mais pós-graduandos do que pesquisadores, pessoas que realmente querem buscar uma resposta para alguma dúvida que eles tem. Infelizmente nosso sistema de pós-graduação cresceu de tal forma hoje que criou uma indústria, algo esdrúxulo; quanto a Unicamp tem de pós-graduandos três mil, três mil e quinhentos? Será que são todos pesquisadores? Eu me lembro quando eu me formei da minha classe saiu um pesquisador, (...) mais uns dois talvez se tanto”.*

Um ponto chave, importante na formação da instituição e de sua manutenção é o modo de recrutamento e seleção dos profissionais.

A formação do grupo tradicional foi um processo contínuo que esteve ligado à conjuntura de fundação da Faculdade de Medicina e da própria Universidade. Em geral, o processo foi idêntico em quase todas as áreas da FCM, pois a formação da Faculdade foi com recursos humanos locais. *“Eu acho que o começo de Ribeirão Preto e o começo da Unicamp foram diferentes. O Zeferino já levou professores de primeira linha quando ele criou Ribeirão Preto, professores que estavam despontando como um grupo de base acadêmica quando começou Ribeirão Preto. Eu era da quarta turma de Ribeirão Preto. Era diferente daqui onde os professores foram arregimentados da cidade e depois se criou a necessidade de pós-graduação. Na época da implantação da Unicamp não tinha pesquisa científica, talvez por causa da formação do quadro dos professores, enquanto que em Ribeirão Preto o pessoal já tinha publicações. Então eu, como quartanista da quarta turma já tinha respaldo de uma universidade conhecida no Brasil e em todo o mundo, pela grande produção científica. Os laboratórios de Ribeirão desde o começo produziam internacionalmente, diferentemente da Unicamp, aqui era tudo inicial. Éramos professores isolados, não era como um todo, a Unicamp teve uma outra formação. Muitos dos meus colegas ficaram também na universidade, eu tenho muitos colegas da Unicamp que também ficaram por aqui”* Neemias.

Por outro lado, as áreas só conseguiram consolidar-se com o tempo e o esforço pessoal de alguns grupos. O departamento de cuja fundação Luís Sérgio Leonardi participou, surgiu em 22 de setembro de 1972, com a aprovação da Congregação da Faculdade, separando-se da Clínica Médica. *“Mas eu gostaria de lembrar que nós, juntos com alguns colegas daqui, nós fundamos o Departamento de Cirurgia na Unicamp, que até então isso não existia. O professor de cirurgia aqui... os vários professores que me antecederam, eram professores de fim de semana; a Unicamp era tida como uma escola de ‘beira de estrada’: o professor que passava dava uma paradinha, dava uma aula e ia para frente; e nós viemos*

residir em Campinas e dedicamos toda a nossa vida aqui à Unicamp, do que não me arrependo” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).

A dedicação destes professores também teve como objetivo fortalecer o ensino e agrupar novos profissionais que compreendessem a maneira nova e peculiar de formação em medicina, que deveria passar pela residência médica. Esse processo de formação da instituição passou por uma forte luta na construção e funcionamento da residência médica, pois os recursos eram escassos e essa formação demanda tempo e investimento. *“Havia enormes problemas para se manter a residência funcionando e crescendo. Felizmente o Conselho Diretor, que sempre teve manifestações de grande compreensão e de apoio à Faculdade de Medicina, principalmente na época em que eu fui diretor da Medicina, eles sempre... foram muito sábios nos ajudando de maneira que a residência médica conseguiu ultrapassar esse período de dificuldade e hoje em dia ela está aí mais forte, mais pujante do que nunca” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).*

Apesar destas dificuldades, conseguiu-se criar um núcleo bem desenvolvido na área de cirurgia, pois *“todos os docentes que estão aqui, mais de 20, todos eles foram admitidos na universidade por minha indicação. Todos, sem exceção, foram por mim examinados nos concursos acadêmicos, desde 68, ou melhor dizendo, desde 72 até a presente data. Então, eu sempre procuro dizer aquilo que o Zeferino nos ensinava: ‘Nós devemos projetar para o futuro algo melhor do que foi a nossa própria atividade’. Então, eu me sinto muito satisfeito porque no Departamento de Cirurgia eu fui um ‘coleccionador de cérebros’, eu fui um coleccionador de bons talentos, plagiando o que o reitor falava” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).*

De fato, existe um laboratório que foi implantado nos primórdios da Unicamp e que gerou o padrão de pesquisa que continua até os dias atuais. *“Nós temos um laboratório desde 76, laboratório de fisiologia e metabologia cirúrgica, coisa que sempre me interessou e eu hoje trabalho com recurso da Fapesp, tenho uma equipe médica e tenho um laboratório montado que produz trabalhos de*

publicação internacional. Mês que vem vai sair um trabalho internacional feito aqui do laboratório” Neemias.

A grande maioria dos professores, e esses pressupostos são quase um credo ideológico, acredita piamente que um bom profissional tem de ser completo, ou seja, realizar a pesquisa, dar aulas e realizar a extensão. *“Eu penso que a vida acadêmica se baseia num tripé: é a assistência, eu acredito que dá para fazer uma boa assistência; docência, você ensinar as pessoas e pesquisa. Não existe opção, se você tirar um desses pés ele cai, eu fui presidente da comissão de contrato aqui na faculdade durante dez anos, e a gente tem avaliado os currículos dos docentes e analisado se ele fez assistência, docência e pesquisa, tem que ter as três áreas. Não adianta o sujeito ficar só lá no laboratório mexendo com ratos, não serve, o cara que é só bom de aula, que se comunica bem, bom de palanque, não serve” Neemias.*

Às vezes, uma opinião diverge dessa unanimidade quanto à atuação na academia e algum entrevistado reconheceu que é grande a dificuldade, para um profissional, para ser bom em todas as áreas. *“Tenho colegas, por exemplo, que são sumidades nas suas áreas, mas que precisou defender o doutorado assim ó, a universidade pediu pelo amor de Deus e só não deu o diploma para ele porque existem os trâmites e tal, mas assim, fez de tudo para que ele defendesse e pararam ali, também não querem mais. Por que o meu negócio é ficar com aluno, meu negócio é passar visita na enfermaria, meu negócio é dar uma aula é preparar uma aula, ler um artigo, saber o que está acontecendo. Então existe essa geração, eu respeito muito. Que é mais ou menos a minha geração, algumas posteriores...” Samuel.*

Assim, Samuel acredita ser fundamental a presença de médicos por assim dizer puros, tradicionais. *“Eu acho que a universidade precisa desses três elementos [ensino, pesquisa e assistência], o que eu vejo de colegas e que eu tenho uma certa dor de cotovelo, é que geralmente eles são bons em duas coisas: são bons professores, são bons pesquisadores, mas em três ao mesmo tempo eu não tenho visto... então eu preciso publicar e colocar mais estagiários, publicamos*

juntos e se faz tudo no meu nome; ou então só se faz tudo no meu nome; eu acho que isso é ruim. Penso que a universidade precisava exigir esse perfil sim, mas lembrar que estamos dentro de uma faculdade de medicina cujo objetivo primeiro é a formação de médicos. (...) Essa base de formação ela impõe experiência, mas experiência real e não fictícia, daquela que a gente imagina aqui dentro ou dos casos específicos do HC. Então você precisa de um profissional que tenha experiência e conhecimento. São duas coisas diferentes: experiência e conhecimento, eu posso conhecer muito a doença, à fundo, mas não ter experiência com ela. E que possa então ter e saber transmitir esse conhecimento, eu acho que esse é o perfil que o docente da faculdade de medicina deveria ter, porque que formação, primeiro é isso. Esse fato não impede que existam pesquisadores e outras coisas”.

Como já faz parte de uma certa tradição na área médica, na qual o aprendizado acontece significativamente através da transmissão de habilidades diretamente entre mestre e aluno, todos procuravam trabalhar junto aos professores. No caso de Esdras foi o que aconteceu, porque *“no quarto ano, eu fui ser monitor... naquela época eram muito disputadas as monitorias e equivalem hoje às iniciações científicas, naquela época era uma bolsa de monitoria, hoje é de iniciação”*.

Outra maneira similar, às vezes utilizada para selecionar o pesquisador, é propor um trabalho conjunto de forma experimental, e *“se ele topa a gente começa a trabalhar. Existem várias coisas andando a gente pega uma parte do trabalho e vai analisando os dados, e eu verifico se ele trabalha com planilhas, se conhece Excel, Word; isso tudo na prática, eu não quero saber se o aluno fala inglês baseado nele ter proficiência não sei aonde, dou um trabalho para ele ler em inglês e vai me mostrar, vai voltar com um monte de coisinhas escritas e traduzidas, se ele vai aprender. (...) Por enquanto ele fica como aluno especial, mas ele só vai ser aluno regular quando as coisas já estiverem andando, aí eu terei certeza que não vai parar no meio”* Neemias.

Na época de Esdras a maioria dos formados já terminava a residência com empregos garantidos e bons postos de trabalho. *“Quando terminávamos a residência cada um já ia trabalhar no seu hospital, na sua cidade; havia na época uma vaga só de R3 na cirurgia geral e para falar a verdade eu nem tinha um grande interesse em ser R3. Porque terminando a residência eu já tinha um local onde eu iria trabalhar como cirurgião geral em um hospital, era um hospital pequeno e geral, uma Santa Casa, onde eu iria trabalhar”.*

Hoje, a realidade parece ser a mesma quanto a cooptação dos profissionais, parece não ter mudado. Para fixar o pesquisador na academia, conseguir fazê-lo interessar-se e tornar-se um pesquisador precisar-se-ia de melhores condições de trabalho. *“Se alguém hoje quer ingressar na carreira acadêmica é importante que esse aluno inicie cedo, fazendo iniciação científica, eu mesmo tenho estimulado muitos alunos a fazerem para ver se a gente consegue estimular alguns a prosseguir na carreira acadêmica. E depois, durante a residência, fazer publicações e depois de terminada a residência fazer o curso de pós-graduação para incentivar e fazer uma seqüência de aprimoramentos para que o aluno ou o formando estimule-se para a carreira acadêmica, é difícil”* Esdras.

A concorrência com o mercado médico é intensa e as formações necessárias para cada área são diferenciadas, pois um médico liberal tem o *habitus* diferente de um médico-pesquisador. *“O professor que é única e exclusivamente professor de tempo integral aqui, de uma área clínica ou cirúrgica, que são uma área básica, ele está um pouco longe do que é exigido lá fora. Lá ele teria dificuldade em sobreviver. Eu tenho uma dificuldade muito grande de atender no convênio, para mim o profissional tem que atender, que buscar a história do paciente, examinar, [...] e o convênio nos obriga a ter uma relação médico-paciente completamente diferente. Você tem que ser rápido, senão o custo hoje é enorme, existe o custo do hospital, coisa que não existia antes. Antes nós tínhamos um paciente particular e aquela fonte nos dava tranqüilidade, atendia-se menos, mas você tinha mais tempo. Tinha uma remuneração decente,*

mas você tinha oportunidade de ficar mais com o paciente e tal, criava um vínculo melhor. Hoje em dia, com os convênios não. Então isso é o tipo de coisa que eu não abro mão” Samuel.

Assim, dentro da carreira acadêmica, outras habilidades são requisitadas, nem sempre ligadas ao atendimento e à clínica.

Em geral, no grupo tradicional, a exemplo do grupo laboratorial e experimental, não há grandes dificuldades em definir ciência, e quase todos a definem de forma prática, empírica, direta, relacionando o conceito à idéia de ‘solução de quebra-cabeças’, como propôs Kuhn. Da mesma forma quanto ao método, compreendido como um meio para um fim.

“Ciência para mim é a busca de respostas para problemas diários; eu acho que existe a ciência pura que busca as coisas mais abstratas, física pura, por exemplo, matemática pura que vai buscar coisas sem uma aplicação prática; eu acho que a ciência deve servir ao homem, lógico que esses conceitos básicos, da física pura um dia vão servir, não serão perdidos, então eu não sou contra que as pessoas façam esse tipo de pesquisa” Neemias.

A idéia central remete ciência ao conhecimento novo, ao desenvolver novas inquietações sobre a realidade. *“Dentro de cada área do conhecimento humano, fazer ciência é você pesquisar” Esdras.* Para isso é preciso um modelo, um padrão a seguir. *“O modelo é você procurar mesmo, seguindo normas e um padrão de pesquisa. Quando você vai fazer uma pesquisa você tem que seguir um padrão” Esdras.*

Assim, *“ciência é quando você produz conhecimento novo, de coisas já conhecidas ou de coisas desconhecidas, mas que você pensa sobre. Tem diferenças com o senso comum, é diferente, pois nesse caso você trabalha mais com o conhecimento empírico, a ciência é uma coisa na qual você cria um novo conhecimento; a partir daí existem algumas normas, alguns caminhos a serem seguidos, repetidos de tal maneira que comprovem isso. A ciência tem a ver com*

método, algo que o leve do ponto A ao ponto B a partir do momento que você escolheu aquela opção” Samuel.

A grande maioria dos pesquisadores desse grupo assume e define seu trabalho desta forma, mas alguns entendem e concebem diferenças quando se trata de outras áreas do conhecimento, como as humanidades:

O intelectual voltado para as ciências exatas está mais relacionado com a capacidade técnica, com a capacidade de influir tecnicamente em diversas organizações. Ele pode ser assessor-técnico de uma determinada empresa ou pode fazer parte de um colegiado onde ele opina ou ele aconselha a respeito de diversas organizações... Então tem um papel muito limitado dentro da sociedade no sentido de incluir em determinadas organizações bem determinadas, bem limitadas. Agora, existem outros intelectuais, são os intelectuais formados em Ciências Sociais, em História, ou mesmo em Economia, cujo papel já é muito mais amplo que pode exercer com muito mais efetividade dentro da sociedade. Por exemplo, o sociólogo: se ele for um intelectual que tenha não só um grande preparo sociológico, mas que, além disso, seja um indivíduo capaz de liderar determinado grupo, ele é capaz de determinar modificações profundas dentro de uma sociedade, capaz de influir dentro do andamento da sociedade. Esse então pode influir diretamente na sociedade ao contrário do intelectual técnico, que influi limitadamente; aquele influi de uma maneira geral. Isso acontece com intelectuais especializados em Sociologia, especializados em Economia, mesmo especializados em História ou mesmo em Filosofia, conforme a Filosofia, Filosofia política, por exemplo, esse também é capaz de exercer uma influência muito grande sobre o andamento na sociedade. Então é diferente o papel de cada intelectual dentro da universidade, porque cada intelectual tem dentro do seu campo uma capacidade de atuar de uma ou de outra maneira (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Às vezes, temos definições de ciência um pouco mais abrangentes, parecendo mesmo uma definição de “saber”, no sentido de Foucault. Neemias parece ter tido essa percepção de forma empírica, sem estudos filosóficos muito precisos: *“Eu acho que toda novidade, todo progresso, venha ele de pesquisador juramentado e reconhecido ou de uma rendeira, acho que não tem nenhuma diferença, acho que tudo é progresso, tudo é conhecimento novo. (...) Eu acho que esse tipo de história tem a ver, às vezes se preserva a academia para algumas coisas irrelevantes e estúpidas quando alguém tem a cabeça de inventar um meio novo para abrir a lata de cerveja, por exemplo, não foi um acadêmico que inventou foi alguém que achou que tinha um problema. Então eu acho que ciência não precisa ter a liturgia acadêmica para você poder fazer, qualquer um faz, o pós-graduando pode ter uma idéia boa, um aluno pode ter uma idéia boa e é delas que têm surgido novas idéias que muitas vezes funcionam muito bem. Eu acho que a academia é boa, ela nos conseguiu recursos e laboratórios para se ter como fazer, mas as idéias dependem única e exclusivamente das pessoas”*. A academia seria um espaço adequado mas não o único da produção da ciência.

Nos discursos dos professores, a medicina goza de uma especificidade só dela. Contrariamente a outras disciplinas, como a biologia, a física e as ciências humanas, ela sofre uma influência muito grande da tradição intelectual milenar nas sociedades. *“Então, são grandezas não comparáveis entre si. Então, na verdade, eu quero insistir neste ponto [pequena pausa] a colocação de todos os institutos e faculdades vizinhos uns dos outros talvez permitisse à Reitoria um maior controle sobre as diferentes unidades. E mesmo uma política de prestação de serviço, uma certa filosofia de ensino comum a todas elas, uma exigência de pesquisa científica da melhor qualidade. Fora disso, como eu já lhe falei, é muito difícil nós compararmos a estrutura hierarquizada, estrutura, de certa maneira, que se baseia muito na experiência do já vivido, que é o que define a medicina. Medicina exige, sobretudo, o conhecimento seguro de uma enorme experiência pregressa para que isso seja transmitido”* (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).

Esse acúmulo de experiências é possível por meio das “relações entre os cientistas”, e a formação dos “grupos e redes” é um ponto nevrálgico para entendermos a constituição dos *habitus* e da imposição da *illusio* de uma vanguarda. Essa formação dos grupos e das redes sociais, daquilo que Bourdieu chama de capital social e que faz parte do capital científico, pois o capital social pode ser mobilizado para um objetivo científico específico, acontece no tempo e através do trabalho diretamente com os cientistas da geração anterior.

Uma maneira corriqueira e natural de inserção em um grupo é sem dúvida durante a própria formação de graduação, quando o graduando se insere em trabalhos extraclasse. *“O que incentivou bastante eu acho que foi o fato que durante o curso eu ter podido me dedicar bastante com essas monitorias, participado das pesquisas; (...)” Esdras.*

Além disso, as relações sociais e esses contatos são muito importantes para a atualização do conhecimento, e esse processo ficou muito facilitado atualmente. Em geral os professores fazem esses contatos *“lendo revistas, hoje em dia a gente tem o Medline, você pode consultar de casa, é uma facilidade muito grande; ou fazendo cursos, até hoje eu ainda faço cursos, vou a São Paulo ou a outros estados em que acontecem eventos. Lendo e pesquisando sobre determinados assuntos, porque quando você vai fazer uma publicação sobre determinado assunto, você na verdade está fazendo uma revisão. Outra maneira é a orientação de teses, você não deixa de estar se aprimorando, com a orientação. Outra maneira de aprimoramento é você participar de bancas de tese ou de qualificação, você ser membro, porque isso lhe obriga a ler” Esdras.*

Depois de um tempo estabelece-se uma rede mais ou menos estável. *“Pessoalmente, eu tenho bastante contato com professor da USP da Escola Paulista, de Curitiba, de Belo Horizonte, de Brasília, de Porto Alegre tenho contato estreito por telefone, e-mail, pessoal de encontrar nos eventos. A gente sempre troca idéias, combina de conversar, de passar alguma coisa nova” Esdras.*

De toda forma, esse contato e essa troca de informações são altamente seletivos e não se partilham todos os assuntos. *“Lógico que cada um que está fazendo um trabalho tem reserva de mercado quem está fazendo um trabalho novo não fica divulgando seus trabalhos, mas você tem alguma informação aqui e ali, você vai obtendo um dado e você vai de certa forma sabendo o que está acontecendo. É difícil quando você começa promover pesquisa mais de alto nível, pois existem reservas de mercado... eu não conto para ninguém e eles também não contam para a gente” Esdras.*

Essa circulação em bancas de mestrado ou doutorado facilita o contato e a troca e obtenção de informações sobre o que ocorre no campo. *“Você vai numa banca de tese da USP e você ouve que determinada pessoa está fazendo um trabalho assim e você já sabe que vai aparecer alguma coisa nova, um trabalho que é um estrondo. São sinais e sintomas que existem, você ouve conversas e tem que estar sintonizado para estar por dentro dessa (...) A FAPESP é outra maneira, eu sou assessor ad hoc da FAPESP e ela me manda alguns projetos e você acaba sabendo o que o outro está fazendo. Eu fui bolsista de produtividade do CNPq por oito anos, nível 2B, agora não sou mais. Por isso eu recebia os projeto da CNPq de outros lugares para avaliar, sabendo que a assessoria é confidencial” Esdras.*

Apesar das redes sociais e científicas poderem ser vastas, o trabalho em geral é geograficamente localizado, centrado no Brasil. Mesmo publicando no exterior, após uma boa revisão da língua, os professores trabalham com profissionais daqui mesmo e de forma “local”. Em geral não fazem o tipo de pesquisa internacional, e *“nós não temos rede com outros pesquisadores no exterior, estamos começando agora a fazer um contato, mas é uma coisa incipiente essa coisa internacional, mas é eu acho que no futuro essa coisa vai crescer, mas no momento ainda está incipiente” Neemias.*

Alguns pesquisadores têm dificuldade em manter esse capital social acumulado e detido nas redes de pesquisadores, pois isso demanda tempo e investimento. Isso pode ocorrer por interesse em atuar mais dentro do mercado,

de estabelecer-se fora do círculo acadêmico, ou até por problemas pessoais ou familiares. *“Há uns 10 anos atrás eu abri mão da minha carreira acadêmica, a verdade é essa. E foi um problema pessoal, eu passei por um problema pessoal e na época para poder resolvê-lo tive que abrir mão da minha carreira. Na verdade, eu me preparei para fazer carreira acadêmica sim, não diria que não, me preparei pois fiz a residência, complementei a minha residência, fiz aperfeiçoamento, doutorado na Alemanha, o doutorado lá é mais simples, não é como o daqui, voltei para cá convidado porque no fundo, estava me preparando. O que eu queria era estar dentro de um centro de estudos, fiz mestrado mesmo podendo ir direto para o doutorado, fiz mestrado, fiz concurso e então, um pouco antes do doutorado, abri mão da carreira, mas foi uma decisão pessoal. Eu achava que eu talvez tivesse algumas decepções lá na frente porque a carreira acadêmica é na verdade uma carreira política; e carreira política é uma carreira complicada porque você tem que formar grupos, e se você sai dessa onda quando volta não está mais em grupo nenhum e pode sofrer restrições de todo e qualquer lugar. Então dependendo do grupo homogêneo, do grupo dominante, eles têm controle inclusive sobre as pesquisas. Eu mesmo já tive duas pesquisas que parei, a coisa não conseguiu ir adiante porque outras pessoas de outros grupos mais fortes começaram depois, e chega uma hora que você é obrigado a parar, então não compensa fazer isso. Então eu penso que a carreira acadêmica é uma carreira política e você tem que fazer o seu jogo, tem que investir muito... Então eu já estou em uma certa idade em que já não adianta mais retomar essa política, já cumpri o mínimo” Samuel.*

De toda forma, a carreira acadêmica demanda um investimento contínuo e estratégias continuadas no tempo. Uma das atividades cujos resultados interferem na carreira é, pelo menos durante o início da formação desse capital social, a participação em Congressos, Seminários, encontros e eventos desse gênero.

“E acho que, para você ter uma idéia, no nosso Congresso Nacional reuniram-se quase cinco mil pessoas, é o maior congresso do mundo em participantes, maior do que o europeu, maior que o norte-americano, realmente é

impressionante, é uma área nova e cresceu de uma forma muito grande, estruturando-se muito bem, eu acho que isso é muito importante” Neemias.

Nesses eventos aparecem oportunidades e interesses em comum. *“Essa é a pergunta que eu faço, em cima disso eu tenho biblioteca, eu tenho internet, tenho alguns colegas que eu discuto, tem um grupo que eu sempre discuto, então você está num congresso e pergunta ‘você que trabalha com isso, você tem feito assim e tal’ então você troca algumas idéias. E nesse caso, logicamente, eu busco mais ir a bibliotecas mesmo, buscar conhecimentos e a partir daí vejo qual é a viabilidade, se vai ser um trabalho experimental, se vai ser clínico...” Samuel.*

Um fator decisivo de participação nos grupos é compreender as regras de inserção e exclusão presentes em cada um deles, ou seja, a maneira de definir a *marginalidade*.

Cada área de pesquisa tem sua lógica e suas normas de inserção nos grupos ou regras de marginalização. Os pesquisadores reconhecem-se e trabalham a partir de regras mais ou menos estáveis. No caso de transgressão disciplinar, quando o pesquisador busca amalgamar diferentes conhecimentos de forma nova, ele pode contar com um período temporário ou definitivo de ostracismo ou de rejeição mais ou menos profunda.

Isso pode ficar explícito desde cedo, dependendo das opções e dos objetos de estudo. Como no caso de Samuel, quando terminava sua tese de doutorado, ouviu de meus avaliadores de banca, o seguinte comentário: *“olha, eu acho bacana isso que você falou, só lembre-se que para o seus pares médicos você não vai ser uma pessoa bem vista e benquista, e também para os físicos, para a outra área, também você não vai ser, então você vai formar um gueto dos sozinhos.’ Porque, por outro lado, é um pessoal que vê as coisas de maneira diferente, eu acho que isso é legal. Então ressonância magnética só foi possível a partir do momento em que um médico se interessou por magnetismo. O laser só*

teve aplicação quando um maluco falou ‘será que isso aqui não dá para eu aplicar’ então levou tempo”.

Essa participação nos grupos começa já na graduação, ela fortalece mais os grupos, pois aí surgem os primeiros trabalhos e *publicações*. A inserção em pesquisa e os primeiros trabalhos de Esdras começaram na graduação, através de monitorias, *“depois quando eu passei a residente eu continuei com os trabalhos e as publicações que o departamento fez na época da residência já incluíram o meu nome, porque eu já colaborava efetivamente com as publicações”.*

Uma vez formado esse capital social e essa rede, que pode ser tanto hegemônica quanto marginal, perceptível e consciente ou não, o passo seguinte e talvez o mais significativo são as primeiras publicações. *“Em 1985 eu ganhei uma bolsa de pós-doutorado em Londres, eu fiquei lá durante um ano e meio, mas no meu memorial consta um ano só, porque embora eu pudesse ficar dois anos eu tive que voltar antes; em Londres, para ser bem específico, fiz 5 trabalhos que foram posteriormente publicados em revistas de alto impacto na época, foram publicados no [inaudível], que até hoje é uma revista de impacto grande e no ‘British Journal of Cirurgy’ e esses trabalhos são referência, são bastante citados, inclusive até hoje. A última verificação que eu fiz no ISI que é o índice de impacto e referência, ele tinha 130 citações até o começo do ano, ele foi publicado em 1987 e até o ano passado tinha outras revistas que citavam. Eu não reputo isso como importante só para mim, mas também para a universidade que o trabalho cita o meu nome e que eu era professor da Unicamp. Eu acho que é importante para o departamento” Esdras.*

Outros alunos optam por investir em linhas de pesquisa nada hegemônicas, o que acaba gerando uma rede social alternativa, marginal e que, às vezes, podem tornar-se consagradas no futuro. Seria o caso das vanguardas com uma lógica de revolução ou transformação das áreas.

Algumas áreas conseguem sucesso depois de anos de esforço e investimento em práticas inovadoras. *“A Sociedade cresceu muito nos últimos dez anos, de uma forma espetacular e nós temos no Brasil, particularmente uma medicina muito boa, temos vários trabalhos publicados no exterior e bons trabalhos de repercussão internacional”* Neemias.

Com o tempo o professor torna-se um coordenador de pesquisas, fato muito comum nessa área de atuação, pois *“nós temos cursos de pós-graduação e tivemos várias teses defendidas que viraram publicações; evidentemente o primeiro autor em geral é o pós-graduando e eu entro como co-autor, mas essa tem sido a nossa produção contínua”* Neemias. Isso facilita até mesmo no volume de artigos e trabalhos publicados, pois mantém uma certa regularidade no trabalho do pesquisador.

Outra consequência é a publicação no exterior, que demanda, porém, muito mais investimento e esforço. Em geral, consegue-se publicar no exterior desde que haja uma certa insistência. É um processo demorado e demanda uma estratégia. *“Toda vez que você manda um trabalho para o exterior dependendo do impacto da revista quando maior o impacto maior o índice de rejeição, porque eles selecionam só o topo do topo, agora conforme vai abaixando o índice de impacto da revista você vai encontrar os que aceitam seu trabalho, mas nunca aceitam de imediato, em geral são quatro ou cinco idas e vindas até você corrigir porque os ‘referees’ são muito rigorosos e até você esclarecer tudo as dúvidas que eles têm até saber se o trabalho foi feito com rigor leva tempo, mais ou menos cinco meses”* Neemias.

“Há pouco tempo atrás mandei um trabalho para uma revista de grande impacto e eles devolveram dizendo que não iam aceitar o trabalho e aí enviei para outra com um impacto menor; mas, ao mesmo tempo, eles fizeram algumas críticas, problemas que o trabalho tinha e aí eu aproveitei essas críticas e enviei para a outra revista. Isso é habitual em todas as áreas, mas eu acho que isso é bom, em geral os ‘referees’, que são as pessoas que vão avaliar o seu trabalho, são pessoas que entendem e são bons; você não sabe quem são, eles ficam

incógnitos, mas são pessoas reconhecidas; agora você tem que estar preparado se o 'referee' não quer publicar" Neemias.

Por outro lado, o que parece natural e comum para muitos, pode ser um processo difícil para alguns dos profissionais. Alguns pesquisadores tiveram dificuldade em adaptar-se ao novo modelo de ciência introduzido pelo Programa Qualidade, que exige uma produção constante de trabalhos. A pesquisa e a atuação empírica continua ou já existia, mas esse processo de publicação exige um investimento que nem todos fizeram e permanecem alheios ao método de redação e produção sistemática de textos. *"Na verdade eu não tenho paciência para sentar e escrever. Não precisa ir muito longe, olha aí [mostra uma estante cheia de documentos e papéis] trabalho, trabalho, trabalho... simplesmente eu não sei desovar mesmo. É uma técnica que eu não domino" Samuel.*

Uma maneira privilegiada de formar o *habitus* de pesquisador passa, especialmente nessa vanguarda, pelo estágio no *exterior*. Esse processo é extremamente importante, pois separa e divide os cientistas em mundos diferentes. O estágio refere, essencialmente, ao período no qual o profissional exerce alguma atividade técnica, de trabalho, de estudo em uma instituição no exterior. Isso significa participar por algum tempo de atividades em conjunto dentro de instituições internacionais. Sem dúvida, é algo muito importante.

Por outro lado, o termo *estadia* remete a um período mais extensivo no exterior e a uma participação diferente em outra cultura. Todos foram unânimes em perceber a importância de ambas as experiências, mas em geral o que é mais valorizado é seguramente a habilidade, presentes nas pessoas que passaram por uma estadia no exterior, em lidar com o diferente, com outras culturas, outras mentalidades e diferentes maneiras de ver a realidade. A incorporação dessa capacidade na personalidade individual altera de maneira profunda o *habitus*, as disposições pessoais que afetam nossa maneira de reagir diante dos dilemas que nos apresenta o mundo.

Ainda, como forma de expandir e consolidar uma rede de pesquisa, ou rede social, um passo considerado muito importante por todos é a estadia no exterior. Sem dúvida, algo que dá um peso maior, uma maior legitimidade e respeitabilidade ao currículo é uma permanência, mesmo se curta, no exterior. Como testemunhou Esdras, ele foi impulsionado, de um momento a outro, a fazer um estágio, pois surgiu a oportunidade. Foi durante seu mestrado que, por vários motivos, foi transformado em doutorado. *“Outra coisa que influenciou bastante foi que em 1983 eu ganhei um auxílio da universidade para visitar um serviço no exterior, também não era fácil conseguir isso. E eu fui aos EUA e fiquei seis meses em Boston, freqüentando e aprendendo sobre [sua área específica] porque na época um dos motivos pelo qual fui admitido no departamento, além de ser professor, foi desenvolver a área de [...]”*. Depois disso, passou a ser referência nesse assunto, pois *“era uma coisa nova que estava começando, para você ter uma idéia na época só havia três locais no país que faziam isso, era a USP, a USP de Ribeirão e nós aqui em Campinas; (...), era algo que dava bastante valor para o serviço e destaque para a universidade”*.

A importância dessa estadia é percebida às vezes de modo muito precoce pelos profissionais. *“Eu já tinha uma idéia de sair para o exterior, desde o início já queria ir para o exterior para me formar lá fora, por isso já saí logo”*.

Neemias percebe com acuidade a importância do estágio de formação técnica, mas enfatiza a importância da estadia cultural. *“Eu acho que saída de um profissional para o exterior tem muitas vantagens, eu sempre estimulo os meus residentes e alunos a viajarem para fora, hoje, por exemplo, com esse mundo globalizado é fácil você se deslocar e eu acho que você ganha não só em termos profissionais porque você ganha na sua profissão naquilo que você vai fazer, mas também o cultural, uma viagem ao exterior, morar e sentir a cultura local e ver as pessoas, vizinhos, colegas de trabalho isso é uma coisa que é impressionante como isso modifica a cabeça da pessoa e abre a cabeça da pessoa para outras coisas, se possível eu acho que todo médico deveria passar dois anos fora, mas o importante é contrastar com seus valores”* Neemias.

As possibilidades de realizar um estágio ou uma formação no exterior eram grandes, sobremaneira no período inicial e de implantação da Unicamp. A política do governo estadual era de formar pessoas capazes de reproduzir a formação aprendida e obtida nestes estágios na estruturação das pesquisas e da pós-graduação. *“Talvez aí uma das outras vantagens da centralização, eu diria para você que na época do professor Zeferino havia oportunidades mil para se aprimorar, no país ou no exterior. Às vezes era mais fácil nós arranjarmos uma passagem aérea para o exterior do que tomar a ponte aérea Rio - São Paulo. Havia um professor aqui na universidade que o nome dele era até ‘aeroPORTO’, tanto que ele freqüentava aeroporto. Posso dizer a você que não era eu, embora eu seja Sérgio também. Mas isso é para dizer que demonstrava a confiança com que, vamos dizer, a Reitoria investia nos professores. Havia a agência da Vasp dentro da universidade para atender aos professores. Havia um setor, lá do DGRH, que cuidava especificamente de viagens internacionais. Agora não pense você que essas viagens eram viagens de turismo ou eram viagens de favor. Eram viagens onde, na volta, tudo era cobrado com um rigor incrível, ...”* (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).

Havia uma política deliberada da Unicamp de mandar pessoas ao exterior, era uma necessidade e um valor vital durante seus primórdios. *“Também quando eu fui diretor eu tive a oportunidade de acompanhar a preocupação com que a Unicamp, como que de uma forma predestinada, ela caminhava por esse caminho do intercâmbio científico internacional. Aquela época... não havia ainda a informática, não havia o satélite ou o satélite estava começando, mas a verdade é que nós nos comunicávamos com os principais centros do estrangeiro. Você sabe que existem agências de financiamento aí no governo, mas essas agências, via de regra, elas não priorizam o Estado de São Paulo, ao contrário, elas quase que sempre tem uma maior vocação nordestina, ou de outros estados da Federação. Então, a Unicamp bancou o jogo no afã de aprimorar o seu corpo docente. Eu acho que fez isso muito bem. Eu conheço inúmeros professores aqui que conheceram os principais centros de serviço e a volta deles aqui para*

universidade trouxe benefícios de enorme importância” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).

Esse intercâmbio facilitou a criação dos primeiros núcleos de vanguarda e atraiu mais verbas por dar um peso internacional às pesquisas que estavam começando.

“À medida que a universidade foi se instalando, foi se desenvolvendo, e que nós começamos a conseguir trazer do exterior elementos docentes para cá, então essa agregação de professores vindos do estrangeiro aqui na Unicamp chamou a atenção dos órgãos financiadores nacionais e internacionais. E com isso nós conseguimos trazer daí por diante verbas de fora. Daí por diante as verbas de fora foram muito maiores que as verbas do Estado. Nessa ocasião o governo do Estado já não estava colaborando muito para a instalação da universidade. Dava verba suficiente para o pagamento do corpo docente, manutenção, e verba de capital praticamente não dava nada ou dava muito pouco” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Essa mudança ocorreu gradativamente, mas se tornou uma tônica. Essa mudança de tendência aconteceu *“por volta de 74. Por volta, não tenho bem certeza, talvez até um pouco antes. É por aí, de 70 a 74. Então houve essa afluência de verba de elementos alheios ao Governo do Estado. E isso permitiu que alguns institutos sofressem um grande impulso, um grande progresso; e isso aconteceu, por exemplo, com o Instituto de Física, foi o mais bem aquinhoado. O Instituto de Física conseguiu então grandes empreendimentos e grandes equipamentos com essas verbas e conseguiu completar sua instalação. Hoje o Instituto de Física é um dos mais bem montados da universidade. Outros institutos que receberam também verba nessa ocasião foram o de Tecnologia de Alimentos, um pouco a Faculdade de Engenharia e eu tenho impressão que, em quantidades maiores, só. Depois existem planos isolados de diversos institutos inclusive o Instituto de Biologia tem os planos isolados em que permitiram arrecadar uma série de recursos vindos desses órgãos e dessas financiadoras. Mas assim,*

coisas pequenas e limitadas em relação ao grosso da universidade” (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

Esse período inicial era o momento histórico adequado para que os desejavam e buscavam aspirar a uma profissão de prestígio, universitária. O Estado brasileiro tinha grande interesse na formação de mão-de-obra para o complexo industrial nascente no Brasil, e almejava uma reforma no ensino superior e sua expansão por vários estados. Como resultado dessa expansão, a Unicamp havia sido instalada e continuava a crescer. A inauguração do Hospital de Clínicas da universidade foi um marco importante para a Faculdade, pois ampliou muito o quadro de pessoal e permitiu a absorção de boa parte dos profissionais formados aqui. Oséias surpreendeu-se com a rapidez deste processo e lembra-se que *“as turmas que ficaram mais foram a 16^a e a 17^a turmas porque eles eram os que estavam terminando a residência, quando o hospital mudou, então esse era o povo que estava pronto para ser contratado, que eram os alunos que estavam terminando a residência. A minha turma, como estava terminando a faculdade, não estava pronta para ser contratada ainda, a gente precisava de mais uns três anos ainda. Aí a gente perdeu um pouco e, no final das contas, da minha turma ficaram só uns cinco ou seis, por aí”*. [Foram as duas e três anteriores que mais se beneficiaram, formadas em 82, 83 e 84...]. *As 13^a, 14^a e 15^a mais ou menos isso. Quase todos esses docentes que têm a mesma faixa... E a maioria virou professor. Para você ter uma idéia, alguns docentes, quando eu estava no primeiro ano eles eram quarto-anistas, quer dizer a gente era contemporâneo, colega e ia para INTERMED juntos. Quando eu cheguei ao sexto ano esses mesmos já estavam me dando aula, entendeu, como docente já, rapidíssimo, carreira meteórica. Acabou e já era docente, [sem titulação] nenhuma, eles foram somente com a residência. Por causa de uma necessidade, o hospital dobrou a sua necessidade de pessoal de quando saiu da Santa Casa e veio para cá”* Oséias.

De todo modo, mesmo com algumas áreas de vanguarda e todo este esforço de internacionalização, a Faculdade de Ciências Médicas teve algumas dificuldades em romper com o ensino tradicional de medicina. *“Então, a Unicamp,*

ela trouxe um currículo que eu diria mais moderno, mais arejado, embora ela, desde a sua origem até hoje, fugiu do seu marco inicial que era sua proposta para ser uma faculdade... dentro da medicina, uma faculdade inovadora. Inovar eu acho que ela não inovou muito não. Eu acho que se ela não se esclerosou como as mais antigas, o máximo que ela conseguiu fazer, foi se modernizar um pouco, mas inovar, foi pouca inovação que ela trouxe para o ensino médico”(Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler, 1989).

O capital científico obtido com o passar dos anos é o resultado do acúmulo de boas avaliações e das contribuições do professor para a área onde atua, aliadas à avaliação que os órgãos fazem delas. Essa acumulação inicial passa pela iniciação à pesquisa dentro de grupos reconhecidos, pelas primeiras publicações, pelas publicações contínuas, pelo pertencimento a círculos sociais academicamente relevantes. Esses indicadores todos acabam por traduzirem-se em *prestígio*, signo evidente do reconhecimento acadêmico.

“Nós temos feito trabalhos bons aqui, temos tido prêmios em congressos na verdade eu acho que essa é a satisfação do pesquisador é de você ver o seu trabalho reconhecido pela comunidade obviamente como ainda é uma área incipiente você sabe ‘quem tem um olho na terra de cego é rei’, então embora a gente não seja lá assim uma coisa muito espetacular, mas eu acho que dentro da comunidade [da área que ele é professor] nós temos um certo reconhecimento” Neemias.

Pode-se dizer que a tradição médica foi mantida, reproduzida e aperfeiçoada, sobretudo e sobremaneira pelo grupo de vanguarda da FCM, representado principalmente pela clínica e pela cirurgia, coroados com êxito em seus esforços.

Outras vanguardas também se construíram neste período.

A vanguarda da medicina experimental ou laboratorial

Dentro da formação de um conjunto tradicional de médicos, que se ocupavam dos ramos mais explorados e conhecidos do conhecimento médico, destaca-se um outro grupo de pesquisadores, com um *habitus* específico e um pouco diferenciado quanto ao modo de ver a pesquisa e a prática científica. Este grupo constituiu-se aos poucos, com mais dificuldade e lentidão que o feixe mais tradicional de disciplinas médicas.

Aqui caberia uma distinção necessária entre o que seria um médico, um pesquisador e um pesquisador médico. Não há uma distinção estrita, mas um pesquisador pode ser um profissional não médico, atuando dentro da esfera médica, com projetos em áreas básicas relacionadas à saúde. Apesar de não ter em sua formação o conhecimento sobre as questões clínicas das doenças, pode possuir informações sobre o funcionamento normal e cotidiano do organismo.

A especificidade do médico-pesquisador é a sua capacidade de desenvolver pesquisas em setores cuja experiência clínica e cujo conhecimento sobre a doença entram em pauta. Esse modelo ou paradigma tem origem recente, no pós-guerra, a partir dos EUA. Como apontam Csillag e Schor (1999):

Historicamente, no início dos anos 50, a proposta do *National Institutes of Health (NIH)*, dos Estados Unidos, bem como da *Rockefeller Foundation*, contaminou as escolas médicas em todo o mundo, influenciando para que seus melhores alunos se envolvessem em atividades cujo paradigma era a atividade mesclada de médico-cientista. Nesta atividade complexa, os médicos eram estimulados a desenvolver atividades da prática clínica associada à pesquisa básica, voltadas a atender o cotidiano encontrado na observação da atividade médica ambulatorial e nas enfermarias. O paradigma baseava-se no pressuposto de que só seria possível entender e curar as doenças se a pesquisa básica fosse desenvolvida tanto em situação normal/fisiológica como na patológica/fisiopatológica.

Apesar do sucesso do modelo e sua universalização, chegando o conceito de integração da prática de pesquisa e da clínica a constituir-se um uma ideologia extremamente presente e atuante nas escolas de medicina, fato perceptível nos discursos de quase todos os profissionais interrogados, ele passa por significativas mudanças a partir da década de 1990, com uma diminuição de médicos-pesquisadores e um aumento de especialistas e subespecialistas. Segundo os autores:

Entretanto, pode-se sugerir que o modelo médico-cientista está sofrendo transformações. O paradigma da ciência médica generalista, onde o médico poderia desenvolver simultaneamente intensa atividade de pesquisa e intensa atividade médica propriamente dita tem perdido a competitividade nos países do Primeiro Mundo. Esta perda da competitividade, associada à restrição de financiamentos nos EUA pelos NIH, induz mudança de comportamento no jovem investigador. A expectativa de se tornar um investigador independente, com a possibilidade em ter seu próprio laboratório financiado, é pouco provável, e apenas uma porcentagem pequena desses investigadores tem tido essa oportunidade (Csillag e Schor, 1999).

A saída parece ser a aproximação destes pesquisadores com fontes provadas de financiamento e de programas de pesquisa em que o objetivo seja alocar os conhecimentos da pesquisa básica no desenvolvimento de aplicações clínicas, centradas nos pacientes e nas doenças, pois *“(...) como as forças que impulsionam a pesquisa – e até a assistência – em saúde estão atreladas às forças do mercado, a função deste profissional pode ser providencial para muitos empreendimentos (Csillag e Schor, 1999)”*.

Assumimos aqui que a medicina experimental é aquela mais ligada à pesquisa básica, sem aplicações diretas no curto prazo. Logicamente, essa separação é difícil e apresenta nuances, mas para fins desse trabalho, não distinguimos com extremo rigor pesquisa básica da pesquisa clínico-básica, e nomeamos as duas experimentais. A pesquisa clínica tradicional continua sendo

uma pesquisa científica, mas para nosso interesse enfatizamos esses novos ramos que apontam para uma mudança no perfil das futuras maneiras de pesquisar e até mesmo uma vanguarda que parece estar consolidando-se.

Consideramos relevante a característica de pesquisador-médico, comum de todos eles, figura rara em vários sentidos. Para elucidar esse ponto, contamos com ajuda de Oséias. *“Veja bem, se eu fosse ter atuação meramente clínica e eu decidisse por alguma razão fazer pós-graduação, eu acho que eu preferiria mais trabalhar com um orientador que trabalha com drogas, mais clínico mesmo. A gente fica na interface da ciência, ciência básica e a clínica, ela mais ‘hard’, é mais internacional e de ponta. No futuro, eu acho que a medicina vai continuar nas três áreas, a básica - básica mesmo, a interface clínico-básica e a clínica, todas elas têm que continuar. Porque o cara cria o conhecimento na básica, você analisa o impacto daquele conhecimento básico na doença - é o que a gente faz, quer dizer é o meio de campo aqui, e depois que ficou provado que aquilo funciona você vai para a ciência clínica. E vai aplicar no paciente. Nós estamos no meio de campo” Oséias.*

Neemias também aponta algumas diferenças. *“Temos a linha clínica e a linha experimental. A clínica a gente faz com pacientes e a experimental a gente faz com os porcos lá em cima. A clínica é muito mais difícil com muito mais variáveis, não é como a experimental que você padroniza o seu porco, é sempre o mesmo, eles têm o mesmo peso e são obesos, eles são todos iguais. A clínica não, eles tem doenças pregressas, doença renal, cardíaca, e são vários fatores, várias variáveis que interferem na sua produção, mas mesmo assim dá para fazer pesquisa clínica”.*

De todo modo, a pesquisa clínica sempre existiu e as outras duas são mais recentes. A interface entre a clínica e a experimental é uma linha de pesquisa que aponta para um novo desenvolvimento da medicina, e por isso a consideramos uma “vanguarda”, como definimos anteriormente.

As *origens sociais* dos professores estão principalmente na classe média. Analisando as trajetórias dos que optaram por essa área, percebe-se que os professores não eram ricos dentro da pirâmide social brasileira e nem tampouco pobres. Pelos depoimentos percebe-se que esse grupo não tinha acesso a todos os bens de consumo das classes superiores, mas afinal eles ainda não eram tantos no Brasil nos anos 60. Bebia-se coca-cola, mas este costume era uma variante, a cereja do bolo da infância, ocasional, extemporânea: como o cinema, semanal, quinzenal, nas férias.

Mas pode-se afirmar que eles eram um pouco menos pobres que os demais integrantes da classe intermediária entre os ricos e os pobres no Brasil. Estudaram toda as suas vidas em colégios públicos, e estes eram de boa qualidade, bem estruturados, com uma disciplina bem rígida, com uma hierarquia bem marcada. *“Eu estudei em escolas públicas. Eram boas” Jeremias.* Conviveram durante o curso de medicina com colegas que vieram de escolas privadas e que tinham pagado escolas melhores; eles não eram tão numerosos, as escolas privadas não eram inatingíveis, podia-se chegar ao curso médico mesmo sem ter estudo em escolas privadas.

No caso de Oséias, por exemplo, ele teve *“boas condições de estudo, classe média e sempre com muito contato com a vida universitária, vida acadêmica. Eu sempre ia para a faculdade com o meu pai, me envolvia muito com o dia a dia da universidade desde pequeno”*. Ele relatou uma data especial, e afirmou conseguir até lembrar com clareza o ambiente: *“(…) eu devia ter uns 10 ou 12 anos e meu pai fez livre-docência, desde muito pequeno eu já entendia como isso era, assistia à defesas, então a gente viveu muito dentro da universidade (...)*”.

Para uns poucos foi necessário fazer um cursinho complementar, mas o mais importante era ser bom aluno. Justamente talvez por isso conseguiram, alguns dentre eles, mais envolvidos com o estudo e que gostavam de estudar, atingir profissões de prestígio como a medicina. *“Passei para o ginásio fiz no [colégio público] antes da reforma do ensino. Na época o colégio tinha autonomia*

didática, jurídica e administrativa, já era um grande avanço na época e isso acabou sendo uma consagração em relação às universidades então olha a sorte que eu tive (...)" Isaías.

Ocasionalmente, as famílias valiam-se de um extra na formação, quando percebia a falta de um pouco mais de estudos. Foi o que ocorreu com Isaías quando viu que suas notas não tinham sido boas, mesmo se bastante suficientes para concluir com louvor o colegial e ginásio. Mesmo contrariado, mesmo confiando em todo o tempo dedicado ao estudo, foi obrigado a procurar seus pais e sugerir um ano de cursinho preparatório. *"Depois já passei para os próximos três anos que correspondem ao ensino médio de hoje em dia, prestei vestibular e passei direto e aí foi a única época na qual precisei fazer o preparatório para a complementação, mas de fato o cursinho acabou sendo uma complementação. O cursinho, meu pai fez esse sacrifício, (...)"*.

Foi possível, para Daniel, pois seus pais tinham a possibilidade, fazer alguns arranjos para atingir uma melhor qualificação. *"Eu estudei em colégio particular depois fiz faculdade pública de medicina, federal".* Mesmo da *"classe média, nós éramos cinco filhos e na cidade o colégio público era fraco". (...)* o primário era bom, mas o que a gente chamava antigamente de ginásio e colegial era ruim. *Não dava uma formação boa. Não era fácil, mas ele [seu pai] conseguiu, em cidade do interior não era muito cara a escola, não era fácil, mas também era possível" Daniel.*

Da maneira muito parecida, Ester também fez este investimento, *"meu pai era comerciante e minha mãe professora primária".* Da mesma maneira, em um momento dado, no qual ela não sabe explicar o porquê, percebeu a necessidade de um pequeno ajuste nos seus estudos. Percebeu sozinha a importância de fazer um cursinho: só havia disponibilidade em uma cidade vizinha, faltava então expor seus planos à família, planos que incluíam estudar medicina. *"[Na sua cidade natal] tinha um colegial bom que era público, mas eu queria fazer cursinho junto com o terceiro colegial; e eu os fiz à noite, e aí entrei em Ribeirão*

Preto a minha família mudou para Ribeirão Preto e a minha faculdade eu fiz lá, super tranqüila, estudava bem”.

Além disso, existia na maioria das famílias dos entrevistados todo um projeto familiar bem específico, o de elevar o *status* social da família através do estudo. No caso de Isaías, esse projeto familiar tinha uma causa precisa. No caso dele era devido a seu pai, pois *“do lado paterno, meu avô era imigrante, com dificuldades, meu bisavô não era alfabetizado, meu avô não teve educação formal aqui no Brasil então isso gera necessidade de melhora. Porque a evolução sócioeconômica e cultural da família, dentro de uma criação de fortes influências anarquistas como era lá, como eu percebia no caso da família de meu avô, acaba se fazendo de geração em geração e não dentro da base da própria geração. Isso alertou meu pai para a necessidade de alguém estudar. Meu pai conseguiu fazer até o ensino médio, o que já foi um grande avanço, minha mãe só tem o que seria hoje metade do primário e então ele acalentava essa idéia”.*

Esse projeto familiar é presença recorrente e marcante nas trajetórias individuais dentro do grupo. No grupo de amigos dos professores pode-se dizer que, em algumas situações, ele era bem explícito, às vezes menos tematizado. No caso de Oséias, *“isso foi natural, dentro da minha família, a ordem era estudar, o que o meu pai sempre quis dos dois filhos, eu tenho um irmão, é que a gente chegasse a um curso superior não necessariamente que a gente seguisse carreira acadêmica, mas sempre houve um esforço grande da família por conseguir ter uma formação superior”.*

De toda forma, estes professores demonstraram que queriam e pensavam sempre em continuar a estudar. Tinham, à época, a nítida impressão de que deviam fazer isso, pois esse parecia ser o futuro. Foi o que ocorreu com Isaías no caso da medicina. Havia na sua família uma forte sensação, que lhe fora transmitida, de que essa era uma profissão nobre, pois *“o médico sempre foi uma síntese de uma profissão de segurança e solidez, então ele comentava assim que queria, que gostaria que eu optasse por uma carreira assim como medicina, ou engenharia ou advocacia; mas que ele, talvez pela questão mística do*

médico... então de tanto ouvir isso eu acredito que incorporei. Eu não tenho lembrança de espontaneamente ter tido essa idéia; a época do [colégio onde ele estudou] teve uma influência decisiva nessa escolha mesmo” Isaías.

A família desempenhou um papel decisivo na escolha profissional. Sempre se ouve falar da clássica história da influência da figura marcante de algum professor em especial. Por mais que isto soe corriqueiro e comum, parece de fato continuar significativo. A imagem ideal de profissional como percebemos na fala de Isaías é uma construção social para a qual concorrem os agentes sociais em interação direta com os indivíduos, e a conformação de um novo *habitus* continua durante a socialização secundária, na escola.

No caso de Ester, ela declarou que *“sempre fui boa aluna, nunca tive problemas na escola. E na verdade eu tinha um tio, irmão da minha mãe que era médico; ele morava no Rio Grande do Sul e fez carreira no exército, e raramente vinha para cá, mas quando vinha eu me interessava muito. Ele contava histórias e eu gostava de ouvi-las, quando me decidi pela carreira foi por influência dele, apesar de que não tinha um contato de perto com ele, só nas férias na verdade ele vinha, mais para natal e ano novo; meu pai era comerciante e minha mãe professora primária e nunca eles falaram nada... (...)”*.

De qualquer forma, esse processo não termina, alcança mesmo períodos onde o aluno já é um profissional e maduro. Os modelos de referência são assim idealizados, por vezes nem mesmo muito comuns na realidade social, nos grupos existentes. Mas basta o contato com algumas pessoas, basta mesmo o contato com um profissional desviante e instigante. Com Daniel aconteceu algo parecido, mesmo sem que ele soubesse exatamente o que era o um clássico professor-pesquisador-acadêmico. *“Em Ribeirão [USP Ribeirão Preto] eu vi docentes que trabalhavam em tempo integral, que faziam pesquisa, e eu achei aquilo um modelo bom e quis segui-lo. Posso dizer que tive bons exemplos em Ribeirão, um dos exemplos que eu não esqueço nunca é o professor Helio Lourenço de Oliveira, quando eu cheguei a Ribeirão para fazer residência, ele estava voltando para a USP (...) E ele foi incluído na lista de aposentadorias de*

68. *E ele voltou para Ribeirão e para a clínica médica no começo de 80 e ajudava a gente demais na residência. Ele era um professor que era titular, reitor da USP, chefe de departamento, diretor da faculdade, a gente ficava admirado de ver a simplicidade dele, a sua ética e o seu conhecimento científico. Ele falava coisas para a gente que eu ficava admirado, como: 'isso eu não sei, mas eu vou estudar e amanhã eu volto para discutir isso com vocês'. Ele para mim foi um modelo importante. Depois eu fui conhecer a sua história melhor: ele foi o responsável por introduzir o tempo integral na área clínica no Brasil. Isso não existia, antes dele. Ele foi o fundador da faculdade de Ribeirão e ele achou que esse seria um bom modelo".*

Esses modelos acabam colando nas jovens retinas ainda não fatigadas e, gradativamente, vão ganhando contornos mais e mais claros. Quando jovens em formação estão perto de seres com essa força de convencimento e atração, aproveitam-se da presença de um tipo de "profeta" weberiano. Seguem seus atos, seus passos e observam, às vezes, à distância. No entanto, conforme se afastam destas presenças, tomam novos caminhos, maior essas presenças ideais parecem. Como se fossem velas a queimar eternamente, em uma igreja antiga e perene, quanto mais nos afastamos, maior a sombra a lançar-se nas paredes e no chão a partir de nossa silhueta, sombra gerada pela luz projetada por esses exemplos.

Mesmo na ausência, essas personagens podem continuar significativas. A influência do mestre é principalmente na apresentação do método científico, *"mas não ficava só na aula prática, além dela a gente tinha uma extensão voluntária dos alunos em relação a esse professor já falecido, inclusive até hoje a gente sente a perda dele, professor José Paes de Barros, o professor Juca de Biologia, foi professor da PUC e quando ele morreu, ele teve um enfarto agudo, ele estava fazendo o seu projeto de doutorado"* Isaías.

Os professores freqüentemente interrogam-se sobre a origem de sua vontade de ser cientista. Percebem, no decorrer de suas formações, que essa escolha não era comum a todos os alunos, muito ao contrário. Essa escolha era percebida como ideológica ou então um pouco altruísta.

Esse desejo um pouco indefinido de seguir o caminho da pesquisa ou do ensino na universidade não era majoritário. *“Na época era até uma opção ideológica. As pessoas achavam que isso estava errado e a gente se questionava: será mesmo que nós vamos entrar em fria, será que a universidade vai afundar, e nós vamos juntos?” Daniel.*

Esse medo quanto ao futuro da universidade era uma constante não só para os que apostavam na pesquisa, mas também para os que buscavam objetivos políticos ou mais ideológicos.

Basicamente havia duas opções, o caminho político e o caminho da pesquisa. Em geral, eles não estão completamente dissociados, mas levam a direções diversas. Daniel percebia isso com uma certa clareza, para ele as pessoas *“ficam na universidade por diversos motivos, eu acho que um deles é por uma questão ideológica as pessoas que pensam mais em serviço público, que a medicina tem que ser pública, essas pessoas eu vejo que às vezes ela optam por ficar porque esse é realmente um serviço público. Outras porque gostam de estudar, outras porque há um misto dessas duas coisas, outras porque gostam de pesquisar, outras porque gostam da atividade didática”.*

A constituição do Grupo da Vanguarda Experimental

As dificuldades de implantação da pesquisa na Unicamp foram gerais, mas em alguns setores isto foi agravado por outros motivos, como na FCM.

“A FCM, ela começou foi antes da Unicamp até e não tinha essa característica da presença dessas pessoas com treinamento para fazer isso [pesquisa], outras unidades da Unicamp já tinham, já vieram, a física, por exemplo, foi formada com pesquisadores do exterior, que já tinham vivido muito tempo fora; já desde o início era uma unidade acadêmica de produção do conhecimento, essa coisa que nós falamos [sobre instituição da pesquisa] foi porque a origem da faculdade de medicina foi diferente, ela foi formada por médicos que só atendiam, davam aula. A FCM era diferente do que era a Universidade de São Paulo, da Faculdade de Medicina de Ribeirão que já foi formada nesse modelo, tempo integral, pesquisa. Quando ele [Zeferino] veio para cá a Faculdade de Medicina já existia, e ele investiu basicamente nas outras unidades e ele interferiu menos na criação interna” Jeremias.

No caso desse grupo de pesquisadores, o método científico que viria a ser implementado sistematicamente não existia na Unicamp e não havia nem mesmo a idéia de uma pós-graduação. *“O que não havia era tradição de se fazer pesquisa na faculdade de medicina. Eu acho que isso nós fizemos, levamos muito em consideração contratar pessoas qualificadas que tivessem em tempo integral que soubessem o que era fazer pesquisa, que tivesse produção científica além de saber atender o paciente, além de saber dar aula e fizemos isso infra-estrutura. Em 94 não havia nenhum anfiteatro nessa faculdade, somente o Paulistão, que se resumia em cadeiras velhas. Em 98 tinha pelo menos sete, todas as salas de aula com ar condicionado. E, além disso, não existia um laboratório, existia só um núcleo de medicina experimental, nós criamos laboratório em vários lugares. Só para dar um exemplo. Era um projeto de fazer a faculdade ficar mais moderna, de produção de conhecimento, de pesquisa competitiva internacionalmente” Jeremias.*

Existia a oportunidade de uma certa independência e autonomia, de investimento em áreas novas: o espaço social era propício a esse investimento na criação de nova prática dentro da FCM. Além das razões familiares e de formação variadas, *“havia outras razões: possibilidades de formar um grupo independente que lá [USP Ribeirão] já existia um grupo bem formado (...)” Jeremias.*

Para poder fazer pesquisa, como esses primeiros intelectuais concebiam e queriam, eles deviam primeiro passar dois anos somente na clínica, no atendimento. Isso reforça a constatação de que não havia, no início, uma preocupação institucional em unir a assistência e a pesquisa. Depois desse período, teoricamente eram autorizados a começá-la. *“Naquela época o pessoal nem falava que precisava da pós-graduação e quando eu e uma amiga minha fomos atrás de fazer uma pós, porque achávamos que seria bom, eles não nos liberaram. A gente tinha que fazer créditos obrigatórios vários e, com isso, faltavam docentes; então eles não queriam, era preciso trabalhar dois anos para depois ser liberado e poder fazer a pós. A gente começou a fazer créditos, só que não havia orientador, naquela época não tinha facilidades(...). Faltava metodologia, uma pessoa te explicar os passos, e perceber que o ambulatório é rico, que a gente pode colher dados, pode implementa;, uma vez que a gente tem material lá é só decidir com o que se quer trabalhar. Eu acho que nós perdemos tempo com isso porque não havia ainda um número de pessoas adequado para orientar aquele grupo. Aí foi quando o Dr. Mário [Saad] e o Dr. Gontijo [José Antonio Rocha] vieram e era um pessoal que já tinha mais qualificação e começou a incentivar e estimular o nosso grupo a pesquisar, ir para o exterior, montar uma estrutura” Ester.*

Regra geral, havia uma surda desconfiança quanto ao futuro dessa empreitada. Por vezes, questionava-se o investimento de tanto esforço e a insistência em algo que não se sabia se daria certo. Daniel, por exemplo, conversava com seus colegas, que se preocupavam, *“porque antigamente as pessoas falavam assim: ‘vocês são loucos de fazer isso, vocês vão ganhar mal’ e a gente dizia: ‘mas esta é uma opção de vida’.*

A pesquisa que hoje este grupo realiza começou em um pequeno laboratório instalado dentro do HC, onde os pesquisadores podiam “dosar” o seu próprio material. De 1979 a 1985, Jeremias trabalhou dentro de um laboratório e, a partir desse período, conseguiu institucionalizar pesquisas com outros profissionais que se formaram a partir deste núcleo. *“Quando eu vim em 79 não tinha ninguém aqui nessa área em que eu trabalho, aí eu comecei a organizar um laboratório, posteriormente veio [descreve o grupo que veio trabalhar com ele], enfim esse é o grupo que trabalha na área que eu pertencço. Essas pessoas todas já tinham treinamento, ‘background’, do tipo que é comum nas universidades americanas e é comum na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, que foi de onde nós viemos, que é trabalhar em tempo integral, que é ter atividade de assistência, atividade de ensino e pesquisa em laboratório com modelo experimental etc. Mas, além disso, da década de 90 para cá começou a haver outras pessoas que não pertenciam a esse grupo, que tinham o mesmo background de treinamento científico e a faculdade aqui não tinha muito disso, ela tinha o clássico da faculdade de medicina no Brasil, de só dar aulas e atender doentes” Jeremias.*

Alguns destes pioneiros saíram por algum período para realizar ou completar suas formações; retornaram e eram reincorporados. Foi o caso de Oséias, que descreveu:

Eu terminei o doutorado e pedi uma bolsa para uma instituição americana para fazer um pós-doutorado em São Francisco na Califórnia; consegui a bolsa e já ia emendar. Mas, nesse meio tempo, demorou alguns meses para ativar, eu vim aqui para o Brasil. A gente só ia passar uns meses aqui, mas aí entrei em contato com o pessoal que estava começando a montar um grupo de pesquisa, e o [Daniel] me convidou para fazer o pós-doutorado com ele. Eu pensei que se eu fosse para os EUA ia me afastar totalmente e não voltaria mais para cá, e como eu tinha vontade de voltar, decidi ficar com o [Daniel]; aí eu fiquei com o [Daniel] um ano, fui para os EUA, num período curto aprender procedimentos técnicos que eu queria aprender e

voltei e fiquei mais um tempo com o [Daniel] e fiquei esperando abrir um concurso para docente, o que aconteceu só no final de 99. Depois que eu terminei o doutorado, ainda tive que esperar uns 5, 6 anos até sair o concurso.

A formação dessa nova mentalidade de pesquisa e de método científico é difícil, mas absolutamente necessária. No grupo atual de pesquisa, existe claramente esta característica, pois *“desse pessoal eu acho que tudo mundo já saiu. Todo mundo já fez pós-doutorado ou doutorado. Alguns fizeram doutorado ou pós-doutorado fora. E quanto mais precoce melhor” Oséias.*

Em muitos casos, o interesse por uma visão estrangeira estava incorporado na própria personalidade, no *habitus*, pois os pais tiveram o grande benefício de estudarem no exterior e isso já foi um grande diferencial também para os filhos. Nesse caso, os filhos estudam e participam da cultura de forma direta, no dia a dia cotidiano de uma formação dirigida aos nativos, aos legítimos representantes da cultura dita de primeiro mundo.

A passagem pelo exterior foi seguidamente enfatizada como central na formação de um bom pesquisador. *“É importante que a pessoa tenha convivido e saiba o que é uma universidade com centenas e centenas de anos de experiência, é diferente quem esteve em Oxford de quem nunca saiu da Unicamp. Ela sabe o que é a tradição, o que levou essa instituição a ser centenária, o que é produzir conhecimento, como se organizam os órgãos de decisão, como se organizam os laboratórios de pesquisa, como são os estudantes, como são os pesquisadores. Sem esse estágio no exterior a pessoa fica com uma visão muito estreita da pesquisa; claro que existem exceções, existem, não estou dizendo que seja absolutamente necessário um estágio no exterior, mas é muito bom. Pelo menos tem que sair por curtos períodos, mas preferencialmente por períodos longos dentro de uma universidade ou num local com tradição de pesquisa. Grande parte dos docentes de uma universidade tem que ter essa experiência, se não tiver isso não vai bem” Jeremias.*

Além disso, existe uma função a ser preenchida por esses intercâmbios que é a renovação periódica dos métodos e maneiras de fazer a ciência. *“Eu acho que se não houver um processo adequado de renovação do material humano, se a gente ficar aqui num processo de autocriação, nós vamos acabar entrando pelo mesmo problema. Porque o que revolucionou a pesquisa aqui foram as pessoas que vieram de fora, tem que se continuar trazendo gente de fora sempre, se parar esse processo corre-se o risco de começarmos a ter problemas. É preciso renovar-se, mandar aluno seu para outro lugar e aceitar outros de outros lugares, porque isso traz idéias novas, você manda as suas idéias para outro lugar e traz idéias de outro lugar para cá, e isso em ciência é fundamental” Oséias.*

De qualquer forma, a estadia no exterior aparece como fundamental; o pesquisador perde o “complexo de vira-latas”. Em geral, há preconceitos contra a pesquisa do terceiro-mundo, *“mas eu diria que esse preconceito não é muito grande, é menor do que a gente imagina. Às vezes, o complexo de vira-latas nosso é maior que o preconceito” Daniel.* E *“essa oportunidade de estar nos Estados Unidos tirou-me esse mito de que as pessoas eram impossíveis de você acessar” Ester.*

Aqui fica patente uma característica do *habitus* desses professores, a capacidade e habilidade de internacionalização de suas pesquisas e técnicas de trabalho. Ela só é possível a partir de uma estadia no exterior, fator chave nessa interiorização de novos modos de ver a ciência. Eles incorporaram a capacidade lingüística, assumem o inglês como a linguagem da ciência, perderam o complexo de terceiro-mundo, publicam no exterior e em língua adequada, realizam trabalhos de linha internacional etc.

A opção de carreira científica era, algumas vezes, contra-hegemônica. Muitos não quiseram ficar nas áreas clínicas e desejavam a pesquisa, pois a idéia era realizar um aprofundamento das habilidades de pesquisador, aprendendo técnicas novas. *“Eu decidi fazer pós-graduação e fui atrás de onde se fazia, uma boa pós-graduação” Ester.*

Como isso localmente era incipiente, alguns pensaram em sair do Brasil, como Oséias que naquela época *“já queria, me sentia preparado mesmo e estava com vontade de passar uns anos fora”*. Isso para um pesquisador é muito importante, pois em geral altera significativamente suas vidas, como apontou Ester, pois *“eu acho que quando as pessoas saem abre um leque muito grande”*.

Algumas vezes, o interesse em passar um período no exterior não era recente. Oséias havia morado fora e afirmou que quando *“meu pai saiu, eu passei três anos da minha infância nos Estados Unidos, meu pai fez pós-graduação lá. Eu falava bem a língua”*. Pode-se mesmo dizer que esse interesse estava impregnado em sua personalidade há muito tempo.

Isso aconteceu dentro da família de vários professores pesquisados e foi transmitido aos filhos. A idéia de que a imersão em um universo diferente, passar um período no exterior, sobretudo durante a infância, altera as perspectivas de vida de uma pessoa, é um fato. *“Por conta disso, quando eu fui para os Estados Unidos o meu filho mais velho ia fazer 11 anos e minha filha mais nova ia fazer 9 anos, meu filho amou lá porque ele sempre foi muito bom aluno, muito inteligente e escolheu fazer medicina em Ribeirão Preto, entrou direto e nem fez cursinho; estudou porque ele queria ir aos Estados Unidos. Fez aquele exame para residência nos Estados Unidos; **olha a coincidência**, ele entrou, faz 3 anos, na mesma universidade na qual estudamos e agora está na Harvard, fazendo a mesma especialidade. Tudo isso por conta dessa época na qual a gente ficou lá, ele amou, pois na escola tinha computador, podia ir à biblioteca pegar o que queria. Eles estimulavam muito e ele lia muito; e lhe foi possível aprender inglês muito bem. A minha outra filha também aprendeu inglês super bem e isso lhe dá um diferencial muito grande; ela fez iniciação científica, daí havia um pessoal em um laboratório na Suécia que precisava de gente que falava inglês e minha filha foi lá, ajudou o pessoal que estava fazendo a bolsa-sanduíche; e eu acho que o fato de você aprender uma língua e ter uma experiência de vida te dá um diferencial enorme. Esse grupo que teve a oportunidade de sair, de ir para fora, esse grupo é diferente” [grifo nosso] Ester.*

A mesma coisa aconteceu com Daniel nessa estadia fora do Brasil, pois sua família o acompanhou ao exterior e *“a minha mulher também fez pesquisa e as minhas meninas tiveram um grande ganho com isso. Porque conviveram num outro país, aprenderam uma outra língua e tornaram-se **cidadãs do mundo**”*[grifo nosso].

Um fator extremamente importante para consolidar e impulsionar ainda mais as pesquisas foi o *Projeto Qualidade*. Olhando retrospectivamente, pode-se perceber com clareza que o momento de realizarem-se pesquisas dentro do padrão internacional e da pesquisa básica como no exterior, concretizou-se e cristalizou-se após a implantação do chamado Projeto Qualidade. Foi o momento histórico de formalização, explicitação e de tornar pública da necessidade da pesquisa e também a abertura de novas possibilidades.

A estratégia prevista dentro do projeto de qualificação na FCM, depois de conseguir aumentar a exigência de titulação e estabelecer prazos para isso, foi conseguir agregar à instituição, professores de alto nível e com experiência e formação em pesquisa. Como aponta Oséias, que participou da implementação dessa segunda parte do processo, esta estratégia consistia em *“conseguir algumas contratações de pessoas já formadas, pessoas com mais experiência que está no mercado e que tem a capacidade de chegar aqui e já orientar fazer pesquisa, publicar”* Oséias.

Uma das estratégias utilizada foi a criação da chamada “vaga de qualidade”, justamente um posto reservado a pesquisadores de reconhecida formação e com experiência e currículo em pesquisa. Foi o que aconteceu com Oséias, pois *“quando eu fui contratado eu já tinha orientado quatro alunos de pós-graduação e já tinha projeto Fapesp, tudo. Por minha conta, sem ter vínculo acadêmico nenhum. Eu era professor voluntário, fiquei uns anos aí como voluntário”*.

Por outro lado, outros profissionais tiveram alguma dificuldade em conseguir transpor o limiar da pesquisa e continuaram médicos *“tradicionais”* aos olhos dos parâmetros de avaliação que haviam mudado. Essa dificuldade

espraiou-se e alguns não conseguiram transpor as barreiras destes novos padrões, optando por uma certa “marginalidade”, ou para usar um termo sem conotações ofensivas, de “liminaridade”.

“A única coisa que eu me sinto mal dentro da minha própria universidade é quando eles começam a cobrar que eu não tenho pesquisa. Eles querem uma coisa mais burocrática. Acho que a universidade peca aí. Existe um docente, eu sou da área da graduação, existem pessoas, das quais a universidade precisa para ensinar a formação do médico, não só técnica como ética, tem muito disso. Existem docentes que, não adianta, eles são ótimos pesquisadores, mas são péssimos professores. São ruins mesmo, e são ruins mesmo até o ponto de se ver distorções na relação médico-paciente, porque são arrogantes, por que têm medo. Eu tenho um conhecido que fala ‘eu odeio doente’, ele fez medicina por uma outra infelicidade” Samuel.

Durante a formação dos futuros pesquisadores da vanguarda experimental ou laboratorial, dois momentos lhes pareceram mais relevantes: a estadia no exterior, como já discorremos anteriormente e a iniciação em pesquisas ligadas às disciplinas próximas de um questionamento mais primordial do conhecimento, algo parecido à introdução iniciática em um universo sagrado e inexplorado.

Alguns desses profissionais, mesmo que não tenham sido os pioneiros da Unicamp, dos tempos da Santa Casa, passaram de monitores e colaboradores a professores adjuntos ou auxiliares, daí à contratação que seria praticamente inevitável. Isso aconteceu, sobretudo, pela *Iniciação na Pesquisa* e o envolvimento nos grupos existentes ou em formação. O processo de incorporação foi suave e natural.

Para Isaías, esta iniciação foi fundamental. *“Eu tinha um professor de biologia muito bom que nos introduziu na prática de ciência em laboratório com reprodução de experimentos simples, mas a partir dos quais nós buscávamos o resultado e tirávamos conclusões sobre eles; então eu tive iniciação científica no*

próprio colégio. A gente tinha aulas práticas, o que era uma inovação na época, nenhum colégio tinha. (...) Porque terminado o colégio eu imediatamente passei para o ensino superior e já no meio do primeiro ano comecei a fazer iniciação científica na bioquímica com o Professor Aníbal Vercesi, que é colega aqui da FCM... então foi a minha primeira experimentação que na realidade foi uma continuidade do que eu já fazia no colégio. No colégio evidentemente foram experimentos consagrados, didaticamente escolhidos e aí percebi a repetição disso sob o conteúdo original”.

Geralmente sentiam-se satisfeitos com a pesquisa durante a graduação. Gostavam muito de aprender a clínica, *“no entanto um ou outro professor de área básica fazia pesquisa e eu cheguei a trabalhar com esses professores, não como pesquisa, mas como monitor; então convivi com eles e peguei gosto pela área básica; nessa época, eu fazia muito gosto pela área clínica, mas eu sempre gostei de estudar e então eu fui monitor de área básica e gostei muito disso” Daniel.* Ele, depois de uma introdução inicial na área básica, passou a pensar seriamente em fazer somente pesquisa e descobriu *“que existe essa profissão de professor universitário na qual você é pago para estudar e para fazer o que gosta, eu não imaginava que existisse isso na vida. Que alguém pagava para você fazer isso [risos]”.*

Esse exemplo exprime o grau de adequação de um *habitus* de pesquisador ao espaço social onde esse *habitus* encontrou guarida, caso no qual o próprio investimento pessoal na carreira é entendido como um prazer e um tesouro inigualável, uma intensa satisfação pessoal em estar no lugar certo, na hora certa e com o perfil correto. Para ele *“é um privilégio, e eu entendo que essa profissão para quem gosta é um privilégio. Não estou amenizando dificuldades, a gente tem muita dificuldade, mas pensando friamente é um privilégio” Daniel.*

Essa adequação de um *habitus*, que veio sendo construído durante toda a trajetória pessoal, a um espaço social adequado, pode dar a impressão aos professores, quando olham suas carreiras, de que elas foram muito rápidas, *“mas eu não diria meteórica porque eu já vinha no pique desde o colégio, quando eu fui*

começando eu não era um neófito eu já tinha feito toda a preparação desde meu colégio, quer dizer eu já me virava dentro do laboratório de bioquímica, com segurança, sabendo exatamente como trabalhar com aqueles equipamentos etc, inclusive com nome e tudo” Isaías.

Essa naturalidade de trajetória não é fruto do acaso, mas da conjunção de um *habitus* e de um *espaço social* específico, ambos ancorados em uma determinada conjuntura histórica.

Por isso. poder-se-ia defender, como o faz a grande maioria dos professores, que a pesquisa *“é uma vocação sim e uma vocação que vem de você. Pesquisador é uma pessoa que tem que estar sempre questionando. A vida teve que ensinar, a escola foi ensinando, sempre a buscar aquele enigma. Existem outros que não, que gostam mais de ensinar mesmo. Para mim a idéia de ensinar é a de reproduzir um conhecimento, pois o pesquisador tem um perfil diferente do assistente e do professor, (...) eu não vejo diferenças entre assistência e ensino, apesar que às vezes a gente vê ótimos médicos, mas péssimos professores. Isso já deu para perceber. Necessariamente não funciona a mesma técnica. No departamento, uma época, eu tinha um professor que pedia pelo amor de Deus para não colocá-lo com aluno. Não que ele não gostasse do aluno, mas ele era um ótimo professor de cirurgia e mesmo de clínica na especialidade dele com os residentes. Muito bom, para uma determinada população da universidade ele era perfeitamente adequado. Assim como eu tenho professores na área de graduação que são ótimos. Sabem ensinar, sabem cativar, sabem mostrar aquilo que tem interesse” Samuel.*

No relato de Oséias, por exemplo, fica claro que ele, sendo filho de professor universitário, teve *“boas condições de estudo, classe média e sempre com muito contato com a vida universitária, vida acadêmica. Eu sempre ia para a faculdade com o meu pai, me envolvia muito com o dia a dia da universidade desde pequeno”*. Consegue até lembrar-se com clareza do ambiente, e de uma data especial, quando *“(…) eu devia ter cerca de 10 ou 12 anos e meu pai fez*

livre-docência, eu já desde muito pequeno eu já entendia como que era, assistia defesa, então a gente viveu muito dentro da universidade (...)”.

Este primeiro momento de inserção “natural” em pesquisas, a iniciação precoce, parece ser uma espécie de denominador comum.

Quanto a este item, Daniel acredita que aqueles que não fazem pesquisa “*não tiveram a chance de ter uma formação de pesquisa precocemente como nós tivemos logo depois da residência. Isso é importante, se você deixa esta formação para muito tarde na vida, talvez seja tarde demais. Você precisa aprender o método científico mais cedo na vida para você usá-lo em várias coisas. Porque a pesquisa é uma atividade de risco e quando você é mais jovem você corre mais riscos; o sujeito mais responsável tem mais receios, ele nunca entra em projetos arrojados. Vamos supor, o sujeito que é jovem se fizer um negócio e não der resultados ele não fica com vergonha daquilo, pois é uma possibilidade a pesquisa não dar resultados, acontece muito e o jovem não tem medo disso. E aquilo lá serve de aprendizado. Mas o sujeito já clínico constituído, ele tem um pouco de vergonha e muita autocrítica, então se você deixa a autocrítica se formar demais dentro de você, você fica mais resistente em ter a formação de pesquisa, e arroja menos*”.

Literalmente, como aconteceu com Oséias, ele chegou a habitar a Universidade e isso não é uma metáfora, mas demonstra uma relação profunda entre a realidade e o mundo simbólico. Seu pai dava aulas “*aqui no interior e tem um campus com uma fazenda experimental, teve uma época que eu morei em Pirassununga então a gente praticamente morava dentro do campus mesmo, tinha uma vila para professores*”. Este fato parece ter sido decisivo na sua escolha profissional, esta possibilidade de ter estado tão entranhado no mundo acadêmico.

Por outro lado, economicamente, esses professores sempre tiveram uma certa dependência do círculo familiar, até pelo menos poderem sustentar-se por si mesmos. Como contrapartida, “*a ordem era estudar, o que o meu pai sempre quis dos dois filhos, é que a gente chegasse a um curso superior, não*

necessariamente que a gente seguisse carreira acadêmica, mas sempre houve muita, mas sempre houve um esforço grande da família por conseguir ter uma formação superior” Oséias.

O *habitus*, como resultado de um processo, é fruto de um ‘treinamento’ longo e sedimentar, com efeitos em médio prazo. Como aponta Daniel, *“eu te diria o seguinte: durante a infância e adolescência e mesmo durante o período de faculdade, minha visão da pesquisa era uma visão romântica, fui ter contato na realidade com pesquisa depois da residência. Mas eu tinha uma visão romântica e achava aquilo uma coisa interessante, não sabia que ia gostar tanto daquilo. Eu tinha uma intuição, você vê o seguinte, até parece brincadeira, mas como minha mãe é viva ela pode testemunhar isso, um dos brinquedos que eu pedi para ela quando eu tinha 9 anos foi um microscópio, e ela me deu no Natal; ganhei um microscópio e pegava água da rua e ficava analisando, achava aquilo interessantíssimo, estudando bactérias em biologia. Eu sempre gostei de estudar e achava interessante essa coisa de você descobrir coisas novas, coisas diferentes. Não deixa de ser uma idéia romântica, não tinha a menor idéia de como isso seria na prática”.*

Por fim, essa disposição manifesta-se de forma constante. Mesmo com possibilidades diferentes e às vezes mais rendosas, acontece a escolha de trajetórias desviantes por uma série de disposições prévias, mais ou menos conscientes. Como no caso de Oséias, que em relação à sua turma de origem *“a minha trajetória foi diferente. A maior parte da minha turma foi para o mercado e está no mercado até hoje, eles trabalham como clínicos, têm consultório” Oséias.*

Essa socialização primária tem uma permanência inusitada e chega mesmo a contrariar o desejo dos pais. Por exemplo, na trajetória de Daniel ele usou a estratégia de procrastinação sistemática quanto às expectativas de seu pai para realizar seus próprios desejos. *“As oportunidades foram se abrindo e eu fui seguindo; isso não foi sem resistência, por exemplo, meu pai morreu sem entender porque eu tinha essa opção, porque tenho primos que são médicos de muito sucesso e na época ganhavam muito dinheiro e ele falava ‘mas você faz*

uma opção errada você precisa ter um consultório’, eu tentava explicar isso para ele e ele não entendia. Ele ficava o tempo todo falando: ‘quando é que você vai montar o consultório?’ E eu fui levando ele com jeito, e dizia ‘não, agora eu vou fazer mestrado, doutorado...’ aí acabava o doutorado eu dizia que ia para o exterior fazer pós-doutorado. Eu fui embromando ele e ele morreu nesse meio tempo ... e não viu o consultório”.

De uma socialização primária muito ligada à família e a escolas em seus primeiros anos, inicia-se todo um processo de autonomização individual dentro das formas propostas pela sociedade. Nas sociedades capitalistas contemporâneas, o meio natural de inserir-se na cultura e nas regras sociais é a obtenção de uma profissão, mais que uma ocupação.

Isso significa que esses professores foram obrigados a realizar um longo período de formação escolar, passando por diversos crivos, a revezes, mais ou menos seletivos, ao longo de toda vida nas escolas, na lida com professores, regras, manuais disciplinas e métodos diversos. Ao final da graduação em medicina, a escolha da especialidade era um fato absoluto e a residência já uma escolha séria e cheia de conseqüências.

A escolha da carreira passa sempre por uma disposição pessoal confundida muitas vezes com vocação. Essa questão povoa o universo simbólico dos professores. A grande maioria afirma as virtudes do treinamento e da persistência no aprendizado da ciência e da pesquisa. No entanto, todos parecem valorizar um certo “talento natural” que, às vezes, surgem e são descobertos, se bem que por um processo não muito explicado. Essa contradição aparece nas falas dos entrevistados.

Parece estranho, mas a grande maioria dos pesquisados, salvo raras exceções, acredita que a pesquisa e a ciência podem ser apreendidas por qualquer estudante de boa vontade. Para Isaías, na ciência não existe talento, mas sim nas artes e áreas especialmente criativas: *“porque dizer aptidão é uma coisa que, a meu ver, não tem sentido; ela é uma coisa que se aprende, ninguém*

nasce com um dom de pesquisa. É um pouco diferente de manifestações artísticas, por exemplo, eu não consigo conceber como é que alguém pode compor uma música”.

Para ele, se um compositor resolvesse ser cientista ele teria dificuldades, mas acredita que ele conseguiria ao final; enquanto ele não conseguiria criar uma música, mesmo estudando. *“Existem algumas manifestações culturais que dependem do talento, nem tanto vocação, do talento mesmo. Eu ouvi uma entrevista do Paul Simon e ele dizia que quando ele começou, ele era jovem então e escrevia música e se o pessoal gostava ele vendia. O pai do Garfunkel que era amigo dele disse: ‘Como é que você faz um negócio desses, vender sua música?’. Ele estranhou na época porque disse ‘mas qual o problema eu faço outra’”.* Assim para alguns professores exemplificados por Isaías, não há o talento inato, como existiria para outras áreas do conhecimento como as artes; mas sim o treinamento, o esforço e a dedicação suficientes na ciência. *“Aptidão é diferente de dom, porque dom é o seguinte: eu me dou bem trabalhando com essa atividade; mas é assim que eu vejo o que é aptidão, se você me ensina eu faço, entendeu?”.*

Também, alguns professores comentam que acreditavam ser muito difícil aprender esse tipo de pesquisa, e que talvez tivessem mesmo o *“complexo de terceiro-mundista”*. Acontece que puderam viajar ao exterior, *“e lá, essa é outra vantagem de se ir para o exterior, você percebe que todo mundo é capaz. É só uma questão de treino, você tem que ter apoio de pessoas que te apóiam, porque tem pessoas que têm bloqueios e por conta disso acham que é impossível fazer pesquisa em laboratório. Não é, qualquer pessoa pode fazer” Ester.*

Mas, ao mesmo tempo, ao lado desta proposta da ciência como aprendizado e treino, aparece uma contradição não resolvida, como no caso de Ester que destaca ter percebido exceções memoráveis, pessoas que ela não sabia se na hora exata fariam bem o trabalho. *“A pessoa conversa com a gente, você percebe as motivações e aí ela começa a trabalhar; você percebe muito rápido se ela é boa ou não. Eu tenho uma pós-graduanda que é baiana e veio*

para cá por conta do marido dela que veio fazer residência (...) Essa menina foi a melhor que eu tive, (...) publicou vários trabalhos, escrevia bem em inglês, fazia as coisas rapidamente, motivou o pessoal do meu laboratório, pois ela ajudava todo mundo. Era uma pessoa diferente, (...) pensei que talvez fosse difícil ela fazer doutorado, mas ela fez rápido, muito mais rápido que o pessoal que estava aqui, (...) foi um trabalho inédito e foi para uma ótima revista, fez o doutorado dela tranqüilo. É um talento, essa menina vai ser docente, pode não ser agora porque não há vagas; mas um docente da Fiocruz já percebeu e a colocou como jovem pesquisadora lá no grupo e certamente ela vai ser porque você percebe na hora que ela é diferente”.

Nesse caso, fica difícil discernir o que difere uma pesquisadora como essa e se não estaríamos às voltas, no fundo, com o conceito de talento. Por exemplo, outros professores como Oséias constataam diferenças que corroboram a idéia de talento natural: *“Eu tenho muito contato com a graduação, a gente dá uma carga relativamente grande para eles; eu sinto que essa vocação para atividade acadêmica aparece em menos de 10% dos alunos. São poucos, tem uns casos que você conversa e vê que o cara gosta daquilo e tem um perfil de investigador. É o cara que gosta de pesquisa, sente atração por buscar coisa nova. O que falta à aula para fazer iniciação, aquele que todo professor janta... a gente tem que ver os dois lados da moeda, eu não acho terrível o aluno que falta à aula para fazer uma iniciação. Uma boa parte dos docentes acha isso terrível, eu não”.*

Como não acreditar em um chamamento quando vemos um aluno precocemente procurar algo que inclusive contraria as regras e normas da instituição de formação? Isto Débora tem dificuldades em explicar, pois ela constatou que *“percebo claramente nos alunos que alguns não têm talento, disposição e vontade para a pesquisa e que fazem aquilo rotineiramente. Outros demonstram interesse especial, dedicação e vontade para a atuação científica”.* No seu caso, em especial, *“sempre quis ser professora, achava que tinha jeito para isso. Depois percebi que gostava de laboratório e de pesquisa. Passei a acreditar firmemente que a pesquisa e a ciência são uma vocação de fato”.*

Esse problema poderia ser vazado nos termos de uma vocação, *“mas esse tema é meio difícil, muita coisa é um treino, mas uma coisa que eu acho, não é para qualquer um fazer medicina. Então penso que são necessárias algumas características: você sempre ter sido um bom aluno, interessar-se em estudar de uma maneira que questione, discuta; existem muitas coisas que estão aí por trás”* Ester.

Mas, mesmo assim, persiste a idéia de treino e de aprendizado, como a sombra de uma influência e de uma imagem forte que levou a própria Ester à medicina: *“Eu tinha esse meu tio que quando ele vinha era um acontecimento, a família inteira se reunia, e eu gostava, ele contava as histórias”*.

Quanto ao *recrutamento e seleção* para as pesquisas na pós-graduação, parece cada vez mais haver um ecletismo e uma multiprofissionalização desse ramo. Nessa área, é rara uma grande demanda dos médicos por trabalhar em estudos laboratoriais e de pesquisa. O recrutamento é realizado dentro uma vasta gama de profissões, sobretudo aquelas voltadas para a área biológica e *“aqui nós temos mais biólogos, terapeutas, nutricionistas procurando o curso de pós-graduação”* Ester.

A forma de seleção da própria pós-graduação e de graduação mudou significativamente, como Isaías nos conta nessa passagem: *“Em outros tempos, antes de haver esses cursos de pós-graduação formais, a inserção de um indivíduo no processo de pesquisa, num determinado laboratório, num grupo de pesquisa, era precedido de um estágio voluntário. E não raro, isso começava na graduação, a maioria dos pesquisadores da minha geração começou assim. Hoje não, você tem um exame de ingresso, você tem um segundo vestibular, para a pós-graduação”*.

Mas nesse caso, o processo é mais burocrático e artificial. Para os mais jovens nessa área de pesquisa, Débora sublinha que *“a seleção e inclusão de um pesquisador acontecem por exames formais e objetivos, nos quais se mostram os conhecimentos. Mas, em geral os alunos passam por estágios na área, e esse*

processo seleciona de fato os mais capazes para a pesquisa. Para essas novas gerações, não são necessários grandes critérios para selecionar alunos, pois eles vêm naturalmente para a pós-graduação, sem traumas ou percalços”.

Essa atratividade da pós-graduação está muito relacionada às exigências crescentes de titulação, conjugadas à maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho. *“Nos pós-graduandos que eu tenho tido, percebo que, na grande maioria, estão fazendo pós-graduação por conta do mercado de trabalho, porque não tem opção de emprego, porque são obrigados; então enquanto não conseguem outra coisa a bolsa quebra um galho. Não é raro ter médico fazendo pós-graduação por conta do mercado de trabalho que ainda exige, mas eles têm que dar muitos plantões e as bolsas limitam essa participação fora, os órgãos de financiamento não querem que o aluno tenha esses vínculos, então não dá, é inviável, totalmente inviável” Ester.*

Pode-se perceber que, em geral, os médicos procuram menos essa área mais experimental. Realizar experimentos com animais ou somente no laboratório não parece atrativo para a maioria dos alunos de graduação ou pós. A procura de orientação por parte dos médicos *“é menor do que a demanda de biólogos, por exemplo. Eu tenho muito mais procura por alunos biólogos do que por médicos, para você ter uma idéia hoje eu tenho nove orientandos, dois são médicos e sete não. Eu acho que é porque a procura é menor mesmo. Se você pegar qualquer pessoa ali dentro daquele corredor, acho que todo mundo ali orienta mais biólogos do que médicos” Oséias.*

Em geral, o recrutamento, como não poderia deixar de ser, acontece através de uma colaboração oficiosa durante algum período. O lugar privilegiado das práticas é o laboratório, pois então a seleção ocorre através de um estágio de alguns meses ou até um ano, em que as habilidades necessárias a esse tipo de trabalho são avaliadas. Esse período probatório, de convivência, é crucial na carreira do futuro pesquisador: é por meio dele que se revela o perfil adequado à carreira, talvez contrário a um interesse somente momentâneo como o de outros colegas, com a intenção de obter uma titulação.

A geração que acabou tornando-se de pesquisadores pode ser situada como a segunda geração dentro da faculdade, pois quando novos alunos entraram na instituição estiveram em contato e foram recrutados pelos “pioneiros” das áreas na Unicamp. Esses pioneiros recrutavam através de estágios nos seus departamentos. Essa forma de recrutamento foi uma forma de ponte entre o modelo de recrutamento antigo ou inicial, realizado através de nomeação ou convite direto, e o atual modelo, após o Projeto Qualidade, no qual se recruta através de concursos públicos e provas gerais, nos quais se dá um grande peso ao currículo do candidato, à sua titulação e à sua formação. Nesses estágios, os alunos tornavam-se parte das áreas, atuando de fato como pesquisadores, senão de direito. Depois de totalmente profissionalizados, realizavam-se concursos de “adequação” ao posto pretendido. A entrada ocorria pela relação direta com os orientadores e por um estágio “probatório”.

Usualmente, os entrevistados desta vanguarda experimental não estiveram muito preocupados em entender ou definir as questões usualmente tão debatidas sobre *ciência e método científico*: o estatuto da ciência, suas características, sua universalidade, suas origens e coisas dessa ordem. Pode-se mesmo afirmar que essa é uma questão que eles não se colocam com freqüência, para não dizer raramente.

Os entrevistados, quando se depararam com minhas questões, como Oséias, reagiram de modo reflexivo, afirmando, por exemplo, que esta é *“uma questão interessante, ciência... para levar para casa e ficar pensando”*.

Em geral, a grande maioria dos entrevistados concorda em maior ou menor grau com a definição ‘normal’ e mais comum de Oséias, que a definiu como *“conjuntos de ações que servem para gerar conhecimentos”*. Ou seja, ciência é um meio de obtermos dados que corroboram e comprovem novos conhecimentos sobre o mundo. Se há algo capaz de diferenciar a ciência de outros meios de obter esse conhecimento *“é o método que diz isso. É a maneira de você abordar, é a maneira de você analisar criticamente, fazer os controles adequados e de ser julgado pelos pares”* Jeremias.

Portanto, uma busca de conhecimento mediada pelo método utilizado que, por sua vez, é aceito como adequado pelos próprios cientistas.

Os métodos e as técnicas são muitas vezes transmitidos de maneira direta, através do contato face a face. Mesmo se explicada em pormenores, uma técnica guarda pequenos detalhes, meios de uso, práticas que fazem toda a diferença. Elas só podem ser completamente elucidadas na observação direta: *“Se o método é complicado você tem que mandar alguém lá para aprender, você manda um aluno e ele fica lá uns meses, ou um período necessário para aprender a técnica, tem que ver um cara fazer. Tem técnica que você não consegue, tem que ver fazer, fazer pelo menos algumas vezes, fazer uma vez na frente do pesquisador para ele ver se o cientista fez direito. E eu acho que é a própria dificuldade metodológica, às vezes, o pesquisador não quer esconder o método, mas é que ele não consegue simplesmente passar toda a informação por escrito. Só mesmo vendo, pois é igual a uma cirurgia, não adianta escrever como se faz, você tem que ver o profissional fazer umas três quatro vezes, gravar aquilo dentro da sua memória, aí você consegue fazer” Oséias.*

Esse aprendizado artesanal é enfatizado por Oséias, que constata que *“todos os ganhadores de prêmios Nobel, com raras exceções, quase todos eles saíram de laboratórios de outros prêmio Nobel. Isso é um negócio igual a que a gente falou, é de pai para filho. O cara tem que ter contato com um cara brilhante para que ele possa desenvolver raciocínio diferente”.*

A idéia central nessa definição de ciência captada nestes discursos é a de método, que deve ser científico. Através dos erros, da repetição das experiências, aprende-se o essencial, *“o método científico você o aprende como um padrão, fazendo a pesquisa. Alguém te ensina os passos, e você vai ver que dosar não é um negócio perfeito, tem erro, e você vai ter que aprender a dosar para poder valorizar o resultado e interpretá-lo” Daniel.*

Daniel cita um exemplo: no dia a dia, quando um jardineiro resolve o problema de uma terra improdutiva, *“o que ele fez ali é o conhecimento do senso comum, não deixa de ser conhecimento, mas o conhecimento passa a ser científico quando ele pode ser reproduzido, é isso que dá a universalidade”*.

Alguns separam a ciência da prática corriqueira e não reflexiva, do senso comum, mas também separam por outro lado, da filosofia. *“A ciência é a busca de um conhecimento novo com finalidade. E é nisso que nós nos distinguimos da filosofia. A filosofia também busca conhecimento, busca entendimento, o que é o conhecimento? é o entendimento de fatos do mundo, a ciência não é desvinculada dos fatos do mundo, e os simples pensamentos são fatos do mundo, do homem dentro ou fora dele. Se você agrega uma finalidade a isso então eu estou fazendo ciência, enquanto eu não agrego estou fazendo filosofia. Ciência é um esforço de busca de conhecimento com determinada finalidade. O meu objetivo é que aquilo concretamente tenha capacidade de interferir com os fatos do mundo”* Isaías.

Em suma, pode-se resumir a maioria das respostas, afirmando que a ciência é uma maneira de gerar conhecimento novo, aplicando um método coerente e sistemático a problemas existentes, de modo empírico. Os resultados devem poder ser reproduzidos em idênticas situações e de forma racional por qualquer outro pesquisador, ou seja, pelos pares.

Para Isaías, a ciência ultrapassa os limites regionais. *“A pesquisa científica é universal, mas ela deve e pode atender necessidades emergenciais de comunidades restritas, eventualmente, principalmente quando existem recursos públicos envolvidos; mas isso não quer dizer que seja uma ciência nacional como muitos pesquisadores falam; é a mesma ciência só que aplicada a interesses cruciais e nacionais. Eventualmente essa pesquisa pode não gerar publicação, e qual o valor que a comunidade vai dar a isso? Eu entendo que o valor é muito grande. Então é uma falácia para mim essa questão de ciência nacional, ciência internacional, atender interesses de países desenvolvidos; a ciência é uma só, tudo depende do objeto da pesquisa em que você vai colocar seu esforço de*

conhecimento científico; eu entendo que no limite ele deve ser colocado até em serviço direto à comunidade sem qualquer preocupação com a publicação” Isaías.

A ciência é universal, mas os objetos são locais. Outra pesquisadora acredita que existem sim objetos locais e nacionais. Por exemplo, por mais importante que sejam, *“alguns temas e objetos locais como a doença da cana, de interesse para Cuba e Brasil, jamais despertarão o olhar cúvido internacional, se restringirão à localidade” Débora.*

O trabalho na vanguarda experimental, por excelência, é coletivo e disso resulta que as *publicações* também o são. O orientador, o líder de uma pesquisa é aquele que faz o planejamento, faz todo o trabalho prospectivo e delinea o modelo da análise. Por esse motivo, mesmo que a parte de execução e desenvolvimento do tema seja obra do aluno ou orientando, *“todos os nossos alunos só publicam com a gente. Eu acho que isso é diferente da área de vocês [ciências humanas], na nossa área não tem jeito tem de ser assim. Quando você trabalha numa área que é interface entre biologia e ciência sociológica o que vocês fazem é um trabalho literário às vezes, que tem que ser assinado por um autor só. Eu entendo, na nossa área não é assim, nenhum aluno publica sozinho” Oséias.*

Mais ainda, esse trabalho é coletivo e hierarquizado, parcelado em tarefas mais ou menos específicas. Há uma hierarquia a seguir, uma lógica de trabalhos distinta: *“só participa da autoria quem realmente teve participação no trabalho quem não teve não participa; primeiro autor é o que sempre faz diretamente, em geral, o aluno de pós-graduação, o biólogo ou o pós-doutorando e o último autor é o autor-orientador, o sênior que desenhou o trabalho ou que analisou os dados, revisou a parte final; os intermediários são colocados de acordo com a participação” Jeremias.*

Em geral, o objeto de trabalho é parcelado numa espécie de divisão científica do trabalho, cada qual com seu ramo de análise. Isso é possível nesse grupo específico também porque o objeto de pesquisa é novo e existem muitas zonas inexploradas, dentro de uma área muito vasta e em expansão.

Assim, o papel do orientador é específico no caso das ciências mais experimentais e laboratoriais. Daniel esclarece que em geral discute “*com os orientandos qual a seqüência de experimentos que eles devem fazer, naturalmente essas pessoas vão se tornar os autores dessas pesquisas; e eu sou o último autor, nos últimos dez anos eu me tornei um **orientador de pesquisas**. Eu não vou fazer a pesquisa; a gente pesquisa em animais, não vou pessoalmente colher o sangue do rato, eu tenho feito muito pouco isso, pois oriento o que deve ser feito*”.

O papel de **orientador de pesquisas** não é o de ensino direto ao aluno: “*não se ensina diretamente, ele não repete o que você faz, você o faz implantar e desenvolver o trabalho, você só auxilia, orienta para que as coisas sejam adequadas, estejam de acordo com o método científico; É claro que o laboratório baseia-se em muitas coisas implantadas, o que quer dizer que muitas vezes não sou eu, mas o biólogo ou pós-doutorando que ensina os alunos*”. (...) *O pesquisador é aquele que coordena tudo, é o que organiza as coisas*” Jeremias.

Dessa forma, o produto a ser publicado é o resultado da pesquisa coletiva. “*Talvez artigo de revisão eu possa publicar sozinho, uma revisão do que você está fazendo e publica, mas em geral eu trabalho com alunos de pós-graduação e de iniciação. Eu vendo para eles a idéia do que eu quero pesquisar, espero que cada um se aprofunde naquela área, tudo dentro de uma mesma linha de pesquisa, dou autonomia, e espero que eles andem sozinho*” Daniel.

Regra geral, o orientando obtém uma autonomia relativa e nesse regime de liberdade vigiada gera resultados pessoais e de certa forma coletivos. Há inclusive orientadores na área a defender que “*hoje em dia acabou aquela idéia de que todo mundo faz tudo no trabalho, hoje felizmente acabou, todo mundo entende que se existe colaboração é porque eu agreguei, eu tenho uma atuação limitada como colaborador, o único que tem, digamos assim o alcance completo, veja bem estou falando isso como orientador inclusive, gostaria até de saber o que o seu orientador vai achar disso, mas o único que tem a compreensão integral é o aluno, nem é o orientador*” Isaías.

Pode-se constatar nas falas dos professores uma forte tendência desse tipo de projeto em extrapolar a abrangência da instituição e atingir uma dimensão maior. *“Hoje em dia acabou aquela história de pesquisador isolado, o trabalho multidisciplinar em medicina é a regra, excepcional você ter um ou dois [autores]. Ainda, autores não são somente da mesma instituição, mas multicêntricos e via de regra, ou não raro, melhor dizer, com profissionais de área diferentes. Não exclusivamente médicos, propriamente dito. E é uma grande satisfação, por sorte, eu trabalho com [área do entrevistado] que é multidisciplinar por excelência na especialidade médica” Isaías.*

Essa hierarquização e divisão do trabalho científico afetam diretamente a maneira como os cientistas relacionam-se, as *relações entre cientistas, seus grupos e suas redes.*

De certa forma, vários grupos espalhados pelo Brasil são fruto do trabalho de orientação e ensino desses pioneiros como Jeremias e de outros professores. Pode-se afirmar que eles contribuíram diretamente para formar uma rede de profissionais capacitada e habilitada em reproduzir o conhecimento adquirido e criar novos. *“Primeiro eu trabalho bastante com um grupo de pesquisa do Brasil, de vários lugares: alguns porque eles foram nucleados a partir de estudantes que fizeram mestrado e doutorado comigo, na Bahia, em São Paulo, em vários lugares. Outros não, trabalham no mesmo campo complementar, eu faço uma metodologia e estudo um aspecto, eles estudam outros e assim nós colaboramos” Jeremias.*

Quanto às relações dos grupos com os locais de pesquisa no exterior, existem três formas de constituição dessas redes: através de antigos contatos da época de formação dos pesquisadores, através de novos contatos resultados de interesses comuns ou pelos contatos realizados por alunos de pós-graduação (geralmente pelos bolsistas-sanduíche).

Jeremias discorreu sobre essas modalidades:

No exterior, hoje em dia é muito improvável que você consiga estudar todos os aspectos de uma doença ou de um problema sozinho; é tantas variáveis e tão complexa a metodologia que você precisa de colaborador. Então, eu estou estudando um problema que precisa de alguma metodologia que um pesquisador do exterior tem, aí eu entro em contato com ele. É claro que é mais fácil quando você conhece por já ter trabalhado junto. Essas três coisas acontecem, quando eu fiquei no exterior eu conheci várias pessoas que eu tenho interação, outras não, sei que ela trabalha nessa área eu tenho esse problema eu tenho e falo: 'eu tenho isso, vamos fazer juntos?', e nós vamos fazer junto, isso acontece. Muitos dos meus estudantes de pós-graduação fazem bolsa-sanduíche quer dizer, ficam lá um tempo.

Dessa forma as relações podem tornar-se institucionais, mas alguns pesquisadores preferem o contato direto: *“mas eu particularmente nunca fiz isso, sempre o contato direto entre dois pesquisadores” Jeremias.*

Os contatos em geral, entre grupos, não são formalizados e para quem não é da área fica mais ou menos complicado saber quais as estruturas em funcionamento. *“O grupo que eu trabalho é todo aqui da Unicamp, só com as pessoas que a gente colabora no exterior uso e-mail ou telefone. Atualmente tem uma aluna minha que está no pós-doutorado na Filadélfia, ela manda e-mail e de vez em quando eu telefono para o orientador, o responsável pelo laboratório lá” Jeremias.*

Outra forma é o contato via internet, ferramenta a mais nesse processo. Quando o pesquisador tem interesse em algum estudo conjunto, a internet pode facilitar a constituição de um relacionamento de trabalho formal. *“Começamos a discutir dessa forma, o e-mail hoje agilizou muito. Por exemplo, eu tenho um projeto com o pessoal [de outra universidade], e o rapaz fez doutorado aqui e voltou para sua terra de origem. Graças à internet nós já temos projeto aprovado e*

ele vai ser inserido no programa de pós-doutorado aqui, com um trabalho extremamente gratificante e profícuo conjunto. Então é possível trabalharmos hoje a distâncias geográficas grandes” Isaías.

Esse contato extra-oficial, uma relativa informalidade, é o ponto central das redes institucionais. Mesmo se não chegam ao ponto de formar uma *comunidade invisível*, os professores mantêm um conjunto de relações contínuas entre grupos nucleares; ou seja, um conjunto de pessoas que estabelecem vínculos seguros e sistemáticos.

Esses vínculos informais e depois institucionais podem transformar-se em relações de amizade e Oséias comenta uma experiência deste tipo: *“a gente tem alguns grupos nos quais colabora com muita freqüência, um grupo em Harvard, que não é institucional é extra-oficial, mas é um contato que se tornou de amizade, você vira amigo do cara, fica uma relação mais fraterna mesmo. Nós temos [também] colaboradores em Milão, Texas, um ou dois grupos assim, que às vezes aparece juntos”.*

Pertencer a um grupo significa reconhecer os grupos concorrentes e sofrer as conseqüências de inovar em uma área diferenciada. Ester comenta a competição entre os grupos: *(...) os grupos que trabalham com as mesmas coisas acabam tendo certa competição; porque você sabe, na hora desses pares avaliarem, pelo tom você sabe até quem é; é um processo sigiloso e tudo mais, mas é complicado. Eu procuro nunca misturar, se eu até posso imaginar quem é que está trabalhando com aquilo não misturo, se a idéia é boa que a pessoa faça com todos os méritos e eu não tenho problema nenhum; mas às vezes eu sinto que fazem umas perguntas só para atrasar um pouco, para dar mais trabalho, mas é assim, essa política também é complicada, têm pessoas que ficam um pouco com ciúmes de quem está fazendo o mesmo trabalho, na mesma área. É claro se você acha que você foi prejudicado você pode recorrer, isso é uma coisa que a gente faz e que, às vezes, a gente ganha. Se alguém acha que estamos pedindo demais e se você provar que você precisa mesmo daquilo, que é importante você*

acaba ganhando, dá mais trabalho, às vezes demora mais seis meses ou um ano, vai e volta, mas é assim que funciona” Ester.

Assim, nessas práticas mais cotidianas, é fundamental ter um certo tato e sentido de como se passam as coisas nas instâncias de avaliação e julgamento. O fato de ser julgado pelos pares, que são em muitos casos concorrentes, complica seriamente as coisas. Uma tática utilizada é a de primeiro obter alguns resultados preliminares antes de publicar novos métodos ou possibilidades. *“Geralmente quando você está fazendo algo de original você primeiro acaba o trabalho e depois você vai e pede a verba... é uma coisa contínua você tem dinheiro de um outro projeto e aí você pesquisa e já publica para garantir. Realmente você tem que tomar um pouco de cuidado porque há pessoas que pegam as suas idéias e podem fazer mais rápido em seus laboratórios e publicar; realmente existe isso” Ester.*

Sintomaticamente, a ida e participação em *Congressos* parecem decrescer com o decorrer do tempo. Se inicialmente os pesquisadores parecem participar e gostar mais desse tipo de evento, quando se tornam mais reconhecidos participam cada vez menos. *“Eu vou, até mais, mas eu acabei cansando de congressos; então agora são meus alunos que vão mais. Por exemplo, eu procuro ir aos congressos que são principais para o meu trabalho, a esses procuro ir, levo trabalhos. Se os alunos conseguem auxílio, mesmo sendo no exterior, se eles conseguem ir, eu acho bom. Acaba cansando um pouco, os congressos são muito grandes, e com a Internet tudo fica disponível tão facilmente que mesmo não indo você pode pegar os ‘cds’ do congresso e saber de tudo” Ester.*

Nessa vanguarda em particular, publica-se em inglês, língua que é assumida como a universal da ciência. Na opinião de Jeremias *“se você tiver alguma coisa relevante tem que publicar numa língua que todo mundo entenda, para isso você tem que publicar em inglês e num local em que todo mundo tenha acesso; e aí são as publicações de circulação internacional, não precisa ser necessariamente do exterior, existem revistas brasileiras que são indexadas em*

lugares em que todos os pesquisadores acessam; eu não acho que isso seja válido só para a minha área eu acho que isso é válido para todas as áreas da medicina e para todas as áreas da ciência". Para ele, esse tipo de publicação independeria do tema, qualquer assunto, desde que seja relevante e atraia o interesse internacional, poderá ser publicado. "Se você estudar língua de índios na Amazônia e se isso for significativo você publica em inglês em qualquer boa revista... se você estudar problema de população numa favela e se for de boa qualidade e se tiver um dado significativo, publica em inglês em qualquer revista da área. É isso que nós fazemos, se tem um resultado que vale a pena ser divulgado você vai publicar em português, ninguém vai ler; ou vai ler mas não vai entender, então você tem que publicar em inglês".

Esses parâmetros existem porque para ele não há dúvida que "a ciência é competitiva. Não tem nada que não seja competitivo hoje. Para você fazer qualquer coisa você precisa aplicar, competir por recursos na FAPESP, CNPq, quer dizer é tudo competição, se o seu projeto não for bom e se você não tiver produção, não se consegue nada e não se faz nada lá fora no circuito [internacional]".

No entanto essa postura não é universal nem a única. Há pessoas nesse grupo que defendem "que a escolha do veículo depende muito da repercussão que você pretende dar. Então, um trabalho, se ele tem um interesse internacional em genética antropológica, então escolheria uma revista nesse sentido. Mas se eu entendo que do ponto de vista da saúde pública ele é mais importante, então escolho uma revista de saúde pública brasileira, Cadernos de Saúde Pública, o pessoal lá da preventiva conhece muito bem, ela é indexada e nós publicamos muito, nessa nossa linha de pesquisa nos Cadernos de Saúde Pública, por quê? Porque eu vou abrir mão de uma repercussão internacional, porque nos Cadernos de Saúde Pública apesar de ser indexado e ter circulação internacional, a repercussão é menor porque volta na minha origem? Eu estou trabalhando para a minha sociedade, então eu utilizo o conhecimento que é

universal e que tem até interesse universal, mas ele tem muito mais interesse local nesse momento” Isaías.

De toda forma, a maioria afirma não ter nenhum problema quanto às publicações, tanto no Brasil quanto no exterior. A metodologia é pretensamente universal e assegura boa acolhida em qualquer revista, desde que tenha sido bem aplicada. Vale aí mais os meios que os fins, se as regras metodológicas são observadas, o resultado está a princípio isento de erros. *“Eu diria que tranqüilamente e sistematicamente é [a de Daniel] uma boa produção. Tem docentes aqui no departamento, e sem nenhuma arrogância me incluo entre eles, que mantém uma produção científica semelhante às boas universidades americanas e européias, tranqüilamente. Produção, atividade de ensino e de pesquisa de primeiro mundo, com as dificuldades de terceiro mundo” Daniel.*

Às vezes existe a dificuldade em obter aprovação e publicar, sobretudo em relação ao conteúdo e à aceitação imediata. Mas vários professores afirmaram que esse é o trâmite normal. *“Há revistas que não aceitam de jeito nenhum, não gosta e tem-se que submeter outra vez, eu não me queixo delas. Eu sou absolutamente contra falar que tem algum tipo de preconceito porque a gente não está no primeiro mundo. Eu encaro numa boa se o cara acha que o meu trabalho não está bem, eu encaro numa boa, procuro outra revista. Eu a princípio não acho que um editor de uma boa revista seja uma pessoa mal intencionada, acredito que ele é um bom cientista, pois conseguiu chegar naquela posição, porque é um cientista produtivo, entende do assunto, não acho que tenha algum interesse escuso” Oséias.*

A questão da publicação para Ester está ligada à persistência: *“você não pode desistir porque uma hora ele pergunta uma coisa, outra hora outra; você tem que ir refazendo, o artigo vai e volta, pois é difícil você conseguir uma revista que publique logo na primeira apresentação, (...) eu publico mais fora, em revistas indexadas”.*

O *prestígio* é um conceito um pouco indireto, depende obviamente do que definimos como valorização do trabalho dos pesquisadores. No entanto, esse conceito pode traduzir-se em um poder, uma possibilidade, em meios e no reconhecimento do trabalho realizado. Assim, apesar de fragmentada e difícil, há uma mensuração desse capital simbólico e sua tradução em termos práticos.

Para alguns desse grupo, percebe-se de uma maneira mais ou menos clara que o seu tipo de trabalho e pesquisa não é hegemônico nem valorizado em si mesmo dentro da comunidade médica mais ampla. O médico que tem pendão para pesquisa não corresponde exatamente ao perfil do profissional clássico, pois o *“prestígio no campo depende do que você espera, no Brasil ainda não existe o reconhecimento de médico em todas as áreas. As sociedades científicas reconhecem as pessoas que interessa para elas reconhecer, não me preocupa isso, eu diria que você tendo o reconhecimento dos seus alunos, dos seus pacientes e dos seus pares científicos...” Daniel.*

Para Oséias, mesmo reconhecendo essa reação negativa por parte de alguns quanto ao seu trabalho, ele relativizou sua situação pessoal: *“Eu vejo assim, como sou aluno da casa, então você recebe tratamento diferenciado, eu sei que os docentes mais antigos que são bem clínicos e têm uma certa crítica sobre quem usa uma boa parte do tempo para fazer pesquisa. A pesquisa que eu faço é uma pesquisa de interface, ela é um pouco básica e um pouco clínica, então outras pessoas têm críticas, mas eu nunca recebi essa crítica diretamente”.*

Outros complementam que, de modo geral, entre os pares os cientistas no mundo todo, existem alguns indícios de prestígio: *“Os indicadores são ser convidado para dar palestra em congressos, dar palestra, ser convidado para rever artigos em revistas e eu considero que sou reconhecido, todas as principais revistas [da sua área] hematologia mandam trabalhos para que eu revise na minha área. Mesmo no exterior, nas principais universidades americanas, eu já fui lá e dei palestras do meu trabalho. No Brasil em todos os congressos eu sou convidado, há muitos anos” Jeremias.*

Somando-se a esses índices, um grande sinal de um bom trabalho e de legitimidade, são as publicações, pois *“existem revistas no mundo que aceitam trabalhos, ou criticam, mas você vê que existe um intercâmbio científico, e quando você tem um trabalho aceito em uma revista internacional, é muito prazeroso. Você sabe que o que você está fazendo de pesquisa está sendo aceito internacionalmente. Então você tem esse padrão internacional, internacionalmente existem preconceitos, mas não são muito grandes; hoje nós conseguimos vencer vários e conseguimos publicar trabalhos em revistas de sociedades científicas americanas ou européias” Daniel.*

Nessa linha de raciocínio, a publicação em algumas revistas é em si mesma uma premiação, um alto grau de reconhecimento e são objetivo e o objeto de desejo dos professores. *“Os meus artigos são citados com frequência. Eu tenho um sonho de todo pesquisador e que é muito realizador, o de publicar um grande artigo em uma revista realmente ‘top’, isso é uma coisa difícil [Nature, Science]. Poucas pessoas conseguem, mas é possível, uma parte eu já fiz. Essas revistas são o topo do topo. São revistas que publicam três quatro artigos por número, artigos muito seletos, de impacto altíssimo, é quase um prêmio” Oséias.*

De fato, a citação dos trabalhos pelos colegas é a moeda mais forte e o índice mais significativo para a maioria do grupo, mesmo em relação aos prêmios. *“Olha, os prêmios nem tanto, porque são poucos. O que mais chama a atenção é a citação dos seus trabalhos. É o reconhecimento da comunidade porque você atinge a sociedade como um todo através da comunidade científica, o fato de que há repercussão. Então o que nos demonstra que o trabalho tem sido profícuo é o fato de haver citações. (...) Como a publicação do colega do estrangeiro, que fez perguntas a partir do nosso trabalho aqui desse ano. Eu continuo batendo na tecla que a pesquisa e a formação do pesquisador são artesanais e o reconhecimento se faz através de questões de natureza conceitual. Veja bem um trabalho desses foi capaz de interferir num outro grupo de pesquisa que direcionou todo um projeto em função de achar o nosso [importante]” Isaías.*

Uma outra forma clara de perceber o grau de reconhecimento diz respeito aos financiamentos de pesquisa, pois uma aprovação pressupõe um currículo pessoal adequado como pesquisador, o que significa um padrão de qualidade nada comum. Isso engloba *“financiamentos, os meus alunos que têm bolsa FAPESP, CNPq e eles [os avaliadores] comentam. Você é avaliado por seus pares, eles vão julgar as suas publicações, o que você faz” Ester.*

Via de regra, esse grupo está de tal forma situado no campo acadêmico que não percebe grandes dificuldades em exercer seu ofício, consegue financiamentos, publica em revistas de impacto nacional e internacional, conseguem recrutar bons alunos na pós-graduação e é reconhecido tanto nacionalmente como no escopo internacional.

Essa posição é o resultado do investimento do grupo na racionalidade da ciência e na sua capacidade, enquanto tributária em grande parte da razão instrumental, de universalizar seus resultados e transpor seus métodos a todo o planeta. Essa legitimidade racional-legal permite atuar de acordo com a lógica predominante e hegemônica da ciência, se bem que em vários momentos ela tenha contrariado a lógica de formação de profissionais médicos voltados para a assistência e o atendimento das pessoas. Mas, como a Faculdade de Ciências Médicas mudou seu perfil à partir da influência da Universidade, que passou a exigir um profissional que também fizesse pesquisas, sobretudo dentro do modelo do Projeto Qualidade, ápice dessa política nova de formação dos professores, o grupo da vanguarda experimental colheu os resultados de uma afinidade de seus *habitus* de pesquisadores e os novos ventos que passaram a soprar a seu favor, consagrando-se como aqueles que realizam trabalhos extremamente valorizados.

A par desse grupo, um outro núcleo de conhecimentos desenvolveu-se de acordo com uma lógica mais voltada ao poder criar do “carisma”, no sentido weberiano, e constituiu-se em uma vanguarda dentro de um outro espaço social, um outro “espaço gestáltico”, grupo assim portador de uma legitimidade diferente.

A vanguarda da Saúde Coletiva

E, no fim, eu acho que estou na contramão da história. [Mas essa não é uma característica da própria área?] É, mas vai ser anti-hegemônico assim lá no diabo, tem uma hora que cansa, não é? Ageu.

O espaço gestáltico da vanguarda da Saúde Coletiva é multiprofissional por excelência, formada por médicos, sociólogos, antropólogos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e outros. Em geral, os profissionais da área mostraram uma preocupação maior em compreender a sua prática de forma reflexiva, o que poderá ser constatado nos discursos dos profissionais, que discorreram longamente sobre suas origens institucionais. Assim, o leitor poderá constatar, a seguir, uma auto-explicação maior das trajetórias do grupo e uma menor intervenção minha na narração desse conjunto de discursos. Essa característica poderá sugerir a alguns uma idéia de maior fragmentação, de maiores disputas internas ou de uma dissensão generalizada, mas acredito que o que transparece no final desses relatos é um esforço enorme de contínua reflexão sobre a própria *práxis*, sobre as idéias e o próprio papel enquanto intelectuais “orgânicos” e “específicos”.

Estes professores pertenciam à classe média, o que significa uma definição um pouco difusa e um pouco indistinta, mas em geral auto-referida. Eles possuem algumas características que apontam para esse estrato social, como o fato de alguns serem filhos de imigrantes, que buscavam e conseguiram uma ascensão social. Como Rebeca, descendente de italianos: *“Meu pai era um italiano, ele veio da Itália no começo do século XX para trabalhar com um tio dele que tinha vindo antes. Meu pai, eu posso dizer que ele teve uma carreira ascendente até os anos 50, depois ele teve uma queda. Eu tenho uma família numerosa, então meus irmãos mais velhos conheceram um período melhor do ponto de vista econômico, mas os mais novos conheceram um período mais complicado”*.

De forma semelhante, o pai de Rute era um pequeno profissional liberal e tinha um comércio familiar. *“Meu pai é fotógrafo e comerciante e minha mãe sempre trabalhou em casa [interrupção]. Ela teve aquele perfil de dona de casa e sempre ajudou meu pai, sempre trabalhou com ele”*.

A grande maioria desse grupo estudou em escolas públicas e alguns como Rute tem grande orgulho desse período. *“Sempre fiz escola pública nunca estudei em escolas privadas. O meu grupo escolar, veja só, o MEC fez uma avaliação das escolas públicas brasileiras elementares e o de Ipanema foi o terceiro colocado no Brasil inteiro, eu sou dessa escola pública... Na verdade eu não entrei direto [na faculdade], fiz um ano de cursinho, entrei em odontologia, depois abandonei e fui para medicina”*.

A necessidade de cursinhos acontecia bastante, segundo os discursos. Às vezes era necessário um pouco mais de estudos para entrar nas faculdades mais concorridas: mas talvez fosse a exigência de um certo treino naquele tipo de exame, mais específico, mais especializado.

Ageu veio de uma família de classe média baixa, cujo provedor era funcionário público. No Brasil, temos uma tradição nesse sentido, o funcionalismo público abriga o grupo dos que chamamos de “remediados”, os que podem aproveitar-se de alguma brecha do sistema para melhorar de vida. Foi o caso de seu pai, que depois de cumprir sua carreira como funcionário buscou outros caminhos. *“Meu pai se aposentou como funcionário administrativo do Ministério do Trabalho, depois de aposentado cursou Direito e se tornou advogado; hoje ele é inativo como advogado, está com 86 anos, vivendo da aposentadoria do funcionalismo. Minha mãe foi doméstica nunca teve curso nem de nível de colegial, minha mãe tinha formação primária, elementar, e ela faleceu como doméstica, em 1995”*.

A mesma coisa aconteceu com Miquéias. Através do funcionalismo, seu pai melhorou um pouco o nível de renda da família, mas mesmo assim a família desdobrou-se para conseguir estudar. *“Na cidade em que eu morava não tinha*

curso de medicina. Eu tinha muitos amigos e alguns mais idosos, primos, que faziam medicina. Como o meu pai morava pelo interior, eu fiz o ginásio e o colegial morando fora, com 12 anos fui morar fora de casa. Dentre meus parentes tinha alguns que faziam medicina, que estavam entrando, se preparando para o vestibular”.

Acontece também, às vezes, da estrutura social mudar os rumos da vida, quando muda a organização da própria sociedade. Se aparecem brechas nos diques de retenção das camadas mais pobres, promovidas por algum projeto utópico ou alterações contingenciais, as estratégias de um *habitus* podem encontrar-se com êxito com as mudanças no espaço social: este momento arranca pelos cabelos os agentes sociais dos lugares a que tinham sido destinados e os lançam em outros. Como aconteceu com Ageu: *“toda a minha vida eu estudei em escola pública e gratuita. A escola no Rio de Janeiro era razoável, onde eu estudei o primário até quarta série, eu considero que se tivesse ficado no Rio de Janeiro nunca teria atingido um ensino superior. Uma escola pública, gratuita, que era para toda a população de Brasília. As escolas elementares em Brasília no período de 1960, quando eu cheguei, até a década de 70, os 15 primeiros anos da cidade, o ensino era de altíssimo nível, eles tinham o primário e o elementar em horário integral, com o projeto do Darci Ribeiro, que mais tarde o Leonel Brizola refez com a proposta dos CIEPS, e esse modelo existiu em Brasília de 60 a 75. [Sem essa passagem] minha vida teria tido um destino completamente diferente; no Rio de Janeiro eu estaria relegado a um ensino marginal e à vida de menino de subúrbio”.*

Esse quadro de classe média parece uma grande constante dentro da Medicina Preventiva. Mas uma classe média onde o valor da educação como veículo de ascensão social está presente. *“Minha mãe era professora de escola secundária. Meu pai se formou quando eu tinha 12 anos então na verdade eu fui filho de estudante. Trabalhei os seis anos, no começo dava aula em cursinho de história, mas já no colegial não trabalhei, fui me preparar para o vestibular, sempre na escola pública, mas que era universitária, sabe colégio universitário? Era*

colégio, como é que eles chamavam isso? Era escola de aplicação [modelo do Darci Ribeiro], era muito bom o diretor, o laboratório. Hoje em dia não existe mais” Miquéias.

Em algumas raras vezes, este trajeto seguiu uma tradição familiar, de transmissão de um *métier*, de uma profissão. *“Meu pai era médico, minha mãe era dona de casa. Venho de uma tradição de médicos, somos da classe média. Meus pais custearam, até o quinto ano da faculdade o meu pai pagou tudo. Depois eu próprio paguei” Joel.*

E onde ficava a *vocação*? Isso era considerado, existia essa idéia ou não durante as escolhas das carreiras?

Pouco, se considerarmos os relatos de vida colhidos. O que geralmente atraiu para a profissão foi o prestígio social, que unia uma boa avaliação social do profissional médico mais a idéia da autonomia da profissão, do fato de ser liberal. *“E a gente não tinha propriedade, não tinha muita coisa, então por um lado foi uma escolha de um campo clínico meio humanista de querer ajudar os outros e eu gostava muito de insetos, de botânica; e por outro lado construir uma autonomia e não depender de ninguém. Uma profissão que fosse mais autônoma, mais prestigiada, tudo isso colaborou. Tanto que as minhas outras duas irmãs também são da área de medicina. E não tinha nenhum tio, nenhum parente próximo” Miquéias.*

Essa endogenia é clássica na profissão médica, mas no caso da Medicina Preventiva não se manteve a tradição. Salvo o caso de Joel, os outros pesquisadores não seguiram o peso da tradição. *“A vocação eu acho que é uma coisa indeterminada. Foi uma questão de formação familiar, é uma questão muito comum entre os médicos” Joel.*

As origens do interesse não são obscuras, mágicas, inconscientes: pode-se em geral até perceber as influências e de onde elas vieram. *“Não houve nada da fantasia de abrir bichinhos [risos], mas foi assim, eu acho que eu tive*

como imagem da medicina o médico da minha cidade que era um pediatra e meu vizinho, que foi o meu pediatra. E ele era uma pessoa muito querida na cidade, então eu tenho a impressão que isso deve ter criado uma certa imagem da prática médica. Como éramos vizinhos, tinha essa trança-trança de criança de uma casa para a outra acho que isso foi criando uma imagem meio idílica da profissão” Rute.

De repente, os professores perceberam em si mesmos um certo interesse humanitário, difícil de classificar, mas tangível. *“Eu estudei nesse Conservatório em São Paulo e me formei em 1961 e me destinava a essa carreira de pianista e concertista, mas a partir de um determinado momento eu passei a me interessar pelas questões sociais, através de uma participação na Ação Católica, na Igreja. E comecei a me interessar pelas questões sociais, achei que a música era alguma coisa um tanto alienada, e por causa disso eu retomei a minha formação.” Rebeca.*

Antes de se decidirem de vez pela área da saúde pública, alguns fizeram outras passagens e ensaios. Durante sua graduação mesmo, Miquéias perambulou pela Universidade nessa busca de meus verdadeiros interesses. *“Aí fui para o jornalismo, eu já estava entrando no 3º ano e descobri a tal da medicina comunitária; o que me segurou foi a saúde pública no 3o. ano, pois eu comecei a fazer pesquisa com alguns professores, a trabalhar em comunidades, como se fosse a atenção primária hoje, na época se chamava medicina comunitária. No terceiro ano já apresentamos três pesquisas e fomos para a comunidade e fazíamos um trabalho regular, fiquei amigo desses professores e então isso me segurou na medicina.”*

A inclinação pela academia, pelos estudos na universidade, vem em boa parte por que os futuros professores tiveram contato com pessoas engajadas nesse tipo de atividade. De novo, as relações diretas entre o jeito de pensar de alguém que faz pesquisa e um aluno são um fator fundamental. *“Eu fiz medicina lá em Brasília, fiz o colegial em Brasília numa escola da universidade, que também era um projeto de ensino revolucionário das chamadas escolas de aplicação, onde os alunos de mestrado da universidade de Brasília exerciam a função de*

professor. Então meus professores foram alunos de mestrado e licenciatura da UNB. Isso me influenciou na escolha da carreira, decisivamente” Ageu.

Essas conjunturas aliam-se às predisposições, ou às disposições prévias, relativas à vida e às experiências sociais do indivíduo, devidas à socialização primária. *“Eu tinha uma série de convicções de como deveria ser uma medicina bem praticada. Porque minha mãe sofreu muito o atendimento deficiente do sistema de saúde da época, dos antigos IAPS, e ela sofreu uma série de erros no tratamento médico que me deixaram com a convicção que se algum dia eu tivesse que entrar numa profissão teria que ser para uma missão pessoal de trabalhar direito para essa área” Ageu.*

Para muitos a pesquisa, a busca da informação, a iniciação à pesquisa, esse lado prático da ciência aconteceu cedo e até naturalmente. *“Terminei minha formação em 1971, e sempre no tempo de faculdade eu trabalhava com pesquisa de mercado, principalmente, com pesquisa socioeconômica, trabalhei no DIEESE, trabalhei no Instituto de Pesquisas Econômicas da USP, pesquisas que você fazia como free lance, durante o tempo todo” Rebeca.*

Às vezes, é a própria formação que induz nos alunos a busca de soluções para questões do dia a dia da sociedade, pois os professores disseram ter sido estimulados ao debate crítico na época. Esse era o modelo da Universidade de Brasília e muitos dos relatos descrevem positivamente essa experiência e atribuem a esse projeto os resultados diferenciados.

“A Universidade de Brasília tem um número muito grande de ex-alunos na área de saúde coletiva, o que foi uma coisa que surpreendeu a gente quando viemos para São Paulo. Tem bastante gente e muita gente na carreira acadêmica também, tem muito colega que seguiu carreira acadêmica. Nós éramos 110 alunos, para essas primeiras turmas eu acho que teve muita gente que foi para a militância e tem muita gente... talvez nem seja tanto na UNB, mas a própria época, se você for pensar a USP ela teve a mesma característica (...)” Rute.

Rute descreve com clareza as características inovadoras e importantes daquela universidade: *“Foi uma criação de uma universidade que tinha uma perspectiva de formação universitária diferente, inovadora no Brasil e a medicina seguiu o mesmo padrão. Na verdade não era nem a medicina, era uma faculdade de ciências da saúde que englobava todos cursos da área: o básico era comum a todas as áreas e a gente estudava com o pessoal da biologia, psicologia; a gente não só estudava junto como fazia disciplinas. A gente tinha um currículo fechado das disciplinas obrigatórias e as janelas para se fazerem as eletivas. Tinha uma convivência universitária muito mais intensa”.*

Ageu participou, em sua formação, deste estilo diferente de ensino, *“muito fortemente orientado para a prática científica, um ensino médico baseado na experiência empírica concreta com literatura médica e científica atualizada, com professores-médicos fortemente engajados em pesquisa de todos os níveis: básica e biológica engajada socialmente, de maneira muito grande. Mesmo o bioquímico, e o biofísico que eram professores, eram pessoas de engajamento comunitário muito forte, com um forte engajamento político dos professores também. Então todos os professores que tinham uma produção científica em laboratório, mas tinham também atuação comunitária”.*

Miquéias também explicou sua trajetória nesta instituição de vanguarda e a maneira como era ensinada a ciência e as conseqüências dessa formação em seu *habitus* e de seus colegas:

Os professores formavam uma equipe que se chamava multiprofissional na época, tinha sociólogos, todo mundo, era fantástico, incrível e a gente ficava num laboratório, tinha laboratório com armários, livros, microscópio que a universidade fornecia e os professores rodavam; nós ficávamos de 14 a 20 alunos no mesmo lugar e os professores é que se revezavam durante estes quatro anos; e aí no 5º e 6º ano era internato e a gente ia para a prática. Então, no primeiro ano de medicina eu já comecei a aprender clínica do aparelho digestivo, fui atender, fazer semiologia, ao mesmo

tempo estudava anatomia, durante estes quatro anos estudei anatomia, estudei clínica, preventiva, foi muito interessante. Mas os militares intervieram na universidade, aí teve uma crise geral, fizeram um alerta com os médicos, aí extinguiram o curso. A gente priorizava o social, mas tinha muita coisa de ciência, de investigação.

Mesmo tendo vindo para a FCM com outro objetivo, Sara acabou se interessando muito pela área, e *“(...) depois eu sempre gostei da área de ciências sociais e a área de medicina preventiva em geral, foi uma coisa que eu fui aprendendo e descobrindo porque não fez parte da minha formação. Nós tivemos uma formação mais voltada para a higiene, medicina, uma visão mais tradicional que não tinha a ver com a medicina preventiva que era a idéia que estava presidindo esse Departamento e a sua institucionalização na Faculdade e dentro dele as sociais”.*

Para os primeiros professores do departamento tudo restava a fazer. Era preciso criar os cursos, estudar os conteúdos a incluir na graduação e depois na pós-graduação. *“Não existiam muitos cursos de pós-graduação na ocasião e como a gente era docente havia aí uma motivação de aprender, ir freqüentando cursos e montando uma estrutura” Sara.*

Na área médica era impossível estudar esses temas oriundos das ciências humanas, mesmo na USP, faculdade de longa tradição; e na área das ciências sociais estudar sistematicamente a medicina, isto não existia ainda. *“Quando chegamos em 1977, eu fui fazer um curso de saúde pública. Eu fui escolhida, pedi e fui licenciada para fazê-lo, porque o curso era tempo integral; e em 1975 eu entrei no mestrado na USP em ciências sociais, mas com temática na área da saúde” Rebeca.*

Mesmo quando o professor não era formado em ciências sociais, isto não impedia o interesse pela área. *“Eu fiz pós-graduação, não fiz o curso de graduação em ciências sociais, a minha formação foi toda em pós-graduação; freqüentei a Antropologia na USP e também aqui no IFCH. (...) Fazia cursos de*

epistemologia, curso de teoria sociológica, de teoria antropológica, quando eu fui para a Inglaterra eu fui para um pós-doutorado e fiz também uma série de disciplinas; acompanhava disciplinas de graduação, tive formação em economia, também através de pós-graduação, depois fui para a CEPAL, fiz especialização em Planejamento também, Políticas Públicas e isso mais tarde” Sara.

Esse processo de formação foi muito comum e deu muita liberdade e oportunidades de escolha aos professores, sobretudo por já atuarem como profissionais dentro da instituição. Com o passar do tempo isso mudou radicalmente e a formação em pesquisa passou a ser uma tarefa a ser realizada *ad hoc*. *“Hoje jamais, se você vai prestar um concurso hoje, se você não tiver um mestrado e um doutorado e tudo isso, ninguém vai contar ou perguntar se você fez alguma formação informal, isso não conta” Sara.*

Essa fase de estruturação da UNICAMP permitia a mobilidade institucional. *“Eu passei um tempo na clínica médica, também fui parte da fundação dessa parte do hospital, mas a minha vocação não era essa, percebi que eu gostava de ensino e pesquisa, de uma reflexão mais elaborada e que [a profissão a princípio escolhida] era uma profissão mais eminentemente prática, mais pragmática, ela é de intervenção, não que eu despreze a intervenção, mas é que eu gosto de fazer a reflexão” Sara.*

Essa busca de conhecimento através de todas as maneiras possíveis era necessária para instalação de um curso de medicina novo e inovador em muitos aspectos.

E eu vi que gostava de docência e quando apareceu essa oportunidade de vir eu vim. E logo comecei a ir, a freqüentar, a dar aula, a participar do curso de saúde pública, (...) enfim, eu trabalhei muito no curso de saúde pública aqui. Porque quando eu estava fazendo doutorado eu fiquei completamente tomada por isso e sempre tive uma carga horária muito grande aqui, porque era graduação de enfermagem e medicina e saúde pública. E na saúde pública teve época que

eu me responsabilizava por toda parte de ciências sociais e de educação e saúde. E a partir de 90, com o meu doutorado, passei a orientar, aí teve uma diversidade grande Rebeca.

Então em 92 fizeram um concurso e aí apresentei um memorial e depois daí nunca mais. Até esse período eu era 'irregular'. Eu era contratado para a função de professor sem que o meu cargo tivesse esse nome. Os primeiros foram contratados como professores, depois acabou o dinheiro e o pessoal começou a contratar com verbas de outras fontes, criaram um cargo chamado técnico-didático, ou técnico de função didática, isso durou até 92 quando saiu uma determinação estadual obrigando todo mundo a fazer concurso, nessa ocasião fiz concurso. O título mínimo era de mestre, depois foi que passou em 98 para o título mínimo de doutor, nessa ocasião já tinha feito o meu doutorado e já era professor concursado Ageu.

A seleção para as vagas era através de uma análise curricular e um projeto e por vezes a inserção no departamento foi através de uma chamada direta. *“Vim aqui e encontrei Everardo [Duarte Nunes], Ana Canesqui, Léa Bevilaqua que não está mais aqui e o Reginaldo [Zaccara de Campos], que era um sociólogo e era coordenador do departamento. Eu fiz uma entrevista com os quatro, eles tinham um outro candidato, mas em agosto eu liguei para eles e perguntei o que havia acontecido; eles me chamaram e comecei a me introduzir nos cursos da enfermagem com o Everardo, na medicina” Rebeca.*

Houve exemplos em que, sem premeditação, sem planejamento e sem normas prévias, a vida dos futuros professores tomou um rumo inesperado repentinamente. *“Eu vim para cá por absoluto acaso de última hora, porque eu estava fazendo o doutorado nos EUA e abriram-se duas vagas aqui e eu mandei o projeto e proposta de trabalho, só para constar, achando que não ia dar em nada porque o meu futuro era voltar a ser professor na universidade [de origem]; recebemos uma carta surpresa do professor Everardo que era então chefe do*

departamento dizendo que nós tínhamos 15 dias para assumir, era pegar ou largar, aí eu abandonei o meu doutorado e vim” Ageu.

Esse processo de contratação mudou e instituiu-se a forma legal do concurso público. *“No departamento só teve que fazer esse concurso quem entrou depois de 1985, por exemplo, o Gastão [Wagner Campos] entrou em 1983, 84, então ele não precisou fazer. E depois todos tiveram que fazer concurso. Era um concurso que tinha memorial, tinha ponto sorteado para dar aula e eu tive um concorrente, os outros não” Rebeca.*

Joel entrou no departamento através dos serviços e acabou inserido progressivamente no departamento. *“Nessa época trabalhava em Itapira, me aproximei no curso de saúde pública, especialização, tinha uma vaga para trabalhar no serviço médico de Paulínia, junto do Centro de Saúde, eu entrei depois [na academia]. Depois houve uma obrigatoriedade da Unicamp absorver, e eu fui absorvido. Foi com essa idéia que eu sai da faculdade em 80, a residência, daí então eu voltei em 84 para Paulínia e aí em 86 eu entrei na Unicamp, mesmo assim eu ficava o tempo inteiro só lá em Paulínia, nem dava bola aqui para a Unicamp”.*

Esse processo de contratação tornou-se mais restritivo depois do Projeto Qualidade, quando se passou a exigir o doutorado como titulação mínima. *“As gerações mais novas só podiam entrar com doutorado. Tem gente que foi prejudicado nessa transição, por exemplo, o [cita um profissional do departamento] fez mestrado aqui e até hoje não é professor de fato é técnico, ele até hoje não conseguiu se matricular num doutorado para virar professor de fato, ou seja, ele vive uma situação profissional de um beco sem saída” Ageu.*

E para os profissionais que chegam, as exigências aumentaram muito e pode-se afirmar que começa a haver uma superespecialização prévia, pois para entrar em uma instituição é preciso ser *“de doutor para cima e com publicação, pois cada vez mais é exigente” Sara.*

Essa formação polivalente foi uma marca do próprio departamento, baseado até algum tempo atrás na idéia de multiprofissionalidade. Os relatos insistem a revezes na famosa ideologia do triunvirato docência, pesquisa e extensão, presente em muitos discursos na área da saúde. Este discurso parece, no fundo, a lenda dos três mosqueteiros, que na verdade eram quatro; pois geralmente está ausente uma dimensão, a da administração, o quarto espadachim.

Da mesma maneira, a idéia de que a pesquisa e o ensino devem andar juntos pode ser majoritária, mas não é uma concepção unânime. Quando perguntamos a Ageu sobre a necessidade de um bom professor ser um bom pesquisador, a resposta foi *“não acho que tenha não. Aliás, as duas coisas costumam não andar juntas. Quando se tentar impor que alguém seja as duas coisas o que se consegue é um fracasso. Acho que depende muito da pessoa. Eu me considero melhor professor do que pesquisador. Se depender da minha definição”*.

Do mesmo modo, há professores com plena vocação para ministrar aulas e esse empenho pode estar deslocado dentro da lógica “produtivista”. *“Eu cheguei a ser chamado na reitoria, acho que isso foi em 1990, porque eu tinha excesso de aula. Acho que foi o CADI que me chamou pra ver o que estava acontecendo: ou eu estava mentindo ou algo estava errado. No final eles disseram, precisa dar uma diminuída, e também se revoltaram porque eu não tinha produção, foi quando comecei a me dedicar mais a isso” Joel*.

O período de *fundação da saúde coletiva*, herdeira do ideário da medicina social e das tendências críticas das ciências sociais, foi um momento único como o surgimento de uma disciplina moderna e sem equivalente no mundo ocidental. Esse processo foi assim descrito por Sara:

A instituição das ciências humanas na saúde, legitimada pela diagnosticada necessidade de incluir o social dentro da medicina, começou efetivamente pela influência dos organismos internacionais e pelas mudanças introduzidas nas escolas médicas que estavam principalmente sob a influência

norte-americana: “Era de um debate internacional que existia naquela ocasião, com vários seminários internacionais de Medicina Preventiva e Social, mesmo com envolvimento da Organização Latino Americana de Saúde que constituía essa área nos países latino-americanos. Isso foi nos anos 50, no seminário de Vinha Del Mar. A primeira escola médica a instituir o departamento de medicina preventiva foi Ribeirão Preto, e depois Campinas, Botucatu, enfim, de acordo com a reforma universitária essa área instituiu-se também no currículo médico. Tanto por pressões internacionais, quer dizer por conjunturas internacionais em relação a esse debate, como também favoreceu aqui todo um debate da reforma universitária de 1968, que propugnava instituir no Brasil essa nova área.No caso da Faculdade de Medicina, teve a iniciativa do Reitor, que era o Zeferino Vaz, de se criar na universidade, as diferentes áreas e de trazer o primeiro professor para esse departamento que foi o professor Miguel Inácio Tobar Acosta, colombiano; ele trouxe todo o ideário da medicina preventiva e social que era um ideário bem norte-americano, calcado num modelo preventivista da história natural da doença, um modelo que depois foi bastante criticado. Esse departamento teve um peso importante na reflexão crítica desse modelo preventivista e foi uma instituição que acabou implantando a medicina social.

A Unicamp foi precursora e avançou uma série de tópicos realizados pela reforma universitária de 1968 no Brasil, pois foi instituída como um modelo à parte e já moderno. Como a UNB, ela já nasce e passa a implantar a medicina preventiva como área departamental, pois a Unicamp previa sua própria divisão em institutos e departamentos, coisa só implantada nas universidades brasileiras após a reforma universitária, como apontou Leonardi:

Olha, ela foi inovadora... em três tópicos: primeiro, a UNICAMP sempre permitiu um acesso direto do aluno ao professor. Nas outras universidades isto não existe, ou não existia. Segundo lugar, é inovadora no ensino porque ela levou o aluno para estudar na comunidade. A área médica deu um grande exemplo disso. Então está aí o Projeto de

Paulínia. É um projeto pioneiro, da época do Zeferino que hoje em dia alcança repercussão... enorme repercussão nacional. E existem aí a Medicina da UNICAMP, por exemplo, inserida em postos de saúde, na área de assistência médica da prefeitura e do Estado, fora da universidade, portanto, ela é inovadora no campo do ensino. O currículo, me referindo estritamente à área médica, o currículo da medicina sempre se compôs bem com a cadeira de Higiene e Medicina Preventiva e Social. A marca registrada do médico formado da Unicamp, sem prejuízo da sua formação científica, foi o seu aprendizado de como se preocupar com o social. Isto é uma luta enorme, que eu rendo as minhas homenagens ao Departamento de Higiene, Medicina Preventiva Social, por esta luta (Arquivocentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi, 1989).

Esse espaço específico, apesar do autoritarismo durante o período de criação da Unicamp, conseguiu escapar à nuvem negra que pairou sobre a sociedade brasileira. Surpreendentemente, Sérgio Arouca, que foi considerado, junto com toda uma geração de cientistas sociais, médicos, assistentes sociais, enfermeiros e muitos outros, um dos responsáveis pela cristalização do processo de criação de um modelo politizado de saúde no Brasil, reconheceu a importância desse espaço social, desse quiasma. Ele admitiu ter perdido em várias ocasiões, em termos de poder, a luta para o próprio Zeferino Vaz, e afirmou que *“neste sentido, a Universidade de Campinas é um exemplo e, dentro dela, o Departamento de Medicina Preventiva e Social que representou aquela via. E, não foram poucas as vezes que se perguntou, como foi possível, durante o governo ditatorial – nos períodos da mais dura ditadura e de perseguição política de pesquisadores, professores e intelectuais e ao povo brasileiro – construir esta universidade, onde tínhamos a sensação de viver numa ilha em relação aos acontecimentos do país?” (Arouca, 1990, p.30)*

Sobretudo, dentro desta universidade, percebeu como algo extremamente saudável *“a criação de um determinado espaço, com certo grau de liberdade, de não imposição, de não limites, onde foi possível existir um*

pensamento libertário, questionador da medicina preventiva, e da ciência social. Foi possível ainda se pensar o trabalho de comunidade, a forma de ensino médico e, foi se repensando tanto, que se criou um laboratório de Educação Médica e de Medicina Comunitária para tentar ser um elemento transformador de todo o ensino médico na Faculdade (Arouca, 1990, p.31)”

Esse momento instituinte foi assim descrito por Sara: *“então dos primeiros cursos que foram implantados aqui eu participei, do curso de medicina social que nós discutíamos os modelos de serviços de saúde, traduzimos o material tanto modelo chileno que naquela época tinha sido uma implantação de um modelo de medicina socializada na época do Allende, o modelo inglês, russo, como medicina socializada, então o primeiro curso de medicina social e que eu tive o prazer de participar que foi em 1971 que é, que foi responsável inclusive pela minha contratação aqui”*.

Essa vanguarda era norteada pela lógica da política, no sentido mais pleno da palavra. A legitimidade interna ao espaço social está ligada à legitimidade política. Como apontou Sara:

Primeiro que a área de saúde coletiva é uma área politizada, isso não tem jeito, eu acho que foi um aprendizado, no qual todo o debate da esquerda e tudo mais sempre foi muito forte. Eu vinha de uma tradição; a minha geração é da década de 60 e tinha um engajamento na época de faculdade, eu era do centro acadêmico, tinha já minha posição em relação à esquerda e ao movimento estudantil, ao chegar aqui isso se exacerbou, ficou mais acentuado. E vamos dizer, engajei-me na política universitária, no movimento docente, participei da diretoria da Adunicamp, participei do movimento docente, fui representante da Faculdade e do Conselho Diretor. (...) Fui chefe num momento determinado e o reitor me convidou para amainar a crise, fui chefe desse nosso Departamento, enfim vice-diretora [de um núcleo de pesquisa da Unicamp], essas foram as minhas atuações políticas, aqui na universidade.

Rebeca acrescenta: *“eu acho que a nossa área da saúde coletiva ela tem um caráter de militância, sempre vejo isso. Não aquela militância estreita, partidária, mas uma militância de lutar pela questão da saúde pública, do direito a saúde, da ética, de lutar pela saúde, pelo funcionário público você sabe tem muitos problemas aí”*.

Um dos cursos que foram implantados, o de medicina social, e que buscou uma politização maior da área foi descrito por Sara: *“(...) então o curso de medicina social ele estava voltado mais para uma visão de saúde e desenvolvimento, saúde e planejamento e então ele era ministrado para o 4º ano médico e eu atuei durante muitos anos nesse curso. E considero que foi esse curso a alavanca pela qual eu ingressei como docente na Faculdade de Medicina, (...) quer dizer que ministrava cursos para o 2º ano da medicina, depois para o 1º ano, depois para enfermagem, foi ampliando e eu acho que foi uma conquista muito grande a inserção das ciências sociais dentro da área de medicina preventiva e social na ocasião. E claro que foi tendo seus desdobramentos e suas lutas também no sentido de um espaço de institucionalização”*.

Foi um período muito bonito das carreiras desses pioneiros e, imagina-se, muito cansativo. Como era uma aposta realmente inovadora e instigante, eles enfronhavam-se na elaboração deste trabalho até a alma. Não havia literatura específica e não houvera formação específica para esse novo modelo. *“Estávamos inventando e a instituição exigindo muito da gente, além do que a gente poderia dar, nós fomos aprendendo e fazendo ao mesmo tempo, estudando e montando as coisas. Sabíamos que seria contra uma visão mais funcionalista, olhar o coletivo e tudo mais, então quer dizer isso era uma coisa que a gente foi criando... O que dar, o que ensinar em medicina social? A gente tinha o modelo inglês, o modelo alemão e outros, mas aqui no Brasil não havia nada, nem material, a gente tinha que traduzir as coisas” Sara*.

Mesmo nas gerações posteriores, o modelo sempre foi o de *“atuação política também tanto dos professores como dos alunos”*, pois os alunos já vinham muitas vezes carregados de experiências militantes fortes, em um período de

formação sem meio tom, sem meia-luz: *“no período da ditadura militar, de 69 a 74, fiz o meu curso” Ageu.*

Por tratar-se de um momento histórico peculiar as opções e decisões eram também e fundamentalmente políticas. As escolhas coletivas e geracionais balizavam as escolhas pessoais. *“Durante o curso médico, engajado em luta política, muitas vezes nós participamos, eu com outros alunos do curso, de projetos comunitários de saúde na cidade (...) isso nos aproximou muito da emergência da medicina comunitária, que era uma tendência forte do ensino médico da época, e também dos encontros dos estudantes de medicina nos quais a gente apresentava trabalho sobre o que a gente fazia na universidade” Ageu.*

Com essa visão de mundo, alguns profissionais tiveram dificuldades em adaptar-se dentro das instituições da época. *“É porque, quando a gente saiu da Universidade, quando a gente foi fazer residência na Santa Casa, o curso era extremamente tradicional. Mas a gente também já foi para uma área que, de certa forma, faz um contraponto com essa questão do tradicional, já foi para uma área de saúde coletiva para fazer residência e a gente acabou não vivendo na residência as dificuldades da escola tradicional e da área. Claro que na parte da residência que a gente tinha que fazer na área clínica a gente observava as diferenças, a forma de abordagem do paciente, de abordagem que os professores e alunos tinham com a clientela, era uma coisa que chegava a espantar em relação ao curso que a gente fez; a gente tinha uma formação mais integral, uma preocupação da relação médico-paciente que era presente o tempo todo, a gente jamais imaginava chamar um paciente de ‘tigre’ [risos]. Isso foi um espanto para a gente, foi um espanto ver os alunos dizendo: ‘tem um tigre no Pronto Socorro’, o que é isso? A gente sabia que não era bicho, mas até essa postura em relação ao paciente foi uma coisa que chocou muito, quando a gente veio para cá, pois vínhamos de um ambiente meio protegido, numa universidade modelo” Rute.*

Essa nova área atraiu alunos da casa e de outros lugares porque era realmente uma proposta inovadora e que cristalizava o desejo de muitos que militavam e atuavam dentro de um projeto mais coletivo e geral. *“Eu acho que o*

interesse pela medicina preventiva foi muito flutuante, eu diria. Foi em um determinado momento mais politizado da sociedade, eu acho que isso se refletiu no interesse dos alunos; eu diria lá pela metade da década de 70 tivemos um afluxo muito grande de alunos interessados pela área de medicina preventiva que são pessoas que hoje ocupam postos-chave no país, em Campinas e em vários lugares, que se formaram e participaram de todos os debates e processos” Sara.

Do mesmo modo que Faculdade de Ciências Médicas, é possível estabelecer períodos para a institucionalização do Departamento de Medicina Preventiva e Social, que facilitam a compreensão de seu desenrolar na memória dos professores. Dado o vanguardismo deste departamento nos rumos da saúde pública brasileira e dentro do movimento pela criação do SUS, além da conformação da própria saúde coletiva, pode-se centrar a análise em períodos contínuos de atuação em torno de alguns temas e objetos.¹⁰

Projeto Jardim das Oliveiras - 1966 a 1969

O curso de medicina começou a funcionar em 1963, no mês de maio com uma aula inaugural histórica. Já o Departamento de Medicina Preventiva e Social foi criado e passou a funcionar em 1965. Nesse mesmo ano inicia-se a disciplina *Ciências Sociais aplicadas à Medicina*, a primeira das disciplinas ligadas ao social a ser criada e ministrada aos alunos do curso médico. Segue-se *Introdução à Medicina Preventiva e Social*, em 1970; o curso de *Medicina Social*, vinculado à Clínica Preventiva, que surgiu em 1971; *Aspectos Gerais da Saúde no Brasil* em 1976, que foi transformado em *População e Saúde* em 1979 (Nunes, 1999). A inspiração e influências dessas primeiras disciplinas são oriundas de uma tradição de pensamento que vinha já de décadas anteriores em âmbito internacional e latino-americano sobre o ensino de ciências humanas em saúde.

¹⁰ Para um visão em profundidade desse período e do Projeto Paulínia, ver Andrade, Maria da Graça Garcia. *O ensino médico e os serviços de saúde: estudo de caso do Projeto Paulínia*. (Doutorado). Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas (SP), 1995.

Nunes aponta como importantes os seminários de Viña del Mar (1955) e Tehuacán (1956), nos quais retomaram-se discussões sobre “educação integrativa” nas escolas médicas, temas apresentados anteriormente em 1952, em Nancy na França e 1953 na Conferência de Colorado Springs: nesses eventos discutia-se já então o que se denominava medicina social. Sobretudo através da OPS e da OMS, esses temas tornaram-se recorrentes, pois faziam parte de todo um ideário de modificação do modelo de educação médica, surgido no pós-guerra, ideário que substituiria a influência européia pela americana no Brasil. Como não podia deixar de ser, o DMPS, recém-criado, absorveu essas discussões e logo no seu começo passou, sistematicamente, a explorar novas formas de ensino das disciplinas “do social” e novas formas de práticas dos estudantes (Nunes, 1999, 2000a).

Nos primeiros anos do departamento, várias foram as iniciativas de criação de novas formas de atuação e de ensino. Criou-se um Programa de Medicina Comunitária, idéia até então prevalente dentro da saúde pública, na região do bairro Jardim das Oliveiras, no qual se buscavam os princípios da medicina integral, da clínica da família e da educação comunitária. O conceito aqui era ainda o de criar uma mentalidade ‘preventivista’ tanto nos médicos quanto nas populações, *“oferecendo ao aluno uma experiência de capacitação médica fora do leito hospitalar e de educação comunitária”* (Canesqui, 1990).

Sara nos relatou como foi esse momento de implantação: *“Naquela época tinha uma área de medicina preventiva, (...) era um grupo bastante grande e bastante atuante, até que... eu acho que o departamento teve uma fase assim de implantação de expansão e uma fase primeira, heróica, foi um momento de implantar uma visão de medicina e de uma relação da medicina preventiva também com as comunidades; então nós tivemos um trabalho grande num bairro chamado Jardim das Oliveiras que era um trabalho de medicina integral, de família”*.

Esse projeto foi importante como um laboratório de experimentação de práticas de ensino, de promoção de uma integração dos alunos ao trabalho extramuros, nos locais onde residiam as famílias carentes ou menos favorecidas. Era francamente o modelo de medicina comunitária, um substituto ou variação do modelo de medicina preventiva.

De todo modo era já um grande avanço em relação ao tipo de formação recebido até então pelos alunos de graduação, circunscrito às faculdades. *“Os alunos faziam os seguimentos das famílias, o serviço social atuava na organização da comunidade, trabalhava-se com alunos junto às instituições, tanto no grupo escolar e nas outras instituições beneficentes que existiam nesse bairro. Foi uma época importante, que eu acho que está voltando hoje [risos], se você percebe o que se tem feito hoje em termos da Reforma do Ensino Médico, uma das questões é tirar o aluno do hospital e levá-lo, não para a comunidade, mas levá-lo para as instituições e para a rede... naquela época não tinha um serviço de saúde tão organizado quanto se tem hoje em termos do SUS e tudo mais” Sara.*

Todos os profissionais do departamento iam a campo e participavam do projeto, cada qual com sua contribuição específica. *“(...) Era o Dr. Tobar [Miguel Ignacio Tobar Acosta] que ia para esse bairro, assistentes sociais, a enfermeira que era a mulher do Tobar [Leonízia Rosa Tobar Acosta], uma auxiliar de enfermagem, os sociólogos também iam, mas é claro que os sociólogos não podiam prestar assistência, mas ajudavam a fazer uma reflexão sobre a situação da saúde da família e tudo” Sara.*

Esse modelo tinha fortes ressonâncias com aquele implantado na Universidade de Brasília e de certa forma foi uma segunda tentativa de seguir o modelo comunitário, mas talvez mais politizado do que gostariam os fundadores da Unicamp, em especial o professor Zeferino Vaz, que também atuou em Brasília. Pois, *“porque o curso médico [da UNB] eu considerei de excelente qualidade lá, nos primeiros anos depois ele foi decaindo, mas ainda peguei o período em que o ensino médico era de boa qualidade” Ageu.*

Funcionou satisfatoriamente em seus primórdios e depois passou por um impasse, devido à falta de uma política, aqui entendida como uma formulação mais ampla, que levasse em conta processos mais vastos e macrosociais. *“Quer dizer a falta de uma retaguarda e um serviço local de postos de saúde e tudo mais que poderia canalizar essa demanda por uma atenção em nível mais básico naquele momento; não se tinha essa retaguarda. Então você tinha que utilizar a retaguarda do hospital e isso realmente levou a um problema muito sério, porque na medida em que tinha a presença da faculdade de medicina e de outros departamentos no bairro, claro que a expectativa da população era ser atendida. E como isso estava sendo um problema sério, atender essa população, porque as demandas estavam sendo grandes e muito crescentes, foi-se criando um gargalo para o próprio programa” Sara.*

Além dessas dificuldades, o modelo que embasava esse trabalho e as propostas de trabalho, o da medicina comunitária, começou a ser fortemente criticado e reformulado, à luz de novas teorias que incluíam a discussão da chamada medicina social. Esse novo paradigma problematizava e politizou agudamente a área da saúde dita pública, procurando incluir no modelo a discussão das políticas públicas e o papel do Estado. Para atingir esse objetivo, foi criado e imaginado um novo projeto.

Projeto Paulínia – 1971 a 1985

A maturação do projeto preventivista e o novo pensamento em saúde ligado a uma proposta de medicina social, levou à criação de um núcleo de discussão permanente sobre a saúde dentro do departamento:

O Departamento, através do Laboratório de Educação Médica e Medicina Comunitária – LEMC, criado no início dos anos 70, contribuía refletindo criticamente o modelo de atenção médica vigente, recriando propostas de novos modelos. Nesse sentido efetivou-se uma prática reflexiva e de intervenção, que ultrapassou o âmbito da Universidade, atingindo outras instituições como as Prefeituras municipais de Campinas e região no sentido de reorganizar os serviços de saúde, mediante assessoria do LEMC (Canesqui, 1990).

Nas palavras de um dos idealizadores do Projeto Paulínia, o Dr Miguel Tobar Acosta, *“a rede de serviço de saúde tem como objetivo geral enaltecer a vida do cidadão no que se refere a sua saúde. Como proposta principal o homem será considerado de maneira integral, visando seu bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de doença. A estrutura da organização do programa seguirá um sistema regionalizado com os seguintes critérios: sua base estará localizada na periferia em cujo vértice estará o HC da UNICAMP. Será composto de vários níveis de prestação de serviços, dos quais, serão elementares na base da pirâmide e se tornarão cada vez mais complexos, à medida em que se aproximarem do vértice. Cada nível terá definidas suas atividades, tipo de pessoal necessário e a dotação instrumental. Será um sistema integrado no qual haverá íntima relação e coordenação entre seus vários níveis. Cada nível, inclusive o rural poderá estar dotado de instituições de tipos diferentes...”* (apud Canesqui, 1990, p.15). Esse sistema seria de alguma forma o embrião do SUS, implementado posteriormente.

Para Sérgio Arouca, a importância do Projeto Paulínia é incontornável, pois *“o Programa de Saúde da Comunidade de Paulínia foi, sem sombra de dúvida, um modelo básico do ‘Movimento Sanitário’ brasileiro”* (Arouca, 1990, p.34).

Para os participantes neste Projeto, ele significava mais que uma proposta social, era também a possibilidade concreta de participação na estrutura política e de poder institucional, e assim, de mudanças conjunturais e estruturais. Miquéias e Sara viveram esse momento e o descrevem.

“Depois, isso por volta dos anos 70 isso foi repensado todo esse modelo de ensino na comunidade foi quando o departamento se transferiu para Paulínia, com uma infra-estrutura maior já de um centro de saúde com a participação do poder público local, que no caso foi a Prefeitura Municipal de Paulínia, um convênio que foi feito com a Faculdade de Medicina e o Departamento de Medicina Preventiva junto com outros departamentos. A saída do ensino de fato do hospital, indo para um lugar específico e num nível de

atenção mais básica e mais geral que o do hospital... Essa proposta durou bastante tempo, ela foi de 71 até 88 ou 89” Sara.

“(...) Fui diretor de Paulínia por quatro anos, era academia, levava os alunos para lá pesquisar, mas ao mesmo tempo estava montando-se a rede. As concepções do SUS, a gente estava testando ali, foi um dos lugares onde se testou isso. Tinha o Centro de Saúde-Escola e uma rede, vários Centros de Saúde, um Hospital Geral, um Pronto-Socorro, as ações de saúde preventiva, como se fosse um distrito-escola ou um distrito-sanitário; havia hierarquização, os alunos ficavam distribuídos nos vários níveis. Era uma espécie de laboratório – era um dos laboratórios como Londrina, Paulínia, a própria cidade de Campinas” Miquéias.

Projeto Nacional SUS

Com a implantação do SUS em nível nacional, passou-se por uma forte mudança na proposta de Paulínia. “Porque dada a própria orientação geral do SUS, de que as prefeituras teriam um papel importante e significativo como gestoras do SUS, isso começou a criar um grande conflito com a Faculdade de Ciências Médicas que tinha um espaço muito grande lá em Paulínia; de fato os docentes daqui conseguiram fincar o pé e ter uma importância para o sistema local de saúde e aí esse sistema começou a se ampliar também, criou-se o hospital municipal, e claro, a prefeitura não queria mais compartilhar a gestão com a Faculdade, com a Universidade, porque não era só a Faculdade era a Universidade a responsável pelo convênio e daí ele acabou; houve uma série de conflitos e a gente tentou uma série de negociações para que se mantivesse o convênio, mas ele se esgotou” Sara.

Esse espaço de atuação dos professores da FCM e do Departamento de Medicina Preventiva proporcionou a possibilidade de pesquisas inovadoras.

“Eu fiz um trabalho com 22 famílias de Paulínia, na época nós trabalhávamos em Paulínia, especificamente com famílias de um conjunto habitacional, que era recém-inaugurado. E fiz um trabalho de campo de longa

duração, foram dois anos acompanhando. Agora em 2002 eu retornei ao campo com as mesmas famílias porque eu tinha todo o material, eu guardei e repeti toda a pesquisa e comparo o que foi em 73, passados 30 anos, o que mudou em relação ao que eles pensam sobre o consumo alimentar, a mudança mesmo do consumo” Sara.

Uma estratégia permanente do Departamento de Medicina Preventiva foi a criação e instalação de ‘laboratórios’, como forma de aglutinar grupos de pesquisas e pessoas dispostas a pensar a área, uma espécie de “*think tanks*” locais.

“Um dos grandes papéis que eu tinha para mim da instituição era a formação de recursos humanos para a saúde pública. Esse projeto era da Preventiva da Unicamp, não era da Unicamp. A adoção de laboratórios foi uma estratégia que nós adotamos para falarmos a mesma linguagem da Faculdade, da própria escola” Ageu.

“Foi a época áurea dos laboratórios, já tinha o LAPA que era o Laboratório de Administração e Planejamento, o LAPI que era o da Epidemiologia e que, se eu não me engano, foi o primeiro a ser montado, e o LACES veio nesse ‘boom’ de laboratórios. Então eu tinha essas linhas, se é que se pode chamar assim, as minhas primeiras orientações foram mais na linha de política de saúde (...)” Rebeca.

A formação e prática na Saúde Coletiva deram-se através do investimento empírico em modelos novos de ensino, de pesquisa, de clínica, de planejamento e de transmissão de conhecimentos. Todas essas atividades conformam uma *práxis* específica, uma ética, um *ethos*, uma maneira de agir e de portar-se, uma disposição internalizada, em suma, um *habitus* específico. As diferentes socializações primárias e secundárias, quando foram envoltas pelo espaço social que se transformaria no campo da saúde coletiva, tenderam a uma conformação de grupo específica.

“Como é que essa ciência da saúde coletiva se desenvolve, ela tem determinadas condições institucionais que foram mutantes ao longo dessa época; é algo muito novo no Brasil, quer dizer ter 30, 40 anos não é nada, está começando, eu acho que ela está atingindo a maturidade agora nesses últimos 15 anos, pois você tem hoje um sistema de ciência e tecnologia que ancora mais a saúde coletiva, coisa que não existia na década de 70, tem recursos para a área, você tem uma massa de pesquisadores muito mais densa do que tinha anteriormente que eram cinco ou seis gatos pingados [risos]; enfim, você tem um campo bastante heterogêneo” Sara.

Este modelo tem caminhado até mesmo para a ênfase maior do social no internato e na residência, atingindo os anos de formação clínica dos cursos de medicina. Para muitos isto é positivo, para outros como Ageu, há problemas: *“[As residências] mudaram muito, a prática clínica foi abandonada. Não erroneamente, a meu ver houve uma ênfase nova, eu acho que ela é perfeitamente compreensível, mas eu discordo da dissociação completa que as residências de Medicina Social e Preventiva tiveram com relação à prática clínica. Acho que ela ainda deveria ser mantida em alguma medida para que os residentes não perdessem totalmente o contato com a prática clínica nos locais. Ele perde muito, eu acho que ele abre mão num momento inadequado de uma formação completa. Eu acho que, em certa medida, o pessoal está saindo com uma formação deficiente” Ageu.*

Pode-se definir a área da saúde coletiva como uma região da multidisciplinaridade ou da pluridisciplinaridade, onde diferentes saberes estão face a face ou integrados. *“Cada profissional deve trazer da sua área a sua contribuição. (...) Eu acho uma ousadia inconcebível formar gente na área coletiva sem a formação de núcleos. Acho isso um desperdício de formação universitária e um desperdício do dinheiro público, eu sou contrário a isso. Eu acho isso um grande erro epistemológico” Ageu.*

Como estamos dentro de um espaço multidisciplinar, há uma grande tendência em integrar na academia os trabalhadores dos serviços e vice-versa. Serviço aqui entendido como todos os ramos da saúde, da gestão ao ambulatório.

Para Rute, isto sempre esteve patente. *“Então quando eu estava no serviço tinha essa interlocução com a academia, mas a minha atuação era como gestora de um programa e depois quando eu vim para a academia era muito natural que eu voltasse os meus olhos para o serviço porque eu tinha muita, não só a experiência ou o traquejo do serviço, mas também porque eu tinha facilidade de interlocução com as pessoas. Eu gosto disso até hoje, as minhas propostas de pesquisas são todas voltadas para as políticas das intervenções, das políticas de saúde, das avaliações, para mim é muito natural que seja assim. E apesar de ser isso muito natural na área de saúde coletiva, a saúde coletiva tem essa vocação com as políticas de saúde, é sua origem” Rute.*

As novas experiências geraram e geram um outro conhecimento não tradicional e criaram uma certa tensão com o conhecimento padrão. *“Isso variou de acordo com a época, dos anos 80 para cá voltamos a ter uma hegemonia muito grande do CNPq, da epidemiologia, voltou a prevalecer um certo tipo de avaliação sobre a produção científica muito centrada na produção quantitativa. E nos anos 60 e 70 era o contrário, a gente teve o apogeu da valorização das narrativas, as teses tinha umas 400 páginas, exigiam uma reflexão; uma dissertação de mestrado tinha 200 páginas, dava 3 trabalhos, um livro, 4 artigos publicados em revista; a gente tinha uma publicação menor, um crescimento menor, mas foi um crescimento que de alguma medida se enquadrava num modelo. A própria epidemiologia, que é uma das nossas áreas, tinha muita produção da epidemiologia exclusivamente social... (...) hoje isso seria quase impossível, não se vê mais isso, principalmente na epidemiologia na qual se tem uma produção muito fragmentada, estudo de variáveis usando a metodologia matemática...” Miquéias.*

Essa área multidisciplinar caminha através da integração crescente do discurso social nos temas mais ‘médicos’. *“É uma apropriação que esvazia a reflexão propriamente dita, tanto sociológica quanto antropológica, eu acho que tanto a medicina quanto as profissões de saúde, elas são profissões calcadas na intervenção. Elas querem resolução de determinados problemas, sejam coletivos, sejam problemas individuais. Esse eu acho que foi um grande choque que aconteceu com uma sociologia, de uma antropologia ou as ciências humanas mais reflexivas, isso chocou muito entre as ciências biológicas que em geral são mais de intervenção. Tudo aquilo que foi uma abordagem mais marxista, mais estrutural da década de 70 e uma parte de 80, e que representou uma reflexão crítica, uma sociologia crítica, esse foi o discurso que trouxemos para dentro da área médica e esse discurso criou uma barreira muito grande, assim de uma maneira muito jocosa, pois se falava: ‘são os teóricos’, então são diferentes, esses daí não tem as preocupações práticas. Então eu acho que isso criou uma cisão; e esse foi um ponto negativo inicial para as ciências sociais na sua interlocução com a medicina”* Sara.

Essa pecha de um espaço de atividades eminentemente teórico era comum a toda a área, e não somente aos cientistas sociais. Os médicos, que por ele optaram, também sofriam na pele esta opção, pois dentro dos cursos tradicionais, os alunos tinham essa pré-noção. *“Durante o curso, o tempo todo, houve uma dificuldade muito grande de integração dentro da turma porque a maioria dos alunos não tinha essa visão, e eu diria que de uma turma de 110 alunos, uns 15 tinham essa opção e acompanhavam os professores, os outros, a maioria era de filhos de classe média do interior de São Paulo, de Minas Gerais e Goiás e tinham como perspectiva tornarem-se especialistas e médicos profissionais liberais. Eu creio que hoje está melhor do que naquela época, porque então essa conversa que eu estou tendo com você era impossível ter, com 100 alunos no curso. O pessoal dizia que a gente era idealista, que a gente era visionário, politicamente engajado, sectário, radical, tinha todos os adjetivos que o grupo trabalhava nessa época, era rotulado mesmo. Nós já treinávamos os agentes de saúde em 1971, na periferia”* Ageu.

“Eu me lembro muito do exemplo da Cecília [Cecília Donnangelo] que marcou muito a minha vida profissional e pessoal e os livros dela são muito densos e ela gostava muito de discutir com os profissionais de saúde; com os médicos foi mais complicado porque ela foi mostrando que eles estavam se assalariando, que o médico liberal era quase uma espécie em extinção; mas ela conseguia conversar disso também com os profissionais de saúde e essa idéia da prática para mim teve tudo a ver” Rebeca.

Hoje, pode-se pensar em uma recuperação do papel da sociologia e da antropologia dentro da saúde coletiva, se pensarmos que por um período elas ficaram um pouco relegadas em favor do movimento mais engajado e militante, tanto por cientistas sociais como por influência dos pensadores médicos que estavam na área. Para Sara, *“Eu acho que houve e está havendo uma tendência de dizer ‘nós temos um elo com a intervenção, com a visão política e tudo o mais’; então é um momento que a gente tem a visão política e tudo mais o SUS no Brasil e quem vai ser entre as ciências sociais que vai ter maior aproximação com essa discussão do sistema político? A ciência política, basicamente, quer dizer embora sociólogos e antropólogos, antropólogos menos, mas sociólogos também tiveram uma participação muito grande, eu acho que aí houve novamente uma recuperação. Então eu acho que as ciências sociais nesse espaço de novo foram valorizadas.*

Sara aponta a falta de corporativismo dentro das ciências sociais e os esforços realizados para minorar essa situação, quando afirma que *“passou-se por isso e penso vem aí uma tentativa de retomada das ciências sociais, período pelo qual nós ainda estamos passando, uma retomada em que, a partir da década de 90, há uma tentativa de agrupar os cientistas sociais também. Eu participei desse processo e fui a presidente do I Congresso de Ciências Sociais e Saúde, estive muito próxima desse processo e a idéia é criar um senso mais corporativo entre os cientistas sociais para que eles consigam institucionalizar-se como grupo, com alguma coesão no mínimo; porque eu acho que infelizmente os cientistas sociais são muito pouco corporativos e muito competitivos, penso eu, entre si. Os médicos*

são mais corporativos que os cientistas sociais, infelizmente é assim, esta é uma questão que fragiliza demais as ciências sociais” Sara.

Mesmo que se tenha retomado uma coesão inicial, assegurado um espaço mínimo com o objetivo de fortalecer-se, esta falta de corporativismo ativo dos cientistas sociais trouxe algumas conseqüências. Como apontado por Sara, *“ao mesmo tempo você tem um maior refluxo das ciências sociais no interior das instituições, que é o que eu estava colocando, não se consegue manter um espaço nem nas contratações e tudo mais. As disciplinas por sua vez, algumas pessoas podem dizer que hoje se tem uma articulação maior das ciências sociais com a intervenção e aí elas se descaracterizariam, mas ao contrário eu diria que hoje elas ocupam um espaço mais identificado com a saúde coletiva e com as intervenções em saúde coletiva, deixando as ciências sociais bem no centro disso. Por outro lado, sofremos muito, pois a universidade está passando realmente por um momento muito sério, há um refluxo das contratações em todos os níveis.(...) Nesse caso, se você tem uma restrição de vagas evidentemente entre um médico e um cientista social é claro que as instituições vão optar pelo médico. Porque ele está dentro do espaço dele; na área de enfermagem, tem uma enfermeira e o cientista, aí ganha a enfermeira. Isto é uma perda mesmo, não é uma perda de competição, no sentido de incorporação das ciências sociais, eu acho que elas estão incorporadas”.*

Como para as ciências sociais, a questão dos limites recíprocos do campo da saúde coletiva coloca-se para todas as áreas que a compõem. *“Essa que é a minha questão, o indivíduo é médico, fez cirurgia e operou 600 próstatas durante a vida inteira, um belo dia vai para a França e faz doutorado em ciências sociais, volta para o Brasil e ele não pode concorrer na área de saúde coletiva porque é médico? Nós temos um caso aqui, no departamento, de um ex-orientando de [um professor do departamento], médico cirurgião urologista, mestre e doutor em ciências sociais, que fez um doutorado posteriormente aqui no país em ciências sociais. Esse professor fez um concurso para a Unicamp, o concurso foi homologado e aprovado; e na hora de contratar contrataram uma*

peessoa para a urologia ou para a patologia clínica e o concurso dele não foi efetivado, ele nunca foi nomeado, foi embora e foi trabalhar no Rio Grande do Sul. Era para a área de Saúde Coletiva e o departamento perdeu a vaga. Ele tinha a possibilidade de concorrer, pois era um cientista social legítimo, embora não fosse sociólogo. Eu uso isso como exemplo do concurso correto, que dava possibilidade do pesquisador que tinha formação no campo da saúde coletiva de concorrer na saúde coletiva, independente da formação básica que ele tinha. E ele concorreu para as ciências sociais, teve todo apoio para isso, venceu e foi aquela história: ganhou, mas não levou” Ageu.

Dentro dos padrões normais, muitas vezes os pesquisadores percebem grande dificuldade em atuar, pois em geral a sua atividade é anti-hegemônica. “De 90 para cá a minha área está com muita dificuldade, pois acredito que nós estamos dentro da ciência coletiva e os critérios são muito rígidos para minha área, a gente faz modelo de atenção política de saúde, sempre trabalha com várias variáveis, a que capta melhor para um hospital psiquiátrico, mas eles querem que eu faça uma comparação estatística e não é laboratório, nós temos que estudar com um conjunto de variáveis tão grande: salário, capacitação, a verba, a cultura local, o tempo de implantação, a gente faz uma aposta que isso aqui é mais eficaz e mais humano que o outro por deduções, pela hermenêutica e o cara exige uma metodologia de vacina, é um problemaço” Miquéias.

O objeto de estudo da saúde coletiva ainda se encontra em construção e talvez ainda em disputa com outros paradigmas. Para Sara, “ainda se está refletindo sobre esse objeto, sobre outro ponto de vista mais epistemológico, filosófico, uma hora se fala ‘o coletivo’, outra hora a ‘saúde’, e então ainda está em construção. A Saúde Coletiva ainda está em construção. Se vamos conseguir delimitá-lo com precisão, eu acho que ele [o objeto] tem uma delimitação muito mais institucional do que propriamente científica, é um objeto híbrido também, porque ele traz o multidisciplinar e o interdisciplinar (...).”

A concepção é que a saúde coletiva alargou os limites do campo de conhecimento da medicina preventiva ou saúde pública. *“É o que Bourdieu fala sobre alargar os conceitos – é isso aí alargar os conceitos do objeto, alargar as concepções das metodologias, não é esculhambar, qualquer coisa pode, não é qualquer coisa não, é pesquisa. Isto é um cinismo, um relativismo pós-moderno no qual afirma-se que não existe a verdade. Para mim há graus de compreensão e de esclarecimento sobre os fatos, eles podem ser constatados e comparados, uns podem ser esclarecidos e outros não, então não é igual; você tem a descrição da Aids com base no vírus, mas então é só no vírus, se você pega outros elementos, você esclarece mais. E que se você pensar em intervenção clínica e política você se apóia nessa verdade para fazer uma intervenção menos arbitrária” Miquéias.*

É preciso compreender o limite de cada tipo de conhecimento e o quanto cada área ganha ao aproximar-se das outras. “Eu acho que a psicanálise tem uma alta capacidade de explicação do ser humano e da sociedade, e o marxismo também; só que têm limites, então, dependendo do objeto da sua pergunta, acho que temos que fazer uma composição dessas metodologias dependendo do que se vai estudar e temos que ser menos sectários. Não estou defendendo o ecletismo não, mas dependendo de seu objeto e da sua pergunta, nós temos que fazer combinações. Por exemplo, a Saúde Coletiva criticou uma forma de clínica que é a biomedicina e jogou tudo fora; eu não, eu acho que não existe o conhecimento em saúde sem a clínica, como é que nós vamos recompor isso? Se eu vou estudar um vírus, vou usar uma técnica altamente positivista, se vou estudar a eficácia de uma vacina, uso a estatística. Nesse ponto eu discuto o poder do campo, poder corporativo, de desvalorizar todas as metodologias: é porque eu descobri o seguinte, cada paradigma gera uma forma de intervenção e uma intervenção sobre a realidade e que tem uma base empírica” Miquéias.

Tanto para a sociologia como para a medicina a interface entre áreas propõe novas formas de se pensar a saúde e a doença, além dos condicionamentos sociais.

“A gente trabalha com a área de promoção de saúde, fazendo a interface. É uma área que eu tenho que eu gosto bastante, a da história desses conceitos, buscando como esses termos, como essas palavras acontecem, porque na análise de discurso um conceito importante que a palavra você utiliza antes de você falar, então você precisa saber que memória é essa que tem. Se você está usando essa palavra porque é que você usou, qual a memória que uma palavra tem, onde ela apareceu (...)” Joel.

A despeito das divergências ou convergências sobre as interfaces entre diferentes disciplinas na área, a grande maioria dos entrevistados tem posições consolidadas e refletidas sobre a ciência.

Para Miquéias a ciência, *“é socialmente construída só que isso está em disputa o tempo todo e como é que eu faço, eu tento quebrar os campos estruturados lá, como Bourdieu fala os campos cristalizados, não para destruí-los, mas para ampliá-los. (...) Quem está no CNPq está fazendo política, não é partidária. Quem está aqui no departamento está fazendo política, política científica, de conhecimento, de disputa de paradigmas”.*

O próprio estatuto da ciência é colocado em jogo. O que seria a prática em si, a aplicação de técnicas, de métodos reconhecidos ou a própria concepção das técnicas e dos métodos? *“E eu não me defino como um cientista hoje em dia, mas como pesquisador, porque ser cientista é mais do que isso você precisa estar num outro estágio de questionamento da sua própria prática, do seu campo teórico. Eu acho que poucas pessoas podem dizer que fazem ciência, que produzem um conhecimento novo e que produz impacto sobre a prática até dos outros que estão no mesmo campo de saber e prática. Eu acho que ciência é uma meta a ser atingida, para não agir com maneira dogmática, de maneira pré-concebida” Ageu.*

“Eu me coloco sempre como socióloga, o que é um grande instrumento, um grande pano de fundo ao qual posso recorrer em vários momentos; mas quem dá vida à ciência é a realidade cotidiana, assim, trazendo para a questão da

saúde, ela é uma área que está com os pés na ciência, na prática e na arte também. Eu acredito na ciência como certos conteúdos, métodos, maneiras, como ferramentas que eu posso utilizar, trabalhar a realidade” Rebeca.

Talvez por suas características intrínsecas, a saúde coletiva coloca problemas ao pesquisador quanto à definição de sua identidade e à descrição adequada de sua prática. Por ser uma área híbrida, que envolve diversos campos de conhecimento, também gera dificuldades para separar ou delimitar os campos epistemológicos.

Um ponto nevrálgico e que em muitos pontos elucida o *habitus*, a disposição geral de quem atua na área, é uma certa *marginalidade* constante e que define a própria identidade dos professores e pesquisadores, principalmente no departamento e na situação atual. Muitos professores referiram este sentimento de identidade, como Sara: *“nós não somos nem reconhecidos pelas ciências humanas e não somos reconhecidos na área médica, é o marginal, eu diria, é uma situação de marginalidade” Sara.*

Dada essa marginalidade e esse desconhecimento entre os pesquisadores das humanas mais tradicionais e os que estão na área da saúde, o afluxo e a demanda por vagas na saúde coletiva dos cientistas sociais é pequena. Isto também está ligado ao tipo de formação e de *“uma outra visão de como as ciências humanas se vêem. Nesse país eu acho que existe ainda uma tradição francesa das ciências humanas, que elas se colocam como mais reflexivas e menos de intervenção mesmo. A ciência social norte-americana é pragmática, ela é da intervenção, aqui não. Aqui você não tem esse modelo, elas não são inclinadas à intervenção” Sara.*

O mesmo poderia ser dito em relação aos médicos e profissionais da saúde na saúde coletiva. *“Eu acho que aqui na Unicamp eu sou um estrangeiro, os médicos da FCM não me consideram médico, porque na Unicamp existe um preconceito muito forte em relação aos médicos formados fora da universidade, característico de uma cidade provinciana como Campinas, num processo de*

endogenia muito forte, no qual os professores não concebem uma formação fora; então o que é motivo de orgulho aqui é o fato da pessoa ter feito graduação, residência, mestrado e doutorado na mesma escola. Na maioria das universidades brasileiras um professor valorizado é aquele que passou por muitas instituições, aqui é o contrário. (...) Deve ter um componente corporativo, dos médicos que tiveram que batalhar para fazer a escola, mas também tem um componente cultural que ainda está mudando, um pouco tardiamente. (...) A preventiva também, mas como a preventiva atraiu muitos residentes, médicos residentes que são de fora o perfil da preventiva sempre foi melhor” Ageu.

“Eu acho que a Unicamp era uma escola do interior, como Botucatu, como Ribeirão Preto, apesar de muito importantes, eu acho que essa história do interior acabou, porque hoje em dia não é mais interior, esse isolamento que dá essa idéia acho que não tem sentido. Hoje a universidade é uma universidade como qualquer outra que está nas capitais e com a vantagem de ser uma universidade mais nova, mais dinâmica, estrutura formal menos pesada, mas assim eu tenho certa dificuldade, como não vivi esse período eu entrei numa fase mais aberta, na verdade...” Rute.

Uma frase como a de Ageu sintetiza a identidade e as conseqüências da marginalidade: *“costumo pagar pelo prejuízo de ambos e não ter a vantagem de nenhum dos dois (...)” Ageu.*

Um elemento importante e que amalgamou a identidade e a autodefinição do próprio perfil da saúde coletiva foi uma cisão histórica dentro do Departamento de Medicina Preventiva e Social. Pode-se mesmo considerar esse episódio como o “mito fundador” da área.

Houve uma cisão nesse grupo original de pesquisadores que trouxe conseqüências importantes para o departamento. Foi um acontecimento capital que marcou e faz parte da identidade do grupo, a divisão histórica ocorrida dentro da faculdade em seus primórdios, que marcou a originalidade e a importância

desta vanguarda dentro da saúde preventiva brasileira e a memória coletiva deste grupo primário.

No livro comemorativo, *25 anos do Departamento de Medicina Preventiva e Social*, Canesqui (1990, p.17) descreve essa crise:

Nossa experiência departamental foi decepada em 1975-1976. Foram anos de grave crise institucional e política, que resultaram na saída do Departamento de muitos colegas docentes. Restou aqui um grupo reduzido de professores que procurou resistir e lutar pela manutenção da perspectiva da Medicina Social. A este grupo, posteriormente agregaram-se outros docentes e outros mais que também chegaram para definir, noutras bases, a continuidade do Departamento.

Rute complementou: *“é teve essa diáspora em 75 ou 76, acho que foi em 75, saíram os residentes de medicina. Os residentes como o Davi Capistrano, Zé Rubem [José Rubem de Albuquerque], Zé Augusto [José Augusto Cabral], um ou dois da Bahia, o pessoal que estava aqui nessa época, que não sei se saíram saídos ou se saíram espontaneamente. Não sei essa história bem, mas eu sei que tiveram que sair de qualquer forma. Alguns foram para USP outros para a Fiocruz”* Rute.

Esse grupo acabou conhecido como o “Grupo de Campinas”.

Sara analisou essa crise da seguinte maneira. *“Eu acho que teve uma crise do departamento, crise na metade dos anos 70, que ela tem origem política mais ampla; eu não diria que foi só uma crise localizada, exclusivamente na questão departamental, nas discussões ou concordâncias que eventualmente se poderia ter entre as pessoas que pensavam mais do ponto de vista da medicina social ou que pensavam mais o modelo preventivista. Ou entre marxistas e funcionalistas, grupos que faziam parte do contexto, de um debate mais amplo, porque é claro que competiam internamente na instituição. Foi mais funda a crise, eu acho que ela foi política e foi de uma contraposição, que algumas pessoas particularmente daqui, por exemplo, Arouca, que era uma liderança, de um*

embate com o Zeferino Vaz; então isso gerou uma situação crítica e que acabou envolvendo todo o grupo que tinha posições políticas de esquerda; e de uma determinada esquerda que naquele contexto de fechamento político mais amplo o Regime Militar também não tolerava; o PCB foi muito perseguido naquela ocasião em vários outros lugares e eu acho que isso se refletiu aqui, apesar da Universidade de Campinas, na ocasião, representar um certo oásis, vamos dizer, para a permanência de um pensamento de esquerda. Além disso, eu não pontuo a crise como somente uma questão política do PCB, perseguido. O próprio Arouca quando esteve aqui, antes de falecer, ele mesmo fez uma Conferência e disse: ‘eu perdi para o Zeferino Vaz’”.

Quando descreve o papel da academia dentro do movimento mais amplo da saúde coletiva, Sarah Escorel (1999) ressalta a importância das bases universitárias para a formação de um arcabouço teórico e conceitual para a atuação política do movimento. Salienta a posição de vanguarda do Departamento de Medicina Preventiva da Unicamp nesse período, como um dos centros de irradiação dessas idéias.

Segundo a autora, houve três episódios centrais nessa ruptura departamental. Um primeiro, em razão do conflito entre parte da comunidade interna da universidade, como a FCM e a sua diretoria, aliada aos Institutos de Física, de Matemática e de Ciências Humanas, apoiados pelos estudantes e a reitoria da Universidade. Um segundo, devido ao conflito entre a FCM e a reitoria a respeito do Projeto Paulínia, largamente financiado pela Fundação Kellogg: nesse segundo caso, a Fundação teria enviado assessores que avaliaram negativamente a experiência do Projeto, pois ele estaria distorcido por conteúdos partidários e políticos, contrários assim aos princípios técnicos exigidos por aquela instituição. Denunciado à Reitoria, o Projeto sofreu intervenções por parte de Zeferino Vaz e foi sendo desarticulado progressivamente. Por fim, o terceiro ponto diz respeito à intervenção direta da repressão política do próprio Estado de São Paulo nos quadros da faculdade, prendendo o médico David Capistrano Filho. Todos os

episódios acabaram por alijar o grupo da instituição, fazendo-o migrar para outros lugares.

O período de 1976 a 1982 foi de reestruturação do Departamento após a saída dos professores cerceados pela reitoria. A maioria do departamento chegou logo depois da cisão e não conheceu Sérgio Arouca e seu grupo enquanto colegas de departamento. *“Eu vim para cá depois, quando eles já tinham saído. E por sinal essa foi uma história que me foi passada, pois as pessoas não falavam muito sobre ela, e muitas coisas eu soube através de um grande amigo meu. Ele foi uma pessoa que me contou um pouco dessa história, mas enfim foi por aí” Rebeca.*

Uma exceção foi Miquéias, que presenciou os acontecimentos:

Quando eu terminei no 4º ano eu conheci o Sergio Arouca, a gente organizou a Semana de Saúde Comunitária, a primeira foi em Belo Horizonte, em 74 e a segunda em 75 foi aqui. Os estudantes de medicina e os professores, então a de Belo Horizonte a gente organizou lá com o Chico Gordo [Francisco Eduardo Campos], o Franciscão, que está lá no Ministério da Secretaria de Educação, com o Filadélfia, que foi diretor da faculdade. Participava: Brasília, Campinas, Belo Horizonte, Londrina, Rio de Janeiro e Campinas, foi em 75, organizada pelo Arouca e o Igor, foi aqui, na Unicamp em fevereiro, março e em junho irrompeu a crise.

Projeto Qualidade

Outras mudanças significativas aconteceram na Faculdade e no próprio grupo de vanguarda da saúde coletiva. O Projeto Qualidade foi o coroamento de todo um processo de aumento e incremento do controle institucional sobre os professores, cada vez menos livres para gerir seu ritmo e até mesmo processo de trabalho.

Por um lado, os parâmetros de avaliação da produção científica e do próprio trabalho dos professores do DMPs mudaram a partir de influências externas, institucionais, através da Capes e da própria Universidade, desaguando no Projeto Qualidade, que penalizou de certa forma a Medicina Preventiva, cuja atuação mais de intervenção, de planejamento e de formação de recursos humanos para os serviços não favorecia a ‘produção’ científica mais tradicional. Alguns pesquisadores viram-se mal em suas peles, como Ageu: *“os parâmetros institucionais de avaliação mudaram, além de que eu não sabia exatamente qual era o valor, um dos grandes papéis que tinha para mim na instituição era formação de recursos humanos para a saúde pública”*.

Para Rute, *“teve um período de um grupo que teve essa dificuldade, não teve essa indução para produzir – é eu acho que também teve essa a ver com questão do próprio fomento. O fomento de pesquisa, no final dos anos 80 e início dos 90, não era como é hoje. Hoje os recursos públicos na área de investigação são muito maiores, apesar de ter aumentado o número de demandantes e de pesquisadores. Depois, nessa história das políticas de qualidade houve uma demanda por qualificação, pois o doutorado é mesmo um marco e coincide com um ambiente com financiamentos públicos mais significativos. (...) Tem todo esse contexto”*.

“Na verdade me vi desprestigiado. Politicamente perdemos essa batalha, eu e quem me acompanhou. Eu fiz, também depois de formado, 10 anos na assistência; quando eu saí para trabalhar no CNPq eu já estava mudando o meu perfil. Indo para a área de ciência e tecnologia percebi que eu teria que ter o doutorado porque se eu não o tivesse nunca iria evoluir e nem chegaria a ser professor como queria; mas quando eu cheguei a ser professor aos 37 anos de idade estava 10 anos atrasado em relação aos meus colegas que fizeram essa escolha antes, então os meus contemporâneos de graduação, esse pessoal que ficou lá na época e foi fazer mestrado (...). Esta foi um aposta “pessoal, teve gente que já fez aposta para ir direto, nunca vir para a academia a não ser

periféricamente, como talvez no caso da [cita uma amiga] que nunca consegui convencer a fazer nem mestrado” Ageu.

Joel também constatou e descreveu esse refluxo do movimento e do momento político. *“Eu fiquei por um tempo afastado da academia, não sei se posso dizer que foi uma contingência, por que quando eu me formei em 78 havia uma desilusão muito grande quanto à perspectiva do papel de ciência por isso eu nem queria fazer residência médica. (...) Naquela época eu trabalhava desde 76 em um posto de saúde e a idéia que se tinha é de que pelo serviço fazer uma mobilização social, conseguir arregimentar um contingente de pessoas grande, fazer uma mobilização e talvez até revolução usando como objeto, como ponto desencadeador, a saúde. Um dos focos era a saúde”.*

A forma como Miquéias via a academia o levava à militância política: *“houve uma época em que tinha mais, outras épocas menos; porque como eu falei para você, eu liguei muito a investigação com a saúde pública, a produção intelectual com a militância e tive uma dificuldade de conviver nos partidos; não priorizei, ou melhor não consegui, poderia ter sido como uma série de outros amigos meus que foram deputados. Várias vezes fui convidado, mas eu tive um certa antipatia por um certo pragmatismo dessa vida partidária” Miquéias.*

Essa aproximação entre academia, serviços e políticas públicas era natural e necessária. As novas formulações dentro da academia acompanhavam um movimento dentro dos serviços e também fora da academia e dos serviços, no campo dos movimentos sociais e políticos. *“Então a gente acompanhava a saúde coletiva, mas de fora, ou seja, não engajado na universidade. A gente estava na verdade dentro, eu estava trabalhando no serviço, no Ministério da Saúde e foi uma época muito interessante, pois estava trabalhando na formulação dos programas de assistência a saúde integral da mulher e da criança, foi um período de muita formulação e criação dos serviços porque estava avançando para o que seria o SUS posteriormente, e nesse sentido a gente estava com muita relação com a academia porque apesar de estarmos no serviço, no Ministério da Saúde existia uma aproximação maior com a academia” Rute.*

As novas gerações, elas estão sujeitas a um controle altíssimo. *“Claro, porque se você não publica, por exemplo, não pode participar da pós-graduação; não pode ser docente pleno e aí não pode orientar; e para você renovar seu acesso a ser orientador na Capes, você tem que ter publicação porque senão você não dá acesso para que seu orientando tenha financiamento” Sara.*

Assim, nos primórdios, os estudos realizados no departamento tinham grande autonomia teórica e metodológica tanto do ponto de vista institucional quanto externo à instituição; ao mesmo tempo exigiam-se trabalhos mais extensos, profundos e ‘autorais’.

Para Miquéias, *“antigamente nós trabalhávamos com uma pluralidade grande, os cursos exigiam mais, a metodologia era maior, faziam-se grandes ensaios, o pessoal tinha que estudar muito e tal, agora eu tenho uma linha de pesquisa e as pessoas enquadram-se nisso”*. Eles têm um contato *“maior agora, antes era mais autônomo, eu era mais um revisor apoiador”*.

A padronização dos cursos de pós-graduação também é um fator importante na mudança do modelo acadêmico e na participação política. Esse modelo, *“na pós-graduação e na pesquisa vêm via Capes e CNPq, com uma metodologia de avaliação na qual quem não fizer isso não tem dinheiro, não tem nota, não tem quadro, não tem bolsa fora. E como agora as próprias universidades têm um orçamento reduzido... naquela época, anos 70 e entrada dos anos 80, os departamentos que tinham pós-graduação eram mais independentes do CNPq, eles regulamentavam-se e cada um se mantinha. Eu acho que dos anos 80 para cá diminuiu a autonomia dos cursos locais, mas aumentou o controle e há uma padronização no Brasil cada departamento é muito parecido com o outro”* Miquéias.

Miquéias não acredita que a autonomia e o tipo de pesquisador da época inicial tenda a desaparecer, *“porque o ser humano resiste e nenhuma estrutura é ausente de brechas, não tem fissura. O professor [colega] sobrevive e ele mantém um padrão de orientação, eu faço uma negociação, resisto até hoje.*

Antes, era menos quantitativista e havia um enquadramento, tinha um controle social da produção; mas era mais artesanal, os pesquisadores tinham mais autonomia, as pós-graduações tinham mais autonomia e os orientandos tinham mais autonomia”.

Talvez isto seja verdade e seja possível manter uma autonomia em relação à ingerência das agências de fomento e da própria instituição, mas cada área dentro da saúde coletiva parece ter criado suas próprias estratégias.

Existem áreas que são mais complexas porque *“cada pesquisa é um projeto inteiramente novo, é muito trabalhoso, pois é tudo muito artesanal, cada pedaço é um projeto. Mesmo quando você tem uma linha de pesquisa consolidada, uma linha da qual você pode ir desdobrando projetos, montando as conexões entre os projetos, mesmo assim é diferente porque tudo tem que começar do zero. Na nossa área os projetos têm um começo, meio e fim; não existe um banco de dados ao qual você vai e aproveita. E nem o material, você tem que construir. Talvez, quem sabe, nesses grandes projetos temáticos da FAPESP... Mas cada um que está inserido em um pedaço desses projetos, está na realidade, fazendo um outro trabalho completo...” Sara.*

Com esse nível de exigência e a necessidade de um acompanhamento qualitativo e artesanal tão grande, acaba-se tendo dificuldades em encontrar meios para realizar esse tipo de projeto. *“Tudo isso é muito bom, agora essa parte que eu chamo de criação, do prazer, de pegar um texto dos alunos que está ali na sua tela, super bom, e percebe imediatamente que tem uma série de lacunas e é esse o seu papel você não faz isso na hora. Eu adoro fazer isso, mas quanto tempo isso leva? É um tempo roubado” Rebeca.*

Essas estratégias de sobrevivência passam pela reprodução dos quadros de pesquisadores e possíveis futuros professores, através da *seleção* dos alunos de pós-graduação ou pesquisadores.

O grande valor de um possível orientando ou pesquisador a ser contratado, que transparece nos discursos é, acima de tudo, a boa vontade em realizar trabalhos. Se o pesquisador despender mais tempo, mostra interesse e investe no aprendizado, tem grandes chances de ser bem avaliado. *“Olha, meus orientandos entram na seleção normal do departamento e o que eu olho muito quando eu vou escolher uma pessoa é o compromisso dela, eu não tenho olhado em termos de formação, de currículo, eu tenho olhado mais a questão do compromisso, o quanto ela vai se dedicar, o quanto ela se propõe a dedicar ao projeto que afinal é o projeto de vida dela, isso é um marco na vida. (...) Agora fora da pós-graduação é muito intuitivo, é muito pelas histórias que as pessoas contam, quando podem demonstrar que estão realmente interessadas no tipo de trabalho e aí é a gente tem sempre a opção de não ficar com a pessoa ou ela não continuar se não se adaptar” Rute.*

“Quanto as minhas escolhas de orientandos, algumas foram muito pautadas no perfil, outras foi um pouco por intuição, outras porque me procuraram e havia uma vaga. Mas eu tenho uma certa intuição e algumas pessoas eu já conheço mais. Agora tem a questão das linhas, e eu recebo algumas coisas tão fora que eu já explico que trabalho com determinada linha de pesquisa e fica mais fácil” Rebeca.

Um outro efeito constatado é o de concentração dos futuros orientandos em linha de pesquisa e temas de interesse do orientador, enquadrando os alunos dentro de linhas de pesquisa mais rígidas.

“Atualmente estou selecionando mais, sendo mais egoísta, seleciono em cima de temas que eu tenho mais interesse. (...) Atualmente estou tentando selecionar sobre o que pra mim tem relevância, eu vou muito em cima das dúvidas que vão aparecendo para mim, no meu trabalho” Joel.

Hoje os tempos são outros e não há mais no ar aquele clima altamente politizado do início do departamento. Além do clima político, deve haver uma demanda de mercado que impede os médicos a virem para a profissão de pesquisador na área da medicina preventiva.

“Depois eu acho que tem um refluxo principalmente de alunos médicos, eu diria que hoje a afluência de alunos de pós-graduação já tem um perfil mais diversificado, você tem menos médicos, mais enfermeiras, nutricionistas e outros profissionais. Talvez eu diria que algumas profissões sem muito espaço nas próprias áreas com cursos de pós-graduação, eles tendem a procurar aqui. Ou outras profissões, como é o caso da psicologia, por exemplo, que tem uma formação básica voltada para a atenção ao indivíduo e que de repente eles vem buscar aqui alguma coisa que fala desse coletivo, meio perdidos, sem saber muito bem o que é isto e o que fazer” Sara.

“A área em geral, eu acho que ela está cada vez mais feminina e cada vez menos medicocêntrica. No caso do medicocentrismo, eu acho que é uma desvantagem porque é muito importante que a saúde coletiva seja interdisciplinar, é muito importante que tenha a participação de profissionais de várias formações, não é adequado que dela seja excluído o médico e parece que isso está acontecendo. A gente está tendo menos demanda de profissionais médicos do que de outros profissionais como nutrição, enfermagem, psicologia e tal, eu acho que isso deve ser uma questão definida pelo mercado” Rute.

Valeria a pena um aprofundamento das pesquisas sócioeconômicas do perfil do ingressante em medicina e também da saúde coletiva pois, tradicionalmente, quando uma área começa a apresentar um grande contingente de mão-de-obra feminina, ela costuma estar em vias de precarização e diminuição dos níveis de renda e salário, como apontou o já clássico estudo de Braverman (1981) sobre a degradação do trabalho no século XX, estudo confirmado a reveses. Em um estudo mais atual, pode-se constatar que em setores recentemente desenvolvidos como o de tele-atendimento, a taxa de mulheres é muito alta (Braga, 2006).

Também o perfil econômico dos médicos está mudando, pois *“na graduação hoje nós temos uma quantidade maior de alunos provenientes da classe média-baixa e baixa. Acho que isto está relacionado a uma luta que a*

sociedade desenvolveu por acesso à academia, exigência de bolsa, luta de alunos por restaurantes, por moradia estudantil, cotas (...)" Ageu.

Os professores declararam selecionar seus pesquisadores pelo comprometimento pessoal do candidato com o objeto, com o 'centro' da saúde coletiva, que é o interesse e o investimento individual na área. Assim, o que se valoriza é *"a opção pela intervenção no campo da saúde pública, o cara querer pesquisar no bairro, no centro de saúde, com a população que trabalha naquela área, esse é o critério, eu não pergunto se ele é engenheiro, se ele é biólogo, se ele é cientista social, se ele tem um projeto na área e adere ao grupo e está voltado para uma população que nós selecionamos como população alvo, ele está no grupo"* Ageu.

Dado o nível de pressão interna e as exigências departamentais e da faculdade, o cumprimento dos prazos e a dedicação ao trabalho passa a ser mais importante que a própria pesquisa em si. *"Perfil do aluno eu tenho sim, basicamente é achar que ele vai acabar o trabalho, o tempo que ele vai se dedicar, se ele está envolvido no negócio, tem que ter um envolvimento prévio, se aquilo ali é uma coisa que ele pretende fazer para o resto da vida"* Joel.

De todo modo, o fator da afinidade pessoal continua sendo relevante. *"Eu levo em conta características pessoais. O Chaplin dizia 'os antipáticos não tem vida' [risos]. A associação para a pesquisa não é só feita baseada em currículos, é feita baseada em afinidades; você não pode ter como colega de um grupo de pesquisa uma pessoa que não lhe tolera. Os grupos de pesquisa têm a vantagem de você poder construir com quem você tem afinidades, e é assim que funciona, livre associação facilita isso, produz isso. Não se deve cometer o erro de trazer uma pessoa para a área de pesquisa baseada no currículo dela, apesar do currículo, pode implodir o grupo. E isso acontece com freqüência. Eu sou o gestor do grupo"* Ageu.

Essa seleção e reprodução dos quadros passam pela criação de *redes sociais e grupos de pesquisas* afinados entre si.

A inserção de Sara nas ciências sociais, fora da saúde coletiva, *“funciona normalmente. Claro que pode haver um empecilho se eu quiser coordenar o grupo, mas participar está aberto, apresentar trabalhos, as mesmas pessoas se comunicam com a gente pedem os trabalhos, passam as informações, ou seja, a gente se comunica”*. Os contatos são feitos *“por e-mail, telefone, relações de amizade que você tem com as pessoas, eu nunca entrei numa rede de pesquisadores assim, mas sempre pelos meus próprios contatos, afinidades, de trabalhar junto e de conhecer”*.

“Eu tenho um convênio com [outro país] Canadá, eles vem pra cá. É uma rede que está se formando, não é um grupo institucionalizado, ela está caminhando para isso, a gente teria até abril do ano que vem para ela se institucionalizar aqui na Unicamp. Eu trabalho também com um grupo que é uma ONG que tem convênio com a Unicamp e com a OPAS, nós temos trabalhos publicados com esse pessoal, então tem esse convênio internacional nessa área de promoção da saúde. Eu procurei as pessoas e foi uma convergência de interesses, é uma rede de pessoas com interesses afins, não tem relacionamento social” Joel.

A existência de verbas para manter e desenvolver essas relações é fundamental e imprescindível. *“Mas você precisa ter dinheiro, como eu estou sem dinheiro porque estou sem projeto, eles não vêm. Mas eles têm me levado. Pela influência cultural, o ‘link’, a rede é mais ‘frou’, é mais solta. (...) Não tem um convênio contínuo nem um grupo formal, mas eu tenho uma articulação por área de interesse, por identidade de proposições políticas” Miquéias.*

Por vezes consegue-se montar pesquisas e grupos multicêntricos, com financiamentos de grandes projetos. *“Eu tenho um projeto, nós montamos uma rede a partir de 2003, uma rede de pesquisa sobre [tema] que envolve cinco universidades brasileiras, o meu grupo é o grupo que coordena essa rede. Então tem o peso nacional muito grande. a gente tem uma rede crescendo em que estão se desenvolvendo alguns estudos multicêntricos” Rute.*

Em geral afirma-se que o profissional deve preencher satisfatoriamente tanto o trabalho de professor como de pesquisador, mas para alguns isso não corresponde à realidade: *“na minha opinião não, principalmente na graduação, pode ser uma vocação separada. Pode ser bom professor para a medicina e enfermagem e não ser bom pesquisador” Miquéias.*

Um item fundamental muito valorizado pelo Projeto Qualidade e pelas políticas das agências de fomento é o da publicação de artigos e trabalhos em geral. Essa exigência funciona como uma certa pressão constante sobre os pesquisadores. Os entrevistados foram unânimes em constatar essa camisa-de-força.

“Isso [produção/publicação] preocupa porque eu tenho uma autocrítica grande, um superego grande como todo mundo e não me agrada isso, mas, por exemplo, em termos de docência estou tranquilo, acho que desempenho bem e tenho um retorno bom, tanto do ponto de vista de formação como do ponto de vista cognitivo dos alunos” Joel.

“Por exemplo, se você não publicar dois trabalhos por ano em revistas indexadas você está fora da pós-graduação, deixa de ser professor se não publicar dois textos da área; eu faço uma grande pesquisa de cinco anos e sai um grande livro que poder ter sido citado no mundo inteiro, mas para a pós-graduação daqui eu vou estar fora... então tem uns paradoxos aí... tem menos autonomia, as linhas de pesquisa são menores, mais bem definidas” Miquéias.

As questões de gênero apareceram sutilmente e deveriam ser estudadas mais profundamente, pois o tom das falas demonstrou questões ainda abertas e a serem exploradas.¹¹

¹¹ Sobre o tema, ver Montagner, Maria Inez. *Mulheres e trajetórias na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: vozes singulares e imagens coletivas*. (Dissertação de Mestrado). Unicamp, Campinas, 2007.

“As chances que as mulheres têm de fazer uma carreira acadêmica, eu acho que não são abertas; entre uma mulher e um homem, competindo hoje em iguais condições em determinadas áreas, não diria na Saúde Coletiva, pois aqui competiria em condições iguais, em outras áreas não competem com as mesmas qualificações. Agora, dizer que as mulheres abraçam, vão ou queiram ir para a carreira científica e que necessariamente elas consigam eu acho que... acho que a mulher nem chega a querer, viu? Eu acho que o problema é anterior, ele é fruto de sua auto-exclusão” Sara.

Quanto à própria ciência e sua construção, somente alguns apostam em uma possível diferença entre homens e mulheres. *“Hoje é muito diferente porque aí você tem, não necessariamente, mas como tendência, uma tolerância maior, o lidar com as diferenças de uma forma melhor, algumas características como tendência, porque você tem mulher autoritária, igual ao homem. Inclusive uma coisa que eu procurei aprender, o aluno produz e não precisa ser uma cópia minha. Para a mulher isso é menos essencial, ela se sente menos ameaçada. Talvez em função da história, cultura; a psicanálise falaria da questão fálica, você tem que ser o macho do rebanho. Homem tende a cristalizar e a fechar mais os campos. Só que os homens vão mudando, eu mudei muito e vejo que as gerações mais novas têm mais facilidade do que eu de ter esse lado que antigamente era feminino” Miquéias.*

A construção de grupos de pesquisa multicêntricos, com o aporte vultoso de recursos, tende a configurar, cada vez mais, um *modus faciendi* coletivo, uma nova maneira de trabalho também para o tipo de ciência mais voltado para as humanidades. Essa discussão será aprofundada nas considerações finais. Mas podemos apontar aqui os principais discursos sobre ao trabalho coletivo na área:

“Eu acho que você tem a visão do intelectual artesanal, auto-referente, coisa que é muito comum na área de ciências humanas, principalmente, com menos tradição da pesquisa compartilhada, da pesquisa em equipe, de grupo. E

então eu acho que hoje isso mudou. Mesmo como padrão de sobrevivência do pesquisador nas instituições” Sara.

“Eu tive uma satisfação muito grande com o meu grupo, vieram profissionais de diferentes áreas e a maioria nem estava matriculada no mestrado e doutorado. Houve uma mistura então a gente conseguiu elaborar alguns textos, saíram então uns quatro textos alguns já saíram até em publicação, foi muito interessante porque foi uma produção coletiva, a gente ia discutindo, cada um ia analisando um pouco a sua inserção nessa instituição a gente vinha vindo. Isso funcionou super bem, mas é trabalhoso, é complicado, pois esse tipo de produção exige mais reflexão e mais tempo, existe uma contradição muito grande nisso” Rebeca.

Parece irônico, mas na época de mais politização e de movimentos coletivos, a produção científica era individualizada. Hoje, ela torna-se cada vez mais coletiva. *“Era impensável, nos anos 70, acho que seria processado um orientador que assinasse um trabalho com o orientando, era impensável, pois o trabalho era do orientando; mesmo de mestrado, você ajudava, ele tinha que fazer e funcionava. Hoje ao contrário, eu recebo a recomendação que todo o trabalho publicado tem que sair com a minha assinatura. Hoje a ética inverteu-se, o orientando que publicar e não colocar no trabalho o meu nome pode ser penalizado; existe uma orientação geral, não sei se é norma ou regra. Hoje em dia os meninos falam: ‘não o professor tem que assinar, corrigir para mim; põe um parágrafo’, que eu fico meio incomodado. Às vezes tem tese em que você mistura muito, mas antigamente citava-se, eu usei isso do meu orientador, foi a hipótese de meu orientador, em sala de aula, citava-se inclusive em sala de aula, você fazia uma referência, hoje em dia não, isso porque se criou um modelo de produção com essa outra lógica...” Miquéias.*

“O que nós temos feito é trabalhar no sentido de produzir estudos que tenham significado local, não como subamostra, mas sim como amostra daquela população, com isso a gente consegue fazer um trabalho que é um trabalho geral no qual a primeira autoria é da pessoa, pessoa nossa aqui, de alguém do nosso

grupo que está coordenando o projeto e os dados locais são de propriedade dos pesquisadores locais. Na verdade são várias pesquisas, é um modelo que permite as pessoas terem a possibilidade de assinar os seus trabalhos, de ter autonomia. Fica mais caro, mas do ponto de vista das relações ela é muito mais horizontal” Rute.

Há professores que atualmente gostam muito de trabalhar coletivamente, pois aceitam que essa é uma maneira interessante de fazer ciência. *“Eu tenho grupos de pesquisa, todo mundo participa, a gente faz temas, alguns temas eu levo, outros eles trazem, existem temas particulares que se discute em grupo, e tem a orientação individual; eu faço as duas coisas...” Miquéias.*

De fato, as mudanças ocorridas dentro do novo padrão de trabalho científico, exemplificado pelo Projeto Qualidade, afetaram fortemente e duradouramente as relações entre professores e a forma de trabalho. *“Até um dia que eu recebi um telefonema do Valter Pinto, era o coordenador de alguma coisa, ele pegou o meu relatório e falou: ‘você não faz nada, não produz nada’. Eu nunca tinha dado bola pra isso, pois a gente fazia um monte de pesquisa pequena, operacional, relacionada ao serviço, avaliação, utilizar um dado da epidemiologia relacionado com alguma coisa no serviço, isso aí a gente fazia bastante, mas mais pra coisa interna mesmo” Joel.*

Resultado de uma mudança de paradigmas, Rute acredita que as pesquisas não podem mais ser individuais, *“não dá, pesquisas populacionais de forma alguma, a não ser pesquisa que são ou básicas, que a pessoa tem seu laboratório ou então pesquisas qualitativas que as abordagens podem favorecer um trabalho individual. Mas pesquisas populacionais, nem pensar”.*

O resultado desse trabalho coletivizado é a *publicação*, o texto e a pesquisa acabada. Publicações são a moeda principal dentro do novo padrão de pesquisa. Isso coloca problemas e desafios.

Rute publica *“mais no Brasil, mas o meu objeto não é necessariamente local. (...) Eu acho que estou aumentando, estou numa progressão, mas eu penso que poderia estar publicando mais. Estou com projetos bastante grandes, relevantes, mas como é uma coisa que você constrói, um substrato, então as publicações estão saindo, mas pode melhorar mais”*.

Uma estratégia que, às vezes, funciona a favor dos pesquisadores é a interface com outras disciplinas, desde que se consiga passar pelos portões ou porteiros das revistas especializadas.

“Publicamos juntos e fazemos reuniões, vamos para o campo juntos. Nessa linha. A gente publica muito nas revistas dos outros, de vez em quando a gente fura o esquema e consegue publicar com gente da biologia na saúde coletiva, consegue publicar na engenharia com gente da biologia, vamos furando os esquemas” Ageu.

Por outro lado, a interdisciplinaridade pode atrapalhar a publicação, mesmo se feita em revistas da própria área, como nos conta Miquéias. *“E aí tem muita rejeição, tem muito conflito, teve um artigo meu, um dos artigos mais citado da Saúde Coletiva, foi publicado em 98, mas eu estava desde 94 tentando publicar, foi rejeitado e teimoso insisti. E saiu na [revista da área], fiz um recurso (...). Às vezes tem problema que é nosso, imperfeição bibliográfica, às vezes a gente não segue alguns padrões que deve seguir, vários criticam, então tem uma parte dessa rejeição que a gente atribui ao controle social, mas muitas vezes é mesmo pessoal. ‘Não considerou a bibliografia da época, tem outro autor trabalhando com o mesmo tema, mas você ignorou, devia ter feito uma referência, indexado’. (...) Esse processo eu guardei, mas acabei perdendo, pois queria escrever um artigo sobre isso. Ele foi recusado umas cinco ou seis vezes, no fim eu apelei para o editor e ele publicou na sessão de opinião; ficou tão constrangido, saiu na sessão opinião, aliás, esses dois que acabaram indo e voltando saíram nessa sessão. Exigiram que eu colocasse ensaio: eu não tinha colocado ensaio, nem tinha adotado uma metodologia de ensaio, tinha feito uma metanálise, ela trabalha com qualitativo, mas só para comparar com quantitativos, fiz uma série de*

deduções e propus algumas sínteses, e isso não era ciência. Mas saiu e é hiper-citado, porque como eu mexi com um monte de coisas que estavam consolidadas, cristalizadas, apontei algumas críticas, enfim na época teve importância cultural; e não conseguia publicar”.

Rute estuda temas de relevância nacional cuja importância é também internacional e por isso consegue publicar no exterior. *“Eu tenho publicações internacionais; são poucas, mas em assuntos, objetos e temáticas ela é relevante para nós aqui, mas ela tem possibilidades e tem repercussão, ela tem interesse fora daqui também”.*

Quanto ao resultado dos trabalhos publicados em co-autoria, essa prática tende a crescer e os professores declararam estar aprendendo esse tipo de processo, mesmo se por questões do novo paradigma de produção científica e malgrado suas vontades ou crenças éticas.

“Eu acho que isso a área médica faz muito mais forte, fazem bem; esse processo foi muito lento na nossa área, agora que está se começando a publicar com os alunos de pós-graduação, você pode ver o currículo de todos os professores, antes eram todas publicações isoladas, mas de um tempo para cá é que começam as co-autorias, mas por força institucional, por obrigação. Ninguém nunca gostou muito de publicar com aluno. Até senti que é um certo prurido: ‘imagine se eu vou publicar em conjunto a tese do fulano, a tese é um trabalho dele, mesmo que eu tenha colaborado, dado toda a minha reflexão para que ele faça’, nós sempre tivemos essa visão. Eu acho que é a visão de um intelectual tradicional que ainda persiste na área, ainda é muito forte, é uma marca, o trabalho é do fulano. Então eu acho que essa questão de compartilhar a autoria e tudo mais quebrou essa tradição; eu acho que começa a gerar também uma maior preocupação de fazer pesquisas compartilhadas” Sara.

“Eu tenho dois artigos que vão sair agora na revista Interfaces em co-autoria. (...) O conteúdo elas dominam mais, mas elas mandam para mim e eu altero. Eu não tinha essa prática, mas ultimamente isso tem me dado muito prazer.

Dá muito trabalho, (...) vou refazendo até a redação do português, mas eu só consigo colocar meu nome se fizer isso junto. Tem uma parte que elas fazem que eu acho um bom treinamento, e estou com quase seis artigos, desse grupo e mais dessa orientanda. Agora... requer tempo” Rebeca.

A famosa frase “publish or perish” tornou-se uma máxima dentro de todos os ramos da ciência, mas especialmente no Departamento de Medicina Preventiva e Social, onde o número de revistas era até pouco tempo exíguo. A dificuldade ainda está presente e alguns pesquisadores não estão tranquilos em suas peles.

“Eu publico pouco, eu tenho feito um esforço para melhorar isso, mas não é pela publicação não, é pelo reconhecimento do trabalho, respeito, apoio” Ageu.

O grande problema é quando se comparam profissionais de características diferentes e com *habitus* e modos de trabalho específicos. Os tipos de estudo podem ou não favorecer a publicação parcial ou sistemática.

“O que me mobiliza nisso que você fala e quando você pega um pesquisador de laboratório, um professor que tem um laboratório ele pode produzir 80, 100 trabalhos e pode produzir um trabalho a cada 15 dias, fazer uma segmentação do achado da mesma pesquisa, fazer várias facetas e assim liquida o assunto. A maturação é rápida, a produção é grande, a obsolescência também, então existe um consumo muito grande desses trabalhos. Para que isso? É ideológico, para vender, aparecer, para dizer que produz, tem a questão do nome, essa coisa toda. Avançou o conhecimento em que área? Sem dúvida, a pessoa que publicou menos também avançou? Avançou. Como é que você vai medir isso ou para que medir isso? Qual é o sentido dessa mensuração. Quem que determinou que o metro é esse?” Joel.

“No varejo eu estou ainda tentando fazer publicações que são um meio pedaço da [área] dita tradicional e meio pedaço de [outra área]. É difícil publicar na primeira porque os tradicionalistas costumam rejeitar trabalho que tem

características não estritas do campo e a mesma coisa dos outros que rejeitam que se tragam componentes que são estranhos para eles. (...)" Ageu.

Sara acredita que "tem muita gente, o mercado editorial de revistas deveria ser ampliado porque, com essa exigência toda, você tem que publicar para ser curso A para ser curso B, quantos artigos por ano seriam? Quer dizer, não vai ter revistas suficientes que vão dar conta de fazer isso, quantos docentes tem num curso? É um sistema que está criando sua própria força, porque não tem como fazer isso. Ou então vai tornar-se um sistema altamente hierarquizado no qual sobrevivem aqueles que dominam realmente os meios de publicação para dar vazão a sua produção. Que grupos seriam esses? Basta ver os cursos de pós-graduação que tem nota 5 ou 6 lá no ranking da Avaliação da Capes, são os que estão comandando hoje. Mas a avaliação da Capes não está sendo feita independentemente nem da avaliação do próprio docente, nem da avaliação dos cursos de pós-graduação, hoje todo esse sistema está acoplado. Mudou a carreira de pesquisador, pois ela é institucionalmente regulamentada e controlada".

Por outro lado, esse sistema de avaliação pelos pares garante uma certa integridade ao sistema, na falta de outro meio. "Eu acho que o sistema de avaliação pelos pares é importante, não tem outra forma, que outra forma teria? Não existe. Ele não assegura necessariamente a qualidade, que é uma outra discussão, mas ele a assegura, vamos dizer, em parte; o fato de outro estar olhando, a crítica, o julgamento, isso é importante, o mérito. Mas ao mesmo tempo muita coisa ruim é publicada. Então não assegura a qualidade" Sara.

Outros são mais otimistas e vêem melhoras na área. "Surgiram outras revistas, houve uma certa especialização, a revista de epidemiologia da saúde coletiva está indexada. O Cadernos de Saúde Pública e a revista da Abrasco abriram mais para todas as áreas, com um corpo editorial maior. Conforme o tema que você propõe, eles mandam para pareceristas daquela área. Agora, por exemplo na Fapesp, projeto de pesquisa, se não for quantitativo, não vai" Miquéias.

Malgrado as mudanças, a lógica atual de avaliação de um profissional passa pelo “número de publicações dele. Infelizmente, eu particularmente, não dou muita importância aos artigos, mas se não tiver um bom número de artigos publicados, estou perdida. Eu gosto mais de capítulos de livros ou livros, porque essa eu acho que é uma produção mais pensada, mais consistente e mais elaborada, no entanto hoje se computam artigos, não se computam na área da Saúde Coletiva os capítulos de livros, só artigos” Sara.

Um item que falta ou é mal explorado pelos professores da vanguarda da saúde coletiva parece ser o das *relações com o exterior*. Muitos não se preocuparam, ao contrário de outras áreas da própria Faculdade ou Unicamp, em criar uma linha de pesquisa sistemática com o exterior, “*por enquanto eu ainda não tenho. Eu penso que essa questão de linha de pesquisa é uma coisa muito recente para a nossa área; à medida que a Saúde Coletiva foi se reestruturando houve até resistências muito grandes em estruturar linhas, esse departamento particularmente foi um dos últimos cursos que conseguiu estruturar as suas linhas. Inclusive fui responsável por um grande seminário que aconteceu para discutir essa questão de linhas de pesquisa e para poder definir, pois curso estava sempre mal avaliado, porque não conseguia defini-las*” Sara.

Para alguns, recentemente, tentou-se o estabelecimento desta linha de pesquisa com o exterior, mas o resultado foi desanimador. “*Eu realizei meu pós-doutorado no exterior, fizemos um seminário aqui, um colóquio lá, uma aluna minha foi fazer uma bolsa-sanduíche, mas até agora a gente não conseguiu ter nenhuma linha de pesquisa comum até esse momento [de cunho internacional]. Porque a gente teve um grande problema, a gente fez um grande esforço para criar esse convênio e nós perdemos não por causa dos estrangeiros, mas pela nossa nota da pós-graduação. Isso também foi um banho de água fria. Estava tudo perfeito, o pessoal de lá nenhum problema, vocês também nenhum problema, tudo correto, mas pela nota da pós-graduação da saúde coletiva não*” Rebeca.

Para Ageu, relações no exterior significam “o contato com a universidade que a gente tem, onde eu já atuei. Ironicamente, onde eu estudei não tenho contato nenhum, penso que cometi um grave erro, um grave equívoco, de voltando para o Brasil não ter mantido vínculos com eles. Eu me dediquei de tal maneira ao que chamei de processo de construção institucional do Departamento, na criação do laboratório de aplicação da área, os treinamentos de recursos humanos para o SUS, os convênios com o Ministério da Saúde para a formação de pessoal, dar aulas no curso de saúde pública, aprender mesmo coisas que tinha que fazer aqui, que descuidei completamente de manter vínculos internacionais. Só acordei para o fato num dos relatórios trienais que fiz aqui para dentro da escola e em que eu fui repreendido porque eu dava muita aula de extensão e fazia muitos projetos, mas não tinha publicações e vínculos internacionais. Aí tive que retomar. Refiz vínculos com pessoas fora do Brasil que eu tinha conhecido no [exterior] e reconstituí esses laços exatamente 10 anos depois. (...) Eles têm pesquisa em conjunto comigo, mas ainda não trocamos estudantes, e eu estou montando um esquema para em 2006 para ter dois colegas como professores visitantes aqui” Ageu.

É sem dúvida difícil avaliar o *prestígio* e isso varia muito de pessoa para pessoa. Dentro da Saúde Coletiva isso varia muito, pois são várias as áreas integradas. “Para a área eu acho que tinha um grupo que estava sempre circulando e depois foram emergindo outros, enfim, eu acho que à medida que nós conseguimos nos organizar mais isso abriu um pouco mais os espaços, para não fica concentrado em algumas figuras que estavam sempre mais reconhecidas. Eu não me considero entre essas pessoas, eu produzo, tenho uma produção que é respeitável, mas eu não sou dessas figuras que estão a todo o momento circulando, que são ‘arroz de festa’ da Saúde Coletiva. Se isso mede o *prestígio* eu não sei, pode ser” Sara.

“Eu me sinto, mas eu acho que eu poderia me empenhar mais. Eu tenho uma coisa que eu acho que é muito pessoal, muito minha, quero ser reconhecida por um valor que eu tenha mesmo, por um trabalho, um esforço e não

por um 'marketing', por um interesse, entendeu? Se é para ser reconhecida, eu quero ser reconhecida como uma pessoa que trabalha sério, que trabalha bem, que é responsável no trabalho, é ética, produz, não só por produzir, mas porque é alguma coisa que faz sentido na sua profissão. Para mim o marketing é isso. Eu não consigo me fazer influenciar para ser chamada para tal coisa, eu simplesmente não vou, pode ser até um defeito" Rebeca.

"Se você for ver a minha produção acadêmica ainda ela é pequena, se for analisar a situação, de forma nenhuma eu sou reconhecido como [em sua área], então de forma alguma nesse ponto. Existe a minha parte, eu fiquei [nos serviços], não procurei muito, lá ficamos isolados mesmo. A gente pode constatar isso, ficamos isolados da linha de produção, mais numa atuação sem reflexão" Joel.

Alguns se sentem reconhecidos profissionalmente, como Ageu, "mais nacionalmente do que internamente. Dentro do próprio campus da Unicamp eu acho que o meu trabalho é mais bem reconhecido do que dentro da Faculdade".

Outros estão satisfeitos, como Miquéias. "Eu me sinto reconhecido".

Para ele, um índice de prestígio no campo são "as revistas, hoje tem revistas temáticas, por exemplo, e eu fui convidado, então sou reconhecido. Essa é uma forma, a outra é em Congressos, faz anos que eu não apresento trabalho e o povo me chama para conferências, eu tenho que preparar sob encomenda. O número de pessoas que procuram os cursos, essa capacidade de atrair. Citação só na América Latina".

"Eu fui chamado para abrir uma Conferência Estadual de Saúde; um mês antes, fui chamado para abrir [outra conferência], também a de [outra cidade] para discutir a atuação sua área num congresso; então eu acho que a gente tem dentro da área de atuação um momento em que você leva o seu trabalho fora e sem dúvida nenhuma a 'griffe' Unicamp tem um peso muito forte, você está numa instituição que é nacionalmente conhecida" Ageu.

Como citado por Miquéias, outro índice importante de prestígio é a capacidade de atração de alunos para realizar a pós-graduação ou trabalhos conjuntos. Rute comenta: *“(...) as pessoas se mobilizam, então eu tenho muita demanda, isso existe, principalmente nos últimos 3 ou 4 anos isso tem crescido muito e criado inclusive dificuldades, porque seria muito interessante se o departamento tivesse mais professores interessados nessa área para a gente expandir as possibilidades. O que tem acontecido é que as pessoas me procuram espontaneamente, não tenho vagas para absorver todo mundo (...)”* Rute.

Todos têm claras posturas políticas e discutem com desenvoltura as relações entre a autonomia da ciência e dos cientistas e a atuação política.

“Cientista apolítico para mim é uma excrescência. Não existe cientista apolítico” Ageu.

“Então eu comecei a fazer o movimento estudantil e quando eu descobri a saúde pública foi um jeito de ligar a militância com profissão médica, encontrei uma síntese aí” Miquéias.

“Foi o momento da abertura democrática nesse país, nós viemos da ditadura, em 80 eu me engajei totalmente, participei da Adunicamp, foi um momento da abertura política, do debate político e ao mesmo tempo de uma pesquisa que eu considero engajada. Esse era o termo, análises mais voltadas para as questões macro analíticas e políticas, da intervenção do Estado e como isso se colocava frente à sociedade, a questão do planejamento familiar, a intervenção de agências internacionais que trabalhava, no nordeste e em vários lugares, então a gente analisou essas idéias todas” Sara.

“Eu acho que falar em autonomia da ciência hoje vamos dizer, para quem está dentro da carreira institucional e acadêmica é uma ilusão, uma utopia. O sujeito está aqui cerceado de regras e ele não é autônomo, ainda que ideologicamente todo professor universitário seja autônomo, por definição. Mas eu acho que é muito mais uma ideologia do que uma condição efetiva. Acabou, as

condições da sociedade e das instituições hoje não permitem que você subsista enquanto profissional autônomo. A idéia do Mannheim, de uma classe à parte isso não existe, a tal intelligentsia. Eu acho que você faz escolhas, escolhas daquilo que você quer fazer; agora se eu for depender estritamente dos financiamentos a minha escolha é cerceada. Por que quem faz os editais, quem decide os editais? Quem decide o que pesquisar e o que financiar? Eu não tenho autonomia diante disso, então eu só posso dizer se esse edital me interessa e outro não. Eu posso resolver fazer uma pesquisa financiada, eu vou criar um grande problema. Eu faço muitas pesquisas não financiadas. (...) E então tive autonomia para decidir isso porque eu achei que era importante e não tinha dinheiro para fazer esse tipo de coisa. Então, na hora que você vai colocar nos seus relatórios, está lá se o projeto é financiado ou não; vale muito mais pontos na sua carreira de pesquisador um projeto que é financiado do que um projeto que não é” Sara.

“Eu tomei uma decisão agora: quero passar vários anos aqui, montar linhas, avançar nas pesquisas, publicar mais, tem um monte de coisas que eu formulei e não está escrito, não está investigado, não está testado, eu tenho um plano de uns 8 anos nessa linha de pesquisador, de professor, de formar grupos, e eu acho que faço política por aí. (...) Que é a visão do intelectual, uma pessoa que disputa paradigmas, cultura, disputa definição do que é o socialmente construído, o que é necessidade social” Miquéias.

De novo, constata-se que a autonomia é uma palavra de difícil definição e emprego empírico.

“Supostamente, eu tenho autonomia total, mas ninguém me dá dinheiro se eu não estiver dentro de uma área que tenha algum prestígio. Posso descrever e pesquisar o que eu bem queira, mas pagar para eu fazer ninguém vai pagar. Eu tenho experiência concreta disso da reserva de mercado do CNPq desde da década de 80: com tapinhas nas costas você faz o que você quer, mas com dinheiro mesmo, é outra história. Por exemplo, eu só consegui financiamento para esse projeto depois que mudou para o governo do PT e que gente ligada à minha área assumiu esse setor no Ministério da Saúde, aí eu consegui financiamento

para um projeto de valor modesto, consideradas as dimensões do projeto, tive tremenda dificuldade de realizar esse projeto, porque é subordinado à dificuldade do sistema SUS, e isso só aconteceu porque eu acho que é uma conjuntura desse governo novo que está aí. Contraditório, não é o que eu queria, mas foi onde abriu espaço. Já fiz pesquisa botando dinheiro do bolso” Ageu.

“Autonomia, torre de marfim, neutralidade eu não acredito nisso não, agora a gente tem que lutar para ter uma autonomia maior, para as instituições diminuïrem esse controle do social, a gente vai sempre vai ter algum tipo de controle de paradigmas, inclusive é necessário e inevitável, que eu te falei das metodologias, os pares vão julgar, financiamento. Agora, tem que combinar esse controle inevitável com a construção de uma certa liberdade e certo coeficiente, o trabalho não é um conceito absoluto. É um conceito relativo” Miquéias.

“Os jovens pesquisadores, vocês tem menos autonomia ainda, você já entra numa linha de pesquisa. Eu via se uma tese era boa e orientava, mas agora eu tenho uma linha (...)” Miquéias.

Ageu tem uma visão parecida quanto ao controle e a configuração da área: “por exemplo, a minha grande derrota do ano de 2002 na Abrasco se deu quando eu era coordenador da pós-graduação aqui da saúde coletiva e fui contrário à exigência de especialização nas pós-graduações. E a meu ver isso prejudicou grupos que tinham formação reduzida com menos de 30 de 20 professores porque fragmenta a atuação dos professores e subespecializa a formação dos alunos da formação dos alunos novos, então eu me insurgí na reunião da Abrasco em nome da pós-graduação da Unicamp e esse foi o pecado que eu cometi (...) Aí eu cheguei aqui e comuniquei para os colegas esse conteúdo de discussão e esperava ver quem se levantaria para me dar apoio (...). Então eu cheguei a conclusão que eu estava mesmo derrotado dentro e fora... Assim você forma um doutor em saúde coletiva que nunca viu nada em epidemiologia, ou planejamento ou ciências sociais, como é que pode? E você dá o título de doutor para ele de Saúde Coletiva? Dê para ele o título de saúde ocupacional, ou medicina do trabalho, mas não o título de doutor em saúde

Coletiva, o cara não sabe nada em Saúde Coletiva. Mas agora o pessoal aceitou isso, além da minha capacidade de engolir, e por isso quando eu uso a palavra derrotado, que é muito forte eu me sinto politicamente derrotado nessa tendência que está aí”.

Para alguns pesquisadores a Saúde Coletiva é uma arena em conflito. Ageu, não é nada otimista: *“eu a vejo caminhando para uma fragmentação, como eu disse, eu sou contrário, mas eu me sinto impotente para reverter”.*

“A gente está vivendo um momento meio que de refluxo da questão do Estado, esse furor privatista que a gente está vivendo em todos os setores está refletindo também na área de saúde. Então a gente não tem uma mobilização, um engajamento da sociedade na discussão da saúde como tinha antigamente, isso certamente tem reflexos. Mas eu não li nenhuma análise a esse respeito. Mas acho que a vida, na nossa época de estudante e pós-graduando, tinha muito mais desafios e eu acho que tem uma coisa global do individualismo, dessa busca do sucesso, da necessidade de sobrevivência também; tende a esvaziar, não sei, mas é um bom objeto de pesquisa” Rute.

Apesar de tudo, a área da Saúde Coletiva no Brasil continua em franca expansão e seus congressos, por exemplo, são cada vez mais pujantes, bem como o número e a qualidade de seus periódicos. Essa expansão afeta diversamente os diversos protagonistas desse processo, alijando alguns e deslegitimando outros, dentro da lógica do próprio espaço social no qual ela ocorre, mas esta memória fica para um outro momento.

Damos, nesse momento, por realizado esse trabalho de construção das biografias coletivas desses sujeitos coletivos, *personas* complexas e sujeitos sociais, através das falas dos próprios pesquisadores e de suas memórias. Esperamos ter conseguido, aqui e ainda nas considerações finais, discutir a relação entre estas memórias coletivas destas *personas* e o espaço social no qual se inseriram e se inserem, à luz das questões teóricas e metodológicas colocadas por esta tese.

CAPÍTULO IV- Conclusão

De início a ironia. Não se deixe dominar por ela, sobretudo em suas horas magras. Nos momentos criadores, esforce-se por utilizá-la como um meio a mais de compreender a vida. Se você sente uma forte atração e com ela partilha uma intimidade crescente, dirija-se para as coisas grandes e graves, face às quais ela tornar-se-á pequena e como perdida. Ganhe as profundezas, a ironia lá não descerá.

Rainer-Maria Rilke, *Lettres à un jeune poète*.

Chegamos assim ao momento final desta tese. Analisaremos os aspectos relevantes da construção desta obra e as decorrências do trabalho realizado, a começar da metodologia utilizada, proposta logo na introdução e desenvolvida a seguir.

Nossa proposta foi a de seguir os ensinamentos de Pierre Bourdieu, e unir em uma mesma investigação os aspectos quantitativos e os aspectos qualitativos. A idéia que presidiu esta investigação foi a de que o quantitativo elucidaria o “espaço gestáltico e social” no qual se inseriram os pesquisadores e o qualitativo desvelaria o *habitus* dos agentes sociais.

Desse trabalho, algumas constatações e questões surgiram.

Do ponto de vista qualitativo, o emprego das entrevistas focadas nos pareceu um grande recurso de pesquisa, pois proporcionou a labilidade de uma entrevista não-diretiva com uma direção no processo do relato ou história de vida dos professores: assim, não perdemos nossa meada, que eram as práticas e as representações sociais sobre essas práticas, tudo isso relatado ao fio da memória dos professores.

Como o instrumento apresentou-se excelente, as categorias obtidas através da Análise Estrutural e da Reconstrução de sentido proposta por Claude Dubar acabaram por redobrar aquelas que haviam sido propostas inicialmente na entrevista focada. Trabalhando com essas categorias pudemos reconstruir o conjunto de memória desses professores.

O objetivo proposto foi o de criação de uma biografia coletiva, que indicaria todos os traços comuns de grupo de intelectuais em um espaço específico. Acredito ter conseguido elaborar um construto que mostra e demonstra os traços principais desse grupo e, até mesmo, algumas trajetórias típicas de cada um dos grupos selecionados, a vanguarda laboratorial, a da saúde coletiva e a tradicional.

Penso que, em muitos aspectos, essa biografia coletiva, um feixe de trajetórias comuns no tempo, conseguiu dar elementos para desenharem-se o esboço e uma imagem de uma *persona* coletiva, esta sim relativa a uma imagem do próprio grupo em si mesmo. Cada uma destas imagens foi esboçada e discutida a seguir, quando comparamos o quantitativo e o qualitativo em cada grupo.

Biografias coletivas, memórias e números

Depois de realizada a análise dos números presentes nos currículos, mais os dados do SIPEX e de outras fontes, pudemos elaborar um painel mais geral do que seria o perfil de um professor da FCM, quais as suas práticas preferenciais, quais os indicadores de produção, típicos de cada grupo. Esse esforço foi no sentido de esboçar e completar o quadro mental referente ao que Bourdieu nomearia como “campo”. Ao final deste trabalho, ousaria dizer que atingimos o patamar de delinear algo que poderíamos denominar ‘espaço social’ ou mais precisamente “espaço gestáltico”: um *locus* de atividade, de construção de memórias, de subjetividades, de pensamentos e práticas internalizadas, sem, no entanto, termos atingido uma teoria que realmente definisse com clareza o campo social da saúde no qual a FCM está inserida. Acreditamos que essa tarefa é muito mais profunda, séria e permanente do que o escopo dessa tese. Postulamos que esse conceito de Bourdieu vem sendo malversado pela utilização desavisada e recorrente em situações pouco adequadas tanto teórica quanto empiricamente. Para não correremos esse risco, preferi limitar esta construção a um objetivo teórico menor e mais fragmentado. Esse construto será aqui confrontado com o espaço gestáltico estudado como modo de elucidarmos algumas características e contradições das vanguardas, sempre em consonância com a análise estrutural dos conteúdos das entrevistas, por meio da qual chegou-se às categorias e temas centrais, que se repetiram sistematicamente e construíram um *corpus* de memórias coletivas sobre os grupos, *corpus* que nomeei biografia coletiva de *personas* coletivas. Nessas biografias, algumas categorias tornaram-se centrais, acompanhando o roteiro da entrevista focada, em

conjunção às categorias que surgiram espontaneamente nos discursos. Elas são discutidas a seguir.

Sobre origem social

Como se percebe nos relatos dos três grupos de vanguarda, a grande maioria dos professores pertencia ou é oriunda da classe média. Não há uma definição precisa do conceito e sem dúvida essa faixa ou grupo social depende da sociedade em que ele se define. De todo modo, o advento desta faixa de pessoas é mais recente do que imaginamos. Isso eu compreendi ao ler Wright Mills, que afirmava que a nova classe média americana do pós-guerra esteve em franca alteração. Em 1951, ele já apontava a extrema valorização do ensino universitário como alavanca das camadas sociais em processo de mudança, nesse caso para os filhos das antigas classes médias (comerciantes, pequenos proprietários, pequenos fundiários) em vias de empobrecimento pela concorrência feroz das grandes corporações, ou então pelos filhos dos operários especializados que viam aí um meio seguro de ascensão (Mills, 1976, p.286). Segundo Mills:

Na nova sociedade, a instrução perdeu seu significado no plano social e político para exercer uma função econômica e profissional. Na vida e nos padrões de sucesso do empregado de *colarinho branco*, o período escolar é a principal chave para todo seu destino profissional [grifo do autor] (Mills, 1976, p.284).

O caminho do estudo era o que ele chamava de via de ascensão ou manutenção do *status quo*. De fato essa valorização do ensino parece ser uma constante em todas as sociedades. Como consequência desse processo, houve uma crescente desvalorização dos títulos e uma necessidade cada vez maior de anos de escolaridade. Bourdieu apontava uma “inflação” de diplomas na sociedade francesa dos anos sessenta, em boa parte responsável pela rebelião dos estudantes, às voltas com diplomas e formação que não lhes garantiam a posição equivalente na sociedade apesar do valor nominal dos títulos.

No Brasil, em plena urbanização e construção de uma classe média incipiente, o caminho dos estudos já estava se tornando a nova ideologia de ascensão social das classes médias ou médias baixas, na qual se incluía a grande maioria dos pesquisados.

Da formação dos grupos

A formação dos três grupos ocorreu de maneira parecida, com algumas nuances. Nos tempos ‘heróicos’ da Faculdade, em sua primeira década, o recrutamento era via contato pessoal, convite direto e ritos sumários de contratação. O conhecimento prévio ou a indicação pela competência na área prevaleceu, sobretudo se considerada a ausência de quadros em diversas áreas ainda por serem implementadas. Mesclando os critérios acadêmicos e as conjunturas do capital social, foi-se construindo uma estrutura progressivamente racional e burocrática de seleção dos professores. Dado esse início, a revezes a instituição foi a responsável pela formação de seus profissionais, estimulando e financiando estágios no exterior com verbas diversas, desde financiamentos internacionais, verbas estaduais ou de agências de fomento. Assim, dos primeiros professores da instituição, poucos não estagiaram no exterior com vistas à sua formação.

Durante esse processo, a maioria dos profissionais da atual instituição é oriunda da graduação da Faculdade, atingindo 43% dos profissionais. Por outro lado, constatou-se nos dados quantitativos o mesmo que nos dados qualitativos: a formação da Faculdade de Medicina da Unicamp foi tributária de quadros de prestígio e com reconhecida competência formados pela USP, que contribuiu com 18% dos atuais professores da instituição. Essa convivência dos formados confirma-se através de taxas significativas também no mestrado e doutorado.

Do recrutamento, seleção e iniciação em pesquisa

Uma maneira “natural” de recrutamento e cooptação desses novos profissionais foi através da iniciação dos neófitos diretamente nos tipos de atividades exercidas pelos profissionais mais antigos na instituição, uma forma de,

ao mesmo tempo, testar e introduzir os alunos em práticas profundamente artesanais. Essa técnica continua a ser empregada sistematicamente e parece ser até hoje a via real de acesso ao capital científico e social de um campo científico.

Esse dado da formação do *habitus* saltou aos olhos durante todos os relatos e memórias. Todos apontaram o caráter de ofício, de “métier”, de todas as áreas, o que significa que a transmissão e a reprodução do conhecimento passa pelo contato prático e direto entre mestres e alunos.

Um indicador desta característica é o alto grau de formação e permanência dos profissionais na própria instituição. Segundo a análise dos dados da Plataforma Lattes, temos:

Tabela 3- Porcentagem de alunos da Unicamp e USP em cada tipo de titulação.

%	Unicamp	USP	Total
Graduação	43	18	61
Residência	66	17	83
Mestrado	59	21	80
Doutorado	71	13	84

O doutorado parece ser o título que mais influencia a permanência na instituição, da mesma maneira que a residência; o primeiro como uma finalização de um processo de tornar-se um profissional pleno e a residência como uma iniciação prática em uma especialidade.

Da vocação

Das entrevistas, exalou uma percepção de que as carreiras ou trajetórias assumidas o foram a partir de uma forte impressão, meio difusa, por vezes um pouco onírica. Muitos relataram uma influência de terceiros que transformaram essa valoração de um certo mundo percebido, a constatação intuitiva de um universo novo, em uma disposição pessoal. Os mecanismos de

mediação dessa disposição apreendida formam a identidade por meio das práticas, atividades e interações humanas.

A socialização primária carrega consigo toda uma aluvião de imagens, de emoções primárias, de desejos projetados, de transferências que se consolidam no que Bourdieu define como “*habitus* primário”. Esse conjunto sofre, com certeza, transformações, deformações, retraduições práticas, ajustamentos e outras mudanças, mas sem dúvida consolida um horizonte pessoal mais ou menos definido dentro de uma classe de possibilidades do grupo social de origem.

Alguns estudos parecem corroborar, de forma mais empírica, a influência exercida por alguma personagem na vida e nas escolhas do ofício das pessoas, fato que todos percebemos por intuição. Em um pequeno artigo, o psicólogo e professor Sérgio Antonio da Silva Leites descreve como orientou uma série de alunas que procuraram examinar a magnitude da influência da afetividade no processo de aprendizagem (Levy, 2006) e depois publicou os resultados em um livro *Afetividade e Práticas Pedagógicas*.

Este texto vai a favor de nossas intuições, pois mostrou que a mediação realizada pelo professor ou educador determina certamente a relação do aluno com a disciplina ministrada no futuro, até por toda a vida, através de sua atuação e maneira de relacionar-se com o estudante.

De qualquer forma, esse processo não termina, alcança mesmo períodos nos quais o aluno já é um profissional e maduro. Nossos modelos de referência são assim mesmo, idealizados, por vezes nem mesmo são comuns na realidade social, nos grupos existentes.

Essa experiência de vida acontece mais costumeiramente do que imaginamos. Nas histórias de vida colhidas, na grande maioria dos casos, alguma personagem ou figura presente nos grupos primários dos futuros professores exerceu esse papel de influência e de suporte de um processo de ‘epifania’ específico. Como cristalização de uma imagem de mundo, de uma antecipação de

grupo de referência futuro, uma idealização que exercerá a influência por toda a vida da pessoa, essa *epifania* tem lugar por meio de uma pessoa portadora das virtudes do grupo de referência do indivíduo, e não o de seu grupo de *status*.

Da mesma maneira, esse conceito pode esclarecer outras situações difíceis de explicar, como a insatisfação constatada por alguns em realizar só a clínica e o desejo de fazer algo diferente em suas carreiras: pareceu que estivemos o tempo todo lidando com um certo direcionamento prévio, uma “intuição” específica sobre o assunto. Essa incompatibilidade prévia parece uma “vocação” especial, mas é fruto de uma referência prévia que se transformou em disposição para a ação.

Aqui lembramos Bourdieu, sempre acusado de não contemplar em suas obras a famosa mudança social, e, portanto, de ser uma espécie de criotodeterminista. Por dar grande ênfase ao conceito de campo e às características de formação e reprodução do *habitus*, nos leitores costuma ficar a impressão de ser mesmo impossível ao sujeito escapar das malhas do social, fugir do peso das estruturas societárias, construções humanas mas de aparência naturalizada.

Podemos sugerir que, em muitos dos casos dos pesquisadores básicos da vanguarda experimental, foi isso que aconteceu: uma separação sutil, mas significativa entre os caminhos. Aqui se percebe a idéia de que todos temos um certo senso do que é importante ou não em um estágio ou tempo ou época única de um dado espaço social, ou nos termos de Bourdieu, um “senso prático”. Através do que se pode chamar de “ar do tempo”, “espírito do tempo”, percebemos ou intuimos ou adivinhamos um determinado caminho a seguir.

Sobre herdeiro e seu habitus

A vocação intelectual começa a formar-se durante a mais tenra infância. Em geral, não levamos as declarações de escolha profissional das crianças a sério, mas em muitos casos elas confirmam-se, até mesmo como uma profecia

auto-realizável. Independente disso, uma certa disposição à curiosidade intelectual, a busca de algo escondido em todas as manifestações sociais e naturais, em resumo, uma desconfiança geral dos sentidos e das aparências.

Nas memórias de vários entrevistados, percebe-se que o interesse por uma visão estrangeira estava incorporado na personalidade, no *habitus*.

Alguns tiveram pais com o grande benefício de estudarem e realizarem parte de sua formação como profissionais no exterior, e isso já foi um grande diferencial. Eles, como filhos, estudaram e participaram da cultura no exterior de forma direta, no cotidiano de uma formação dirigida aos “nativos”, aos legítimos futuros representantes da cultura nomeada de primeiro mundo. Essa experiência não foi a mesma de seus pais, pois voltar ao exterior, nesse caso, é muito mais natural e tranqüilo, a começar pela língua, que é uma pátria em ato, em execução, em funcionamento contínuo nas relações interpessoais.

Assim, alguns possuem o que podemos chamar de *habitus* de herdeiro, e alguns até um *habitus* de herdeiro internacional, como afirmou a socióloga Ângela Xavier de Brito em seu trabalho (2004). Um herdeiro é um depositário de um capital presente em sua vida e seu corpo sem que ele se aperceba do fato, introjetado em suas disposições pessoais. Esse capital está escondido e sutilmente explorado nas “finesses” cotidianas entre pessoas que se reconhecem nas maneiras e modos. Um herdeiro internacional é aquele *naturalmente* preparado para assumir uma trajetória que inclui uma rede de relacionamentos e intercâmbio no exterior.

Forçosamente encontramos eco aqui, nas nossas origens como pesquisadores, na tematização dos herdeiros do sistema escolar proposto por Bourdieu e Passeron (1964b). Quando descrevem e denunciam o sistema escolar francês, já nos anos 60, os autores apontam toda uma série de características que diferem os estudantes comuns e aqueles destinados (ou fadados) e legítimos continuadores de uma reprodução social que seleciona os mais bem aquinhoados desde o nascimento. Poderíamos arriscar aqui um paralelo com o “efeito Mateus”

de Merton e propor uma outra possibilidade, baseada em outra passagem bíblica. Podemos propor sem medo de errar, o “efeito Lucas” ou então o “efeito do filho pródigo”, referido à passagem da Bíblia, no evangelho de Lucas (Lc, 15:11-32), quando Jesus prega através de parábolas. Depois de haver recebido sua parte na herança antecipadamente, gasto seu dinheiro com vícios diversos e ter-se tornado pobre, o herdeiro volta à casa paterna e é recebido com festas e danças. Indignado com esse tratamento dado a seu irmão, aquele filho que permaneceu ao lado do pai, trabalhando e cumprindo suas tarefas e cuidando da família, termina por ouvir a justificativa paterna afirmando que afinal era necessário, pois enfim um de seus filhos voltara para seu lugar.

Da mesma maneira, no ambiente científico há aqueles que têm toda a liberdade para criar, dilapidar, tomar distâncias, contrariar as linhas de força de um campo científico; e assim mesmo poderá sempre retomar sua posição, seu lugar por excelência na ordem natural ou naturalizada. Esse é o herdeiro natural, forjado no ambiente familiar, dentro dos círculos sociais nos quais adquire todos os traços distintivos e as habilidades necessárias para jamais perder seu *locus*. Tanto pior para os que almejam postos que não seus pela ordem natural do mundo científico e os desejam assumir pelo seu esforço no tempo e através da constância, pois o trabalho de conversão do *habitus* original naquele exigido pelo *campo* acresce o número de obstáculos e sobredetermina, onerosamente, a trajetória do cientista no campo.

No trabalho de Ângela Xavier de Brito, que foi capaz de objetivar um pouco desse processo em relação à circulação e ao investimento dos estudantes no estágio no exterior, percebe-se que alguns profissionais, sobretudo os novos professores e que pertencem a uma segunda geração de filhos de professores universitários, aproveitaram toda a força de um *habitus* de herdeiro (Brito, 2004), em sua vertente internacional. Um *habitus* de herdeiro é aquele que permite ao indivíduo uma inserção diferenciada dentro do quadro de seleção dos futuros profissionais dominantes na sociedade, instituídos através de todo o processo educacional que dará chancela final e o classificará dentro da hierarquia

dominante, de acordo com a escola e o *status* conferido socialmente à sua formação.

Muitas características são necessárias aos herdeiros, em geral nem todas estão presentes em cada indivíduo, mas algumas aparecem.

Sempre existe a presença do capital cultural; senão diretamente, seguramente de forma indireta.

O herdeiro nasce e é criado dentro de um espaço social extremamente propício e adequado na formação de seu *habitus* primário. Como constatam Zaia Brandão e Isabel Lellis (2003), ao estudar as elites acadêmicas de uma universidade brasileira (professores e doutores) e suas estratégias de escolarização de seus filhos, os herdeiros (filhos de acadêmicos) são oriundos de famílias com alto grau de capital simbólico:

Essas famílias se encontram, como assinalamos, bem providas de volume e estrutura de capitais, tais como: econômico, acadêmico, intelectual, lingüístico, simbólico, social etc. Representam, assim, no contexto brasileiro, um dos grupos mais bem informados e preparados para as disputas por melhores posições sociais. (...) Os filhos viajam bastante, sinalizando para a exposição a experiências ricas e diversificadas nos vários espaços sociais nos quais circulam. (...) Ou seja, esse grupo desfruta de condições excepcionais para recorrer a um sem-número de recursos em favor do permanente ajustamento da escolarização de seus filhos e o faz, aparentemente, envolto em um sentimento de certa forma blasé. Certamente, esta seria uma diferença-chave se compararmos com as práticas educativas de outras frações de camadas médias, que se caracterizariam por uma relação com a cultura mais laboriosa, forçada e ansiosa (Bourdieu, 1974). (Brandão e Lellis, 2003).

Literalmente, o herdeiro chega a habitar a universidade e isso não é mesmo sem relação com o mundo simbólico, mesmo que seja uma exceção, como no caso de Oséias, que relatou essa experiência, quando afirmou que “a

gente praticamente morava dentro do *campus* mesmo, tinha uma vila para professores”.

Como indício de pertencimento ao grupo dos herdeiros, podemos constatar a naturalidade diante da cultura mais elaborada em geral. Vale muito precisamente uma relação natural com essa cultura, com ares de distanciamento, que mostre uma observação desinteressada, uma participação fortuita e ocasional em eventos culturais, não premeditada; em suma: nada que lembre o esforço desesperado e desesperador daqueles que têm muito a retomar, a aprender por investimento sistemático. Essa disposição natural e airosa de mostrar intimidade com assuntos diversos, através de uma afirmação que pressupõe um código interno, é uma teoria em ato, barreiras naturais suficientes para desencorajar um aprofundamento do tema e afastar os concorrentes de áreas vitais. Essas disposições são teorias em ato responsáveis por boa parte da distinção entre os intelectuais.

Da ciência e do método científico

Foi Foucault quem estabeleceu distinções e procurou mostrar que as disciplinas surgem de forma histórica e de contingência. Nem sempre um conjunto de capacidades e habilidades, nascidas e oriundas de problemas em que a própria sociedade se colocou, é transformado em uma disciplina, mas pode permanecer na dimensão de um *saber*.

Talvez sejam essas as questões que perpassam os discursos e as memórias de alguns professores. Cabe aqui uma distinção: percebe-se, nos três grupos, grandes diferenças: o grupo da saúde coletiva demonstrou sistematicamente uma preocupação em refletir sobre a própria prática e compreendê-la de uma forma mais profunda.

No grupo tradicional e no grupo laboratorial existe um consenso sobre o que é ciência. Nesses grupos, a ciência é um método de resolução de quebra-cabeças, bem no cerne da abordagem de Kuhn (2001), que procura encontrar respostas para perguntas oriundas do mundo empírico e dos

questionamentos de cientistas criativos que se propõem temas novos. Ao contrário dos pesquisadores mais embrenhados nas ciências humanas, não utilizam a palavra crise e não sofrem de nenhum tipo de problema de identidade ou de definição de seu ofício. A ciência é uma prática universal, com regras claras e definidas.

Tem-se a impressão que é uma prática sem história, sem passado e que só possui o futuro. A diferença entre a prática científica e a prática do senso comum está no método reproduzível, demonstrável e universal conjugado à capacidade de codificação e divulgação deste método. A prática empírica do senso comum resume-se a si mesma, e como o método é o da tentativa e erro não pode ser codificado e reproduzido satisfatoriamente.

Quando perguntados sobre o item ciência, os pesquisadores da saúde coletiva estavam longe das certezas quanto ao tema e propunham definições mais complexas e relativas. Desde o método até quanto à diferença entre o que é legitimamente científico e o que não é, tudo parece estar sob juízo. O escopo e o alcance do que abarca a ciência varia, e as diferenças com o senso comum não estão claras.

O que sobressaiu nesse grupo foi a sua própria definição como tal, que passa por uma fragmentação e por contradições constantes. Se uma *persona* coletiva pressupõe um acordo quanto ao que define e delimita o grupo, pressupõe uma linha clara entre o 'nós' e 'eles', o grupo da medicina preventiva e social está em um período de crise. Para alguns, como vimos, a saúde coletiva caminha para uma fragmentação em identidades antigas, prévias à formação da área e da constituição da vanguarda. Mesmo consolidada institucionalmente tanto do ponto de vista local como nacionalmente, a saúde coletiva, internamente, parece caminhar para uma fragmentação da própria identidade, para um reagrupamento e um dissenso dentro do consenso inicial dos tempos mais "carismáticos". Para outros, o sucesso das ciências humanas e sociais é flagrante e irreversível, mesmo se ele é incorporado de forma a torná-las irreconhecíveis.

Sobre redes e comunidades

Nos discursos dos professores não transpareceram grandes diferenças quando o assunto referido era a formação de grupos e parcerias de trabalho. Um misto de conhecimento mútuo e interesses em comum leva os professores a criarem relacionamentos profícuos. De todo modo, esse capital social forma-se durante a socialização 'terciária', muitas vezes durante a graduação.

No caso dos professores da área experimental ou tradicional, o estágio no exterior representou um momento de formação de contatos e relações que possibilitaram o posterior trabalho conjunto em temas comuns ou paralelos. Esse padrão não foi o mesmo na medicina preventiva em geral, mesmo se parte dos pesquisadores tenha estagiado no exterior. As pesquisas em geral tenderam para temas locais, a problemas regionalizados e pouco universalizados. Nos depoimentos, percebe-se um esforço de retomada dessas ligações antigas ou então de criação de novos laços, e a dificuldade em estabelecer vínculos que gerem práticas sistemáticas em comum, pois a própria área apresenta indicadores de produção pouco adequados dentro do padrão exigido. Isso decorre em parte do objeto de pesquisas, em parte dos interesses de investimento político da área.

As redes profissionais aumentam ou diminuem a partir de interesses específicos: os intelectuais entram em contato direto ou através de uma conjuntura favorável, como a apresentação de trabalhos em congressos no exterior ou envio de alunos para um doutorado-sanduíche.

Uma grande ferramenta que veio se desenvolvendo há algumas décadas e que, de certa forma, foi criada com esse intuito, é a internet. A utilização dos recursos informatizados não alterou uma certa informalidade no processo de estabelecimento das redes de pesquisa, mas sim facilitou e ampliou as possibilidades.

Especificamente sobre os resultados desta pesquisa, a comunidade de pesquisadores brasileiros parece ter incorporado, no seu cotidiano científico, as tecnologias de rede, na ação de desenvolver pesquisas e gerar

conhecimentos, e tem consciência dos impactos decorrentes das redes eletrônicas, favorecendo a expansão das comunidades científicas, facilitando e intensificando a comunicação e ampliando o acesso aos diversos recursos de informação criados na rede. A comunicação informal mantém sua predominância e é expandida, agora por meio de computadores e via rede, tendo o correio eletrônico como recurso principal, secundado pelas listas de discussão. Entre os recursos construídos de forma digital ou virtual, são relevantes os 'sítios' de eventos e as bibliotecas virtuais e digitais, muito utilizados por pesquisadores brasileiros (Pinheiro, 2003, p.72).

Essas redes virtuais substituem, de certa maneira, os colégios invisíveis anteriores como propôs Merton, e abrem novas possibilidades de intercâmbio e de formação de grupos (Moreira, 2005).

Sobre o trabalho coletivo

Um tópico complexo e que demarca claras diferenças entre os três grupos diz respeito ao *modus operandi* dos professores.

Mesmo que as práticas que mais apareçam do ponto de vista quantitativo sejam as mesmas, a saber, a publicação de artigos, a participação em congressos e as orientações; faltar-nos-ia mensurar outras atividades que não constam no SIPEX ou na Plataforma Lattes, como atividades de ensino diversas, treinamento de pessoal, implantação de serviços e programas de saúde diversos. Faltaria medir ainda, uma última, mas não menos importante atividade, as práticas ligadas à administração da própria universidade; esse item não foi incluído na ideologia corrente e comum em todos os grupos pesquisados do triunvirato ensino-pesquisa-extensão. Essa atividade de exercício de poder não se integra nas representações ideais dos professores, mesmo que parte dos acadêmicos dedique voluntariamente boas horas neste exercício e outra se queixe deste ofício.

Observa-se que o administrar é um assunto nebuloso: se por um lado isto é necessário e exigido dos docentes, seja sob a forma de um rodízio permanente nos postos, seja por projetos voluntários ou a procura por uma

carreira 'executiva', por outro lado, permanece mal definido: os docentes não tiveram formação em administração e encontram-se na situação de gerir esse tipo de atividade. Ainda, o tempo consagrado à administração é acrescentado ao total necessário às atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. Esse trabalho mal reconhecido não é valorizado nas atividades acadêmicas comuns, mas está sempre presente no conjunto de tarefas a realizar, mesmo considerando o aspecto de exercício de poder propiciado pela atividade, o que é sem dúvida benéfico para a carreira do professor.

Por outro lado, há docentes que buscam voluntariamente essas práticas e constroem toda uma carreira neste sentido: podem tornar-se políticos 'profissionais', participando de todos os movimentos e práticas políticas internas à universidade ou podem tornar-se avaliadores profissionais, consultores das instituições de fomento, o que lhes confere um *status* diferenciado e valorizado dentro da academia. Essa carreira administrativa oferece como resultados uma influência e capacidade de influenciar o campo a partir de suas estruturas estruturantes, gerindo a partilhada de verbas, de bolsas, de recursos; ainda possibilita um conhecimento externo ao fazer científico sobre o que acontece no campo científico e quais as novidades e os caminhos trilhados pelos outros pesquisadores que são, a princípio, seus concorrentes. O controle do que ocorre em sua área de atuação pelos "administradores" de pesquisa não pode ser negligenciado, quando se estuda os resultados e as práticas da atividade científica. A compreensão das políticas internas aos órgãos de fomento e do papel dos professores, nesses lugares, parece dificilmente deslindável por meio de pesquisas, dado o caráter sigiloso das avaliações e dos pareceres emitidos e a ética interna que gerem esses procedimentos.

De todo modo, as práticas dos grupos diferem seguramente quanto ao fazer científico em vários quesitos.

Um primeiro é, claramente, a divisão do trabalho intelectual, possível e comum nos grupos mais ligados ao laboratório e da medicina experimental. A reprodutibilidade da técnica e do fazer passa pela sua fragmentação e

parcelamento em processos contínuos, mas subdivididos. Isso permite a elaboração de um protocolo de trabalho a ser seguido e, conseqüentemente, o treinamento dos cientistas. Vários professores salientaram o papel de treino e disciplina das atividades laboratoriais, o que obviamente não exclui a criatividade.

A questão é a possibilidade de parcelamento e delegação de atividades, como indicam os discursos que ressaltaram a mudança de papel dos professores mais titulados, que se percebem mais como orientadores de pesquisa que propriamente executores dos trabalhos. Essa idéia casa perfeitamente com um projeto de trabalho coletivo, no qual o responsável propõe hipóteses, elucida o método e confere o desenrolar da pesquisa e os resultados. Aqui, a lógica é de uma prática e de um método baseado na racionalidade do processo, o que significa uma universalidade e uma reprodutibilidade importantes.

De modo diferente parecem operar os grupos tradicionais, como a cirurgia e a clínica, que trabalham com casos concretos específicos, que demandam uma abordagem mais geral, abordagem feita através de um método transmitido pelo exemplo, pelo treino direto, pela habilidade a se desenvolver na prática cotidiana e que requer uma compreensão mais generalizada de toda a técnica e de todo o processo de intervenção. Aqui, a lógica é de um conhecimento transmitido por meio de uma tradição que varia no tempo e no espaço, conhecimento ligado aos grupos que o praticam e como o praticam; dessa forma seria mais um saber que um conteúdo científico indubitável, ainda que possa ser transmitido e universalizado ao longo do tempo.

Por fim, nas áreas humanas, onde o conhecimento guarda um caráter mais abrangente e geral, ligado à coletividade, conhecimento que toca temas mais subjetivos ou que envolvam variáveis infinitas, o trabalho coletivo é de extrema dificuldade ou de extrema exigência. Como alguns professores salientaram, o método não é diretamente reproduzível, e cada pesquisa ou problema colocado exige a reconstrução da técnica, calcada em uma metodologia. Não existe método universal, baseado na lógica racional e instrumental; ele deve ser adaptado e considerar as várias maneiras que o pensador concebe o mesmo objeto. Assim, a

lógica seria conformada pelos valores em jogo, pelos juízos de valor que exigem uma determinada análise de um determinado tema; a lógica estaria condicionada e ligada à lógica política, do carisma e das necessidades coletivas e sociais. Mesmo não significando ausência de métodos formais, eles estão em estreita ligação com os valores dos grupos em atuação.

Quando comparamos os grupos, fica patente a incorporação dessas lógicas nos discursos e, para alguns professores, essa distinção entre tipos de ciência é clara e para outros não se coloca.

Sobre o exterior

A internacionalização da ciência sempre foi um valor filosófico que pertence ao imaginário dos cientistas: como um valor, foi tematizado como um dos quatro que definiriam o *ethos* da ciência, segundo Merton. Além do “comunismo”, o “desinteresse” e o “ceticismo organizado”, o imperativo do “universalismo” reza que “as pretensões a verdade têm que ser submetidas a critérios impessoais preestabelecidos” e os resultados da ciência devem ser aceitos ou não sem levar em conta os “atributos pessoais ou sociais” do cientista, nem a “raça, a nacionalidade, a religião e as qualidades de classe ou pessoais” (Merton, 1970, p.654).

Mas, quando analisamos as práticas concretas dos cientistas, esse valor se matiza e torna-se um ideal. Percebemos que o estágio e a estadia no exterior são mais valorizados no grupo de medicina laboratorial ou experimental, o que condiz com a lógica racional e de legitimidade deste grupo. Poderíamos até mesmo defender que para eles percebe-se a diferença entre um estágio e uma permanência mais longa fora do Brasil.

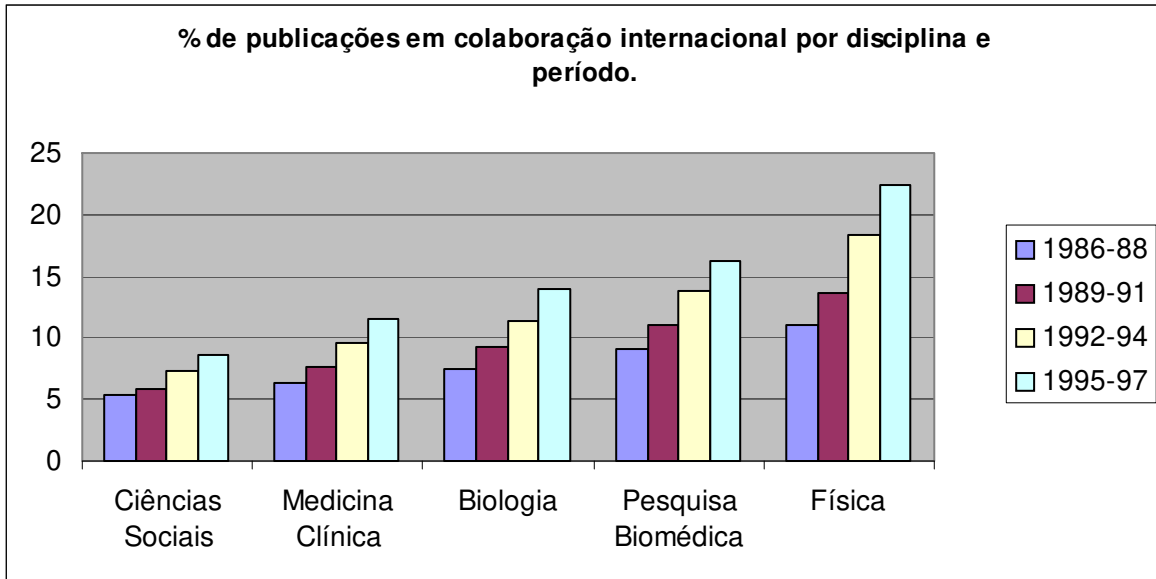
Um estágio refere-se a um período curto, valorizado como necessário para a obtenção de um conhecimento específico, mas ressaltado sobretudo como um meio de compreender o que seria a ciência de longa tradição, o *modus operandi* de uma ciência estruturada, há muitos anos, através de toda a história

concretizada em construções, prédios, lugares, bibliotecas, ambientes, laboratórios e todo o aparato concreto que possibilita o fazer científico. Essa história concreta e materializada exerce um poder de conformar o *habitus*, além do contato direto com os cientistas no exterior.

Logo, o universalismo da ciência passa por uma peregrinação acadêmica importante. A maioria dos relatos dos professores ressaltou a importância de uma experiência no exterior, mas, sintomaticamente, os professores que trabalham mais diretamente nesse modelo de parcerias multicêntricas, publicações e estágios de alunos foram os que mais discorreram sobre o tema e salientaram a importância da ida ao exterior, e de forma a mais precoce possível.

Como demonstra Gingras (2002) em seu trabalho sobre as formas de internacionalização do campo científico, essa mobilidade sempre foi comum nas universidades européias e o diploma obtido valia em todo o território da Cristandade.

No entanto, é após a Segunda Guerra Mundial que a forma de trabalho cooperativo ganha campo e se torna um modelo. Acentua-se que a complexidade dos estudos favoreceu a colaboração nas pesquisas, mas o fator preponderante é a quantidade dos recursos obtidos para as pesquisas, ou seja, as subvenções dos organismos de pesquisa. Conforme gráfico a seguir:



Fonte: (Gingras, 2002).

Gráfico 26- Publicações internacionais em colaboração.

Nessa linha de raciocínio, os três grupos estudados apresentam diferenças. A vanguarda laboratorial caracteriza o bem-estar de quem está na linha de frente dos recebimentos de recursos. Nos discursos, recorrentemente, afirma-se que existem recursos e fontes de financiamento, o que falta é o interesse ou o estímulo em elaborar projetos adequados à demanda ou um investimento maior dos pesquisadores. Algumas vezes destaca-se a idéia de que existiria uma acomodação ou desinteresse na pesquisa.

Quanto ao grupo tradicional, isto já muda de figura. Alguns professores destacaram a dificuldade de renovação dos equipamentos e dos meios para se realizarem pesquisas, aliada à burocracia.

No contexto da medicina preventiva, os recursos são escassos e dificilmente há chamadas dos órgãos de fomento em todas as temáticas, o que possibilitaria grande pesquisas. Nos casos em que elas existem, são ligadas a órgãos internacionais como OPAS e OMS, em áreas que podem ser classificadas

como tradicionais e voltadas para problemas de países de terceiro mundo. São minoritários os casos nos quais os professores não se queixam de dificuldades em obter financiamento.

De todo modo, não parece haver uma cultura de investigação coletiva, ou não houve até poucos anos. Nos discursos, percebe-se um esforço de adaptação aos novos tempos e diferentes estratégias de fazer face a um modelo coletivizado de pesquisa.

Essas constatações referidas às três vanguardas acompanham um padrão mundial e, portanto, escapam ao controle dos cientistas e professores. Como conforma o campo, essa tendência obriga a mudanças nos *habitus* científicos dos intelectuais.

Dos congressos

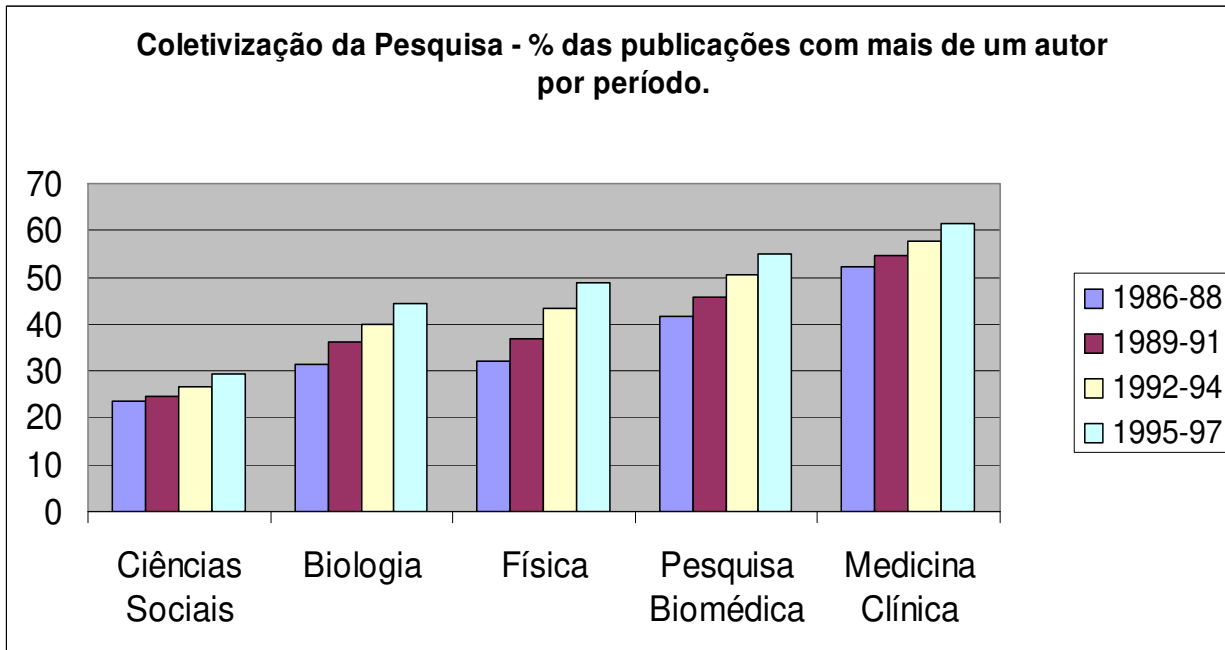
Na segunda metade do século XIX, com a melhora dos meios de transporte no mundo inteiro, os congressos consolidaram-se como a forma principal de troca de experiências e conhecimentos entre os cientistas (Gingras, 2002). No entanto, atualmente, esse lugar parece ter perdido significativa importância.

Mesmo que a participação em eventos ainda seja uma das práticas correntes e freqüentes entre os professores, a importância que lhes é dada diminui à medida que o intelectual progride e ascende na escala hierárquica acadêmica. O que transpareceu nas entrevistas foi que salvo os congressos mais importantes e alguns internacionais, a maioria deles é valorizada por jovens que estão realizando sua formação de graduação e pós-graduação, pesquisadores iniciantes que têm grande interesse em apresentar seus trabalhos ou trabalhos em conjunto com seus orientadores e querem conhecer e interagir com outros profissionais da área. Alguns apontaram a obsolescência dessa forma de prática científica, haja vista as facilidades aportadas pelas formas eletrônicas de acesso aos trabalhos (coligidas em anais bem estruturados) e de acesso aos conteúdos. Outros chegam

mesmo a apontar essa atividade como uma 'variante de turismo', mas institucional. Sem chegar a reduzir os congressos a simples viagens, é forçoso reconhecer o gigantismo pouco propício ao debate intelectual de alguns congressos, mesmo se isto demonstra a força acadêmica de determinada área do conhecimento.

Das publicações

As publicações tornaram-se o meio por excelência de divulgação do conhecimento científico, principalmente através dos artigos em revistas internacionais. Se, no princípio, os congressos internacionais cumpriam a tarefa de aproximar pesquisadores do mundo inteiro, atualmente o pertencimento aos bancos de dados de acesso público parece ser o meio principal de partilhar os trabalhos realizados. As publicações em co-autoria cresceram durante o século XIX, que iniciou com a quantidade de 2% dos artigos desse tipo e passou a 7% no século XX. Após a Segunda Grande Guerra, com a coletivização maior das pesquisas, as taxas de assinatura conjunta de trabalhos cresceram significativamente. No período mais recente, podemos observar uma taxa crescente de publicações conjuntas, mesmo mantendo-se as diferenças entre as disciplinas:



Fonte: (Gingras, 2002).

Gráfico 27- Coletivização da pesquisa - Trabalhos com mais de um autor.

No caso das vanguardas pesquisadas, percebe-se que o modelo coletivizado de publicações é uma norma recente para a área da medicina preventiva, mas uma prática recorrente nas outras vanguardas. Na saúde coletiva, o padrão inverteu-se no período de sua fundação até os dias atuais, principalmente como apontaram os professores, pela exigência dos organismos de fomento e pelos modelos de avaliação de cursos de pós-graduação empregados. Dentre os itens valorizados pela Capes, a taxa de publicação conjunta entre orientandos e orientadores conta pontos. Já nos outros dois grupos, a taxa de colaboração e de publicação em conjunto sempre foi a tônica e tende a aumentar. Isso aconteceu, pelo que afirmaram os próprios entrevistados, porque anteriormente o modelo mais hegemônico de pesquisa na saúde coletiva era nos moldes das ciências humanas, no qual as idéias pertencem por definição a um

autor, criador incontestado. Se verificarmos esse dado nos indicadores de produção do SIPEX para o IFCH, apenas como exemplo, no ano de 2005 percebemos que dos 133 artigos publicados, somente sete (5%) foram publicados em co-autoria, dos livros publicados somente dois em 37 (5%), e dos capítulos de livros somente um em 81 (1%). Isso indica que a produção de trabalhos e a assinatura conjunta não são uma obrigação ou uma exigência incontornável, mas um modelo de prática colocada em uso por um acordo mútuo dos profissionais.

Percebe-se que acontecem distorções com as publicações em virtude da pressão pela produção científica nos moldes avaliados pelas agências de fomento. Ocorre assim o que alguns autores apontam como um problema delicado:

Uma consequência direta da supervalorização da publicação é o aumento do número médio de autores por artigo publicado em periódicos científicos da área médica [5,6]. Assim, com este aumento, os créditos e responsabilidades têm sido diluídos e se tornado obscuros (Monteiro, Jatene *et al.*, 2004).

Como aponta Pontille (2002), a assinatura científica é uma construção histórica que demonstra tanto o valor de comprovação da autoria do trabalho como também tem se tornado um valor simbólico no campo científico, pelo seu poder de validar e corroborar um determinado trabalho por seu peso, independente do conteúdo da produção intelectual.

Desde os primórdios da *Royal Society* Inglesa até os dias de hoje, a assinatura científica só faz aumentar sua importância: baseado nos fundamentos da lógica da assinatura como uma “marca” simbólica, criou-se todo um império de cientometria capitaneado pela medição do índice de citação, das autorias, em suma, todo o aparato de conhecimentos estatísticos sobre as produções científicas mundiais (Heilbron, 2002). Os aparatos criados inicialmente como indicadores de uso de literaturas especializadas passaram, progressivamente, a ser a base de uma hierarquização da ciência e um instrumento de gerência e

administração do próprio campo científico. Assim, a assinatura científica tornou-se um instrumento de medida (Pontille, 2002, p.76).

Essa questão permanece mal resolvida na área das ciências humanas e podemos acreditar que ela é mais de cunho epistemológico do que de cunho tradicional: com isso quero dizer que nas ciências humanas as práticas coletivas são muito mais “complexas” pois se lida com construções abstratas e de pensamento, mesmo que os resultados sejam concretos; ainda, a construção dos resultados passa por uma construção literária, pela escrita, pela habilidade lingüística e de formulação de idéias, muito mais que por dados “concretos”. Talvez isso explique a mudança de paradigma dentro da saúde coletiva, muito mais aplicada que as ciências humanas ditas puras e que por isso sofre a exigência de resultados coletivos; enfim uma adequação de seu *modus operandi* ao espaço gestáltico na qual se situa.

Bourdieu também se viu às voltas com esse problema, essencialmente não resolvido, principalmente em seus trabalhos coletivos dentro do Centro de Sociologia Européia que dirigia, os créditos tornaram-se um problema recorrente. Quando instado a ter feito um crédito coletivo nos trabalhos assim realizados, ele afirmou:

Por que teria sido necessário criar o modelo em todos os seus meandros (...) em particular os termos para definir as diferentes funções e a divisão do trabalho correspondente. Eu era realmente o ‘diretor do filme’. Mas na verdade, a função, e mesmo a designação das tarefas dos que participaram do trabalho, isto não está instituído. É um problema que se coloca em todas as ciências, nas ciências naturais é parecido, eles colocam quinze assinaturas. É um verdadeiro problema não resolvido na pesquisa. Mas não é simples também no cinema (Bourdieu e Delsaut, 2002, p.207).

Alguns autores chegam a propor métodos mais objetivos de codificação da autoria dos trabalhos coletivos, mesmo reconhecendo que há uma enorme dificuldade de aplicar esses critérios, quando entram em jogo as vaidades dos

pesquisadores envolvidos, os seus interesses econômicos e o desejo do reconhecimento acadêmico (Petroianu, 2002). O que se pretende com medidas deste tipo é evitar abusos e distorções como as apontadas por Monteiro e colaboradores (2004), ou seja, a existência de alguns padrões irregulares como:

- Autoria e/ou co-autoria “convidada” (“*guest authors*”) – pessoas que têm seus nomes incluídos como autores em um trabalho do qual não participaram. As razões para esta prática são as mais variadas, como agradar a pessoas hierarquicamente superiores, aumentar as chances de publicação do trabalho com a inclusão de nomes de maior prestígio e reconhecimento científico ou, ainda, troca de favores. Esta também é uma estratégia usada para multiplicar a produção científica, por meio do estabelecimento de “acordos de reciprocidade” entre pesquisadores que incluem os nomes um do outro em seus trabalhos. Este tipo de autoria tem sido reportado como existente entre 17% e 33% dos artigos publicados.
- Autoria e/ou co-autoria “pressionada” – ocorre quando o responsável por um grupo exige a inclusão de seu nome em todos os trabalhos realizados por membros de sua equipe, mesmo naqueles onde sequer leu a redação final. Muitas vezes, esta ação é considerada uma “tradição departamental”, já bastante enraizada e que naturalmente vai sendo transmitida, sem que haja necessidade de que esta pressão seja explícita.
- Autoria e/ou co-autoria “fantasma” – não inclusão de indivíduos que participaram de etapas importantes do estudo. Com muita frequência, alunos e outros profissionais, como estatísticos, embora tenham contribuído significativamente para a pesquisa não são incluídos. Um levantamento realizado mostrou que 11% dos artigos publicados em seis revistas “peer-reviewed” envolviam autoria fantasma.

Essas questões são candentes e deveriam ser analisadas com mais acurácia, através do estabelecimento de critérios universais de autoria e, ao mesmo tempo, algum tipo de validação oficial das mesmas.

Do mesmo modo, outros fatores valorizados pela Capes, como cooperação internacional e linhas de pesquisa comuns e constantes entre países são itens de aumento de pontuação na avaliação da Capes: as áreas mais voltadas ao exterior em sua produção científica possuem linhas mais duradouras de intercâmbio, devido ao esforço desses professores em estabelecê-las. Nos depoimentos dos profissionais da saúde coletiva percebe-se um esforço mais recente em criar ou restabelecer ligações com o exterior como forma de criar redes de pesquisa em comum.

Sobre a autonomia

Com a crescente profissionalização da atividade de cientista dentro das sociedades modernas, com a necessária complexidade das pesquisas modernas e a formação de grandes grupos coletivos em equipes, duas conseqüências podem ser percebidas. Uma, a especialização progressiva dos domínios de conhecimento e a segmentação das tarefas e dos conhecimentos; uma segunda, a também crescente normatização das atividades científicas.

Essas duas conseqüências fizeram-se sentir nas vanguardas pesquisadas, e cada uma delas procurou caminhos e estratégias diferentes nesse momento histórico. Sabemos que essa profissionalização é uma tendência de média ou longa duração, remontando à racionalização nas sociedades ocidentais. No entanto, a Unicamp e especialmente a Faculdade de Ciências Médicas passaram por esse processo de forma sintética e exemplar no curto período de sua história. Uma primeira configuração histórica de um projeto inovador e renovador das universidades no Brasil, no qual tudo estava por se desenvolver, foi responsável por uma liberdade, se não do ponto de vista da política, ao menos do ponto de vista técnico e formal. Ela propiciou uma nova prática científica, mais flexível em vários pontos: no recrutamento dos intelectuais, realizado por méritos

científicos e pessoais, aliados à posse de um capital social específico; na consolidação dos tipos de pesquisa, entregue ao tirocínio dos intelectuais fundadores; na estrutura dos cursos e da forma de ensino que procurou conjugá-lo diretamente às pesquisas em andamento, o que levou a uma hipertrofia da pesquisa e da pós-graduação em detrimento da graduação que o próprio Projeto Qualidade procurou sanar posteriormente; da modernização dos currículos e da introdução de novas experiências de formação em algumas áreas.

Uma segunda configuração histórica, relativa ao momento em que as instituições de fomento tomam as rédeas das pesquisas realizadas no Brasil, introduzindo normas e regras de controle baseadas nos indicadores de produção científica oriundos do modelo da “big science” internacional, que valorizam um determinado tipo de pesquisa e colocam em dificuldades áreas pouco afeitas ao modelo, como a própria pesquisa médica, com maior ou menor grau de dificuldades.

Dentro dos dois períodos houve uma crescente profissionalização do perfil dos professores da área, capitaneada pelas vanguardas em diferentes sentidos. No caso do grupo experimental, a lógica implantada continuamente pelos órgãos de fomento favoreceu sua própria dinâmica interna, pois as afinidades entre os modelos são perfeitamente naturais. No grupo tradicional, o modelo de ensino e de pesquisa na área teve de sofrer alterações nem sempre na linha de evolução da técnica médica, isto é, a lógica da pesquisa clínica não se enquadra plenamente na segmentação dos procedimentos, na internacionalização dos conteúdos e objetos de pesquisa e outros. O próprio perfil dos profissionais clínicos e cirurgiões sofreu uma mudança (além de todos os outros), forçando esses intelectuais a escolherem uma carreira “científica”, com dedicação integral à universidade, através do ensino e da pesquisa, publicações e orientações; ou uma carreira “liberal” com o atendimento parcial em consultórios e clínicas fora da universidade.

O mesmo processo atingiu os professores da medicina preventiva, afetando especialmente a vanguarda da saúde coletiva. Esses profissionais sofreram vários revezes em suas práticas mais voltadas para a formação de pessoal e de instauração de serviços; alguns demoraram a perceber ou a submeter-se aos novos ventos que exigiam uma prática científica mais assídua, com publicações contínuas e sistemáticas; outros sofreram perdas internas por terem assumido cargos “políticos” extramuros, o que eventualmente os obrigou a refazer suas redes de pesquisa e estudos; outros confessaram dificuldades em adaptar-se à produção científica exigida, permanecendo atrelados ao ensino ou à extensão. De todo modo tem-se a impressão que a área demorou a transigir com as novas normas, por exemplo, demorando a implantar linhas de pesquisa, prazos estritos para mestrados e doutorados e medidas desta monta que satisfazem às demandas das agências de fomento.

Os discursos dos pesquisadores apontam que o projeto de uma área multiprofissional, cuja formação de todos ocorreria de maneira homogênea, perdeu força e representatividade e as áreas de concentração tendem a separar-se, voltando a formar profissionais com *habitus* mais diferenciados e talvez sem um núcleo comum de conhecimentos. Esse projeto político inicial parece epistemologicamente comprometido e, a despeito da denominação comum, a área arrisca a ser mais disciplinar.

Do ponto de vista global, mais do que nunca a profissionalização da carreira de pesquisador a torna extremamente normatizada, regulada, avaliada e controlada. Os prazos, a produção científica e as exigências de uma titulação inflacionada condicionam profundamente as práticas dos pesquisadores. Por outro lado, a dependência dos financiamentos condiciona grandemente as escolhas dos objetos de pesquisa, salvo quando as escolhas voluntárias são perfeitamente nos moldes das ofertas de financiamento de projetos. Parodiando Henry Ford ao comentar as possibilidades de escolha da cor de seu modelo T de viatura, os cientistas são livres para pesquisar desde que pesquisem aquilo que as agências julgam necessário.

Sobre prestígio

Se lembrarmos Bourdieu, sobretudo nas formulações de *La Distinction* (1979), a prática da classificação e desclassificação é vital dentro das sociedades modernas e a construção desse capital simbólico, traduzido em termos de prestígio, é regra basal das comunidades, mesmo a científica.

Uma forma central de acumulação de prestígio é o grau de internacionalização da área e sua capacidade de interagir com as comunidades incrustadas nos países centrais.

Voltamos à clássica distinção entre o capital científico nacional e o capital científico internacional. Bourdieu já apontava uma ingerência enorme de outras instâncias do exterior do campo científico na valorização dos cientistas. A importação de um capital externo em um determinado campo, como o poder do capital social, ou o poder político e econômico, embaralham o reconhecimento do capital científico em si. Sobretudo nas áreas mais recentes ou menos ortodoxas como a pesquisa experimental ou laboratorial, o reconhecimento pelos pares locais e bem estabelecidos na hierarquia consolidada (a ortodoxia) não ocorre por critérios estritamente acadêmicos (Bourdieu, 2004b).

Existem seguramente outras formas de distinção. As relativas à produção e à relação internacional são as mais fortes, sobretudo em áreas mais modeladas pela “big science”. No entanto, os relatos indicam fatores diversos como fonte de satisfação e de prestígio. Se, durante a formação do pesquisador, a publicação é essencial para um bom currículo, a seguir outros índices importam, resumindo-se, no essencial, à capacidade de influenciar o trabalho alheio, através de formulação de programas de pesquisa, à proposição de grandes projetos, à avaliação de cursos de pós-graduação, a ser convidado por outras universidades (principalmente no exterior) para um estágio remunerado como professor visitante e outros. Obviamente, não há maneiras claras de avaliação desses indicadores, nem mesmo fontes fidedignas deste tipo de dado, tudo restaria a construir. Talvez, essas possibilidades justifiquem uma tendência de queda na produção dos

pesquisadores após um período posterior de suas trajetórias, principalmente no quesito publicação de artigos.

Considerações finais

Como propõe Latour, a ciência, em seus laboratórios, é um problema de gerência de uma organização complexa. O orientador de pesquisas deve obter recursos, supervisionar a aplicação destes recursos, controlar os pesquisadores, verificar os resultados e revisar a redação dos resultados.

Como acentua Latour em seus trabalhos, o cientista é um investidor, um “prático”, que busca o retorno de seu trabalho, de forma constante, para acumular esse capital que representa o conjunto de elementos materiais que lhe permitem manter ou elevar sua posição na arena científica.

O cientista pós-moderno e latourniano seria um empreendedor capitalista nos moldes em que propôs Schumpeter, um inovador interessado no acúmulo e no aumento contínuo de seu capital tanto social quanto científico, pouco importando qual deles será de mais valia, tal qual um investidor da bolsa de valores e do mercado internacional de capitais.

Para Bourdieu, não se nega que o campo científico *também* é composto da lógica de acumulação de capital econômico e científico, e que o capital social traduzido em postos administrativos possui um papel importante e fundamental (Bourdieu, 2004b). No entanto, existe entre os dois autores uma grande diferença que faz toda a diferença: o cientista bourdieusiano é movido ainda por imperativos categóricos do tipo vocacional ou éticos ou morais, ou seja, o objetivo de seu trabalho é cumprir uma determinação e uma missão social qualquer, oriunda de instâncias psicológicas profundas, familiares, sociais, religiosas, políticas.

Sem essa diferença não se poderia explicar o caso das vanguardas que acreditaram em novas possibilidades. Como no caso da saúde coletiva, movida por uma utopia ou ideologia de mudança social, que apostava na capacidade humana da superação do material e das determinações sociais; nem mesmo as

vanguardas movidas pela crença no valor da ciência e da razão como uma forma de tornar o mundo melhor ou mais humano; por fim nenhum dos grupos escolheria o investimento pessoal em algo por vezes incerto e, por vezes, pouco glorioso ou rentável.

Pois, se a prática científica realizada com o objetivo de atuar politicamente, com um declarado engajamento, arrisca-se fortemente a colocar em xeque a si mesma ao introduzir uma temática *ad hoc*, então a questão é como conseguir uma compreensão do mundo social ao mesmo tempo rigorosa e não conservadora, como obter um método universal (ou que visa a esse estatuto) e uma intervenção conseqüente do ponto de vista do intelectual. Volta-se à tensão sempre presente em uma prática intelectual dividida entre a “ética de convicção” ou “de responsabilidade”, entre a escolha da ciência ou da política como “beruf”, nos termos weberianos.

Por isso elegemos a proposta de Bourdieu de análise dessas vanguardas, para não sermos tragados por um tom de cinismo e ceticismo que afogasse no esquecimento todos os esforços pessoais e a subjetividade dos cientistas, através de suas memórias tornadas coletivas. Entre o cinismo vitorioso de um empresário capitalista e o imperativo ético que move um professor que pratica a ciência, escolhemos o segundo.

Em diversos pontos, a concepção de Bourdieu de uma sociologia engajada e que respeitasse o discurso das pessoas invisíveis, embora ubiquamente presentes, fez sua história e atingiu o objetivo de sensibilização dos leitores e a própria mídia, substituindo grande parte das análises complexas do mundo social por discursos dos próprios agentes. Sobretudo, considero *A miséria do mundo* uma inflexão exemplar na teoria do autor.

Talvez a saída esteja em buscarmos uma prática coerente, plena do que Gramsci chamava de bom senso, que corresponda à demandas e anseios sociais por clareza e pelo desvelar da vida em sociedade, prática ditada por essa exigência de responsabilidade intelectual. Propomos evitar a total ausência, senão

de um engajamento clássico, ao menos um compromisso ético mínimo e uma “convicta” ética de responsabilidade, de intelectuais específicos.

Para mim, a grande figura a representar esse papel e essa posição do intelectual é aquela de Dante Alighieri, o homem disposto a escarafunchar a condição humana em todas as suas vertentes, guiado pelos grandes espíritos da história humana. Nessa viagem que, em grande parte é pessoal, ele se depara com a grandeza e a mesquinhez do homem. Sem se tornar cínico ou indiferente, sua posição é a de velar que outros não sigam o caminho da danação.

Essa imagem profunda da Divina Comédia foi vazada na figura de um homem que permanece à entrada do Inferno, sentado e refletindo sobre os que entram ou estão a entrar pelo seu Portal. Por várias razões, a imagem do intelectual orgânico gramsciano, do intelectual específico em Foucault e do pensador engajado em Bourdieu encontra enormes paralelos com a escultura de Auguste Rodin, *Le Penseur*, um homem imerso nas questões das misérias e degradações humanas nas quais encontra uma profunda empatia.



Figura 8- Le penseur, Auguste Rodin, 1904.

Esse intelectual é aquele portador das memórias de sua vida e de seu tempo, mas memórias construídas com seu grupo e com a reconstrução contínua de novas memórias já coletivas, transformadas, às vezes, em mitos internos aos círculos sociais institucionais. Essas memórias foram em parte resgatadas neste trabalho e estão aqui expostas à reconstrução das gerações futuras, quando estiverem então embrenhadas na tradição e na história. Esperamos poder iluminar essa tradição e essa história futura com a memória coletiva do presente em que estamos.

Considerações pessoais

Chegamos ao fim desse longo percurso, é hora de recolher velas, sentar ao tombadilho e fazer o balanço da jornada. Queria então compreender os motivos que mantiveram o fogo de meu interesse e as afinidades entre o objeto estudado e minha própria trajetória. Deveras, minha subjetividade e minhas memórias estiveram na coxia das biografias alheias, mas como o fantasma da ópera, conduziram os meandros do espetáculo.

Desde minha primeira epifania, quando me caiu em mãos o livro *As regras da Arte*, comprado com a intenção de entender melhor a produção de um artefato cultural, e assim minha então expectativa de ser um poeta de fato (havia publicado um livro), acabei descobrindo, com imenso prazer, a possibilidade de praticar a sociologia cultural e compreender a legitimidade que rege o campo artístico.

Finda minha graduação, a perspectiva de Bourdieu tornara-se aquela que me dirigia e, por conta de suas proposições, pude acreditar na possibilidade de tornar-me um intelectual legítimo. Ao contrário do que se diz, sempre acreditei que sua obra aponta para a possibilidade da mudança, mostrando com a mão direita todo o arsenal de continuidade e reprodução social, deslindando os mecanismos do poder e, com a mão esquerda, oferecendo todo o instrumental reflexivo que possibilita ao agente social ganhar lucidez e uma margem de manobra capaz de abrir-lhe os olhos para estratégias de mudança de seu *habitus* e de negação da sua “auto-exclusão”. Como apontava Bourdieu (1995), “somente a anamnese permitida pelo trabalho histórico pode nos libertar da amnésia da gênese que implica por seu turno, quase inevitavelmente, a relação rotineira à herança, convertida, no essencial, em doxa disciplinar”.

Apostei minhas fichas na possibilidade apontada por Bourdieu de uma “realpolitik” da ciência, pois apesar de todos os determinismos, a fonte de legitimidade do campo científico passa, queiram ou não os agentes inseridos neste campo, pela capacidade científica de gerar conhecimento e saber. Nos

termos de Bourdieu, o campo científico é um campo social como outros, ao gosto dos defensores dos modernos “programas” de estudos da ciência, mas é ao mesmo tempo também um mundo à parte, pois:

Todas as propriedades que ele tem em comum com os outros campos nele revestem-se de ‘formas específicas’: por exemplo, por mais encarniçada que lá pudesse ser a competição, ela permanece submetida senão a regras explícitas, ao menos a regulações automáticas, como aquelas que resultam do ‘controle cruzado dos concorrentes’ e que têm por efeito converter os interesses sociais como o desejo de reconhecimento em ‘interesses de conhecimento’, a *libido dominandi*, em parte sempre presente, em *libido sciendi*, em *libido scientifica*, amor puro pela verdade ao qual a lógica do campo, funcionando como instância de censura e princípio de sublimação, designa seus objetos legítimos e as vias legítimas para os atingir (Bourdieu, 1995).

A própria escolha do marco teórico não vai sem par das implicações e da maneira de sentir a ciência. Não possuo o *habitus* de herdeiro, não possuía o *habitus* científico, nem o capital econômico e social. Assim, ao cabo deste processo de transformação de meu *habitus*, a legitimidade propriamente científica e sua “realpolitik” da ciência me parecem vencedoras e, deste modo, prevaleceram.

A despeito do pretense determinismo do teórico que sustentou este trabalho, comprovo o que ele pregou e o que ele viveu: a ciência possui algo profundo que escapa à ironia; algo profundo, que escapa ao econômico; algo sutil que escapa às estratégias políticas e de poder. Percebemos nos discursos dos professores que é preciso acreditar em algo para podermos ser racionais e, ao mesmo tempo, não acreditarmos em nada que não seja passível de estudo. São necessários valores e valores utópicos para se atingir a verdade. Verdade não absoluta, mas temporária, parcial e frágil, mesmo assim uma visão do absoluto.

Termino esta tese e termino meu doutorado. Atinjo o título que me possibilitará, no futuro, tornar-me semelhante aos cientistas dos grupos que estudei. Cumpro assim os ritos e estou apto a tornar-me instituído pelos que têm a tarefa e a generosidade de fazê-lo, presentes em minha banca avaliadora; estou afinal possuído pelo *habitus* que procurei objetivar. Espero que a contento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, Maria da Graça Garcia. O ensino médico e os serviços de saúde: estudo de caso do Projeto Paulínia. (Doutorado). Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas (SP), 1995.

Arouca, Sérgio. Saúde Coletiva: passado e perspectivas para o ano 2000. In: Canesqui, Ana Maria (Org.) 25 anos do Departamento de Medicina Preventiva e Social, 1965-1990. Campinas: DPMS/FCM, 1990. p.30-39.

Arouca, Sérgio. O Dilema Preventivista: contribuição para a compreensão e a crítica da medicina preventiva. (Doutorado). Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas (SP), 1975. 262 p.

ArquivoCentral/Siarq/Unicamp/Luis_Sérgio_Leonardi. Depoimento de Luis Sérgio Leonardi. Campinas: ArquivoCentral/Siarq/Unicamp, 6 jun., 1989.

ArquivoCentral/Siarq/Unicamp/Walter_August_Hadler. Depoimento de Walter August Hadler. Campinas: ArquivoCentral/Siarq/Unicamp, 31 jan., 1989.

Bachelard, Gaston. Le rationalisme appliqué. In: Bourdieu, Pierre, Passeron, Jean-Claude et al (Orgs.). Le métier de sociologue. Paris: Mouton, 1968. p.125-127.

_____. Epistemologia: trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Becker, Howard S. Biographie et mosaïque scientifique. Actes de la recherche en sciences sociales, v.62/63, n.L'illusion biographique, juin. 1986.

Ben-David, Joseph. Introdução. In: UNESCO (Org.) Sociologia da Ciência. São Paulo: FGV, 1970.

Benjamin, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Bensaïd, Daniel e Corcuff, Philippe. Le travail intellectuel au risque de l'engagement. Agone, v.18-19, n.Neutralité & engagement du savoir, p.17-46. 1998.

Bertaux, Daniel. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. Cahiers Internationaux de Sociologie, v.LXIX, n.Histoires de vie et vie sociale, juillet-décembre, p.197-225. 1980.

Bloor, David. Knowledge and social Imagery. London: Routledge & Kegan Paul, 1976.

Boltanski, Luc. Prime éducation et morale de classe. Paris: Mouton-EPHE, 1969. (Cahiers du Centre de Sociologie Européenne).

_____. Les usages sociaux du corps. Les Annales, v.1, p.205-233. 1971.

_____. Biographie d'une personne collective: les "cadres", 1936-1975. (Doctorat-
es-lettres). Université Paris VII, Paris, 1981.

Boudon, Raymond e Bourricaud, François. Dicionário crítico de sociologia. São Paulo: Ática, 1993.

Bourdieu, Pierre. Esquisse d'une théorie de la pratique: précédé de trois études d'ethnologie kabyle. Genève: Droz, 1972.

_____. Le champ scientifique. Actes de la recherche en sciences sociales, v.2-3, juin, p.88-104. 1976.

_____. La distinction: critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979. (Le sens commun).

_____. Homo Academicus. Paris: Minuit, 1984.

_____. L'illusion biographique. Actes de la recherche en sciences sociales, v.62/63, n.L'illusion biographique, juin. 1986.

_____. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

_____. La cause de la science: comment l'histoire sociale des sciences sociales peut servir le progrès de ces sciences. Actes de la recherche en sciences sociales, v.106-107, mars. 1995.

_____. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia das Letras, 1996a.

_____. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996b.

_____. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. Meditações Pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

_____. Science de la science et réflexivité: cours du Collège de France 2000-2001. Paris: Raisons d'agir, 2001b.

_____. A Miséria do Mundo. São Paulo: Vozes, 2003.

_____. Esquisse pour une auto-analyse. Paris: Raisons d'agir, 2004a.

_____. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004b.

Bourdieu, Pierre e Delsaut, Yvette. Entretien sur l'esprit de la recherche. In: Delsaut, Yvette e Rivière, Marie-Christine (Orgs.). Bibliographie des travaux de Pierre Bourdieu. Pantin: Les temps des Cerises, 2002.

Bourdieu, Pierre e Passeron, Jean-Claude. Les étudiants et leurs études. Paris: Mouton, 1964a.

_____. Les héritiers: les étudiants et la culture. Paris: Minuit, 1964b.

Bourdieu, Pierre, Passeron, Jean-Claude e Chamboredon, Jean-Claude. Le métier de sociologue. Paris: Mouton, 1968.

Bourdieu, Pierre e Sayad, Abdelmalek. Appendice IV, Un aspect de la dépaysement: la découverte de la maladie. In: Le déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Minuit, 1964.

Bourdieu, Pierre e Wacquant, Loïc. Réponses: pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992.

Braga, Ruy. Uma sociologia da condição proletária contemporânea. *Temp soc.*, v.18, n.1, jun. 2006.

Brandão, Zaia e Lellis, Isabel. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos. *Educação & Sociedade*, v.24, n.83, agosto, p.509-526. 2003.

Braverman, Harry. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Brito, Angela Xavier de. Habitus de herdeiro, habitus escolar. In: Almeida, Ana Maria F., Canêdo, Letícia Bicalho et al (Orgs.). Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras: os sentidos da internacionalização nas trajetórias dos estudantes brasileiros no exterior. Campinas: Unicamp, 2004. p.318.

Burke, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1997.

Burlandy, Luciene. Saúde coletiva: uma trajetória em questão. (Dissertação de Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1993. 416 p.

Callon, Michel e Latour, Bruno. La science telle qu'elle se fait: une anthologie de la sociologie des sciences en langue anglaise. Paris: Pandora, 1982.

Canesqui, Ana Maria. Saúde Coletiva: passado e perspectivas para o ano 2000. In: Canesqui, Ana Maria (Org.) 25 anos do Departamento de Medicina Preventiva e Social, 1965-1990. Campinas: DPMS/FCM, 1990. p.11-21.

Capes. Produção científica brasileira cresce com a pós-graduação. Portal Capes. 2005 Disponível em: www.capes.gov.br/capes/portal. Acesso em: 24/04/2005.

Carvalho, Maria Alice Rezende de. A Institucionalização das Ciências Sociais e o Campo da Saúde. In: Canesqui, Ana Maria (Org.) Ciências Sociais e Saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1997. p.49-69.

Ciampa, Antonio da Costa. A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Cohn, Gabriel (Org.) Weber. São Paulo: Ática. 1986.

Cooley, Charles Norton. Groupes primaires, nature humaine et idéal démocratique. Revue du Mauss, v.19, n.1, p.97-112. 2002.

Corcuff, Philippe. As novas sociologias: construções da realidade social. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 206 p.

Costa, Fernando. Depoimentos. Disponível em: http://www.fcm.unicamp.br/40anos/novidades/fern_costa_dest.htm. Acesso em: 20/08/2005.

Costa, Nilson do Rosário. Ciencias Sociales y Salud: Consideraciones sobre el nacimiento del campo de la salud colectiva en Brasil. Cuadernos Médico Sociales, n.62. 1992.

Csillag, C. e Schor, N. O pesquisador-médico: da academia às parcerias. Rev. Assoc. Med. Bras, v.45, n.2, Apr./June. 1999.

Da Cunha, Antônio Geraldo. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Dicionário de Latim-Português. Porto: Porto Editora, 1997.

Donnangelo, Maria Cecília Ferro e Pereira, Luiz. Saúde e Sociedade. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

Dubar, Claude. Analyser les entretiens biographiques: l'exemple des récits d'insertion. Paris: Nathan, 1997.

_____. Trajectoires sociales et formes identitaires: clarifications conceptuelles et méthodologiques. Sociétés Contemporaines, v.29, janvier, p.73-85. 1998.

Durkheim, Émile. Le Suicide. étude sociologique. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/>. Acesso em: 20/09/2004.

- _____. As regras do método sociológico. São Paulo: Editora Nacional, 1995.
- Scorel, Sarah. Reviravolta na saúde: origem e articulação do movimento sanitário. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. 208 p.
- Fapesp. Suporte para crescer: balanço de 40 anos mostra papel estratégico da pós-graduação no país. Pesquisa Fapesp, v.119, p.24-26. 2006.
- Ferrarotti, Franco. Histoire et histoires de vie: la méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Meridiens, 1983.
- Fonseca, Cristina M. Oliveira. Repensando o papel do Estado diante da saúde pública contemporânea. Hist. cienc. saude-Manguinhos, v.6, n.3, nov-fev, p.717-720. 2000.
- Foucault, Michel. A arqueologia do saber. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. In: Lemert, Charles C. (Org.) French Sociology: rupture and renewal since 1968. New York: Columbia University Press, 1981.
- _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- Giddens, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.
- Gingras, Yves. Les formes spécifiques de l'internationalité du champ scientifique. Actes de la recherche en sciences sociales, v.141-142, n.Science, mars, p.31-45. 2002.
- Goffman, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- Goldenberg, Paulete, Marsiglia, Regina Maria Giffoni e Gomes, Mara Helena de Andréa (Orgs.) O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 444 p. 2003.
- Gramsci, Antonio. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978a.
- _____. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b.

Habermas, Jürgen. A nova Intransparência: crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos Cebrap*, v.18, setembro, p.103-114. 1987.

Haguette, Teresa Maria Frota., *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1990.

Halbwachs, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel, 1997.

Harvey, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1999.

Heilbron, Johan. La bibliométrie, genèse et usages. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v.141-142, n.Science, mars, p.78-79. 2002.

Herschmann, Micael M. A arte do operatório. In: Herschmann, Micael M. e Pereira, Carlos Alberto Messeder (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, naturalismo e positivismo - 1900-37*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Hobsbawm, Eric J., *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

Hochman, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado. In: Portocarrero, Vera (Org.) *Filosofia, História e Sociologia das Ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p.214-221.

Kafka, Franz. *Metamorfose, Na Colônia Penal, O Artista da Fome*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

Kant, Immanuel. Prefácio à segunda edição. In: *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Kuhn, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Labra, Maria Eliana. Política e medicina social no Chile: narrativas sobre uma relação difícil. *História, Ciências, Saúde*, v.VII, n.1, mar-jun, p.23-47. 2000.

Lévi-Strauss, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

Levy, Clayton. *Do mestre, com carinho*. *Jornal da Unicamp*, n.329. 2006.

Lima, Eloi José da Silva. *A criação da Unicamp: administração e relações de poder numa perspectiva histórica*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1989. 166 p.

Lukács, Georg. *História e Consciência de Classe: estudos de dialectica marxista*. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

Luz, Madel. *A Produção Científica em Saúde Coletiva (1994-1995)*. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.II, n.1/2, p.117-141. 1997.

Luz, Madel T., *As instituições médicas no Brasil: instituição e estratégia de hegemonia*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *O futuro do livro na avaliação dos programas de pós-graduação: uma cultura do livro seria necessária?* *Interface*, v.9, n.18, Set./Dec., p.631-636. 2005.

Mannheim, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Marcotte, Jean-François. *Communautés virtuelles et sociabilité en réseaux: pour une redéfinition du lien social dans les environnements virtuels*. *Esprit Critique*, n.5(4). 2003 Disponível em: <http://www.espritcritique.org>. Acesso em: 05/12/2006.

Marques, Fabrício. *O clube da excelência*. *Pesquisa FAPESP*, v.118, dezembro. 2005.

Marques Neto, José Castilho. *O que fazer com os conteúdos? O livro do século XXI na avaliação acadêmica*. *Interface*, v.9, n.18, set./dez., p.587-590. 2005.

Mauss, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Mayer, Nonna. *L'entretien selon Pierre Bourdieu: analyse critique de La misère du monde*. *Revue française de sociologie*, v.36, n.2, avril-juin. 1995.

Meis, Leopoldo de e Leta, Jacqueline. O perfil da ciência brasileira. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

Merton, Robert King. On Theoretical Sociology: five essays, old and new. New York: Free Press, 1967.

_____. Sociologia: teoria e estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1970. 758 p.

Merton, Robert King, Fiske, Marjorie e Kendall, Patricia L., The Focused Interview: a manual of problems and procedures. Glencoe, Illinois: The Free Press, 1956.

Miceli, Sérgio. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In: _____ (Org.) História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Vértice.v.1, 1989. p.72-109.

_____. O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: _____. (Org.) História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: IDESP.v.2, 1995.

_____. A força do sentido. In: _____. (Org.) A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. Intelectuais à brasileira. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. Effet de réel et réalité de l'illusion. Le Flaubert de Bourdieu. In: Pinto, Louis, Sapiro, Gisèle et al (Orgs.). Pierre Bourdieu, sociologue. Paris: Fayard, 2004. p.279-288.

Mills, Wright C., A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

_____. A nova classe média. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Minayo, Maria Cecília de Souza. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004. 269 p.

Montagner, Maria Inez. Mulheres e trajetórias na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: vozes singulares e imagens coletivas. (Dissertação de Mestrado). Unicamp, Campinas, 2007.

Montagner, Miguel. A teoria da prática de Bourdieu e a sociologia da saúde: revisitando as Actes de la recherche em sciences sociales. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas, 2003.

Montagner, Miguel Ângelo. Pierre Bourdieu: pequena genealogia do habitus. (Monografia). IFCH, Unicamp, Campinas, 2000.

Montagner, Miguel e Nunes, Everardo Duarte. Sociologia da Saúde na França. História, Ciências, Saúde, v.11, n.2, maio-ago, p.417-424. 2004.

Monteiro, Rosangela, Jatene, Fabio Biscegli, Goldenberg, Saul et al. Critérios de autoria em trabalhos científicos: um assunto polêmico e delicado. Braz. j. cardiovasc. surg., v.19, n.4, Nov./Dec. 2004.

Moreira, Walter. The new colleges and the configuration of scientific communication. Ciência da Informação, v.34, n.1, Jan/Apr, p.57-63. 2005.

Nadeau, Robert. La philosophie des sciences après Kuhn. Philosophiques, v.XXI, n.1, p.159-189. 1994.

Nunes, Everardo Duarte. A medicina como profissão: contribuição ao estudo da escolha ocupacional entre estudantes de medicina. (Doutorado). Departamento de Medicina Preventiva e Social, Unicamp, Campinas, 1976. 369 p.

_____. Ensinando ciências sociais em uma escola de medicina. In: Sobre a sociologia da saúde. São Paulo: Hucitec, 1999. p.209-234.

_____. Ensinando ciências sociais em uma escola de medicina: a história de um curso (1965-90). Hist. cienc. saude-Manguinhos, v.6, n.3, fev, p.631-657. 2000a.

_____. Sobre a história da saúde pública: idéias e autores. Ciência e Saúde Coletiva, v.5, n.2, p.251-264. 2000b.

_____. A sociologia da saúde nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França: panorama geral. Ciência & Saúde Coletiva, v.8, n.1, p.79-95. 2003.

_____. Saúde coletiva: uma história recente de um passado antigo. In: Campos, Gastão Wagner de Sousa (Org.) Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2006.

Ortiz, Renato. A Moderna Tradição Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Um outro território: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

Outhwaite, William e Bottomore, Tom (Orgs.) Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1996.

Paugam, Serge. Les formes élémentaires de la pauvreté. Paris: PUF, 2005.

Pécaut, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

Pereira, Daniel. No topo do ranking per capita, produção científica da Unicamp pode crescer mais. *Jornal da Unicamp*, v.296, 8 a 14 de agosto. 2005.

Pesquisa, Pro Reitoria de. Anuário de Pesquisa. Disponível em: <http://www.unicamp.br/anuario/2005/IntroducaoAnuario2005.html>. Acesso em: 20/09/2006.

Pestre, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG/Unicamp*, v.6, n.1, p.3-56. 1996.

Petroianu, Andy. Authorship of a scientific work. *Rev. Assoc. Med. Bras.*, v.48, n.1, Jan./Mar., p.60-65. 2002.

Pinheiro, Lena Vânia Ribeiro. Comunidades científicas e infra-estrutura tecnológica no Brasil para uso de recursos eletrônicos de comunicação e informação na pesquisa. *Ciência da Informação*, v.32, n.3, Set/Dez, p.62-73. 2003.

Pinto, Louis. *Sociologie des débats, débats en sociologie*. Paris, 2006.

Pivetta, Marcos. O salto quântico da ciência brasileira. Pesquisa FAPESP, v.100, junho. 2004.

Pontille, David. La signature scientifique: authentification et valeur marchande. Actes de la recherche en sciences sociales, v.141-142, n.Science, mars, p.72-78. 2002.

Ribeiro, Patrícia Tavares. A instituição do campo científico da Saúde Coletiva no Brasil: 1975-1978. (Dissertação de Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1991. 190 p.

Ribeiro, Zilda. A FCM - Unicamp como geradora de recursos humanos. Campinas. 1985. (manuscrito)

Ritzer, George. Sociology: a multiple paradigm science. The American Sociologist, v.10, n.3, p.156-167. 1975.

Santos, Milton. O espaço dividido. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996.

Schwartzman, Simon. Formação da comunidade científica no Brasil. Rio de Janeiro: Ed Nacional, 1979.

_____. O lugar das Ciências Sociais no Brasil dos anos 90. In: Bomeny, Helena e Birman, Patrícia (Orgs.). As Assim chamadas Ciências Sociais: formação do cientista social no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

Sennett, Richard. A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Shinn, Terry e Ragouet, Pascal. Controverses sur la science: pour une sociologie transversaliste de l'activité scientifique. Paris: Raisons d'Agir, 2005.

Trindade, Héglio. Institucionalização e internacionalização das Ciências Sociais na América latina em questão. In: Almeida, Ana Maria F., Canêdo, Letícia Bicalho et al (Orgs.). Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras: os sentidos da internacionalização nas trajetórias dos estudantes brasileiros no exterior. Campinas: Unicamp, 2004. p.318.

Unicamp, FÓRUM DE REFLEXÃO UNIVERSITÁRIA. Desafios da pesquisa no Brasil: uma contribuição ao debate. São Paulo em Perspectiva, v.16, n.4, p.15-23. 2002.

Viacava, Francisco e Ramos, Célia Leitão. Difusão da Produção Científica dos Cursos de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Ciência & Saúde Coletiva, v.II, n.1/2, p.142-153. 1997.

Vilela, Maria Marluce dos Santos. A Pós-Graduação. In: Costallat, Lilian Tereza Lavras (Org.) Livro de Memórias. Campinas: FCM/Unicamp, 2003.

_____. Depoimentos. Disponível em: <http://www.fcm.unicamp.br/40anos/depoimentos.html>. Acesso em: 20/08/2006.

Wacquant, Loïc. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. Revista de Sociologia e Política, v.19, nov, p.95-110. 2002.

Weber, Max. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1982.

_____. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 1994. v.I

_____. Ciência e Política: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Consentimento livre e esclarecido para a pesquisa

Projeto: A consagração de uma vanguarda: *origem e significado das práticas científicas na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.*

Objetivo: Analisar, compreender e relacionar as práticas científicas presentes na instituição FCM - Unicamp, consagrada internacionalmente dentro do universo acadêmico, relacionando-as à ética que preside esses atos individuais, ou seja, qual a definição de ciência e de pesquisa que informa subjetivamente essas atividades cotidianas e de que forma essa subjetividade difere no conjunto dos pesquisadores e professores da instituição.

Procedimento: Entrevista focada a ser realizada com os professores doutores plenos de cada área de concentração da pós-graduação da FCM-Unicamp.

Pesquisadores:

Doutorando: Miguel Ângelo Montagner – FCM/DMPS F: 32290731.

Prof. Dr. Everardo Duarte Nunes - FCM/DMPS F: 37888036.

1. *O pesquisador responsabiliza-se pelo caráter confidencial das informações, de maneira que a identidade do entrevistado não seja exposta nas conclusões do trabalho.*
2. *Os dados individuais serão analisados no conjunto dos resultados.*
3. *Os dados individuais somente poderão ser divulgados sob expresse consentimento do entrevistado, através da assinatura de um termo específico.*

Autorizo o uso das informações prestadas no questionário para fins acadêmicos, conforme os itens acima.

Nome: _____

Assinatura

ADENDO:

Autorizo a divulgação dos dados obtidos com a citação explícita de meu nome como pesquisador, resguardando informações íntimas e de caráter pessoal.

Assinatura

APÊNDICE 2

Roteiro de entrevista focada

Entrevistado (a): _____

Depto: _____

Área de Concentração _____

Curso de Pós-Graduação: _____

Data agendada _____

Explicação: O objetivo dessa entrevista é compreender a sua história pessoal, a sua biografia e a sua carreira dentro da UNICAMP.

Ao mesmo tempo meu interesse é entender a história da FCM dentro do mundo acadêmico brasileiro e quais são as suas relações com outras instituições internacionais.

Núcleo 1 - *Dados pessoais, sócioeconômicos, perfil acadêmico.*

Data de nascimento:

Local:

Estado civil:

Número de filhos:

Profissão dos pais:

Como o senhor (a) classificaria a origem social de sua família?

Como foram custeados os seus estudos?

Qual a sua formação básica?

Núcleo 2 : Relações Estruturais do campo científico. Relações pessoais e de poder dentro do campo científico. Desenvolvimento e articulação do atual tema e linha de pesquisa, quais as características e diferenças em relação a outras linhas. Qual a articulação dos projetos atuais com o universo internacional de pesquisas

nessa linha teórica? De quais redes de pesquisa participa e em quais redes sociais e políticas está inserido.

Grupo de origem

1. O senhor (a) costuma estar em contato com os colegas formados na mesma época em que o senhor terminou seus estudos? Vocês mantêm relações sociais de que nível?
2. À qual geração de pesquisadores o senhor (a) pertence?
3. Quando o senhor entrou na Unicamp, que grupos sociais existiam na FCM?
4. Qual o vínculo o senhor tinha com os grupos existentes?
5. Os pesquisadores estavam atuando na área há muito tempo?
6. Que pessoas ou situações lhe auxiliaram a percorrer os postos ou posições durante sua trajetória?

Relação entre pares – Redes pesquisas de que participa

7. O senhor (a) pertence formalmente a quantos grupos? Como são as suas relações com esse(s) grupo(s)?
8. A sua atual linha de pesquisa está sintonizada com linhas de pesquisa internacionais? O senhor (a) considera isso importante?
9. O senhor (a) participa diretamente de alguma rede de pesquisa?
10. A sua inserção pessoal na Unicamp assegura espaço de atuação e de pesquisa dentro da sua instituição?
11. Como o senhor (a) definiria sua posição atual no campo de pesquisa de sua área no Brasil? E no exterior?
12. Como se realiza, preferencialmente, a troca de informações entre os cientistas dessa rede? Congressos, artigos em revistas, rede informal, fóruns de discussão, e-mails, telefonemas, contato direto, conversas pessoais.
13. O senhor (a) acredita que a pesquisa científica pode ser feita individualmente?

Relação entre áreas de pesquisa na Unicamp e outros lugares

14. Quais são as relações de sua área com outras áreas disciplinares?
15. Que atividades, na sua opinião, definem com clareza a maneira de atuação típica dos pesquisadores de sua área?
16. Existem modos de fazer originais, locais, criados pelos pesquisadores de seu grupo e área de pesquisa? O senhor (a) vê diferenças claras em seu modo de atuar e o modo de outros cientistas de seu campo de atuação?
17. O senhor (a) avalia que o conhecimento produzido em sua área contribui para o acúmulo de conhecimentos da ciência em geral? Isso sempre ocorre?

Comunidade Invisível - concreta e real – Comunidade Social

18. O senhor (a) chamaria os grupos de pesquisa como uma “comunidade invisível”? (um grupo que se inter-relaciona através de meios imateriais, além fronteiras, acima das divergências pessoais, raciais, de língua, etc.)
19. O senhor (a) definiria essas relações como uma “comunidade concreta”, explícita, manifesta em revistas, congressos, grupos de pesquisa oficiais, etc. ?
20. Essas relações sociais seriam um grupo realmente - com relações diretas, de amizade, vizinhança, encontros sociais, familiares?
21. Esse modo é o meio pelo qual o senhor atualiza-se sobre novos e realmente relevantes conhecimentos da área?

Legitimidade e prestígio

22. O senhor (a) acredita que todos os grupos, imersos em sua área, possuem o mesmo grau de legitimidade científica? Esse grau é o mesmo para os padrões nacionais e internacionais?
23. A legitimidade científica, em sua área, está ligada aos trabalhos avaliados pelos pares ou grupos de cientistas brasileiros ou está mais ligada ao trabalho em conjunto com grupos internacionais?
24. Cite três indicadores de prestígio em sua área.

Inclusão-exclusão, seleção dos pesquisadores - Perfil de pesquisador

25. O que define a inclusão/exclusão desses grupos citados até agora?
26. O modo como a academia seleciona, classifica, incentiva, exclui, inclui esses grupos é por si só suficiente para gerar grupos legítimos, uma hierarquia de valores ligados à verdade científica?
27. Na carreira científica, os novos candidatos, passam por concursos, exames, titulações, ocupação de postos científicos e administrativos. Esse processo consegue selecionar verdadeiramente os pesquisadores mais competentes?
28. Como o senhor seleciona um futuro orientando que deseja desenvolver pesquisas em sua área?

Núcleo 3: Trajetória Acadêmica: tempo, espaço, posição ocupada. Motivos de escolha da profissão, da especialidade, da pós-graduação e do pós-doutoramento. Motivo da escolha do atual objeto de pesquisa, ligado à área de concentração. Motivações e subjetividade das escolhas da carreira

Da carreira - Trajetórias e vocação

29. Quando o senhor (a) definiu-se pela carreira?
30. O senhor (a) acredita que a ciência é uma vocação ou um aprendizado que todos, em iguais condições, poderiam realizar?
31. O senhor (a) sempre desejou ser pesquisador?
32. Quem influenciou sua escolha?
33. Como foi até aqui a sua trajetória dentro da sua área?
34. O senhor seguiu caminhos parecidos aos seus colegas de formação?
35. Quais foram, na sua opinião, as etapas decisivas nesse processo?
36. Essa carreira pessoal seguiu algum padrão dentro da sua área?
37. Você escolheu deliberadamente esses caminhos?

Do reconhecimento - tempo

38. O senhor (a) sente-se reconhecido profissionalmente? Em termos locais ou internacionais? Como isso aconteceu?

39. O senhor (a) acredita que os resultados em termos de prestígio da pesquisas seguem uma lei exponencial de acumulação, sendo muito mais difíceis no começo e tendendo ao infinito no final da carreira acadêmica? Nesse estágio, as conquistas científicas tendem a acumular-se na figura mais prestigiada e reconhecida da comunidade de pesquisadores?

40. Qual foi a sua maneira de acumulação de prestígio científico?

41. Qual a posição ou lugar que o senhor (a) julga que é indiscutivelmente uma posição de prestígio dentro da sua área de atuação? Por que?

Da realização profissional

42. O senhor (a) sente-se realizado dentro da sua área de atuação? Quais os projetos que ainda realizaria?

43. O senhor (a) alguma vez pensou/pensa em desenvolver algum outro talento artístico, literário, filosófico, político além da sua profissão?

Núcleo 4: Definições de Ciência, gerais e específicas.

Definição de ciência do pesquisado - Ciência e atuação política

44. Como o senhor (a) considera seu nível de atuação política?

45. Como o senhor (a) define a Ciência?

45. O que distingue a Ciência do conhecimento em geral? Existe uma distinção clara entre o conhecimento científico e outros?

46. Quais os critérios que separam ciência da não ciência?

Definição de ciência do grupo do pesquisado

47. Qual a definição de ciência presente na sua área de atuação?

48. Essa definição de ciência é a mesma de seu grupo de atuação?

49. Existiria, na sua opinião, um conjunto de “axiomas” comuns a maioria dos pesquisadores desta área, em termos universais, ou seja, um “paradigma comum”, um mesmo método de solução de quebra-cabeças, como definiu Thomas Khun?
50. Quais os pressupostos teóricos para o trabalho dentro de sua linha de pesquisa?
51. Esses pressupostos são discutidos dentro da sua área de atuação? Se sim, com que freqüência e em que lugares?
52. Os objetivos científicos estão acima dos interesses particulares dos cientistas?
53. Há algum conflito de explicação entre mais de um modelo de ciência em sua área de atuação?

Autonomia

54. Há fatores extracientíficos que interferem significativamente na produção desse conhecimento? Que tipo de fatores?
55. O senhor pesquisa temas que o espaço acadêmico define como importantes ou aqueles que o senhor (a) acha teoricamente e logicamente relevantes, a partir de seu ponto de vista?
56. Em sua opinião, qual o grau atual dessa autonomia?
57. A ciência produzida seria diferente se fosse completamente autônoma?
58. A ciência produzida seria diferente se fosse feita só por mulheres ou só por homens?

Existe algum tema ou assunto não abordado nesta entrevista que você gostaria de comentar?